PARAÍBA PECUÁRIA

um diálogo corajoso a favor da pecuária nacional

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE RURAL DA PARAÍBA 1946

NOVEMBRO — 1978
ANO 3 — Nº 7
Cr$ 30,00

GENERAL-H
Consagrado em 10 Exposições
PADRÃO DA RAÇA GUZERÁ

OS CAMINHOS DA AGROPECUÁRIA PARAIBANA

COMO MUDAR A POLÍTICA AGRÁRIA
Humberto de Freitas

PECUÁRIA NO CARIRI
Sebastião Simões

O MOMENTO DA PECUÁRIA
Sinval Palmeira

O CREPÚSCULO DOS MITOS
Tito Victor

FAZENDA MUÇAMBÊ — Dr. HUMBERTO DE ALMEIDA

- CAMPEÃO NACIONAL - Uberaba/78
  39 meses — 818 Kg
- CAMPEÃO NACIONAL - Natal/78
  44 meses — 907 Kg
- Grande Campeão - Re[illegible]ife/77
- Grande Campeão - Na[illegible]al/77
- Grande Campeão - C[illegible]randè/77
- Campeão Júnior - Ub[illegible]raba/77
- Campeão Júnior - Recife/76
- Grande Campeão - Natal/76
- Campeão Bezerro - Uberaba/76
- Campeão Bezerro - J.Pessoa/75

FAZENDA Canaã

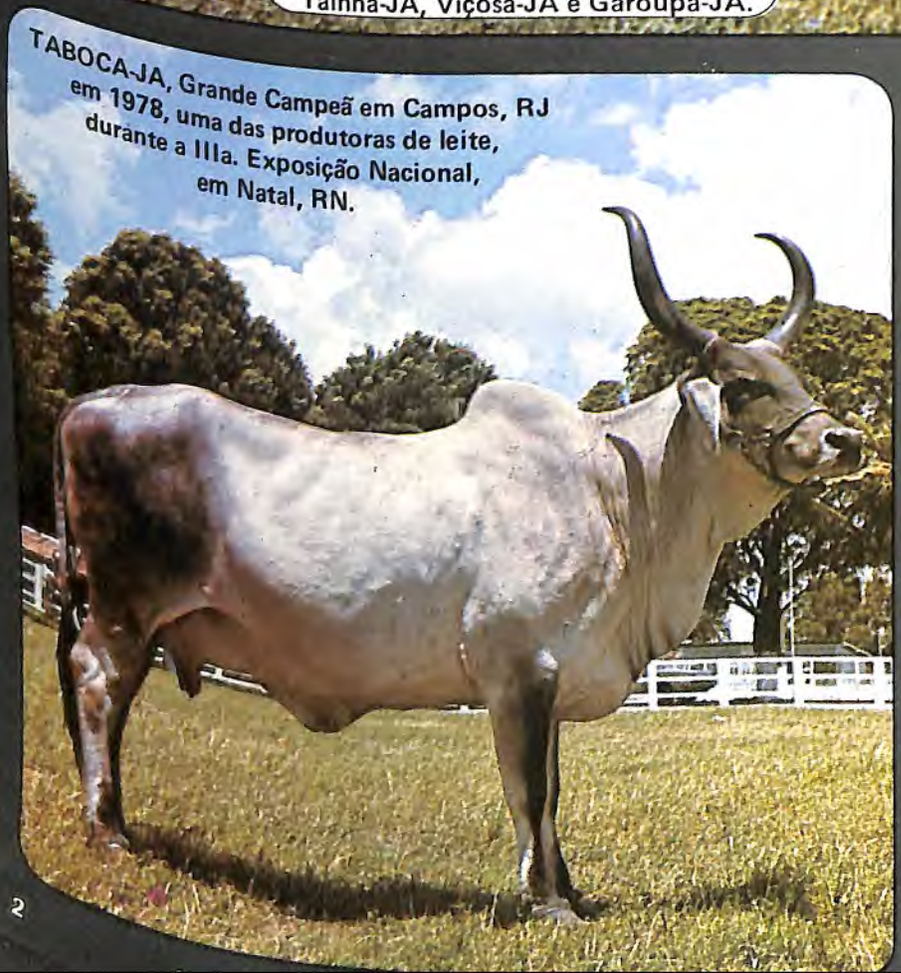
GUZERÁ LEITEIRO MARCA JA - Carimbo "A"

ALLYRIO JORDÃO DE ABREU
BOA SORTE, Rio de Janeiro - Fone
CANTAGALO, RJ – CEP 28.500
NOVA FRIBURGO, RJ – CEP 28.
Fone: (0245) 22.2889

Fundação de JOÃO DE ABREU JÚNIOR. Seleção para carne e leite, dentro da pureza racial.

De pai para filho, desde 1895, em CANTAGALO, Rio de Janeiro.

Escoteiro-JA, Palestina-JA, Taboca-JA, Tainha-JA, Viçosa-JA e Garoupa-JA.



TABOCA-JA, Grande Campeã em Campos, RJ em 1978, uma das produtoras de leite, durante a IIIa. Exposição Nacional, em Natal, RN.

Seguindo a tradição, comparecemos à IIIa. Exposição Nacional da Raça Guzerá, em Natal, RN – 1978, onde 2 vacas e 3 novilhas produziram 10 kg de leite, cada uma, diariamente, mesmo depois de 3.000 km de viagem.

O GUZERÁ-JA da Fazenda CANAÃ é garantia de qualidade.

Ao adquirir um Guzerá JA verifique a marca JA e exija o pedigree de origem.

PARAIBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO

UMA PUBLICAÇÃO

EDICAMP EDITORA CAMPESINA LTDA
Matriz: Rua Duque de Caxias, 591, 2o.
cj. 209 — Caixa Postal, 98
58.000 João Pessoa — PB
Fone: (083) 222.0950
Revista PARAÍBA PECUÁRIA

Diretor: Rinaldo dos Santos
Revisor p/Zootecnia: Virgolino de Farias Leite Neto
Ilustração: Madson Roberto de Sousa
Diagramação: R. S. Ribeiro
Arte Final: Madson Roberto de Sousa, José Ronaldo da Silva, Genaro Freitas
Fotolitos: José Valdi Lira
Fotografia, Publicidade: R. S. Ribeiro — Descritivas: Wagner Pinto Peixoto
Otávio Neiva Freire
Tradução: Paul Collins
Circulação: Ademário Joaquim da Silva
Administração: Delmar S. Ribeiro
Centro de Ciências Agrárias Areia, PB — Maria Eunice Vilarim
Instituto de Zootecnia Km. 47, Rio — Saulo Vilarim Farias Leite
Orientação: Santo Luriardelli (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), William Koury (São Paulo), Eurípedes de Oliveira (Paraíba), Ariano Suassuna (Pernambuco), José Ferraz de O. Gugel (Bahia), Walter de Carvalho (Paraíba), Antônio Ernesto de Salvo (Minas Gerais), José Mário J. de Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas Gerais), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Manoel Dantas Vilar Filho (Paraíba), José Resende Peres (Rio), Sebastião Simões (Pernambuco).
Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite, Manoel Félix da Silva, Silvio Carneiro Leitão, Moacir Omena de Oliveira, Ovídio Tavares Vinagre, Abelardo Ribeiro de Azevedo, José Nelson Vilela Barbosa.
Direção Comercial: Rinaldo dos Santos
Bahia, Representante: José do Socorro Lira. Fone: (071) 242.3486
Publicidade Nacional: Pereira de Souza Ltda.
Recife, PE — Francisco Ignácio Ferreira da Silva — R. Bulhões Marques, 15 cj. 411 — Fone: (081) 222.2327/5918 — Telex: (081) 1704 CEP 50.000
Salvador, BA — Gilvanci Guieiros — Av. Estados Unidos, Edif. Cervantes, 1o sala 106 · Fone (071) 242.3486 — CEP 40.000
Rio de Janeiro, RJ — Raul Ziller Ribeiro — Av. Graça Aranha, 174, salas 509/12 · Fone: (021) 222.0242/221.4156 · Telex: (021) 22775 CEP 20.000
São Paulo, SP — Ivo Rodrigues · Rua Araujo, 70 · 7o. Fone: (011) 259.6332/6111 · Telex: (011) 21656 — CEP 01220.
Porto Alegre, RS — Mucilio Salvador · R. Vigário José Inácio, 30, cj. 72 · Fone: (051) 221.6550/224.8939 — CEP 90.000
Curitiba, PR — Alberaldo Cavalcante Sá · R. Dr. Goulin, 87 · Fone: (041) 252.3282 — CEP 80.000.
Fortaleza, CE — Guilherme Filho · Av. Sargento Hermínio, 1080 · Fone: (0852) 226.4423 — CEP 60.000
Belo Horizonte, MG · Iberi Campos · R. Aymoré, 1882 · Fone: (031) 222.9552 CEP 30.000
Brasília, DF — Marcos Machado de Carvalho, SCS, Edif. São Paulo, 5o. · Fone: (0612) 223.5426 — CEP 70.000.
Belém, PA — José Moura · Travessa da Piedade, 587 · Fone: (0912) 222.1736 CEP. 60.000.
Florianópolis, SC — Rodrigo Sobreira de Moura · R. Flávio Tavares da Cunha Neto, s/n. Fone: (0482) 44.3669 — CEP 03185.

Gráfica e Fotolitos: Grafset Ltda., Campina Grande, PB, R. Vigolvino Wanderley, 245
ASSINATURAS: 1 ano Cr$ 200,00, No. avulso: Cr$ 30,00
PARAÍBA PECUÁRIA, título propriedade da Edicamp Editora Campesina Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária nacional, principalmente as nordestinas, num diálogo vivo através de pronunciamentos dos próprios empresários rurais, técnicos oficiais e autoridades. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Sugerimos e autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados, desde que sejam citados nosso nome.

Sociedade Rural da Paraíba
Rua 13 de Maio, 338 — CEP 58.100
Campina Grande — Paraíba.
Fones: (083) 321.4400 e 321.3467

DIRETORIA

Presidente: Humberto César de Almeida; 1o. Vice-Pres: Arthur Freire de Figueiredo; 2o. Vice-Pres: Ermírio Leite Filho; 1o. Secretário: Edvan Pereira Leite; 2o. Secretário: Admar Borges da Costa Santos; 1o. Tesoureiro: Francisco de Sousa Diniz; 2o. Tesoureiro: José Aderaldo de Medeiros Ferreira

CONSELHO DELIBERATIVO

EFETIVOS — Salvino de Oliveira Filho, Aluízio Afonso Campos, Antonio da Costa Gomes, Manoel Dantas Vilar Filho, Raimundo Lira, Henrique Vieira de Albuquerque Melo, Edson de Sousa do Ó.

SUPLENTES — Manoel Ferreira Filho, Virgínio Veloso Freire, Newton Vital Figueiredo, Patrício Leal de Melo, Manoel Buarque de Gusmão, Saulo de Andrade Maia, José Cavalcante da Silva.

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS — Antonio Leal Filho, Jairo Alves Monteiro, Sebastião Alexandrino de Melo.

SUPLENTES — Henrique Alexandrino de Melo, José Farias Sobrinho, Luiz Silvio Ramalho.

conversa ao pé da porteira

É na agropecuária que se podem obter os melhores resultados a curto prazo e com menores investimentos, pois nenhum outro setor pode apresentar maiores vantagens na relação custo/benefício, cabendo lembrar que a evolução da economia rural consegue frear o crescimento da urbanização, um dos traumas de todos os últimos governos. Somente ela, com justiça fundiária e uma boa política de crédito, permite antever um racional perfil da distribuição de renda, pois são os próprios agropecuaristas as principais vítimas da concentração, principalmente aqueles das regiões menos desenvolvidas, como o Nordeste.

A introdução de tecnologia e o conseqüente aumento da produtividade são palavras ocas, e enquanto não houver medidas concretas que injetem no empresário rural a confiança de que pode e deve usar o Crédito (que existe, mas não é apresentado, como bem o frisou o presidente-eleito Figueiredo, acusando a devolução de várias linhas de Crédito, intatas, ao Banco Central) será puramente um exercício dialético tentar provar que a agropecuária brasileira está se saindo bem.

O Dr Renato Simplício Lopes, presidente da Embrater frisou que "o homem do campo pode ser tudo, mas não é burro", evidenciando que, se ainda não emprega tecnologia adequada, é porque ela inexiste ou porque ele é impotente para fazê-lo.

Enquanto os Estados Unidos aplicam 40% de seu montante em Crédito Rural, o Canadá 32%, o Brasil fica com apenas 13% e, muito pior, apenas 10% dos agricultores têm acesso, e desses, apenas 0,5% são pequenos ou médios proprietários, sem dúvida, os maiores fornecedores de alimentos para o povo, numa oferta perniciosamente atomizada. Se no Brasil essa é a verdade cruciante, no Nordeste ela ainda é mais dolorosa.

Danosamente apresenta-se um Quadro, onde se nota um aumento crescente nas liberações do Crédito Rural, sem as conseqüentes e esperadas safras. Um enfoque ruinoso pois, em grande parte, o Crédito não é posto à disposição dos agropecuaristas para os fins pregados, mas sim para atender solicitações ou exigências de outros setores da economia nacional, com maiores poderes de pressão política, levando os homens-da-terra a realizar investimentos não prioritários, ou então, super-dimensionados, baseados apenas em "publicidade". E assim, grotescamente, inundam-se os campos com tratores pesados, máquinas especiais e tantos outros equipamentos agrícolas — "a tábua de salvação" — que, numa visão abrangente, nada mais são que meras bugingangas, propiciando apenas o contínuo desenvolvimento da indústria brasileira, no momento.

O nordestino rural, antes de tudo, é um forte, embora consumindo bens que não produz e conseguindo recursos apenas para comprar o que é supérfluo, simboliza o significado textual das palavras de Paulo Roberto Vianna, da CFP: "Os subsídios concedidos principalmente através de juros do Crédito Rural criaram fortes desníveis, fazendo coexistir setores extremamente dinâmicos com outros estagnados ou mesmo em decadência."

O Nordeste tem solução, com uma tecnologia adequada, com um tratamento creditício especial, e não pode ser considerado e "utilizado" como um mercado comprador. Ele deve gerar a sua redenção, cabendo ao Governo promover e apoiar esse esforço, ao invés de permitir uma política inadequada que tem resultado, sempre, no esvaziamento dos legítimos mentores do desenvolvimento regional.

NOSSA CAPA — *GENERAL-H*, o guzerá mais premiado na história da Pecuária Brasileira, com 10 consagrações nas maiores Exposições nacionais, desde bezerro, conquistou, novamente, o título máximo da IIIa. Exposição Nacional da Raça Guzerá/78 em Natal, RN — num consenso de três renomados juízes, tendo sido considerado "um campeão sem qualquer possibilidade de contestação", pois, sem dúvida, trata-se do mais representativo exemplar da raça, no Brasil.

ÍNDICE
SUMMARY

	Página
Editorial	3
Reportagens	
– Amargosa, o exemplo da coragem nordestina	20
– Em Natal, o melhor Guzerá do Mundo	27
Artigos e Comentários	
– O Momento da Pecuária - Sinval Palmeira	5
– Pecuária no Cariri, uma tentativa cara e divertida de racionalização Sebastião Simões	7
– O Crepúsculo dos Mitos - Tito Victor	11
– Como mudar a política agrária Humberto de Freitas	17
– Uma Raça para o Nordeste - José Resende Peres	19
– Zonear para Melhorar - V. Coronado	43
– O Nordeste dos Nordestinos (o que falta ao Nordeste) - Eurípedes Oliveira	45
Notícias	
– Como está nossa agropecuária?	
– Imposto Rural, uma bomba relógio	
– Os azares do Nordeste	42
Análise especial	
– Uma análise que serve para todo o Nordeste: Os caminhos da agropecuária paraibana	31
Correspondência	
– Santo Lunardelli	4

ÍNDICE DE ANUNCIANTES
ADVERTISER INDEX

	Página
• Antonio do Vale Angeras, Fazenda Planalto, gado Nelore mocho (Bahia)	41
• Allyrio Jordão de Abreu, Fazenda Canaã, gado guzerá (Rio de Janeiro)	2a. capa
• Banco Econômico	23
• Carmelo Tavares de Souza, Fazenda Miraç em, gado normando (Bahia)	34
• Comag, equipamentos e implementos agrícolas (Paraíba)	44
• Ernesto de Salvo, Fazenda Canoas, gado guzerá (Minas Gerais)	9
• Emater, uma força ativa do desenvolvimento	10
• Exposição de Itapetinga, Bahia	39
• Humberto de Almeida, Fazenda Mucambé, gado guzerá (Paraíba)	capa
• Humberto de Almeida, Fazenda Mucambé, gado guzerá (Paraíba)	15
• Joel, Antônio e Fidelis, Fazendas Reunidas Belo Horizonte, gado Nelore (Bahia)	24/25
• José e Ana Rita Tavares de Melo, Fazenda N. S. Aparecida, gado guzerá (Paraíba)	contracapa
• José Geraldo Vaz Almeida, Fazenda Novo Horizonte, gado holandês (Bahia)	22
• Manuel Dantas Vilar Filho, Fazenda Carnaúba, gado guzerá (Paraíba)	47
• Octávio Machado Neto, Jotamachado, Fazenda Diamante, gado Nelore (Bahia)	26
• Simon Carl Epstein, Fazenda Jequiriçá, gado Chianino (Bahia)	6
• Waldomiro Brandão (Vavá), Fazendas Havana, gado Nelore (Bahia)	46

Correspondência

O NELORE DO FUTURO

... Na qualidade de criador de zebu nada mais tenho a dizer, pois a síntese que reflete a análise de longos anos de trabalho prático não pode ser contestada. Contra fatos não há argumentos. Pode não ser aceito porque destrói velhos conceitos zootécnicos e abalam a estrutura dominante em nossa pecuária.

A tarefa, portanto, não me cabe porque transcende da esfera técnico-científica para ingressar no âmbito da política econômica.

Prefiro ser fiel às minhas origens e permanecer no campo de ação a que ainda me sinto capaz de prestar serviços à nação, gratuitamente.

A variedade Pele Rosa da raça Nelore é melhor e se distingue da Pele Preta por caracteres morfológico, funcional, patológico e psicológico observáveis na prática criatória. Uma indagação surge de imediato para quem aprecia a pesquisa: Por que é a melhor? Quais os componentes orgânicos que o capacitam a desempenhar esse papel traduzido na maior produção de carne por área? Maior produtividade que é a meta perseguida por todos quantos se ocupam do problema em nossa pecuária de corte? Pois bem, essa é a indagação que aguarda resposta e estou interessado em obter dados a respeito. Por enquanto nada posso adiantar e não sei se a hipótese formulada terá uma confirmação imediata. De qualquer maneira será mais uma informação a abrir caminho no campo da bioquímica cujo trabalho exige a colaboração de um especialista.

Foi assim no passado e eu aproveitaria para render minhas homenagens, mais uma vez, ao amigo Mário D'Apice no atendimento aos problemas sanitários do rebanho. Ao também falecido Neme Abdo Neme no plano agrostológico com sua soja perene que tantos benefícios trouxe à nossa agropecuária. Inesquecível também foi a colaboração do veterinário Milton Vieira da Cunha na implantação da inseminação artificial nos idos de 1954, quando o processo de reprodução mecânica era negado de sua viabilidade no zebu.

Em cada estágio do desenvolvimento do rebanho encontrei sempre a pessoa capaz de fornecer a melhor solução para as dificuldades que surgiam no dia a dia na criação. A curiosidade científica do presente tem a mesma conotação de romantismo zootécnico dos primórdios da criação da raça Nelore que me levou ao Pele Rosa e se não consegui demonstrar porque é melhor em um primeiro ensaio, tentarei um segundo, terceiro, etc... No momento é a notícia que eu poderia dar aos leitores de "Paraíba Pecuária", depois da sugestão apresentada para o Nelore do Futuro. Quem chegar lá terá a ventura de conhecer o melhor e a razão porque é mais econômico, não baseado em conceitos, mas em fatos.

atenciosamente,

Santo Lunardelli

O MOMENTO DA PECUÁRIA

SINVAL PALMEIRA, Dir. Presid. da Cabana da Ponte Agropecuária condena o modismo e aprecia conversas incisivas sobre o panorama agropecuário. Sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e grande parte da culpa por não o ser, cabe aos próprios pecuaristas, que insistem em fechar os olhos, ao invés de buscar soluçoes práticas que melhorem a produtividade do rebanho. Uma potente voz, da Bahia, para o respeito de todo o criatório nacional.

O Governo tem errado quando amarra a inflação ao rabo do boi, justificando — a seguir — a importação de carne de refugo, de má qualidade, da Argentina e Uruguai. A miséria e a fome não são da responsabilidade dos pecuaristas, pois o que é caro não é a carne. Miserável é o salário dos trabalhadores. Se vivemos num regime capitalista, não se justifica a intervenção estatal, levando a pecuária ao desastre. Essa intervenção deveria cair sobre o Crédito Rural que é desviado para outros empreendimentos mais rentáveis... um grave ilícito penal, num país que se crê rico, mas que é muito pobre.

Há muitos anos, no Brasil, os pecuaristas se apresentam como as grandes vítimas de uma política oficial dirigida contra a carne e o leite. Em ocasiões diversas, os líderes dessa categoria econômica pediram créditos subsidiados, moratórias, preços melhores para a carne, etc. Nós nunca nos alinhamos nesse exército da lamúria nacional. Escrevemos que "Pecuária é um grande negócio", tema aparentemente paradoxal, ao tempo, mas verdadeiro no contexto histórico. O que sempre dissemos é que o Governo erra quando manobra para omitir, em relação à carne, as leis do mercado, amarrando a inflação no rabo do boi. Essa política, agravada ao máximo pelo abate de matrizes, levou o rebanho brasileiro à situação atual, com carência de carne para o consumo. O governo dentro da filosofia de que o povo come carne e que esta não pode se elevar a níveis dos demais bens de consumo, importou da Argentina e Uruguai carne refugo de exportação, conseqüentemente carne de má qualidade, dispendendo nessa operação discutível dólares tão preciosos ao nosso balanço de pagamentos. Essa política me parece errada, ainda que movida pelo nobre propósito de manter o custo de vida mais tolerável para as camadas de menor renda. A solução do problema social, da miséria, não pode ser deixada à classe dos pecuaristas. O governo, é certo, deve se preocupar com o problema da fome e da pobreza, que são os grandes e verdadeiros problemas do Brasil, mas a solução estará na criação de um mercado interno, pelo desenvolvimento de uma agricultura de subsistência racional e uma pecuária de alto nível, aliados à criação de outras fontes de proteínas nobres, de baixo custo, como avicultura, piscicultura, cunicultura, etc... O futuro Presidente da República se propôs a dar ênfase à agricultura e à pecuária, fazendo dessas atividades preocupação central do seu Governo. Só temos aplausos para esse propósito. Permitimo-nos, porém, com a larga vivência do problema, dizer a S. EXCIA. que vá em frente, mas não aceite jamais a idéia de resolver o problema da desnutrição, destruindo a pecuária brasileira pela contenção de preços, o que implicaria no desestímulo e conseqüente abandono do campo. O povo deve ser o centro das preocupações do Presidente e de seu Governo, e o povo precisa de comer. O certo é desenvolver a produção de alimentos dentro de uma planificação com vistas ao homem, mas sem fugir às leis de uma economia de mercado, sempre com vistas à criaçao de um forte mercado interno. O que é caro não é a carne. Miserável é o salário dos trabalhadores brasileiros. E isso não é culpa dos pecuaristas. No que tange à pecuária, me parece essencial que todos os projetos de desenvolvimento se inspirem em nova tecnologia, particularmente com inseminação artificial de touros de escol, o que é muito mais barato e criará um rebanho numeroso e precoce. O bezerro filho de touro de elite pode ir para o abate com 20 a 24 meses, aliviando a pastagem, que, se bem dividida, multiplicará sua capacidade de produção forrageira e, em conseqüência, de cabeça-hectare. Deixemos que a pecuária se levante à base de justos preços, não preços subsidiados, mas preços de mercado. O mercado mundial da carne sofreu, de fato, um tremendo golpe com a alta do preço do petróleo, pelo encarecimento dos insumos e, em resultado, pelo custo de formação do novilho de abate que ficou acima do preço de consumo. Isso porque o abate de vacas abarrotou o mercado mundial de carne. Os estoques acabaram como era previsto, sem precisar de ser futurólogo, e o boi está subindo e vai continuar a subir normalmente, pela lei capitalista da procura e da oferta. Se vivemos em regime capitalista, não se justifica a intervenção estatal no mercado da carne para manter baixo o preço, levando a pecuária ao desastre. Sofremos anos seguidos de vacas magras. Chegou a hora das vacas gordas. Quem acreditou no boi, quem organizou sua Empresa, quem melhorou seus rebanhos e suas pastagens, a duros sacrifícios, será gratificado com o novo preço. O espírito progressista do pecuarista brasileiro deve ser despertado, nesta hora para todos os acenos da tecnologia, como divisão de pastagens, plantio de leguminosas, sincronização de cio, apartação do bezerro de corte cedo e em época de pasto verde, inseminação artificial, e, por fim, o confinamento para levar ao consumo o novilho precoce, o vitelo tão disputado mundialmente. Para tudo isso é justo um crédito rural favorecido, nos limites das possibilidades monetárias do erário, sem sacrifício de outras atividades igualmente carentes. Mas o crédito rural destinado ao aumento da produção e desviado para outros empreendimentos mais rentáveis deveria constituir ilícito penal. Não se pode negar que o governo através dos bancos oficiais, tem canalizado para a agropecuária somas vultosíssimas. Esses recursos subsidiados nem sempre foram aplicados no interesse da produção. Penso que os bancos devem ser mais flexíveis, menos burocráticos na liberação dos créditos, mas intransigentes na fiscalização dos projetos. Vivemos num país que se crê rico mas não o é e, no entanto tem tudo para se tornar uma das grandes nações do mundo. Pecuaristas, façamos também um exame de consciência e veremos que grandes têm sido nossos erros, desde a exploração irracional da terra, até a ausência quase permanente de muitos de sua fazenda, atraídos pela comodidade da vida urbana. Fazendeiro mora na fazenda e dirige seu negócio como um industrial sua fábrica ou um comerciante sua loja. É chegado o momento de mudar. A pecuária deve ser explorada com espírito empresarial e com tecnologia de nosso tempo e não à moda dos senhores de escravos. Vamos em frente. Grandes dias nos esperam se trabalharmos pensando em lucros, mas também pensando em Brasil.

Fazenda JEQUIRIÇÁ

Município de Santa Inês — CEP 45.320 — BAHIA
Rua Atilo Menezes, s/n - Vila Kiko
SIMON CARL EPSTEIN

JIVAGO — 1446
Nasc. 10.06.77
16 meses — 445 Kg.

Pai : FENDITO — RG-0364
Mãe : NADIA — RG-1249

CAMPEÃO JUNIOR
o Guanambi — 1978
o Amargosa — 1978
1o. PRÊMIO
o Guanambi — 1978
o Amargosa — 1978

GIGANTE, um
significativo produto
3/4 Chianino com Nelore

RAÇA CHIANINA
MAIS CARNE, MAIS
PRECOCIDADE.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES — PO
VENDA DE REPRODUTORES MESTIÇOS 3/4 E 1/2 SANGUE.
VISITE A JEQUIRIÇÁ

PECUÁRIA NO CARIRI:

(UMA TENTATIVA CARA E DIVERTIDA DE RACIONALIZAÇÃO)

SEBASTIÃO SIMÕES FILHO, é Diretor do Banco Econômico S/A, um grande batalhador a favor da agropecuária, com extensa bagagem de conhecimentos, tendo realizado estágios na Alemanha e França, foi diretor de grandes empresas nacionais mas, antes de tudo, é um pesquisador que acredita na agricultura e pecuária, aplicando seus conhecimentos e realizando estudos no semiárido nordestino.

O que é que faz uma fazenda nordestina, incrustrada em plena caatinga, para enfrentar as secas e se tornar auto-sustentável? O autor mostra sua luta, palmo a palmo, num vivo exemplo para centenas de propriedades que batalham, dia a dia, ano após ano, sem chegar a um resultado recompensador. Encerra, lembrando que, desde D. João V, em 1741, o Nordeste, era alvo da atenção oficial e o FIPEC, hoje, pode acelerar o desenvolvimento de uma tecnologia para o semiárido.

1. ANTECEDENTES (1727-1976)

A Fazenda Jaramataia, localizada no município de Taperoá no Cariri paraibano, compreende uma área total de aproximadamente 1.500 ha. Suas terras eram, até recentemente, representadas por dezenas de títulos de pequenas propriedades todas, em última instância, originárias dos desmembramentos sucessivos a que foram submetidas ao longo do tempo a Data do Salgado – concedida pela coroa portuguesa a Vicente Nogueira em 24 de outubro de 1727 – e, sobretudo, a Data Santa Cruz, concedida a Francisco de Arruda Câmara e outros em 5 de Novembro de 1735. Estes títulos originais de propriedade foram postulados pelos requerentes com vistas à "criação de gado vaccum" que, desde então iniciada, não foi até hoje descontinuada.

A atividade pecuária na Jaramataia, como de resto em todo o Cariri, conseguiu, assim, firmar uma notável tradição de convivência com as longas estiagens anuais e as secas periódicas típicas da região. Tudo parece indicar que só a riqueza alimentar do escasso pasto nativo e a preservação de uma baixíssima densidade de ocupação das terras com o rebanho viabilizaram esta improbabilidade. Foi talvez reconhecendo a importância deste último fator como condição para a sua própria sobrevivência econômica no negócio em que se metera, que o citado Vicente Nogueira, principal titular da Data de Santa Cruz, pleiteou logo cedo, e obteve já em Julho de 1741, um título adicional para a ampliação de seus domínios com fundamento na alegação de que "embora tivesse feito umas caiçaras, casas, currais e estradas para beneficiar seu gado (. já...) necessitava de mais terra por ser aquele sítio falto de pasto e água"...

Na verdade, a pecuária do Cariri permaneceu na linha do quase-impossível até poucos anos atras. Criava-se ali (como ainda se cria) nas fechadas e espinhosas capoeiras nativas sem o concurso de qualquer gramínea perene e sem a preocupação de acumular alimento para utilização durante os sete meses do ano em que é nula a precipitação pluvial. As brocas realizadas nas propriedades (350 ha no caso da Jaramataia, até 1976), o foram, inicialmente, para ocupação com lavouras de subsistência ou, sobretudo a partir de meados do século XIX, para o cultivo do algodão arbóreo.

Embora o gado, em alguma extensão, possa ter usufruido dos resíduos dessas explorações agrícolas, o fato é que não se cogitava ali até recentemente, do desbravamento de áreas com vista ao desenvolvimento mais abundante de pastos rasteiros. Uns poucos hectares ocupados pela palma forrageira, introduzida na região em torno de 1920, constituiam a única cultura local especificamente orientada para a alimentação do gado.

... em pleno Cariri, germinam obras necessárias

2. OS PASTOS ATUAIS E SUA UTILIZAÇÃO (1978)

Sobre os antecedentes acima, Sebastião Simões e outros, todos titulares solidários das terras remembradas da Jaramataia, iniciaram em 1976 a sua modernização.

Por força disto, a par das áreas utilizadas no cultivo tradicional de algodão e milho, que totalizaram 350 ha, a Fazenda conta hoje com aproximadamente 340 ha de pasto cultivado compondo dez revesos distintos, todos dispostos em torno de uma instalação central de manejo edificada sobre dois círculos concêntricos de 40m e 60m de diâmetro respectivamente. Na sua construção foram utilizadas principalmente madeiras pesadas (sucupira e aroeirão) havendo, contudo, no círculo exterior, um arco de 70m construído em alvenaria de pedra, que incorpora uma cocheira de igual extensão. O conjunto, além de dispor das facilidades usuais neste tipo de construção (currais, brete, embarcadouro, etc) é provido de um palanque central elevado com área coberta de 440m^2.

Um dos dez revesos acima citados está ocupado com plantações de palma forrageira (gigante, redonda e doce), de sorgo e de diversos capins de corte todas destinadas à alimentação semi-estabulada do gado durante os períodos de estiagem. Nos nove restantes estão implantadas e em processo de avaliação, gramíneas e leguminosas próprias para utilização em regiões semi-áridas, cuja seleção envolveu consultas a várias fontes qualificadas neste campo de atividade. Neles estão em giro três rebanhos distintos de cria, assim caracterizados:

a) Grupo puro e oficialmente controlado, constituído por 16 matrizes e dois reprodutores Pitangueiras. Até meados de 1979, por compra e reprodução, este grupo deverá atingir quarenta cabeças.

b) Grupo constituído por cinqüenta e uma reses adultas, das quais quarenta e nove são matrizes Simental puras ou mestiças Simental-Guzerá, todas controladas oficialmente pela Associação Brasileira dos Criadores de Simental. Para cobertura deste grupo de matrizes são empregados um reprodutor Guzerá e outro Si-

mental, ambos puros e registrados. Sem prejuízo da preservação de alguns animais de linhagem pura, pretende-se estabilizar geneticamente a descendência deste rebanho no tipo que resulte do cruzamento 5/8 Simental: 3/8 Guzerá.

c) Grupo constituído por cinqüenta e uma matrizes mestiças Holandês-Guzerá, não registradas, que vem sendo ampliado com razoável preservação de padrão mediante emprego alternado de reprodutores das duas raças que o originaram.

Afora estes grupos, restam ainda, distribuídos nos precários revesos de pasto nativo que compõem os 800 ha de terras incultas da fazenda, cerca de 300 reses mestiças de características muito heterogêneas que serão progressivamente descartadas à medida em que cresçam as extensões dos pastos cultivados e, com estes, os grupos selecionados destinados à produção de leite e carne, notadamente os referidos em "a" e "b" acima. O desfrute auferido deste rebanho, em que persistem ainda as práticas rotineiras de exploração, situa-se em nível extremamente baixo.

Contrariamente, a atividade criatória praticada nas áreas recém desmatadas e ocupadas com pastos cultivados, já justifica expectativas otimistas quanto ao desfrute dos rebanhos selecionados e começa a descortinar perspectivas para a substituição progressiva da tradicional cultura do algodão (cuja produtividade tem-se demonstrado incapaz de ultrapassar a casa do 300 Kg/ha) por pastagens cultivadas tanto para a alimentação do gado diretamente no campo como para a formação de reservas para utilização durante os períodos anuais de estiagem.

3. O PARTIDO ADOTADO PARA A MODERNIZAÇÃO (1976)

Em linhas gerais, partindo da evidência de que estes períodos, e sobretudo as secas periódicas, constituem fatores extremamente adversos à atividade pecuária em todo o Cariri, o plano de modernizaçao adotado na fazenda contemplou inicialmente a implantação de pastos perenes resistentes às condições de baixa pluviosidade (500mm/ano) imperantes na região em extensão suficiente para assegurar de janeiro a dezembro o suprimento satisfatório de alimentos frescos ou conservados aos animais. Em outras palavras, adotou-se o partido de que a alimentação dos rebanhos nas regiões semi-áridas deve ser pensada segundo esquema assemelhado ao praticado nas áreas de clima temperado da Europa, por exemplo, onde no inverno – como ocorre freqüentemente no Cariri durante as secas ou nos períodos de estiagem – nenhuma quantidade de alimento é disponível nos campos de pastagens. Isto importou em adotar técnicas de silagem (forrageiras, farelos, grãos), assim como de fenação (gramíneas, leguminosas) permitindo regularizar a oferta de alimento aos animais ao longo de todos os meses do ano.

Decorrência natural da adoção desse partido foi o reconhecimento de que a exploração do rebanho deveria orientar-se para a produção de leite e derivados de forma a compensar, com os resultados desta atividade, os custos adicionais impícitos na regularização do suprimento de alimento aos animais. Estes mesmos custos adicionais sugeriram ademais, a conveniência de operar-se o descarte dos machos não necessários à reprodução tão cedo ocorrido o desmame, já que o crescimento e a engorda desses animais podem ser realizados mais economicamente nas áreas de chuvas regulares disponíveis nas proximidades do litoral.

As colocações acima conduziram, naturalmente, à hipótese genérica de que a atividade pecuária do Cariri paraibano, compelida a convergir para raças leiteiras, deverá fixar-se naquelas dotadas de rusticidade adequada ao meio e que sejam, de outra parte, capazes de suprir o mercado de carcaças com animais jovens de boa capacidade de desenvolvimento em curto espaço de tempo.

Isto aceito, dificilmente restaria alternativa de ação que não a de buscar num cruzamento entre uma raça européia menos delicada e um zebuíno rústico, o tipo mestiço que melhor atendesse aos requisitos enunciados.

... a fenação é uma exigência na caatinga.

4. UMA HIPÓTESE ESPECÍFICA (1977-1978).

A hipótese específica adotada em relação a esta questão, foi a de que um cruzamento estabilizado entre a raça Simental (preferentemente de linhagem aclimatada no Nordeste) e a raça Guzerá, a mais rústica e nem porisso menos leiteira das zebuinas difundidas no Brasil, poderia constituir a solução ideal para o problema proposto. Este é pois, o sentido da cruza controlada que vem sendo realizada (e que programaticamente deverá estender-se pelo menos por mais 12 anos) no rebanho de predominância Simental disponível na Fazenda.

Na verdade, alí se trabalha, presentemente, na obtenção de uma réplica da raça Pitangueiras, (5/8 Red Poll: 3/8 Guzerá), mediante a substituição do componente Red Poll pelo Simental. Está implícita nesta tentativa a suposição de que a nova raça resultará mais apropriada à criação nas condições do Cariri do que a desenvolvida em São Paulo pelo Frigorífico Anglo. Porisso mesmo, na condução do experimento, o rebanho Pitangueiras existentes na Jaramataia, foi previsto para utilização como testemunho na avaliação do desempenho da raça em formação tanto no que diz respeito a rapidez de ganho de peso como quanto à produção de leite.

5. RETORNANDO A VICENTE NOGUEIRA (1978-1741)

O projeto de desenvolvimento zootécnico ora em andamento na Fazenda comporta a tentativa paralela de estabelecer a mestiçagem Simental-Guzerá, segundo outras razões de cruza (5/8 Guzerá: 3/8 Simental, por exemplo) a fim de dispor simultaneamente de raças alternativas de mesma ascendência básica para efeito de comparação com o rebanho Pitangueiras de controle. A realização deste experimento adicional, contudo, implica num incremento de gastos que não poderia ser suportado pelos atuais titulares da propriedade sem risco de bancarrota.

Observando, porém, a ansiedade com que os seus parceiros se comportam diante da tentação de realizá-los, o Sr. Sebastião Simões, consciente dos riscos para sua sobrevivência econômica implícitos no negócio de modernização em que se meteu aos 82 anos de idade, vem pleitear do Fundo de Incentivos à Pesquisa Técnico-Científica (FIPEC) do Banco do Brasil, uma contribuição a fundo perdido para utilização nos trabalhos experimentais em curso na Fazenda.

Mutatis Mutandi, repetiu Vicente Nogueira – seu remoto antecessor – que com aperturas idênticas apelou para a fresta do poder visando a ampliar o fator produção cuja escassez ameaçava frustrar seus esforços. Mais altruisticamente, tudo, alegou, para justificar a benesse pretendida, que os resultados esperados do projeto são de interesse de toda a região pois poderão importar na definição das condições segundo as quais será possível, criar economicamente nos "sertões faltos de pasto e de água" do Cariri.

Espera-se agora que Karlos Rischbieter, a exemplo do que fez D. João V em 1741 em favor de Vicente Nogueira, atenda à postulação do Sr. Sebastião Simões. Afinal, ele, também sem sucesso, já contribuiu "casas currais e estradas para bem criar seu gado". E, indo além, plantou, entre outros, capins bufel grass, biloela, gaindah e "green panic", além de leguminosas várias como cunhã e soja. Só não fez caiçaras. Mas, as fará, se for necessário à obtenção da graça.

Fazenda CANOAS

ERNESTO DE SALVO

Cx. Postal, 13 — Curvelo, MG — Telefone: (037) 721.2772 e (031) 337.5961

NICARÁGUA-S
Grande Campeã

MAIOR NÚMERO DE PONTOS NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GADO GUZERÁ EM CONFRONTO COM EXPOSITORES DE 10 ESTADOS BRASILEIROS.

PAINEIRA-S
Res. Campeã Sênior

ACARI-S
Campeã Júnior

23 ANOS DE CONTROLE LEITEIRO EM TODAS AS FÊMEAS DO REBANHO

19 ANOS DE CONTROLE DO DESENVOLVIMENTO PONDERAL EM TODAS AS CRIAS.

EMATER — Uma força ativa do desenvolvimento

Por definição, cabe à EMATER colaborar com os órgãos competentes da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e do Ministério da Agricultura na formulação e execução das políticas de assistência técnica e extensão rural, bem como planejar, coordenar e executar programas de assistência técnica e extensão rural, visando a difusão de conhecimentos de natureza técnica, econômica e social, para aumento da produção e produtividade agrícola e a melhoria das condições de vida no meio rural do Estado da Paraíba, de acordo com a política de ação dos Governos Federal e Estadual.

Dr. Marcos Marinho Marsicano, responsavel pelo desenvolvimento da Emater-PB.

É tangível a presença do esforço da EMATER em todo o Estado, sendo que dos 171 municípios existentes, 165 são atendidos pelos técnicos da empresa, com dez escritórios regionais e 109 escritórios locais. A força ativa atual da empresa é de 430 técnicos, sendo 94 de nível superior, 35 gerentes estaduais e 424 funcionários administrativos.

A evolução, a partir de 1975, foi marcante para a empresa. tendo trabalhado, em 1978, com os seguintes produtos: algodao arbóreo, algodão herbáceo, abacaxi, cana-de-açúcar, café, feijão, olericultura, sisal, avicultura, bovinocultura de corte e leite, caprino-ovinocultura.

Além da orientação técnica a EMATER dedica-se a difundir o correto uso de fertilizantes, corretivos, noções sobre comercialização, alicerçamento de iniciativas visando a formação de cooperativas, encaminhamento para obtenção do Crédito Rural Orientado, capacitação de mão-de-obra rural.

A par de sua intensa atividade nesses setores, os técnicos participam, com concentração especial de esforços, nos projetos de promoção de produtores de baixa renda, procurando organizar comunidades rurais, incrementar a produção e aperfeiçoar os processos de comercialização, além dos trabalhos de bem-estar social (saúde, higiene e nutrição, principalmente), pretendendo, com isso, situar uma atividade que, no fundo, constitui a base de um processo de correção social.

O POLONORDESTE, através da EMATER prevê o atendimento, até 1979, a todas as propriedades rurais de 0 a 50 hectares e 80% de toda a população rural, colocando às mãos dos produtores todos os instrumentos existentes no setor agrícola para o incremento da agropecuária, principalmente, crédito. O POLONORDESTE atua em 5 frentes diferentes: Piranhas, Seridó, Brejo, Serra do Teixeira e Rio do Peixe, devendo instalar em 1979 o Vale do Piancó e iniciar o Tabuleiros Costeiros.

Não há problema que não tenha uma solução proposta pela EMATER, quer seja quanto à produção, quanto ao manejo de rebanho, quanto a obtenção de Crédito, ou contratação de mão-de-obra. Todas as dificuldades do meio rural podem ser solucionadas pela Assistência Técnica e Extensão Rural, uma empresa que tem por objetivo ir até o produtor, com as soluções para possibilitar um amanhã melhor.

Os técnicos chegam aos mais distantes rincões do Estado.

No Quadro apresentado, pode-se notar a evolução decisiva da EMATER desde 1975, evolução essa comandada pelo Dr. Marcos Marinho Marsicano, presidente da empresa, responsável pelo crescimento substancial das atividades rurais.

E a vida rural paraibana é a matéria prima para o desenvolvimento do Estado, decisivamente.

EVOLUÇÃO DA EMATER-PB NO PERÍODO DE 1975 A 1978

ANOS	Força de Trabalho		Unidades Operativas		Resultados da ATER			Crédito Executado		Municípios Assistidos	Recursos Financeiros	Projetos Especiais Introduzidos no Estado			Programa de promoção a produtores de baixa renda (No.de unidades)	Sanidade Animal No.de unidades do PRONASA
	Técnicos	Administrativos	Locais	Regionais	Produtor Assistido	Área Assistida	Rebanho Assistido	No.de Contratos	Montante Cr$1,00			Áreas com PRDI	No.de unidades operativas	Núcleos do Projeto Sertanejo		
1975	235	152	66	07	8.192	66.240	133.286	880	61.270.175	148	19.688.765	01	06	—	05	—
1976	261	191	76	07	7.535	84.860	182.537	1.138	109.868.552	148	34.991.034	02	08	—	12	06
1977	342	306	82	09	9.148	171.994	334.050	3.378	270.122.573	154	44.248.063	03	26	03	18	12
1978	446	466	109	10	18.583	250.904	438.004	2.596	172.089.000	165	103.390.664	05	47	06	22	12

OBSERVAÇÃO: Os dados de 1978 referem-se ao período janeiro/setembro

O CREPÚSCULO DOS MITOS

Tito Victor

Volta o autor, com seu linguajar crítico, de suma coragem, dizendo que o Brasil é mais forte que essa onda toda que está imperando, desde a Foz até o Chuí. O espírito de nacionalidade deverá ressurgir, mais cedo ou mais tarde, pois a fragilidade da Agropecuária é evidente, estando amordaçada e manietada pela impostura. Estamos na hora de acender a fogueira, colocando fogo nos Mitos que foram e estão sendo sustentados por todos os que orientam ou insistem em viver dessa nobre atividade, esperando – com isso – estar acendendo uma luz, para um futuro mais risonho... e real.

E AGORA, JOSÉ?

O presidente eleito João Batista de Figueiredo foi sintomático: "Não haverá Brasil próspero com um Nordeste miserável" – uma linda cantilena para ganhar eleições, embora ele não precise de grandiloqüência, por dois motivos: os votos pouco pesarão, na balança e, depois, ele sabe que o Nordeste pior não pode ficar. O Nordeste pode, apenas, estagnar em sua miséria, ou então melhorar, esse é o destino de quem está no fundo do poço. Por esse prisma, o General acabou de dizer apenas mais uma frase como aquela outra pronunciada em Natal, no Rio Grande do Norte, e estampada em todos os jornais da região: "Deus me livre da Paraíba", provando que gosta muito de ser popular e agradar a gregos, na Grécia, e a troianos, em Tróia, e isso pode ser inconveniente, mas justifica a petulância política de que o Brasil tanto precisa, desde que aplicada corretamente. Salvo se o futuro presidente seja cultor da escola congórica e adore panacéias verbais...

– Pois é, Sr. futuro presidente, nem a política ou reza-brava conseguirá segurar o preço da carne que vai subir, disparadamente, até fazer cócegas nos pés de São Pedro, porque os caolhos – essa tecnoparasitocracia atrelada ao comboio oficial – permitiu (seria melhor dizer "incentivou") o abate de fêmeas, confiando ingenuamente que a Argentina, a Austrália, ou seja lá quem fosse pudesse fornecer um pouquinho de carne para a mesa brasileira. Não conseguiram sequer imaginar que os prováveis fornecedores pretendiam apenas usar o Brasil como trampolim para obter um melhor preço internacional, provando que a palavra voa mais que o vento. E hoje, quem paga o preço do pato são os agropecuaristas, sem produção, vendo o preço subir, e o povo, sem feijão, sem carne, sem leite, importando até os temperos e condimentos, vendo o dinheiro cair. Os produtores sem a chance de ganhar um tostão e o povo sem a chance de comer direito e decentemente!

Os Estados Unidos estão desesperados, pois a carne nunca subiu como de 1977 para 1978, o Japão idem, o Mercado Comum Europeu também, e o Brasil – coitado! – onde vai conseguir recursos para entrar nessa famigerada guerra à procura de proteínas?

De repente, além do ouro-negro, também a proteína poderá ser um dos motivos de perigosa e gigantesca onda inflacionária, que já se delineou com o caso do milho, da cebola e outras vergonhas. Será que as bugigangas industrializadas conseguirão equilibrar a frágil balança nacional por três anos consecutivos? Será que os "bens mais que supérfluos" farão o milagre passar da teoria para a prática? Acreditamos que "milagre" é uma mera ocorrência verbal ou um tipo de impostura psicológica própria de palanque de comício político, porque apenas o linguajar esbravejador pode falar em milagre numa hora dessas! Multiplicam-se as chaminés e, para compensar, diminui-se a refeição!

– Pois é, Sr. futuro presidente, a procissão de fêmeas seguiu firme até o frigorífico, sem ninguém impedir. Agora não há bezerro e o preço da arroba vai chegar aos Cr$ 950,00 em maio de 1979.

E esse preço, Sr. Presidente, indica um consumidor prejudicado, um produtor rural massacrado, uma política fracassada que fez um estoque excedente transformar-se em dependente, uma Nação dando as mãos, como cordeiro inocente, para uma manietação internacional. Esse preço é apenas um crime subsidiário da precária situação.

O feitiço está virando contra o feiticeiro e, se os alquimistas ministeriais não conseguirem inventar uma injeção de precocidade bovina, então assistiremos a uma nova fantástica corrida ao Zebu, porque – na hora da morte, na hora de conferir as contas, na hora de encher os estoques – é sempre o Zebu quem salva a situação da pecuária nacional. A não ser que, realmente, ocorra um período de "prioridade nacional" para todas as atividades da agropecuária brasileira, o que é meio utópico e soa como carismático!

Todos sabemos que a solução está na terra, no campo, nos bois, no verde da Nação, mas a fumaça dos cigarros de gabinete altera o metabolismo cerebral da tecnocracia ululante e os neurônios acabam optando pelo incremento e multiplicação das chaminés, dos automóveis, dos produtos químicos e, como uma quase-conseqüência-direta, pelas estranhas e criminosas importações de alimentos... sem dúvida, uma digna apoteose para tão festivalesca encenação!

– E agora, José? Estamos na boca do vulcão, em plena hora de assistir a uma reviravolta nacional, porque está meio difícil conseguir apaziguar as incessantes ondas inflacionárias e os requebros contínuos da política de produção agropecuária. Nesse momento, a História bem o prova, a riqueza tende a mudar de mãos e segue rumos completamente tresloucados – o que já podemos notar nas aplicações em Cadernetas de Poupança, em Open-Market, em Letras Imobiliárias, Letras de Câmbio e tudo o mais, menos na produção de alimentos para o povo. (E os maiores aplicadores são as chaminés e os automóveis, na cara de todo mundo, com um sorriso irônico e de comiseração). Todos fogem do campo, gerando um vazio econômico e, quando o feitiço virar contra o feiticeiro, todos desejarão voltar – repentinamente – e recompor as cinzas para reviver, como um excesso de abutres sobre um mínimo de carniça. Então, não haverá matrizes para todos e o preço do Zebu subirá que nem rojão!...

CRIAR ZEBU É BOBAGEM!

O criador nordestino, cansado do trabalho, vergado pelo sol, vencido pelos

aguerridos atravessadores, assolado pela peste, doenças e por mil outros flagelos chega, em suas últimas forças, às portas do Banco do Brasil, o "salvador da humanidade rural" (pelo menos, por ele ser apresentado dessa maneira é que o insigne Dr. Gugé Ferraz diz que o Brasil é o "maior blefe rural do mundo").

– Doutor, o jeito é criar uma vaquinha pro leite, porque a situação está ruim demais e estou pensando em comprar, através do Banco, alguns animais.

– Lógico, lógico. O Banco financia.

– Eu até já escolhi um gado bom, forte, raçudo, bem azebuado.

– Zebu? Credo em cruz! De jeito nenhum. O Banco não financia zebu. O Banco só financia gado-de-leite, com selo europeu, marca de europeu, jeito de europeu, tudo bem visível. Zebu não é boi, é bicho! Credo!

– Mas, doutor, europeu não vai aguentar. Meu bisavô ensinou pro meu avô, que ensinou pro meu pai, que passou para mim que gado de leite bom tem que ser: 3/4 zebu e, no máximo, 1/4 europeu!

– De jeito nenhum, tem que ser europeu no duro, nada de conversa de mais quartos ou menos quartos. Zebu não dá leite. O senhor que aprenda!

O fim dessa conversa todo criador conhece e a verdade salta aos olhos, para vergonha de todos: PECUÁRIA NO BRASIL É IMPOSTURA!

Ao invés de abrir créditos para a reimplantação do Zebu, já consolidado como "gado nacional, e melhor do mundo", nós vamos ver facilidades de crédito para aquisição de dromedários, bisões, zebras, lhamas, capivaras, antas, cervos, pacas, lemousin, fleckvieh, iaques e quaisquer raças alienígenas, menos de boi de giba, para leite e para carne.

O MILAGRE PERIGOSO

Nossa sociedade está dividida entre banqueiros e o resto, segundo afirmou o empresário paulista Antônio Ermírio de Moraes e, enquanto persistir esse panorama, a solução não será fácil, pois o Governo garante suas LTN, com juros anuais de 50%, forçando os bancos a exigirem um pouco mais de quem quer dinheiro emprestado, imolando os agropecuaristas que – depois das pragas, da seca, da geada, da importação criminosa – estão sem produção, com o preço do dinheiro chegando às nuvens, sem poder complementar o custo das novas safras.

Qual a solução? Uma medida extrema (embora haja muitas outras, todas drásticas) que provocaria muita celeuma, mas que permitiria algum resultado prático, seria a emissão de papel moeda, sem o devido lastro, para financiar – na agropecuária – uma super safra, rezando a todos os santos promotores de bom tempo para ajudar essa "caça aos dólares". A Argentina fez isso e sua inflação caiu de 500% para cerca de 100%, com apenas uma época de safra, deu sorte! Mas no caso do Brasil, com tanto território e tantas bocas para comer, a gritaria internacional seria bastante grande e é duvidável, na atual política, que se "tope essa parada".

No final das contas, o custo da produção não é repassado para o consumidor e mais uma dezena de imposições somente provoca o desânimo do produtor. O setor agrícola próspero e rentável é a maior arma contra a inflação! É preferível um povo com inflação, mas com a mesa farta, do que a inflação com escassez ou importações criminosas!

Caso uma medida racional seja tomada e os incentivos sejam realmente conferidos à agropecuária, as plantações e a renovação do pastoreio deverão começar ainda no atual Governo que, com sua política de restrição – deixa evidente que trovões e relâmpagos cairão, dessa vez, no Planalto, pois destronar uma orientação viciosa em função da fartura, não será fácil. Em última instância, teremos como saldo, uma boa lição para as gerações futuras que, certamente, rirão da cretinice dessa nossa época, em que vivemos uma fase negra, uma fase de pecado político, em que assistimos um franco processo de desnacionalização de nossa economia e todos preocupam-se em lustrar os assentos de suas confortáveis poltronas, entre uma importação de gêneros agrícolas, um corte de crédito e um massacre no longínquo Nordeste. Mas o espírito de nacionalidade ressurgirá, pois o Brasil, esse gigante majestoso, é mais forte que essa onda toda...

AO BOI O QUE É DO BOI

Enquanto o Banco do Brasil continua financiando cavalos, bovinos europeus e alienígenos, enquanto os demais bancos e agências devolvem suas linhas de crédito intactas (enquanto o dinheiro nordestino é desviado para aplicações mais rentáveis no sul), enquanto as escolas lançam enxurradas de técnicos que não querem sair do perímetro urbano preferindo transformar-se em professores, enquanto as Entidades preferem gastar sua receita em publicações de grossos relatórios e festas, enquanto o industrialismo (mania obsessiva de se implantar indústria em locais inadequados ou com objetivos escusos) continua como primo rico, uma pequenina semente vai germinando, lentamente: a idéia de um Ministério da Pecuária!

Ultimamente, apenas dificuldades e pressões recaíram sobre o malfadado setor, que já foi um dos sustentáculos da Balança. O diabo é que criar bovino é um bom negócio, pois poderosos grupos multinacionais visam uma exploração econômica das terras brasileiras e já estão implantando rebanhos de 20, 30 e até 50 mil cabeças, mostrando que – num futuro breve estaremos engordando boi no Brasil e pagando para o exterior!

O mundo está procurando carne e ninguém está disposto a consumir quiabos, beterrabas, agrião e cenouras, em lugar do bife ou churrasco! O grande rebanho é uma solução financeira para tais grupos e, então, por extensão, os milhares de pequenos rebanhos, cuja existência são uma concreta solução econômica e a tão almejada solução social, merecem a atenção justamente agora. Nesse raciocínio, a criação de um Ministério da Pecuária não foge à sensatez, tendo como finalidade básica fazer da Pecuária uma fonte de divisas para a Nação, disciplinando o setor, concedendo meios para casar fornecedores e produtores, com a necessária margem de lucro empresarial e acabando com a ingerência, nem sempre prudente, de organismos que até hoje não conseguiram orientar, decisivamente, a criação de gado, adequando raças aos devidos climas, ou promovendo meios para uma adequada comercialização. Pelo menos, correríamos um menor risco de assistir a calamitosas importações de boi-em-pé, provavelmente de nosso próprio zebu melhorado, dentro de pouco tempo.

Além disso, nosso Ministério da Agricultura já perdeu os direitos de zelar pela carne, pelo cacau, pelo café, cana-de-açúcar, borracha, etc, só faltando mudar o nome para Ministério da Importação Agrícola – seguindo os ditames dos manipuladores da política oculta que rege os destinos da produção agropecuária nacional.

Uma nova tábua de salvação para a Balança, com possibilidade tão próxima, mas ainda tão fugidia, embora grandes países do mundo ostentem um Ministério do Trigo, Ministério do Petróleo, etc!

É deveras notável que, num Brasil como o nosso, ainda se consegue eliminar ou truncar a produção agropecuária, visando incrementar qualquer intercâmbio internacional, com fins de beneficiar setores que não fabricam alimentos para o povo... num evidente atentado à lógica e ao bom-senso, como bem o afirmou o Dr. José Mário Junqueira de Azevedo, Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Nelore.

Se o boi brasileiro é um bom boi, então dê-se ao boi o que é do boi! E teremos resolvido um problema, que já está virando histórico!

BOI ZEBU VIVE MESMO É DE CONVERSA!

Quem entende de gado indiano é o Banco, é o técnico que nunca viu a cor do períneo de um nelore (isso porque zebu não entra em escritório), é o homem da estatística, das estratégias, são as entidades especializadas em fazer festa carnavalesca, mais politizante que ruralizante

— mas nunca é o criador, que vê nascer e crescer o boi, o filho do boi, e que enfrenta a mamite e a especulação dos preços, todo dia.

Nuestra Campeona Becerra Mérida/77 e Campeona Joven Mérida/77.

Já no início do século, os criadores exportavam o Zebu Brasileiro, sem alarde, para diversos países e os cruzamentos eram praticados com muitas raças européias e os mestiços foram devidamente analisados até em livros que descrevem as possibilidades de mestiçagem, com detalhes (esses livros são muito pouco divulgados). Os países importaram nosso Zebu, mas não importaram a mania de conversa-fiada, que continuou aqui.

E ambos progredimos: no Exterior, a pecuária melhorou, e estão com um bom zebu. No Brasil, a conversa cresceu. A prova está aí, com os retratos do Indubrasil mexicano, para quem quiser ver.

Hoje, nós brasileiros pregamos que

"Avestruz, Campeona Joven Indobrasil, con genealogía certificada desde 1943."

nosso zebu é o melhor do mundo e — na verdade — ele ainda é, mas tudo indica que poderá deixar de ser, bem antes do que pensamos. Logo mais, atingiremos a condição de importadores de um Zebu melhorado, mais ou menos uma grotesca

"Jivarito, ejemplar Guzerat con suficientes características raciales como para competir en el Brasil o cualquier parte del mundo."

imitação do que ocorre com o industrialismo no Nordeste, onde importamos a matéria-prima, exportamos o produto e, depois, o compramos novamente com etiqueta paulista (um pouco exagerado, mas tem muito de verdade. A Paraíba mantém, no fundo do quintal, grandes plantações de algodão e — na porta da frente — uma fábrica imensa de fios sintéticos, embora ninguém tenha pensado em sistematizar a industrialização do algodão).

Un becerro Gyr, calidad y garantia en cebú."

A Venezuela, o México, e tantos outros países já podem exibir um Zebu semi-concorrente, porque lá a Pecuária não é festival, é uma atividade básica para a alimentação da Nação e as entidades promovem as raças, ministrando ensinamentos, orientação, estudos e análises.

Ainda veremos uma enchente de animais azebuados, entrando pelo portão principal da Nação, com os aplausos da tecnoparasitocracia e dos milhares de criadores inconseqüentes que visam apenas disputar um título com o seu vizinho!

AGORA, JUNTOS

VOCÊ PODE GANHAR UMA ASSINATURA DE PARAÍBA PECUÁRIA GRÁTIS !

REVISTA DOS CRIADORES, a mais completa publicação brasileira sobre bovinocultura, criação de suinos, ovinos, eqüinos, e cães, trazendo artigos técnicos internacionais, colocando os últimos avanços da tecnologia e legislação rural em sua propriedade.

e

PARAÍBA PECUÁRIA — um diálogo corajoso a favor da agropecuária nacional, um legítimo órgão de defesa das potencialidades e realizações nordestinas.

Duas revistas que não podem faltar numa Fazenda moderna

FAÇA SUA ASSINATURA AGORA

Duas revistas, várias obras de grande utilidade com descontos especiais

A COMÉDIA EM SEU CURRAL

É dia da grande festa da Pecuária Nacional, com Ministros e tudo o mais. O criador desceu do ônibus e rumou para o Parque, sendo recebidos pelos promotores da festa magna. Logo na entrada, divisou um lote maravilhoso de nelore e já ia perguntar quem era o felizardo criador quando foi interpelado, melhor seria dizer "abalroado" por um ducha fria:

– O senhor já viu nossa bandeira, no mastro? Ela tem nove metros, deu um trabalho danado para ser feita! E já viu nossos canteiros de flores?

O criador queria saber quem era o dono do nelore e resolveu esquecer a idiotice do diretor da Entidade, mas não conseguiu abrir a boca, pois o dito-cujo não percebia que os olhos do visitante não desgrudavam do lote indiano:

– Já viu nossa sede? Não é uma beleza? Agora temos mais condições de progredir!

O homem engoliu em seco, mais uma vez resolveu perdoar o já imperdoável descaso para com o nobre gado. Ele desejava saber apenas quais eram os melhores plantéis no parque, para iniciar a visita:

– O senhor vai gostar de nossas atrações, temos Chacrinha, chacretes, cantores do Nordeste. Fizemos tudo, mas tudo mesmo, para agradar aos criadores.

O fazendeiro, triste e desiludido, desviou-se para o lado e sombreou o olhar de reprovação. De repente, o nelore havia se tornado insignificante, os bois na pista eram bonecos, os criadores eram turistas querendo comprar pipoca e aplaudir Chacrinha, e ele era apenas mais um palerma que viera de tão longe para contemplar um prédio em construção ou para se abismar diante de uma bandeira enorme.

Os comandantes da pecuária brasileira construíram e comandam o barco à sua maneira, não importando se o Nordeste não tem uma pecuária à altura, ou mesmo se existe uma pecuária nordestina, uma pecuária do Centro-Oeste. Afinal, o que é que importa? Apenas uma coisa, que todos os rebanhos brasileiros sigam a orientação básica, de cunho comercial, ditada para proveito de uma minoria, mas nunca contestada por falta de mecanismo melhor. Para cerrar o espesso véu da ilusão, citam palavras esquisitas como "genética", controle ponderal, controle leiteiro e outros títulos muito estranhos à pecuária nacional.

Até hoje, boi de registro sempre foi promovido a essa condição por meio de uma simples "olhadela" de um técnico é sua honra compromissada com a Meca do Zebu, não importando até onde ele pode errar, ou acertar.

Os próprios juízes, nas pistas já tiveram seus julgamentos contestados pelos criadores, havendo até quem tirasse seus animais da pista, ou levasse na brincadeira o palavreado considerado inútil.

Como chegamos a isso? Terá sido a enorme bandeira de nove metros, ou ela será apenas um sinal dos tempos? Há dezenas de anos que a bandeira é mostrada, ao invés do nelore bom e bonito e isso tem sempre criado uma orientação falsa. Há dezenas de anos definiu-se o zebu como um animal "pronto", onde nada mais havia a melhorar, pois era perfeito. E ele, o animal evoluiu, enquanto as regras e crendices ficaram para trás.

Uma minoria, principalmente em São Paulo, reagiu, exigindo um controle leiteiro rígido, logo seguido por um controle do desenvolvimento ponderal mais amplo. A Meca estremeceu em seu pedestal, perdeu a batalha, mas não procurou soluções para o impasse. Não voltou os olhos para a região árida, continuou pregando o seu padrão de procedimento. Hoje, o Nordeste emerge do ostracismo, com vários campeões e uma nova mentalidade em Pecuária fazendo a Meca tremer mais ainda. O guzerá nordestino é o melhor do Brasil, o Indubrasil nada fica a dever, o Nelore está penetrando bem, o Gir foi melhorado em Umbuzeiro, a partir da década de 30, o Centro-Oeste mostra o melhor nelore do Brasil.

Mas o Nordeste, por exemplo, não tem as rédeas do controle nas mãos. A Meca nunca definiu uma orientação para a região seca, deixando os criadores à míngua cada qual tentando descobrir o melhor caminho, enfrentando chianinos, santa-gertrudis, holandês, canchim, simental, schwyz, búfalos, normando, lemousin e fleckvieh, em milhares de experiências próprias, ao Deus-dará. Até parecia que a Meca interessava-se apenas em vender "animais-padrão" para abastecer a nova região (ou "novos mercados"). Os resultados começam a aparecer e talvez nossos filhos venham a assistir, de camarote, o desmembramento e racionalização da Meca da bovinocultura brasileira!

E teremos dado mais um passo em direção ao fim da Impostura!

O GRANDE BLEFE RURAL

Foi em Cajazeiras, pleno sertão paraibano, por onde andou Lampião, não há muito tempo, que estavam sendo vendidos alguns lotes de Santa-Gertrudis e alguns canchins, como "animais-redenção" para o trópico semiárido. Nesse ano de 1978, abençoado por Deus, com muita chuva! E havia crédito para isso! Há canchim espalhado pelo Nordeste todo, como remanescente de experiências desastrosas, sob as árvores procurando a sombra para, ao menos, morrer em refrigério, minado pelas verminoses e pelo rigor do clima.

O sertanejo não sabe discernir, ele vê apenas tamanho e beleza, por incrível que pareça. Não sertão baiano, pernambucano, cearense, paraibano, piauiense, maranhense e todos os sertões brasileiros o boi ainda é comprado pela sua aparência e nunca se ouviu o nome de uma Entidade de Classe, que desse orientação sobre essa ou aquela raça, sobre essa ou aquela mestiçagem. Por isso, dizer que existe uma Entidade brasileira disso ou daquilo, que zela pelos criadores, é uma grosseira mentira. A briga é de foice e vende quem é o mais forte, vende mais a Associação que tem mais recursos e ninguém tem escrúpulos morais por vender lemousin no Nordeste, ou búfalos nos Cariris Velhos. Pouco importa se o criador irá perder todo o seu tempo e dinheiro dentro de algum tempo. O que tem importado é o faturamento!

Por isso, o Ministério da Educação com o Mobral, foi utilizado, juntamente com o Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil e todos eles – juntinhos – imprimiram dois milhões de jornais incentivando a implantação da raça chianina no Brasil (!). O Mobral, órgão-principal para erradicar o analfabetismo, foi utilizado para ensinar o pobre rurícola sertanejo a procurar o estranho nome, no ato da compra! E esse fato foi documentado pela revista Paraíba Pecuária, mostrando a prova do crime, enquanto que até mesmo a ABCZ – Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, silenciou, como a avestruz com a cabeça na areia ou como os três micos chineses (não disse, não viu, não ouvi).

O nordestino vem sendo utilizado (mais adequado seria dizer "manipulado") no sentido de se tornar um normal consumidor de produtos supérfluos das indústrias do sul, e o mesmo vem ocorrendo com a pecuária, observando-se a introdução de raças inúteis ao desenvolvimento regional, ou seja, está havendo uma "descarga de dejetos" sobre o Nordeste, já tão flagelado, pela falta de informações. E tais dejetos são esses animais vistosos, verdadeiros bois-de-retrato, que enchem os olhos, mas que não produzirão mais leite ou mais carne e servem apenas para enriquecer os introdutores inescrupulosos, numa verdadeira "bola de neve", com proporções incalculáveis, até quando houver tolos para comprar.

No momento em que esgotar o poder de compra, esses "pioneiros de novas raças", esses criadores de boutique, sumirão do horizonte com os bolsos cheios, e os tolos perderão os seus rebanhos, com vergonha de confessar. Isso, por falta de uma Entidade atuante, que zele pelo bem da Pecuária Nacional, como um todo.

Resta o consolador exemplo de centenas de criadores obstinados, mudos aos ditames estupidificantes de técnicos e Entidades, que vão levando adiante o seu plantel, com muito sucesso, desenvolvendo pesquisas que visam mais carne e mais leite. Neles repousa a verdadeira pecuária brasileira. E todos têm consciência de

FAZENDA MUÇAMBÊ

DESTAQUE NA PECUÁRIA BRASILEIRA

Plantel formado por CAMPEÕES NACIONAIS:

DACAR – Uberaba/76
MAGNÉSIO – Uberaba/77
GENERAL-H – Uberaba/78 e Natal/78

GENERAL-H

FILHO DE HÍBRIDO,
EXTRAORDINÁRIO RAÇADOR,
PAI DE VÁRIOS CAMPEÕES.

PAINEIRA-S

RES. CAMPEÃ SÊNIOR
III EXPOSIÇÃO NACIONAL
DA RAÇA GUZERÁ.

ADQUIRIDA NO 1o. LEILÃO
NACIONAL DA RAÇA, EM
NATAL/78, POR 100 MIL
CRUZEIROS.

FAZENDA MUÇAMBÊ
proprietário :
DR. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal, 86 • CEP 58.100 •
Telefones: (083) 321-5411 e 321-5812 •
Campina Grande • Paraíba

que, do clima mais rústico e inóspito, sairá o animal mais resistente e adequado para toda a Nação.

Fica aqui o elogio ao nelorista Dr. Santo Lunardelli e ao grande batalhador João Carlos Burgues de Abreu que, vendo que o Nordeste já tinha condições de seguir um caminho venturoso, determinou a histórica transferência de seu rebanho guzerá, num gesto patriótico, pois ele sabia que o seu gado era quase ideal, faltando-lhe apenas ser nordestino. Se o grande criador fosse vivo e jovem – sem dúvida – ele mesmo se transferiria com seu gado!

A VACA BIÔNICA SALVARÁ O BRASIL?

Estamos ameaçados pelo advento da biônica na pecuária. Depois do homem biônico, a mulher biônica, o bebê de proveta, chega a vaca biônica, feita sob medida, seguindo diversos parâmetros que lhe conferem o título de "a mais perfeita vaca do mundo".

Os americanos construíram essa super-vaca descendente do gado holandês, importado no século 19. Ela é maior, mais forte, produz mais leite, com úbere adequado para ordenha mecânica, solta o leite mais rápido e, embora seja biônica, não tem xiliques de moça rica, não tem mamites.. só falta falar, por enquanto.

O jornal "De Telegraaf", de Leuwarden, onde existe até um monumento à vaca holandesa preta e branca, estampou na 1a. página: "Ameaçada a vaca holandesa!".

Segundo os americanos, esse tipo de gado é ideal para ser implantado em todas as nações do mundo, embora exija rações especiais, enquanto que a vaca holandesa é um pouco menos exigente. Os próprios holandeses garantem que a sua vaca, a original, é melhor, pois a americana serve apenas para produzir leite, enquanto que a holandesa também é excelente para o abate e tem maior teor de gordura no leite (será bairrismo?).

De qualquer maneira, os filhos do Tio Sam ainda não resolveram destronar nosso zebu, pois devem estar preparando uma vaca azebuada, devidamente biônica.

Eles sabem que brasileiro tem, inato, o espírito de imitação, e adora brincar de macaquices, principalmente quando se trata de uma novidade. Não vai demorar muito para assistirmos à instalação dos comitês americanos, nos recintos de Exposições (como bem o fazem os alemães) querendo trazer a vaca biônica. E o pior e mais lamentável será reagir, isto é, caso alguns heróicos zebuzeiros resolvam fincar pé contra a importação. Então, talvez ocorra uma espécie de "peste bovina africana" o que, irremediavelmente, justificará a importação da biônica, e estaremos assistindo ao maior golpe mundial da impostura e o autor do livro "A ditadura dos cartéis" estará ultrapassado em dezenas de anos.

Nós, brasileiros, precisamos aceitar o fato: nós gostamos de modismo, de roupas vistosas, de sapatos novos, de carro último-ano, de boi premiado, de televisão colorida, enfim, de todo tipo de macaquice, pois estamos apenas um passo além do indígena – em termos de civilização. Nós somos facilmente comprados, aliciados por bugigangas, por boi-de-retrato e, depois, amordaçados para não confessar o erro que cometemos. Nós preferimos jogar na loteria, nos baús-de-felicidade, do que trabalhar. Nós preferimos viver encostados numa cômoda aposentadoria por invalidez no INPS, do que puxar o cabo de uma enxada.

Por isso, nossas pastagens estão superlotadas de canchim, de lemousin, de tantos e tantos animais que já morreram por estupidez dos seus proprietários, que pensavam em criar pinguim no Seridó. Por isso, as grandes Exposições vendem animais alemães, franceses e australianos, e agora vai chegar a vez dos americanos, porque chegou a hora da inversão, nós mandamos nosso Zebu e agora devemos importar os resultados: uma pecuária biônica, mais uma moda, com o endosso das Entidades e alguns equilibradores (serão malabaristas?) da Balança, lógico!

PECUÁRIA OU BAILE DE GALA

Na verdade, um leigo não consegue entender muito das coisas estranhas de nossa engraçada pecuária! Os padrões dizem que o nelore de pele rosa não é nelore, é uma outra coisa qualquer e surge uma pesquisa de Santo Lunardelli provando que o rosa é tão bom ou melhor que o branco e o cinza. Isso vem provar que a restrição foi, simplesmente, "imposta" por interesses econômicos e puro modismo. Atrás dos bastidores, as vozes comentam que até mesmo Karvadi não era muito diferente do nelore rosa, mas todos comentam em voz baixa, com receio da fogueira da Santa Inquisição.

O Nordeste e o resto do Brasil parece não fazer parte das preocupações da Entidade Mater do Zebu Brasileiro, o que é estranho, a priori, pois quanto mais Uberaba for se transformando numa metrópole, mais as raças rústicas irão se afastando, para ceder lugar às raças européias, por não ter encabeçado – a tempo – o trabalho de seleção para obter o zebu leiteiro. Nesse momento, a Meca deveria orientar, como uma obrigação moral, tal seleção, para continuar merecendo o respeito pelo relevante serviço que prestou até hoje e que, estaria demonstrando, pretenderia continuar prestando.

Pela via normal, mostra estar pretendendo uma cisão, o que ocorrerá quando os nordestinos descobrirem que sua salvação está na analogia, isto é, na análise das ocorrências verificadas em regiões semelhantes tanto no campo econômico, como político, como zootécnico e inclusive social. Os primeiros sintomas já começam a surgir. Manuel Dantas Vilar Filho, no pleno Curimataú paraibano, redescobriu o leite de zebu, com fartura. As leguminosas também estão sepultadas, mas podem bem à vista de quem quiser ver. O mesmo ocorrendo com o tipo de gado ideal, com as medidas políticas acertadas, com as soluções sociais corretas, porque tudo é análogo, porque o sol é o mesmo para todos, no Planeta Terra, e a História repete-se por ciclos, há muito tempo. As pesquisas que ora começam a ser realizadas estão comprovando o óbvio, pois a solução sempre esteve, analogicamente, à vista.

Por isso, os filósofos, os historiadores e os apreciadores de Heurística, deveriam ser ouvidos pela tecnocracia oficial, antes quanto o exame de técnicos.

A verdade foi escondida no Brasil, pelas festas, pelas Exposições, Registro Genealógico, etc. que Ariano Suassuna – com sua argúcia e genialidade – simboliza como "buates, televisão, perfume francês mas restaram, segundo ele mesmo frisa, "os adeptos das cabras, de Gandhi, dos profetas judaicos, antigos ou mais recentes", querendo mostrar os novos meandres e sua modalidade de ação, os nascidos pelo suor da experiência e busca do conhecimento.

O senso de efetuar analogia é inato, desde que haja dois fatos para serem analisados e, para criar obstáculo ao progresso, basta esconder um dos fatos e não mais será possível fazer analogia.

Foi o que aconteceu no Brasil, eis o nó górdio que acorrentou o Brasil por tanto tempo. Tudo o que se sabia, foi olvidado pelo procedimento denominado "modelo". O esforço do trabalho foi substituído pelos subsídios, créditos especiais, frente de trabalho e outros tipos de "esmolas" que desvalorizam, seguidamente, a iniciativa privada.

Cortaram o poder de análise e raciocínio do criador que se viu sem opção, a não ser obedecer aos ditames do Santo Pontífice, a Entidade Mater, o Banco, a Tecnoparasitocracia ululante, a empáfia até hoje, ocasião em que atingimos a quase-maturidade, ocasião em que costumamos chamar de "ou vai ou racha".

Ou a Meca assume o seu papel de orientadora, dentro do ponto de vista zootécnico, ou os criadores terão que optar por uma pecuária sensata e racional, compensadora e útil para a Nação, sem ser enganosa, sem ser subserviente, principalmente, no Nordeste, onde o homem precisa de uma pecuária de distração, de uma pecuária oscilante, mas de uma pecuária como meio-de-vida, como futuro garantido e certo, como recompensa pelo trabalho.

É o crepúsculo de um mito, para a verdade.

COMO MUDAR A POLÍTICA AGRÁRIA

HUMBERTO MANOEL DE FREITAS, nasceu em Pirpirituba, Estado da Paraíba. É casado. É Engenheiro Agrônomo pela escola de Agronomia do Nordeste de Areia-PB. Realizou viagens de estudos sobre sistemas de planejamento agrícola, programas de desenvolvimento rural integrado, políticas de mercado e comercialização da comunidade européia e sistema operacional dos serviços agrícolas à Itália, Egito, Índia, Espanha, Holanda e Bélgica. Foi Extensionista Agrícola, Assessor Técnico para Crédito Rural, Técnico em Planejamento Agrícola e Coordenador da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola do Rio Grande do Norte, cargos esses exercidos na ANCAR/RN. Atualmente é Secretário de Agricultura do Estado da Paraíba.

A aplicação da política nacional para o desenvolvimento da agropecuária pode apresentar uma série de facetas que, sendo devidamente analisadas poderão sugerir modificações importantes. O autor frisa ser um contrasenso não haver incentivos fiscais para exportação de produtos agrícolas e, também, por não poderem os exportadores se creditar — através de um crédito especial (similar ao IPI) — com o fim de se beneficiarem quando da compra de insumos e bens da indústria nacional. Uma análise minuciosa do que vem ocorrendo com a aplicação da política global, com muita pertinência para o momento.

As várias linhas de crédito rural precisam ser reexaminadas para evitar algumas distorções que vêm ocorrendo, notadamente no que se refere aos projetos especiais (Polonordeste e Sertanejo). A região semi-árida, campo de atuação do Projeto Sertanejo, também é abrangida pelo Polonordeste. O Polo é um programa integrado, envolvendo obras de infraestrutura social e econômica de grande alcance, além dos pequenos financiamentos a produtores rurais, através do crédito rural, destinados a investimentos diretos nas propriedades e ao custeio da produção. Já o Projeto Sertanejo é mais específico e atua mais diretamente nas propriedades. Acontece que os juros do Polonordeste são de 7 a 12 por cento, enquanto que o Projeto Sertanejo oferece para os investimentos juros de 2 por cento e prazo de reembolso de 20 anos com 6 de carência.

É natural que as vantagens da linha de crédito rural voltadas para o Projeto Sertanejo atraia a clientela e provoque gradativamente o esvaziamento do Polonordeste na zona semi-árida do Estado. Como esta área é mais carente que as demais jurisdicionadas pelo Polo, seria justo que aí os juros do crédito rural fossem unificados, permanecendo as taxas do Projeto Sertanejo para ambos os programas.

O problema já existe hoje e, se persistir, em futuro próximo, haverá um verdadeiro esvaziamento do Polonordeste nessa sua linha de atuação naquelas áreas.

REFLORESTAMENTO

No Nordeste, nos últimos 15 anos, foram desmatados 14 milhões de hectares. Há de se convir que, na área florestal do Nordeste estão concentradas 94 por cento das florestas de caatinga representando 7 por cento de todos os recursos florestais do Brasil, que compreende 347 milhões de hectares.

Esta grande deficiência de florestas, principalmente de densas florestas heterogêneas, poderia ter encontrado na política de incentivos fiscais um grande instrumento para o reflorestamento do Nordeste. Da região como um todo, apenas o Estado da Bahia é tido como área prioritária para florestamento. Todos os demais nao vêm sendo contemplados pelos investidores como opção, nem os próprios empresários nordestinos têm se mostrado estimulados para esta atividade. Anteriormente à criação do FISET, o grande número de projetos agropecuários contemplados com recursos dos artigos 34/18 foram mais voltados para a pecuária de corte e leite e as atividades agrícolas. As poucas atividades ligadas a florestamento foram a agroindústria do caju, mas viam muito mais a produção de frutos e pedúnculos e não a atividade florestal em si, como de grande valor econômico.

Após a criação do FISET, os recursos estão sendo destinados ao Sudeste e Sul e, ao lado das atividades de florestamento, estão sendo implantados centros madereiros como a Aracruz (ES), Flonibra (MG), Braskraft (SP), Paranaprint (PA) e outros menores agregados a grandes grupos de empresas estatais (siderúrgicas) e multinacionais (Sousa Cruz) — que têm um mercado de 635 bilhões de cigarros/ano, necessitando de um grande fornecimento de papel. Os grandes projetos de florestamento visam tornar o País auto-suficiente e até mesmo com excedente exportável de celulose. Para o Nordeste ficaria a celulose de cana-de-açúcar e da bucha do sisal.

No entanto, a atividade florestal tem objetivos muito mais amplos, como a indústria de móveis e da construção civil, embalagens, carrocerias de veículos, uso agrícola (estacas), indústria de couro e calçado (fornecimento de tanino), lenha para padarias, carvão vegetal, bem como para permitir o equilíbrio biológico para o desenvolvimento de várias culturas, a prática da pecuária (sombreamento) e manutenção da fauna (principalmente a silvestre).

A legislação sobre reflorestamento é seletiva. A portaria 08-DR do IBDF determinou que a área mínima de projetos é de 1.000 hectares, que poderá ser composta de até 10 subáreas, desde que as mesmas se localizem num círculo cujo raio seja de até 100 km. Isto vem dificultar ainda mais o estabelecimento de projetos em nosso meio, pela estrutura fundiária predominante. Ademais, verificamos que não é muito comum as atividades de associação entre os proprietários rurais.

É necessário que o Governo federal dê um tratamento especial ao problema de florestamento e reflorestamento no Nordeste, através da adoção de recursos inseridos nos programas especiais (Polonordeste e Sertanejo), ou mesmo crie um programa de reflorestamento para o Nordeste que permita a implantação de florestas densas heterogêneas, principalmente recuperando as espécies que vão gerar produtos e subprodutos para o crescimento do setor secundário.

EXPORTAÇÃO AGRÍCOLA

Os produtos agrícolas não são contemplados com incentivos fiscais para exportação. Ao contrário, a grande maioria de-

les é tributada. Como os incentivos fiscais foram concentrados sobre o IPI, e não sendo os exportadores agrícolas contribuintes desse tributo, as ações derivadas como a isenção e crédito do ICM, dedução do lucro tributável do IR sobre o valor das exportações, subsídios de taxas e benefícios sobre frete e utilização de equipamentos portuários e os subsídios creditícios-financeiros não alcançaram os produtores agrícolas.

É um contrasenso a falta de incentivos às exportações agrícolas, quando este setor cobra quase 70 por cento do valor das divisas e mais de 80 por cento do volume transportado e das operações portuárias.

O próprio diretor da CACEX, Benedito Moreira, em vários pronunciamentos se queixava da falta de agressividade dos industriais brasileiros, que recebendo toda a gama de incentivos para exportação, não se empenhavam para conquista de mercados, e estimava até quando o País ia viver às custas da agricultura. Também preconizava que, em face das constantes pressões sobre os subsídios dados pelo Brasil, por parte de vários países, principalmente os Estados Unidos e já em debates até na área do GATT, iria levar o Governo a reformular a política de incentivos brasileira, inclusive com algumas extensões aos produtos agrícolas.

Um dos subsídios a ser dado aos produtos agrícolas consiste em poder os exportadores agrícolas adquirentes de insumos e embalagens oriundas da indústria nacional, utilizarem uma conta especial de crédito de IPI, como se fossem contribuintes desse tributo, e utilizarem esse crédito, gerado como pagamento nas aquisições seguintes dos mesmos itens, ou terem restituição do Governo federal do crédito acumulado.

No âmbito do ICM, os governos estaduais não incluíram, na base do cálculo que iria formar o valor tributável, os itens incidentes do IPI, ficando este valor composto da matéria-prima e dos outros itens não tributados com IPI. Os produtos agrícolas inclusive poderiam pleitear alíquotas especiais para os produtos adquiridos quando da formação de crédito, objetivando formar produtos com preços competitivos. Os maiores beneficiados com essa política são os produtos hortifrutigranjeiros, que necessitam de acondicionamento especial para serem exportados. No caso específico da Paraíba, o principal beneficiado seria o abacaxi, atualmente em fase de promoção através do convênio BNB/Secretaria da Agricultura, junto à Comunidade Econômica Européia.

MÃO-DE-OBRA

O desenvolvimento do ensino superior no Nordeste, vem ocasionando uma oferta crescente de técnicos que não vem sendo aproveitada imediatamente pelo setor privado sob a alegação de que a falta de experiência conduz a uma baixa produtividade e em conseqüência disso, a elevação dos custos operacionais.

No setor agropecuário no Nordeste o grande empregador é o governo, ficando a empresa privada em uma condição secundária. No entanto, nós sabemos que o desenvolvimento do setor depende em larga escala de mão-de-obra especializada. A maioria dos projetos agropecuários existentes em nosso Estado, não mantêm técnicos de nível superior (agrônomos, veterinários, zootecnistas etc), em tempo integral para o desenvolvimento de suas atividades.

Os incentivos oferecidos através da Lei 6.297, deviam ser reformulados para contemplar os técnicos de nível superior recém-formados. Desta forma todas as empresas agropecuárias ao empregar técnicos recém-formados da área agronômica em atividades de sua profissão, poderiam deduzir, para fins de Imposto de Renda, 50 por cento da remuneração básica, excluídas as obrigações sociais, durante o primeiro ano de trabalho do técnico em uma empresa ou em empresas de grupos associados, como despesa de treinamento, limitando-se aos 30 por cento do lucro tributável preconizado na lei. Esta dedução deve ser consignada à parte, das deduções por custeio operacional (despesa com pessoal) normalmente já concedidas pela legislação do I. R.

PROJETOS AGROPECUÁRIOS

Através da utilização dos incentivos fiscais 34/18 e posteriormente Finor ram implantados ou estão em impl ção vários projetos agropecuários. O cursos, com algumas poucas exce não tiveram na sua aplicação o rigor de empreendimentos formados com cursos próprios. Inúmeras falhas part ram esse setor, com projetos elabor mais voltados para obter aprovação que para revelar a escala e os exat sultados da exploração. A fase em q captação dos recursos era feita atrav terceiros foi marcada pelos altos cu de corretagem, não computados nos culos dos projetos, o que, em conse qu cia, alongava o período de implanta reduzia os resultados a níveis abaixo previsões.

As grandes deficiências da adminis ção rural, para projetos em uma re onde a agricultura e a pecuária apre tam baixa produtividade, além da f de tecnologia de pós-colheita e co cialização inadequada, vinham agra ainda mais a exequibilidade desses pro tos agropecuários.

Há necessidade de se especializar esses projetos com a ampliação de ince tivos destinados a pequena irrigação incentivos e à comercialização da prod ção através de cooperativas ou empre públicas voltadas para o mercado inter e externo. Os projetos agropecuários p derão associar-se a projetos agroind triais, passando a ser fornecedores de m térias-primas desenvolvidas para o cons mo industrial, gerando assim integra vertical das atividades.

Outra atividade para os projetos agr pecuários é registrar-se como produtor sementes certificadas. O Estado da Para ba, chegando a produzir suas próp necessidades em semente, poderá que etapas para o seu desenvolvimento agr pecuário. Com esta atividade deixaría de anualmente estarmos importan sementes, já que a produção sendo or do do próprio Estado, fortalecerá a ger ção de sementes fiscalizadas.

NINGUÉM PODE PERDER

GRANDE EXPOSIÇÃO PARAIBANA, Campina Grande — 10 a 17 de dezembro/1978
GRANDE EXPOSIÇÃO BAHIANA, Salvador — 14 a 21 de janeiro/1978
XV EXPOSIÇÃO DE ITAPETINGA, Bahia — 11 a 18 de fevereiro/1978

O CENÁRIO DAS GRANDES PRESENÇAS DO MUNDO AGROPECUÁRIO NORDESTINO.

Em Salvador, o maior Parque de Exposições do Nordeste, em Itapetinga, a mais tradicional e disputada festa, numa cidade voltada para o progresso da pecuária. Na Paraíba, onde germinam grandes rebanhos e uma nova mentalidade agropecuária.

SEM SUA PRESENÇA, A FESTA SERÁ UM POUCO MENOR.

UMA RAÇA PARA O NORDESTE

JOSÉ RESENDE PERES, um dos mais discutidos líderes do panorama agropecuário moderno, com voz ativa em todo território nacional, atual Secretário da Agricultura do Rio de Janeiro, é conhecido pela coragem com que divulga seus pontos de vista. Incontestavelmente, o Estado do Rio de Janeiro sofreu uma modificação radical, durante a atual administração, o que credencia, por si só, as iniciativas de J.R.Peres

(Natal, RN, 8/10) Criadores de Guzerá de 10 Estados, até do Paraná, a milhares de quilômetros, trouxeram 430 animais para exibirem na III Exposição Nacional da Raça Guzerá. Esta é a maior exposição da raça realizada até hoje no mundo, e sem dúvida também a melhor. Principalmente, é muito oportuna, porque a pecuária, depois de quatro anos de castigo, entrou num novo ciclo, e por muitos anos será o melhor negócio do Brasil. Oportuna, porque o Nordeste é muito mais do boi do que da lavoura, pois se mesmo em terras férteis no Centro-Sul muitos fazendeiros estão semeando capim em terras de milho e feijão, como insistir na precária lavoura nordestina de milho, feijão-de-corda, mandioca, cana em morros ou mesmo algodão, com apenas 600 m/m de chuva? Quem ficou rico aqui no RN plantando milho? Certamente que ninguém, e de geração em geração a miséria é uma constante. E no entanto, a vocação da área para a pecuária tem sido mal explorada, pouco explorada, pois o Estado é grande importador de carne e leite.

Isto faz pensar que não há nada de mais urgente neste país do que um Zoneamento Pecuário, indicando a vocação de cada região, a produção de carne ou leite, as forrageiras mais adequadas e, sobretudo, a raça pura ou cruzamento mais indicado. O que o IBC vem fazendo com o café, não financiando o plantio em áreas impróprias, deve ser feito também com a pecuária, pois é inacreditável o desperdício em investimentos em raças inadequadas.

A SUDENE, com projetos aprovados por tecnoburocratas despreparados, cometeu o erro de encher o Nordeste de Nelore, uma raça de corte numa área que importa leite, uma raça exigente em pastagens luxuriantes onde a caatinga impera.

O Nelore veio da Índia da região mais fértil, o famoso solo negro do trigo, e quando transferido para regiões de pastagens pobres ele "encabrita". Já o Guzerá, criado milenarmente em região pior do que os Cariris Velhos da Paraíba, quando chega ao Brasil aumenta de porte.

Na Guerra, quando fui soldado do 1o. BCC em Recife, aprendi Zootecnia sem saber: os soldados oriundos de famílias ricas emagreciam com o "rancho" do Exército; os vindos de mocambos e favelas engordavam..

Além de raça exigente, o Nelore não produz leite, e em áreas onde há que se dar concentrados na seca, pela simples sobrevivência, como não ter leite para pagar o farelo de algodão? É preciso que o Diretor de Crédito Rural do Banco Central faça circular à rede bancária proibindo o financiamento de Nelore para a faixa semi-árida. **Para o Nordeste, a solução está no Guzerá e no Gir, se possível de linhagem leiteira, e nas bacias leiteiras, vacada Euro-Guzerá ou Euro-Gir, ou ainda Pitangueiras e Lavínia. De europeu, financiar apenas touros de alta linhagem leiteira das raças Holandesa, Suíça, Jersey, Simental ou Guernsey. Jamais uma vaca, salvo para selecionadores que se proponham a produzir tourinhos, e não à produção de leite.**

Ratzel disse que a terra determina a vida do homem de uma forma brutal. E muito mais dos animais, que têm menos defesa contra a adversidade ecológica. Urge que se vá substituindo culturas lotéricas por uma pecuária moderna, com base no Guzerá. Se é antieconômico irrigar grandes áreas para milho e muitas culturas é perfeitamente viável irrigar capineiras de capim Camerum, e em cada fazenda, manter pequenos canaviais para melhorar a palatabilidade do capim picado.

Dizem que esta idéia provocaria êxodo rural. **Ora, que interesse há em manter párias em regiões áridas?** Por que não estimular a instalação de agroindústrias, de alta possibilidade como no caso de laticínios e sucos e doces de frutas? **Ou ainda, por que não transferir para regiões de solos bons, e com bom índice pluviométrico, o excedente populacional, como no Norte de Mato Grosso ou no próprio Maranhão?** E já está na hora de uma campanha nacional de **controle de natalidade,** porque não se pode entender que um casal que às vezes não recebe nem Cr$ 2.000,00 por mês tenha 8 a 10 filhos, numa **fábrica de infelizes.** Assim não há PIB que resista. Eu cada vez creio mais no futuro do Brasil, porque é um país que cresce a despeito da oficialização de erros inacreditáveis. Se passarem a ouvir mais os empresários do que os teóricos, se acreditarem mais nos peritos autênticos do que na palavra dos que são levados a altos cargos sem o menor preparo, sem vivência da economia brasileira, até o fim do século seremos a terceira potência mundial. Amostras disto temos em Estados bem governados, em governos como é o de **Faria Lima** no Rio, ou de **Tarcísio Maia** no Rio Grande do Norte. Quando há honestidade, boa escolha de equipe e amor a este País, a resposta aparece rapidamente.

Parabéns a **Bernhard Winkler,** o dinâmico presidente da Associação do Guzerá, aos criadores que não mediram sacrifícios para levar seus animais a milhares de quilômetros, e ao Governo do RN pelo apoio decisivo. Estão certos. O Guzerá é a raça para salvar o Nordeste.

NAMBU-JP, neto de Kuni - melhor vaca leiteira guzerá importada da Índia. Um dos reprodutores da Estância Kankrej, com sêmen disponível na Tourampola.

AMARGOSA — o exemplo da coragem nordestina

Pressionada por todos os lados, num clima inóspito, com centenas de problemas e a economia decadente, Amargosa viu a possibilidade de se recuperar através da Pecuária e — vestindo a coragem e valentia nordestina — construiu um Parque de Exposições em 50 dias, utilizando apenas ENXADA e o suor de toda sua população. Durante os discursos da inauguração soava, aqui e acolá, o som do martelo pregando as últimas tábuas, enquanto diversos operários esticavam os fios de luzes por todos os lados, no meio da multidão em festa!

A HISTÓRIA

Há muitos anos, corria verdadeira fortuna em Amargosa, por causa do fumo e do café, considerados de excelente qualidade. A exportação era segura e todos lutavam e lucravam. Depois, a política mudou, o café foi erradicado, o fumo foi desprezado e a cidade perdeu seu movimento, seu ritmo inebriante, caiu no descaso e no esquecimento, sem um meio de vida próprio, banhada apenas pela dureza do clima do interior agreste da Bahia. Dos bons tempos restou apenas o nome de "Cidade Jardim".

O povo todo foi ver o novo Parque.

O 1o. jornal da vibrante cidade foi "Echo Amargoense", de 1884, tendo editado até hoje mais de 40 jornais diferentes, numa luta constante em direção ao futuro.

Sem solução, sem condições para a luta, em pleno processo de esvaziamento, Amargosa viu a pecuária surgir no horizonte como uma futura solução e plantou alguns hectares de capim bracchiária. Hoje, a cidade desfruta o nome de "capital da bracchiária", tal a extensão de terras plantadas. O gado foi chegando, a vida foi voltando, mas faltava a estrutura de comercialização, faltava o ritmo alegre de um Parque de Exposições.

A Cooperativa Agropecuária de Amargosa — COAMAR resolveu ressuscitar a Cidade Jardim, embora não houvesse as mínimas condições para o sucesso: não havia hotel, nem capim, nem reação, nem água, nem suporte financeiro para construir sequer um curral, nem políticos que pudessem pleitear recursos oficiais. Tudo precisaria ser feito de uma só vez.

O presidente da COAMAR, Jorge Sales conclamou para a luta um grupo de bravos que logo aprovou a iniciativa. Eram eles, José Eduardo Santana, gerente do Banco do Brasil, José Geraldo Vaz Almeida, da Emater-BA, Dalvo Maia Sales, Marival Lomanto Maimone. Estes cinco homens, unidos, a custo de suor, lágrimas e sangue, teriam como objetivo — daí para a frente — construir um Parque de Exposições em Amargosa, em 50 dias.

O arquiteto Augusto Xavier da Silveira não viu as noites passarem e o Projeto foi concluído em tempo record, envolvendo 16 pavilhões para exporsições de bois e 2 para cavalos, 1 pavilhão para Bancos, posto de resfriamento, Bloco de Administração, reservatório de água subterrânea para 50.000 litros e outro externo para 5.000 litros, pista de desfile e arquibancada para 1.000 pessoas, rampa de embarque e desembarque, 94 currais, 2 galpões para concurso leiteiro, motel com piscina e estacionamento, além das diversas áreas normais e comuns a qualquer parque do gênero. Executar tudo seria impossível e a Cooperativa determinou a construção das obras mais importantes, deixando o restante para a 2a. Exposição, em 1979.

A FESTA

A inauguração foi saudada com veementes discursos de José Eduardo Santana, Padre João Nilton Sousa Santos, José Geraldo Vaz de Almeida, e o representante do Governo Dr. Luis Antônio Serra

Apenas 50 dias, na base da enxada, coragem e suor de todos.

Saraiva. Todo o povo aplaudiu as palavras de Jorge Sales, sem dúvida, o maior responsável pelo arrojo das obras e seu discurso inflamado sintetiza o espírito da iniciativa corajosa:

As autoridades reconheceram o esforço dos intrépidos pioneiros.

" — Eis aqui o Parque de Exposições de Amargosa e também sua 1a. Exposição Agropecuária, fruto de muito idealismo e amor do povo pela sua terra. Não há mérito especial, pois todas as forças foram reunidas para caminhar juntas, daqui para a frente e grande será o dia de amanhã. Muitos duvidaram, outros recusaram-se a participar do sacrifício, outros alegaram que jamais obteríamos um financiamento para as obras, outros ainda disseram que isso era um sonho, mas — depois de tudo — após definir o local, depois de fincar o primeiro poste no chão, o Parque aqui está, pronto, construído em apenas 50 dias, apenas seis semanas de trabalho duro e nós queremos agradecer a todos os operários de Amargosa que realizaram esse esforço conosco, desde o alvorecer até a meia-noite, diariamente.

— É na época de crise que Amargosa enfrenta e vem aumentar sua força para o futuro e este Parque vem provar que os pecuaristas de Amargosa têm força para ajudar a Nação inteira. Enquanto perde-se tempo com um processo de industrialização, nossa cidade — como tantas outras — ia se consumindo, perdendo suas forças.

— Foi aí que vimos que a única solução era consolidar a pecuária, sua bacia leiteira, através da Cooperativa, através da união de todos. Naquela ocasião, o Banco do Brasil autorizou um repasse para aquisição de 520 matrizes e a cooperativa implantou um posto de 500 litros, era o início. Hoje estamos com capacidade para 4.000 litros.

Alegre e risonho grupo das recepcionistas, um toque singelo em todo o Parque.

— Amargosa, a Cidade Jardim, sem ajuda, transforma-se na capital da bracchária, sem máquinas, sem técnicas sofisticadas, na base da enxada, sendo a maior da Bahia. Nossa cidade veio mostrar que o Cooperativismo é a salvação do País, pois o governo é pequeno para ajudar as cooperativas, mas elas podem ajudar o governo. A união de todos é a salvação.

— Nossa cooperativa, com 714 associados, teve o apoio de apenas 83 deles e desse apoio nós tivemos como resultado esse Parque que hoje estamos inaugurando. Nossa região, no entanto, conta com 80.000 produtores rurais, não cooperativados e, no dia em que esses resolverem aderir, nós construiremos até indústrias para beneficiar os produtores do campo, indústrias para o leite e pretendemos fazer isso dentro de muito pouco tempo, pois essa é a única realidade para endireitar a situação.

— Estamos aqui, também, para responder às pessoas que disseram que não havia hospedagem em Amargosa, nem capim, nem água, nem nada. Essas pessoas podem olhar, agora, um Parque de Exposição e podemos garantir que teremos Exposições maiores, pois essa é a 1a. Exposição."

As instalações foram aprovadas pelo Governo.

O Parque foi inaugurado com muita festa e o Governo do Estado, na pessoa do Dr. Saraiva deixou claro que aprovava as obras, frisando que a inspeção mostrava a excelência das instalações, um legítimo sucesso da iniciativa de alguns poucos pioneiros.

No momento em que o Nordeste tenta uma solução digna e merecida, no sentido de realizar com as próprias mãos um sensato trabalho que possa vir a ser compensador, Amargosa surge como um novo símbolo, o trabalho de todos gerando um lucro para todos, em pleno ano de 1978.

Agora, os esforços estão reunidos: Emater, Empresas privadas, Bancos, Sindicato Rural, Cooperativa, todos juntos apoiando a abnegação, o esforço, a intrepidez e valentia do heróico punhado de pessoas que levou adiante, sob o sol e a chuva, a idéia de plantar um Parque de Exposições.

RESULTADO DO JULGAMENTO

Cerca de 300 animais estiveram nas baias, tendo entrado para julgamento. Os juizes foram: Dr. Luis Antônio Serra Saraiva (Nelore, Nelore mocho e Indubrasil), Dr. Hans Otto Sturken (Holandês) e Dr. Jackson Cardoso de Sousa (demais raças).

Pela contagem de pontos verificou-se que o Melhor Expositor foi Joel Antônio e Fidélis com 331 pontos, seguido de Jotamachado Engenharia, com 235 pontos e Fernando Nilo Alvarenga, com 143 pontos.

A maior representação foi de Nelore e os premiados foram os seguintes: UEZAM DA SORAYA (Grande Campeão e Campeão Sênior) de Joel Antônio e Fidélis, VANGANO DA SORAYA (Reservado Grande Campeão e Campeão Touro Jovem) de Clóvis Camelier. FAILAN DO DIAMANTE (Reservado Campeão Sênior) de Jotamachado Engenharia. OPERA DA GUANABARA (Grande Campeã e Campeã Júnior) de Joel Antônio e Fidélis. HORA DO DIAMANTE (Reservada Grande Campeã) de Jotamachado. HEBARY DO DIAMANTE (Campeão Bezerro) de Jotamachado. HONCARY DO DIAMANTE (Reservado Campeão Bezerro) de Jotamachado. HORA DO DIAMANTE

(Campeã Bezerra) de Jotamachado. TAGE DAS REUNIDAS (Campeão Júnior) de Joel Antônio e Fidélis. HADORO DO DIAMANTE (Reservado Campeão Júnior) de Jotamachado. ULINE DAS REUNIDAS (Reservada Campeã Júnior) de Joel Antônio e Fidélis. PILÃO DO MANOINO (Reservado Campeão Touro Jovem) de Joel Antonio e Fidélis. O Melhor Conjunto Progênie de Pai foi de Jotamachado. HETERO DO DIAMANTE (Campeão Frigorífico) de Jotamachado.

Vieram criadores de muitas regiões.

Na raça Nelore Variedade Mocha, o grande destaque foi do Sr. Antônio do Vale Angeras que arrebatou os prêmios, incluindo um Progênie de Pai.

Na raça mocha tipo Tabapuã, o destacado foi o Sr. Alirio Alves da Silva.

Na raça Guzerá, o principal animal foi MANDARINO DA SORAYA (Campeão Sênior), de Marfisa Barreto Vita.

Na raça Indubrasil, o mais premiado foi o criador José Luiz Del Corral Sanches.

Na raça Holandesa PC preta e branca, foram destacados os animais: CHARCO YOLA BOOKMAKER (Campeão Touro Jovem) de Nilo Alvarenga. ROCKETS DE SANTA ADELAIDE (Reservado Campeão Touro Jovem) de Hamilton Pereira do Nascimento. BARÃO DAMA COQUEIRO (Campeão Júnior) de Nilo Alvarenga. SIDNEI AREAL (Reservado Campeão Júnior) de Nilo Alvarenga e BONECA DE SÃO DIOGO (Campeão Vaca Jovem) de José Geraldo Vaz Almeida.

Na raça Holandesa PO preta e branca destacaram-se: LAMURI QUEZOM (Campeão Touro Jovem) de Geraldo Sampaio Pereira. ROBLES NOGALES (Reservado Campeão Touro Jovem) de José Geraldo Paes Almeida. MONTGOMERRY (Campeão Bezerro) de Nilo Alvarenga. AREAL ROBSON (Reservado Campeão Bezerro) de Nilo Alvarenga.

Na raça Chianina destacou-se JIVAGO DE SANTA ROSA (Campeão Júnior) de Simon Carl Epstein.

Na raça Santa Gertrudis destacou-se o criador Antônio Lauro Costa.

Na raça Normanda destacaram-se SOUCI 102 (Campeão Sênior) de Carmelo Tavares de Souza. SANTA CATARINA 413 (Campeã Vaca Jovem) de Carmelo Tavares de Souza.

Na raça Charolesa destacou-se o expositor Escritório Rural Serrano Ltda.

Na raça Schwyz destacaram-se CHAPISCO (Campeão Bezerro) de José Lindolfo e TIRANO (Reservado Campeão Bezerro) do mesmo criador.

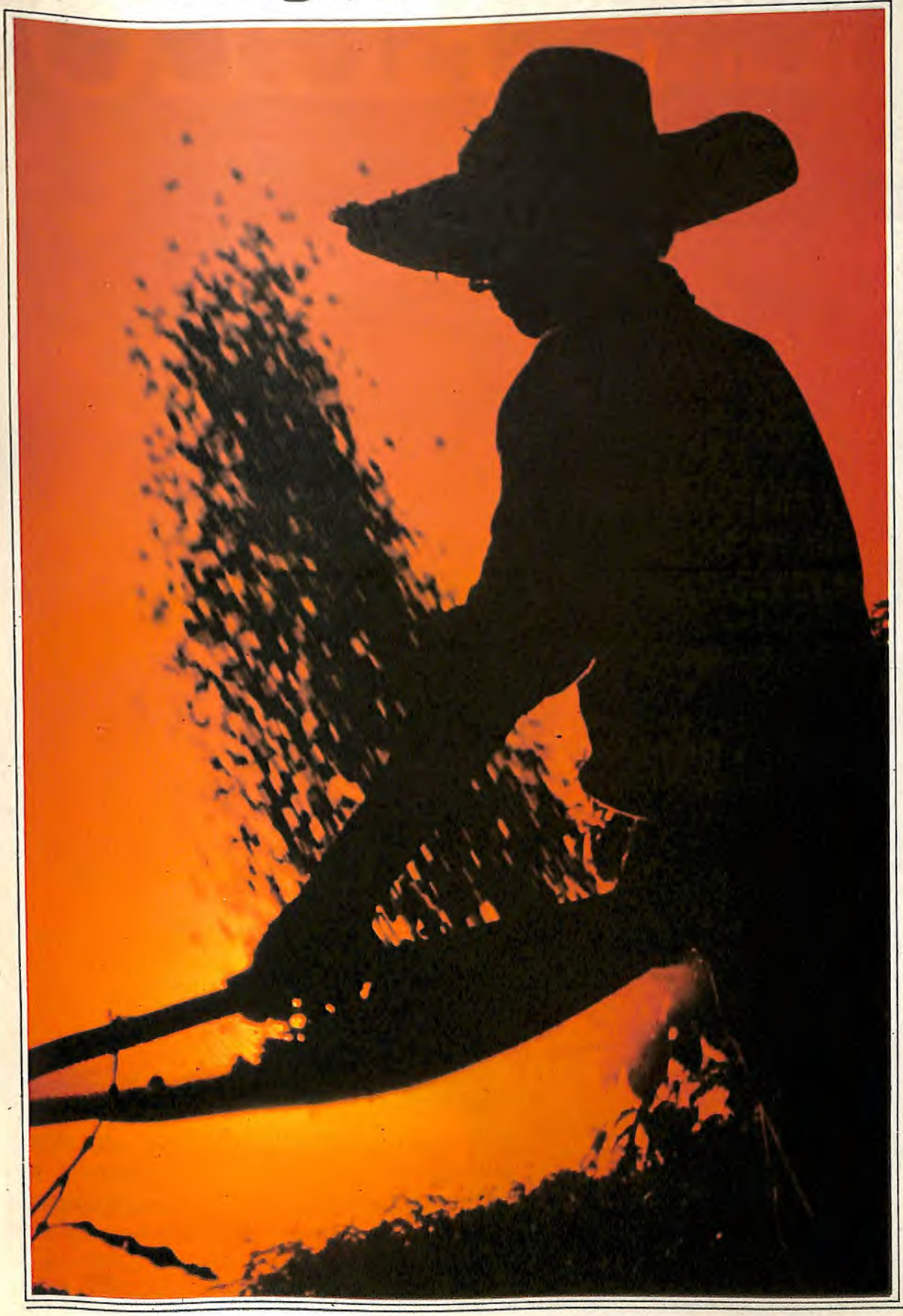
FINAL FELIZ

A cidade de Amargosa viu-se pequena para atender a todos os criadores que vieram ver o novo Parque, construído em apenas 50 dias, constatando que a hospitalidade era elogiável, quer em hotéis, conventos, seminários, ou residências alugadas. Cerca de 50 barracas serviam quitutes típicos sertanejos e baianos, enquanto um moderno parque de diversões atraía a multidão de jovens que há muito não via tanta animação.

E, dessa maneira, apesar de todos os problemas, Amargosa teve a sua Exposição, com grande sucesso, tornando-se um símbolo de gente trabalhadora, de gente que sabe o que quer o que não teme enfrentar os obstáculos em direção a um futuro mais promissor. Assim foi que Amargosa deixou de ser uma pequenina cidade do interior da Bahia para se tornar uma estrela nova, brilhante, no cenário brasileiro, devido à coragem de seu povo batalhador ... um vivo exemplo para todo o Nordeste!

Todos lutaram e nada faltou, o brilho da festa foi geral.

O Econômico conhece o nosso gado, o nosso trigo, o nosso feijão, a terra da gente.



Em 1834, quando ainda se chamava Caixa Econômica da Bahia, o Banco da gente já financiava os fazendeiros.

De lá para cá, todas as principais etapas do desenvolvimento brasileiro, inclusive o agropecuário, contaram com o seu apoio financeiro.

Essa experiência, acumulada ao longo de quase um século e meio, deu ao Econômico um profundo conhecimento de nossa Agricultura e Pecuária.

Por isso, ao necessitar de crédito para a sua fazenda, converse com quem fala do assunto com os pés no chão.

Quem conhece bem a terra da gente, compreende melhor os problemas da gente.

ECONÔMICO

O Banco da gente.

Crédito Rural é com a gente.

Fazendas Reunidas BELO

JOEL,

BR-101, Km 262 — CONCEIÇ

UEZAM DA SORAYA
1555
49 meses
950 kg

- GRANDE CAMPE
- CAMPEÃO SÊNIO
- CAMPEÃO FRIGO
- RESERV. CAMPE
- RESERV. CAMPE
  GRANDE CAMPE

- CAMPEÃO TOU
- RESERV. CAMP

MELHOR EXPOSITOR

Em Amargosa/78 com 331 pontos.
8 CAMPEONATOS
2 Primeiros Prêmios
1 Segundo Prêmio
2 Menção Honrosa

OPERA NA GUANABARA, RG 1055, f
de Bhodal C-59, RG A-1316 e Epop
250-GB, RG L-9671 — Campeã Júnior/Am
gosa/78 e Reserv. Campeã Bezerra e Rese
Grande Campeã/Mundo Novo/78 — 25 mes
508 Kg.

HORIZONTE

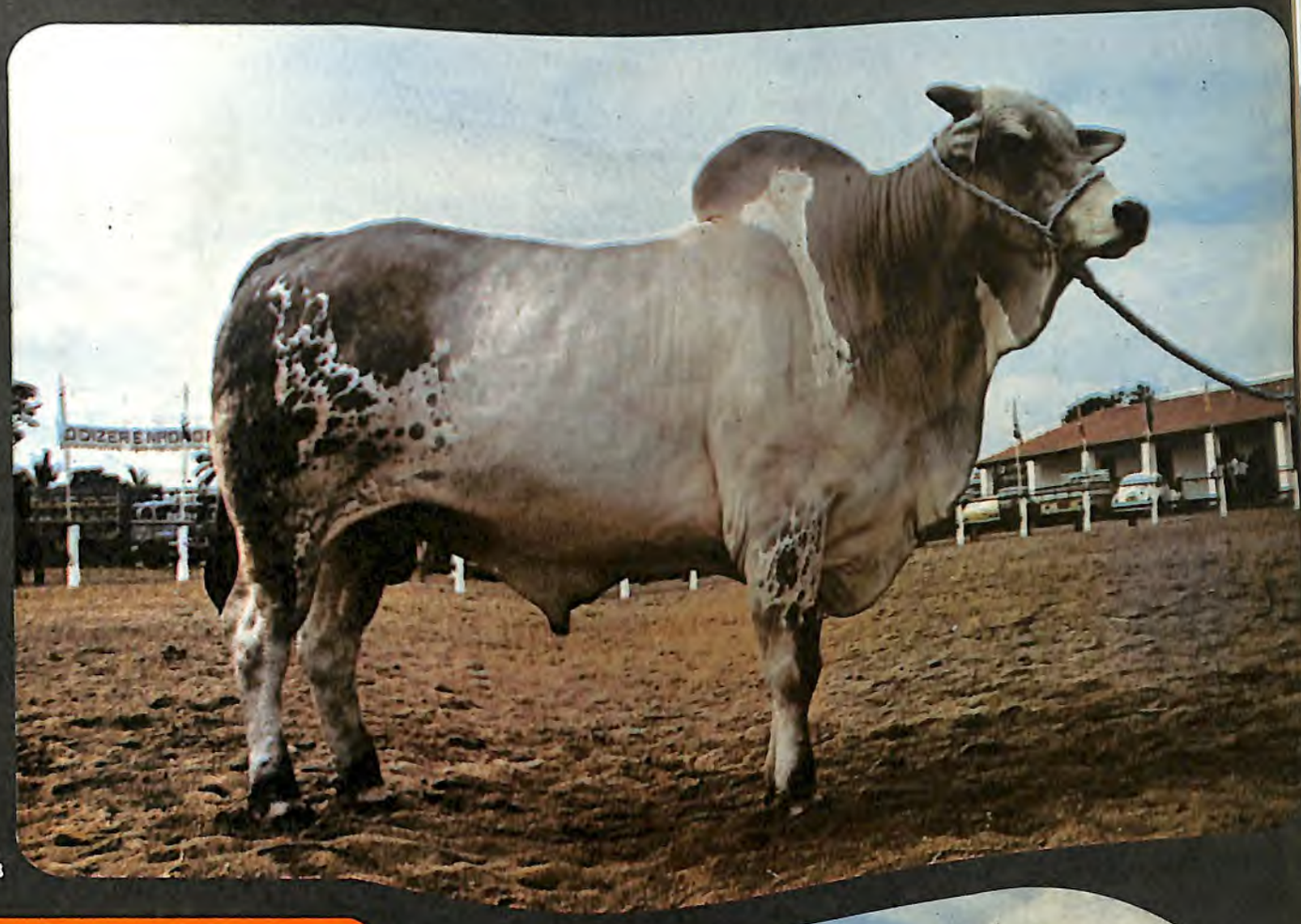
NIO E FIDELIS

ALMEIDA – CEP 44.540 – BAHIA

RAÇA – Amargosa/78
margosa/78
O – Jequié/76
RO JOVEM – Rui Barbosa/77
IOR e RESERV
undo Novo/78

PILÃO DO MANOINO
2418
40 meses
835 kg.

VEM – Mundo Novo/78
TOURO JOVEM – Amargosa/78



Escritório Comercial
SALVADOR, BA
Pça. da Sé, 7 – Edif. Themis, salas 201/2
Fone: 3.7069

TAGE DAS REUNIDAS, RG 065 – 25 meses, 612 Kg. Filho de Taghore RG-4338 e Asa RG-A-4534. Campeão Júnior/Amargosa/78.

JOTAMACHADO

FAZENDA DIAMANTE
FEIRA DE SANTANA – BAHIA

NELORE
Puro de Origem,
das melhores
linhagens
importadas da Índia
desde 1906

JM/2450 FAILAN DO DIAMANTE
B-4474
880 kg. 39 meses

- TAJ-MAHAL (IMP)
- JM/1387 JURUJUBA DO DIAMANTE (OM)

- GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA – Itapetinga/78
- CAMPEÃO TOURO JOVEM – Itapetinga/78

Mantemos a nossa tradição identificada com a evolução econômica do Nelore no Brasil.

Em AMARGOSA, novembro/78, além de outros SETE Campeonatos, levantamos – pela 10a. vez – O CONJUNTO CAMPEÃO DE PROGÊNIE, com Filhos de TAGHORE, RG 4338:

- Taghore x Araponga do Diamante (Karvadi x OM) = HEBARI DO DIAMANTE, 12 meses, 390 kg – CAMPEÃO BEZERRO.
- Taghore x Roladeira do Diamante (Karvadi x OM) = HONKARI DO DIAMANTE, 13 meses, 370 kg – Res. CAMPEÃO BEZERRO.
- Taghore x Dina do Diamante (Kurupathi x Karvadi x OM) = HIDRATO DO DIAMANTE, 14 meses, 350 kg – MENÇÃO HONROSA.
- Taghore x Dinamarca do Diamante (OM) = HILLAN DO DIAMANTE, 14 meses, 380 kg. MENÇÃO HONROSA.

SALVADOR, BA
CEP 40.000

contato OCTÁVIO MACHADO NETO
Av. Manoel Dias da Silva, 2269 – Pituba
Telefones: (071) 248.0340/248.0997/248.0775.

Em Natal, o melhor GUZERÁ do Mundo

IIIa. Exposição Nacional da Raça – 1978

Um significativo evento para o melhoramento da pecuária nacional acaba de se realizar, a IIIa. Exposição Nacional da Raça Guzerá, em Natal, RN – de 8 a 15 de outubro – com a presença dos maiores selecionadores do Brasil e suas representações, num total de 430 animais, que foram considerados o que de melhor existe, em termos de Guzerá, no Brasil.

O ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli; o Presidente da Associação Nacional dos Criadores da Raça Guzerá, Bernhard Winkler; o Governador Tarcísio Maia; o Governador-eleito Lavoisier Maia, o Vice-Governador-eleito Geraldo José de Melo; o Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro José Resende Peres; o Secretário da Agricultura do Rio Grande do Norte Haroldo de Sá Bezerra; o Presidente da ABCZ, Manoel Carlos Barbosa; realizaram, juntamente com outras importantes personalidades, a abertura da FESTA DO BOI, que mostrou um dinamismo ímpar, desde o primeiro dia.

GENERAL-H, o Grande Campeão da Raça

NICARÁGUA-S, Grande Campeã da Raça

O Governador Tarcísio Maia frisou, em seu discurso, que havia pretendido orientar a agropecuária do Rio Grande do Norte, com soluções novas e perenes, e esse era o motivo de apoiar a Exposição Nacional, para que a agropecuária continuasse sendo prioritária nos próximos governos, introduzindo uma raça que realmente pudesse se adequar ao clima tropical.

O Presidente da Associação Bernhard Winkler salientou que a intenção evidente era incrementar, em toda a região nordestina, o desenvolvimento de uma pecuária adequada, onde os principais fatores sejam o econômico e o genético, podendo tais fatores serem verificados no próprio recinto, pelo porte majestoso, aptidão leiteira e rusticidade em seu mais elevado grau, sendo de grande importância para a pecuária do semiárido.

O ministro Alysson Paulinelli evidenciou que o Brasil já apresenta condições de suprir a demanda interna, bastando vencer a época de crise que se abateu sobre a pecuária e pregando otimismo, pois a Nação está entrando em uma nova fase, onde, forçosamente, a agropecuária terá que ser considerada como prioridade nacional, para poder equilibrar sua economia e inclusive, propiciar as ferramentas para o combate à inflação.

A RAÇA GUZERÁ

A Exposição Nacional tinha dois significados de profundo alcance. O primeiro era criar a oportunidade para verificar e analisar o atual estágio de desenvolvimento da raça Guzerá, visando proporcionar conhecimentos para a melhor e mais objetiva orientação dos trabalhos de seleção.

O segundo era adequar a Exposição a uma região típica para a criação de gado rústico, para cruzamentos de carne e leite. A realização do evento na cidade de Natal garantia aos pecuaristas de todo o Nordeste, palco de uma arrancada expressiva da pecuária atual, uma oportunidade singular para verificar de perto tudo o que desejassem conhecer da raça Guzerá, em termos zootécnicos e econômicos, e a possibilidade de aquisição de reprodutores machos e fêmeas da melhor qualidade, por preço de acordo com as reais condições de mercado, pois os animais seriam vendidos somente em Leilão. A iniciativa, portanto, haveria de causar impactos altamente benéficos e estimulantes para o desenvolvimento da produção bovina, no Nordeste.

DESTINTO II, Campeão Touro Jovem

O Guzerá, hoje, é a terceira mais numerosa entre as raças zebuínas, conforme os números de registros genealógicos, sendo o mais usado para cruzamentos, a forma moderna de dinamização da produção bovina, constituindo a base de formação para as raças Indubrasil, Lavínia e Pitangueiras, estando presente também no Mocho-Tabapuã, e no Canchim. Seus cruzamentos com Holandês e Schwyz, para produção de leite, e com Chianino para carne, são de sucesso conhecido.

TARGANA-S, Campeã Vaca Jovem e Reserv. Grande Campeã

Até hoje, os resultados mais expressivos, são:

- 174,6 kg de ganho de peso em 140 dias, ou seja, 1,247 kg/dia.
- 5.650 kg de leite em 365 dias, ou 15,5 kg/dia.
- 14,5% de gordura em uma ordenha.

Desde o amanhecer até o anoitecer, os criadores lotavam as arquibancadas

Esses resultados fizeram do guzerá uma grande opção para os pecuaristas de outros países, sendo que dezenas deles, na África, América Central, América Latina e América do Norte, já realizaram importações do Brasil.

JULGAMENTO DE CAMPEÕES

Desde o nascer do dia, dezenas de selelecionadores ocupavam seus lugares no pavilhão, para assistir os julgamentos, comandados pelo Dr. Alfonso G. A. Tundisi, tendo como conselheiros o Dr. Suetônio Barbosa da Silva e Dr. João Pessoa de Souza. Cabe ilustrar que, para definição do Grande Campeão da Raça e Campeão Frigorífico, o juiz solicitou o parecer de dois outros renomados juízes: o Dr. Donald Wilfred Strang e Dr. Roberto Ennio V. Lamounier.

Por diversas vezes, os atentos criadores prorromperam em palmas, mostrando que a peleja não se verificava apenas na arena.

O juiz declarou que "nunca havia visto, de uma só vez, tanto guzerá de alto nível. Sem dúvida, frisou, o melhor guzerá do Brasil está aqui, hoje."

Os resultados foram os seguintes:

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL DOS PRÊMIOS

Para efeito da análise de distribuição nacional de prêmios cabe analisar a procedência dos expositores, a saber:

Total: 29. São Paulo, 4. Minas Gerais, 5. Rio de Janeiro, 2. Pernambuco, 6. Rio Grande do Norte, 4. Paraná, 2. Paraíba, 2. Espírito Santo, Alagoas, Distrito Federal e Ceará, apenas 1 cada, configurando o seguinte mapa:

Expositores

Lançando-se apenas os expositores premiados a configuração passa a ser a seguinte:

Campeões e Reserv.

QUADRO 1 – CAMPEÕES E RESERVADOS DA EXPOSIÇÃO NACIONAL – 78

FÊMEAS		
FADA	Reserv. Campeã Bezerra	IONE LAGE DE OMENA (AL)
BARODA	Campeã Bezerra	CAMILO COLLIER FILHO (PE)
ALEGORIA	Reserv. Campeã Júnior	CAMILO COLLIER FILHO (PE)
ACARI-S	Campeã Júnior	ERNESTO DE SALVO (MG)
DIADEMA MAIA	Reserv. Campeã Vaca Jovem	CAMILO COLLIER FILHO (PE)
TARGANA-S	Campeã Vaca Jovem e Reserv. Grande Campeã	ERNESTO DE SALVO (MG)
PAINEIRA-S	Reserv. Campeã Sênior	ERNESTO DE SALVO (MG)
NICARÁGUA-S	Campeã Sênior e Grande Campeã	ERNESTO DE SALVO (MG)
MACHOS		
FAMOSO	Reserv. Campeão Bezerro	IONE LAGE DE OMENA (AL)
AFAGO-FP	Campeão Bezerro	FAUSTO PONTUAL & FILHO(PE)
CONHAQUE-JR	Reserv. Campeão Júnior	JOÃO ROBERTO LEITE (PB)
ELOGIO	Campeão Júnior e Frigorífico	IONE LAGE DE OMENA (AL)
UTAH	Reserv. Campeão Touro Jovem	HUMBERTO DE ALMEIDA (PB)
DESTINTO-II	Campeão Touro Jovem	IONE LAGE DE OMENA (AL)
COCHILO	Reserv. Campeão Sênior e Reserv. Grande Campeão	DIVALDO MELO JARDIM (MG)
GENERAL-H	Grande Campeão e Campeão Sênior	HUMBERTO DE ALMEIDA (PB)

De costas, Bernhard Winkler, presidente da Associação Nacional dos Criadores de Guzerá

Uma análise primária mostra que o Nordeste vem galgando um expressivo posto na raça Guzerá, principalmente quanto à apresentação de animais jovens.

José Resende Peres e Virgolino Farias de Leite Neto, fundador de Paraíba Pecuária.

O melhor Expositor foi ERNESTO DE SALVO, seguido por IONE LAGE DE OMENA e CAMILO COLLIER FILHO, segundo a contagem de pontos oficial.

A exemplo do que foi realizado para a Exposição Nacional de Uberaba, é importante mostrar a distribuição de prêmios, objetivando visualizar a tendência melhoradora do rebanho brasileiro e, para tanto, o critério estipulado, após um consenso de criadores, é o seguinte: Qualquer título de campeão, incluindo Frigorífico soma dois pontos. Qualquer título de Reservado, bem como 2o. lugar de conjuntos, soma um ponto. Conjunto em 1o. prêmio soma três pontos. O resultado foi o seguinte:

- Minas Gerais – 13 pontos (5 expositores, 2 premiados)
- Pernambuco – 10 pontos (6 expositores, 4 premiados)
- Paraíba – 9 pontos (2 expositores, 2 premiados)
- Alagoas – 7 pontos (apenas 1 expositor).

Os proprietários do rebanho guzerá-JA, carimbo "J" e convidados da Venezuela.

E a distribuição de prêmios, por rebanho, é a seguinte:

- ERNESTO DE SALVO - 10 pontos
- IONE LAGE DE OMENA - 8 pontos
- HUMBERTO DE ALMEIDA - 8 pontos
- CAMILO COLLIER FILHO - 4 pontos
- DIVALDO MELO JARDIM - 3 pontos
- RAIZ INDUSTRIAL AGRO PASTORIL - 3 pontos
- FAUSTO PONTUAL & FILHOS - 2 pontos
- JOÃO ROBERTO LEITE - 1 ponto
- MOACIR BRITO DE FREITAS - 1 ponto

(Análise da revista PARAÍBA PECUÁRIA)

Jantar de confraternização, num ambiente romântico, em Natal.

AS VENDAS E O LEILÃO

Foram colocados em Leilão, cerca de 210 animais, sendo que 184 deles estavam discriminados em Catálogo. O preço médio foi de Cr$ 25.000,00 – cabendo lembrar que o lance inicial era livre.

O leilão da Raça Guzerá surpreendeu a todos, com bons lances

Muitos animais de alto nível nas pistas de julgamento

Mestiços de guzerá para observação, no recinto do Parque

O fato mais importante a registrar é que o Melhor Expositor ERNESTO DE SALVO resolveu colocar à venda todos os seus animais premiados, visando acelerar o desenvolvimento nordestino, atitude muito elogiada por todos os presentes. Os maiores lances foram os seguintes:

ELOGIO, Campeão Júnior e Campeão Frigorífico

ACARI-S, Campeão Júnior, o maior preço no Leilão

- ACARI-S, Campeã Júnior – comprada por Emílio Eliseu de Maia Omena, de Alagoas, por Cr$ 130.000,00 após disputado embate com a Fazenda Quatro Meninas, de Botucatu, SP.

- PAINEIRA-S, Reservada Campeã Sênior – comprada pelo Dr. Humberto de Almeida, da Paraíba, por Cr$ 100.000,00

- NICARÁGUA-S, Grande Campeã – comprada por Gerna S.A., do Rio Grande do Norte, por Cr$ 80.000,00.

- BAB-S, excelente bezerro de Ernesto de Salvo, comprado por Fausto Pontual, de Pernambuco, por Cr$ 65.000,00

- MAESTRO, touro da Fazenda Muçambê, comprado por Sidney Marques Fonseca, de Natal por Cr$ 52.000,00.

Cabe lembrar que este foi o I LEILÃO NACIONAL DA RAÇA GUZERÁ, realizado numa região que pode ser considerada imprópria para um evento de tal magnitude, mas – mesmo assim – os preços chegaram a provocar admiração, pois não se esperava tal entusiasmo. O Leilão mostrou que sete compradores são tradicionais selecionadores de Guzerá e o restante, num total de 29 proprietários, são novos compradores, principalmente, do Rio Grande do Norte, havendo inclusive o Sr. Antônio Soares da Rocha, de Taipu, RN, que arrematou mais de 20 tourinhos, sistematicamente, para melhorar o nível dos diversos rebanhos de suas propriedades, tendo sido considerado o maior comprador.

Havia momentos em que o Parque era pequeno

AFAGO-FP, Campeão Bezerro

BARODA, Campeã Bezerra

CONCLUSÕES

1) Os animais presentes mostraram o alto nível zootécnico alcançado pelo Guzerá brasileiro e – para que os animais premiados possam servir de "modelo" até a próxima Exposição Nacional – estamos publicando uma fotografia de cada Campeão, pois são o que há de melhor no momento.

Casal Da. Ione e Emílio Omena, de Alagoas

2) O Nordeste apresentou uma melhor distribuição de prêmios, conforme se verifica no Mapa 2, provando estar surgindo diversos rebanhos de excelente nível zootécnico.

3) O Nordeste mostrou seu interesse pela raça, tendo comprado todos os animais submetidos a venda, por um preço considerado "bom".

Mestiças de Pernambuco que despertaram muito interesse, devido à grande produção de leite

Natal abrigou, por alguns dias, o melhor guzerá do Brasil.

4) A Exposição Nacional conseguiu reunir, dentro e fora da pista de julgamento, todos os grandes criadores da raça, provando que há um esforço geral no sentido de aprimoramento do Guzerá brasileiro.

OS CAMINHOS DA AGROPECUÁRIA PARAIBANA

(Uma análise para todo o Nordeste)

Os caminhos da Agropecuária nordestina são os mesmos, para todos os Estados, de um modo geral. A revista, ao enfocar o Estado da Paraíba, apresenta uma análise válida para todos os Estados, abordando:

- **A resposta do setor agropecuário, até hoje.**
- **Aparelhamento atual da estrutura de orientação da Agropecuária.**
- **Zoneamento Agrícola.**
- **Proposições para o futuro.**
- **Prioridades.**

PARTE I
A RESPOSTA DO SETOR AGROPECUÁRIO, ATÉ HOJE

1) Estrutura fundiária

A zona rural nordestina é bastante problemática e têm fracassado todas as iniciativas de recuperação, a nível nacional. Portanto, embora estejam se desenvolvendo muitos esforços em diversos Estados nordestinos, cabe aqui uma análise da situação real do setor rural, pois as modificações que se implantam são por demais recentes para permitir, ainda, uma segurança total quanto aos resultados. São muitas as barreiras a serem transpostas e somente com a persistente decisão de efetuar tal modificação, poder-se-á obter uma resposta conclusiva, dentro de alguns anos.

A estrutura fundiária carece de uma política de redistribuição impedindo a formação gregária com fins econômicos. Os sindicatos, em sua maioria, são deficientes por conta de uma falha organização administrativa, falta de recursos financeiros e falta de pessoal habilitado. A situação das cooperativas não é muito diferente, podendo-se afirmar que o cooperativismo chega, algumas vezes, a provocar desalento, ao invés de incentivo no produtor rural. Cerca de 90% dos produtores não estão filiados a nenhuma cooperativa, devendo-se isso à falta de capacidade empresarial das mesmas, baixo nível de educação dos agricultores e baixo nível de capitalização.

O Quadro I mostra a excessiva concentração de terra em mãos de poucos proprietários que são, por sua vez, os maiores intermediários, financiando a produção e comprando antecipadamente o produto das colheitas a preço mínimo ou, até mesmo, vil.

(Vide Quadro I)

2) Produto Bruto da Lavoura

Há uma evidente distonia entre o esforço para produzir e o rendimento final, em quase toda a área estadual. Muitas são as regiões consideradas produtivas, mas com baixo valor de contribuição para a formação do produto bruto. A distribuição da população rural não implica numa proporcional distribuição da produção, concentrando-se, não raro, em regiões com situação desconcertante

(Vide Quadro II)

3) Os produtos e sua participação

Sabendo que a estrutura fundiária não corresponde às necessidades do Estado e a formação do Produto Bruto mostra uma distonia, cabe analisar quais os produtos que participam dessa formacão, para, posteriormente poder situar o estrangulamento.

O Quadro III mostra os principais produtos paraibanos em sua evolução desde 1973 até 1977, notando-se algumas modificações básicas, tais como: a) Abacaxi evoluindo positivamente; b) Banana, embora com alguns percalços, também evoluindo positivamente; c) Cana-de-Açúcar, tem sido o produto mais gratificante, embora esteja com produtividade em franco declínio; d) Mandioca, com grande evolução, registrando-se uma queda em 1977; e) Sisal, após um declínio, está tentando recuperar sua posição; f) Tomate, com participação bastante satisfatória e compensadora. Os demais produtos não sofreram modificações radicais em sua posição, sendo considerados como "cultura tradicional", evidenciando que o homem do campo não tem procurado alternativas.

Nota-se que está havendo uma contínua tendência de se cultivarem sempre os mesmos produtos, isto é, manter produtos tradicionais.

(Vide Quadro III)

QUADRO I: ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO ESTADO DA PARAÍBA

MICRO – REGIÕES	Total de Estabelecimentos		Estabelecimentos por Classe de Área (ha)									
			Menos de 10		10 a Menos de 100		100 a Menos de 1.000		Acima 1.000		Sem Declaração de Área	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
	200.870	100	147.915	73,64	44.167	21,99	8.147	4,05	572	0,29	69	0,03
89-Catolé do Rocha	5.190	100	2.546	49,06	2.161	41,63	443	8,53	40	0,78	–	–
90-Seridó Paraibano	6.347	100	3.627	57,14	2.266	35,70	430	6,78	24	0,38	–	–
91-Curimataú	12.445	100	10.261	82,46	1.828	14,69	316	2,53	31	0,24	9	0,08
92-Piemonte da Borborema	21.521	100	19.014	88,35	2.049	9,52	424	1,98	28	0,13	6	0,02
93-Litoral Paraibano	20.281	100	18.355	90,49	1.542	7,60	311	1,53	42	0,24	31	0,14
94-Sertão de Cajazeiras	14.665	100	6.346	43,28	7.221	49,23	1.075	7,33	23	0,16	–	–
95-Depressão do Alto Piranhas	22.013	100	9.710	44,11	9.928	45,10	2.195	9,97	180	0,82	–	–
96-Cariris Velhos	31.762	100	21.393	67,33	8.490	26,73	1.734	5,46	145	0,45	–	–
97-Agreste da Borborema	28.363	100	25.170	88,74	2.651	9,35	504	1,79	33	0,11	5	0,01
98-Brejo Paraibano	11.167	100	9.961	89,20	981	8,87	219	1,96	6	0,06	–	–
99-Agro-Pastoril do Baixo Paraíba	12.955	100	11.897	91,83	849	6,56	181	1,39	14	0,17	14	0,10
100-Serra do Teixeira	14.161	100	9.635	68,03	4.201	29,80	315	2,24	6	0,04	4	0,02

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DE ÁREA, POPULAÇÃO, DENSIDADE DEMOGRÁFICA E CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DO PRODUTO BRUTO DA LAVOURA POR MICRO REGIÃO DO ESTADO

MICRO REGIÕES	Área Total Km²	População Total	População Rural %	Densidade Demográfica HAB/Km²	Contribuição para o Produto Bruto da Lavoura %(77)
Catolé do Rocha	2.969	60.147	72,3	28,1	4,07
Seridó Paraibano	2.669	51.830	71,2	19,2	3,59
Curimataú	2.755	91.413	75,8	33,18	5,54
Piemonte da Borborema	2.345	205.193	63,9	87,5	10,59
Litoral Paraibano	4.316	489.715	30,0	213,4	9,99
Sertão de Cajazeiras	5.567	187.362	70,6	33,65	8,03
Depressão do Alto Piranhas	12.409	349.345	62,5	28,15	13,62
Cariris Velhos	13.845	214.732	79,5	15,50	12,57
Agreste da Borborema	3.661	356.205	43,0	97,29	7,75
Brejo Paraibano	1.105	128.688	79,1	116,60	3.17
Agro-Pastoril do Baixo Paraíba	1.698	148.334	62,3	81,59	17,64
Serra do Teixeira	3.043	86.601	83,9	28,00	3.44

FONTE DE DADOS: CEPA/PB

4) A Produção, a Área cultivada e a Produtividade

Após o conhecimento dos produtos tradicionais e sua participação, cabe analisar os dados da Produção, qual a área cultivada e o rendimento que vem se obtendo, visando definir o desempenho do esforço rural e sua gratificação.

Nota-se no Quadro IV que a Paraíba vem crescendo com a incorporação constante de novas fronteiras agrícolas, mas que – em muitos casos – essa incorporação está se processando empiricamente e não vem dando os resultados esperados, sendo – inclusive – desastrosa, em alguns momentos. A resposta da ecologia do semiárido nao pode ser analisada em apenas um curto período de observação, requerendo talvez dezenas de anos para uma conclusão viável

O abacaxi, mesmo diminuindo a área cultivada, cresceu em produção. A banana, com grande aumento de área plantada mostrou um bom resultado, a batatinha, diminuiu sua área plantada, mas saiu-se bem, com pequena queda na produção. A cana-de-açúcar teve um grande aumento na área, o que não correspondeu na produção obtida. O feijão teve uma atuação desastrosa, com aumento de 46% na área plantada e queda de 60% na produção, e um declínio de 72,6% na produtividade. O milho aumentou 20% na área e caiu em 44,% na produção e 53,3% na produtividade, um outro desastre. O sisal mostra um incremento de área de 64,9% com queda de 52,7% na produção e queda de

71,3% na produtividade, provando ser uma exploração insensata no período analisado.

A incorporação de novas fronteiras, portanto, nesse período, não correspondeu ao ideal buscado, enquanto que a produtividade vem decaindo sistematicamente, evidenciando que a tecnologia para o semiárido é precária, e o cultivo em geral, é empírico e aventureiro.

A solução para a região, portanto, não está na incorporação de novas fronteiras, no momento.

(Vide Quadro IV)

QUADRO 3: CONTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS PARA FORMAÇÃO DO PRODUTO BRUTO DA LAVOURA DO ESTADO DA PARAÍBA (PREÇO: CR$ 1.000,00)

CULTURAS	ANO 1973		1974		1975		1976		1977		Média do Período
	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	%
01-Algodão Arbóreo	279.275	26,2	169.065	14,3	217.580	13,5	543.988	21,7	588.113	16,7	18,4
02-Algodão Herbáceo	137.765	12,9	103.754	8,8	115.138	7,8	178.771	7,2	180.732	7,2	8,4
03-Abacaxi	21.653	2,0	24.937	2,1	38.938	2,4	143.420	5,7	141.036	4,0	3,2
04-Arroz	15.611	1,5	22.659	1,9	38.694	2,4	25.817	1,0	29.227	0,8	1,5
05-Banana	33.739	3,2	83.148	7,0	80.252	5,0	140.222	5,6	308.932	8,8	5,9
06-Batatinha	12.990	1,2	.....	...	22.445	1,4	21.111	0,8	9.690	0,3	0,9
07-Cana de Açúcar	93.343	8,7	156.068	13,1	220.739	13,7	278.672	11,1	765.531	21,7	13,7
08-Feijão	155.884	14,3	105.252	8,8	117.792	7,4	281.658	11,3	428.071	12,7	10,8
09-Laranja	9.728	0,9	22.541	1,9	29.033	1,8	21.765	0,9	53.478	1,5	1,4
10-Mandioca	53.699	5,0	126.940	10,8	252.809	15,7	386.579	15,5	279.332	8,0	11,0
11-Milho	76.732	7,2	88.295	7,5	109.356	6,8	155.911	6,2	269.982	7,7	7,1
12-Sisal	90.121	8,4	145.303	12,2	182.877	11,4	229.519	9,2	345.934	9,9	10,2
13-Tomate	8.150	0,8	25.541	2,2	29.840	1,9	32.211	1,3	62.302	1,9	1,6
14-Outros	82.562	7,7	111.706	9,4	142.643	8,8	63.486	2,5	44.324	1,3	5,9
TOTAL	1.071.192	100,0	1.185.209	100,0	1.598.136	100,0	2.503.130	100,0	3.506.684	100,0	100,0

FONTE: FIBGE/CEPA – PB.

QUADRO 4: INCREMENTO DE ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DAS PRINCIPAIS CULTURAS, PERÍODO DE 1972 A 1976

CULTURAS	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO – Kg/ha		
	1972	1976	Incremento	1972	1976	Incremento	1972	1976	Incremento
Abacaxi	5.551	4.117	– 24,5	128.793	103.180	19,9	23.628	25.062	6,1
Algodão	555.305	633.427	14,1	154.581	84.037	– 45,6	339	186	– 45,1
Arroz	21.780	17.487	– 19,7	25.953	12.036	– 53,6	1.191	688	– 42,2
Banana	5.661	8.139	43,8	130.310	169.760	30,3	23.018	20.860	– 9,4
Batatinha	2.570	1.580	– 38,5	6.504	5.950	– 8,5	2.530	3.766	48,9
Cana-de-Açúcar	43.773	70.407	60,8	2.233.312	3.061.216	37,1	51.000	43.479	– 14,7
Feijão	184.434	269.231	46,0	103.128	41.246	– 60,0	559	153	– 72,6
Laranja	857	2.191	155,7	18.330	22.486	22,7	21.023	10.263	– 51,2
Mandioca	57.496	84.676	47,3	598.566	729.395	21,9	10.411	8.614	– 17,3
Milho	243.760	292.151	19,9	188.472	105.631	– 44,0	733	361	– 53,3
Sisal	52.971	87.373	64,9	82.272	38.922	– 52,7	1.553	446	– 71,3
Tomate	292	620	112,3	4.107	29.150	609,8	14.066	47.000	334,2
TOTAL	1.174.350	1.471.350	25,6	3.764.328	4.403.009	17,0	–	–	–

FONTE DOS DADOS – CEPA/PB.

PARTE II

ÚLTIMAS REALIZAÇÕES E APARELHAMENTO ATUAL DA ESTRUTURA DE ORIENTAÇÃO DA AGROPECUÁRIA

A partir de 1975 iniciou-se uma mudança radical na estrutura de orientação da Agropecuária Paraibana, visando possibilitar iniciativas mais abrangentes em diversos setores, ao mesmo tempo. Hoje, as obras e trabalhos estão presentes em todo o Estado, confirmando o acerto da decisão. Para melhor garantir o seu desempenho, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento dividiu, naquela época, sua iniciativa em cinco frentes: a) Desenvolvimento Institucional; b) Política de Produção; c) Comercialização e Abastecimento; d) Criação e Agilização de Obras de Infra-Estrutura; e) Participação em Programas Especiais.

A seguir, apresentamos um breve relato do que se fez nos últimos tempos e como se encontra a estrutura de comando da agropecuária.

1) – DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

1.1) Planejamento Agrícola

Embora dispondo de continuidade administrativa e técnica, faltava à CEPA a condição jurídica, com um quadro próprio de pessoal. Foi institucionalizada pela atual administração e, desde sua instalação, tem realizado numerosos estudos, trabalhos, planos e projetos, podendo-se destacar: estudos sobre mão-de-obra, formas de organização da produção, comercialização e abastecimento, estudo sobre comercialização do algodão, modelo integrado de pesquisa agropecuária, modelos estatísticos para as principais culturas do Estado e monografias sobre o abacaxi e o sisal, além do Plano Anual para Aplicação de Crédito Rural, Plano Anual de Produção e Abastecimento, Plano Anual do Setor Público Agrícola, Orçamento-Programa e Plano Operativo Anual. Cabe frisar as ações de planejamento quanto a implantação dos Projetos Especiais, com ênfase para o Polonordeste e Projeto Sertanejo.

1.2) Modernização Administrativa

Houve necessidade de criação de um sistema administrativo, com identificação dos problemas prioritários do setor e reforma das instituições. Criou-se a EMATER-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, em substituição a antiga ANCAR-PB. Conferiu-se nova estrutura orgânica a CIDAGRO – Cia. Integrada de Desenvolvimento Agropecuário da Paraíba. Institucionalizou-se a CEPA – Comissão Estadual de Planejamento Agrícola. Iniciou-se a reestruturação total da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Transferindo as suas funções executivas para as empresas vinculadas, ficando apenas com a coordenação da política agrícola estadual.

1.3) Capacitação de Recursos Humanos

Intensificou-se o treinamento e capacitação de mão-de-obra especializada. Hoje a SAA conta com 40 técnicos pós-graduados e 160 técnicos treinados nas áreas tecnológicas e sócio-econômicas. Atualmente, além de sequenciar a capacitação de mão-de-obra de alto nível, cuida-se em formar, também, mão-de-obra básica e já se capacitaram 90 profissionais entre tratoristas, inseminadores, classificadores e fiscalizadores.

1.4) Integração com a Universidade Federal da Paraíba

Graças a convênio firmado com a UFPb, tem sido facilitada a capacitação de recursos humanos como a elaboração de importantes trabalhos, como o Zoneamento Agrícola do Estado, Estudo do Vale do Gramame, Estudo de Comercialização do Algodão, Estudo de Pós-colheita do Abacaxi, Estudo Hidrológico do Vale do Piancó, Implantação da reforma administrativa na Secretaria de Agricultura e Abastecimento e outros.

2) – POLÍTICA DE PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

2.1) Assistência Técnica e Extensão Rural

Não se pode sequer cogitar em uma boa administração rural se não se contar com o apoio da Assistência Técnica e Extensão Rural. Por isso, a EMATER-PB acelerou o seu processo de expansão e – hoje – conta com 670 funcionários, entre pessoal técnico e administrativo, distribuídos em 98 escritórios, sendo que dos 171 municípios do Estado, 158 são assistidos pelos técnicos da empresa. Além dos projetos específicos para a melhoria da produção e produtividade de produtos tais como: algodão arbóreo, algodão herbáceo, milho, feijão, arroz, abacaxi, batatinha, banana, café, cana-de-açúcar, coco, tomate, mandioca, bovino de corte, bovino de leite, ave e pesca, a EMATER dedicou especial atenção aos Programas Especiais a saber: POLONORDESTE – Projeto Sertanejo – PRONASA – Projetos de Promoção aos Produtores de Baixa Renda – Projeto de Capacitação de Mão-de-Obra Rural – Projeto de Fertilizantes e Corretivos – Projeto de Piscicultura do Interior.

AGORA, sua revista PARAÍBA PECUÁRIA junta esforços com a Editora dos Criadores e traz, para todo o Nordeste, as publicações de maior seriedade e utilidade para todas as atividades do campo, orientando e informando durante o ano inteiro.

PARA CRIADORES E AGRICULTORES

REVISTA DOS CRIADORES

Revista mensal, versando sobre bovinocultura, criação de suínos, ovinos, eqüinos e caninos. Além de secção especializada em Direito Trabalhista Rural, fiscal e contábil. Mecanização agrícola e modernziação das atividades rurais. Traz, em todas as edições, um resumo dos principais artigos técnicos publicados em todo o mundo, além das informações sobre a situação atual e perspectivas do mercado pecuário. Finalmente, o que vai pelo Serviço de Controle Leiteiro.

Assinatura anual: Cr$ 800,00
Dois anos: Cr$1.400,00
Exemplar avulso: Cr$ 70,00

AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

Proporciona as condições para o controle zootécnico e econômico financeiro da propriedade rural estabelecendo condições para saber se a fazenda está dando lucro ou não. Contém páginas próprias para anotar compras, vendas, produção e vendas de ovos, o que nasceu, o que morreu, machos, fêmeas, bezerros, etc. Páginas sobre arrendamento de terras, anotações sobre plantações, maquinarias, fechamento do Balanço anual e inventário. Calendário sobre as atividades semanais para o agricultor, pecuarista e horticultor. Uma verdadeira cartilha.

Cada volume: Cr$ 300,00

CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA

Preparado de acordo com as atuais exigências fiscais envolvendo análise das Despesas do ano, Receitas do ano, inventário, resultados financeiros e imposto de renda. O livro prevê o registro de anotações auxiliares de administração sobre diversas atividades da fazenda, sendo de máxima utilidade para os empresários rurais que apreciam eficiência em suas contas.

Cada volume: Cr$ 300,00

GUIA AGROPECUÁRIO

Mais de 400 páginas sobre direito do Trabalhador Rural, Direito Previdenciário, Direito Fiscal, Incentivos, Estatutos do Trabalhador, etc. Responde a todas as indagações do moderno agropecuarista sobre investimentos, rendimentos, lançamento de despesas, estímulos fiscais, cadastramento, impostos rurais, promissórias, Crédito Rural, Seguro, Eletrificação rural, comercialização, etc. Um livro que não pode faltar na estante da fazenda moderna.

Cada volume: Cr$ 200,00

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A melhor e mais útil publicação que foi produzido para a orientação do produtor de leite. Formação de melhores pastos, produção de culturas forrageiras, gramíneas e leguminosas, manutenção de pastagens, o animal, suplementaçao das pastagens, rotação pastagem-cultura e muitos outros itens de grande importância.

Cada volume: Cr$ 80,00

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Contém: matérias sobre construção rural e artigos de orientação técnico-prática, além do registro dos GRANDES CAMPEÕES do ano, com mais de 100 fotografias em cores. Traz, também, a relação dos 500 mais importantes criadores de gado de raça, encerrando com 150 páginas em cores, mostrando os criadores e seus reprodutores.

Cada volume: Cr$ 300,00

GRÁTIS ! ESCOLHA 3 OBRAS e ganhe uma Assinatura de PARAÍBA PECUÁRIA

Desejo receber no endereço abaixo indicado, pelo Correio, as obras assinaladas, sendo que estou efetuando o pagamento do valor indicado a favor de EDICAMP-EDITORA CAMPESINA LTDA – CAIXA POSTAL 98 – CEP 58.000 – João Pessoa, PB.

Nome: .....
Endereço: .....
Cidade: ..... Estado: .....

(Assinalando 3 obras receberei uma assinatura anual de Paraíba Pecuária)

☐ Vale Postal ☐ Cheque nº ..... Banco nº ..... ☐ Ordem de pagamento p/ o Banco nº .....

☐ Revista dos Criadores
☐ Anuário dos Criadores
☐ Agenda dos Criadores e Agricultores
☐ Guia Agropecuário
☐ Exploração Leiteira
☐ Livro para Contabilidade

FAZENDA MIRAGEM

PEDRO TAVARES DE SOUZA

AMARGOSA — CEP 45.300 — BAHIA

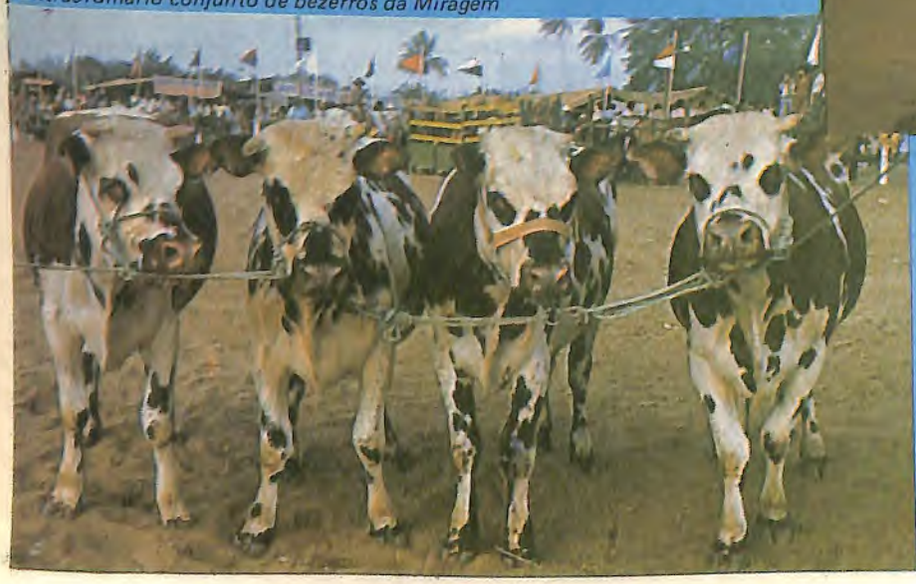
Rua Padre Feijó, 486 — Fones: 2872769 - 2473224 — CEP 40.000 SALVADOR, BA

RAÇA NORMANDA
A solução ideal

SOUCI-102
CAMPEÃO SÊNIOR
Amargosa/78

SANTA CATARINA-413
CAMPEÃ VACA JOVEM
Amargosa/78

Extraordinário conjunto de bezerros da Miragem



A raça Normanda é ideal para leite, indicada para cruzamentos onde se quer mais carne e mais leite.

Bezerros precoces e resistentes.

TOURINHOS À VENDA

VISITE NOSSA FAZENDA
e conheça de perto a Raça Normanda.

A evolução do trabalho da EMATER foi constante, desde 1975, podendo ser expresso no seguinte quadro:

ESPECIFICAÇÃO	1975	1978
Produtores assistidos	[illegible]	[illegible]
Área assistida	[illegible]	[illegible]
Trabalho assistido	[illegible]	[illegible]
Crédito Rural Orientado	[illegible]	[illegible]
Crédito Rural Orientado	[illegible]	[illegible]
Agências estaladas	[illegible]	[illegible]
Técnicos	[illegible]	[illegible]
Escritórios Regionais	[illegible]	[illegible]
Escritórios (geral)	[illegible]	[illegible]

2.2) Pesquisa e Experimentação Agropecuária

Com a criação da EMBRAPA, foram reorientados e intensificados os trabalhos de pesquisa agropecuária, tendo a SAA prestado todo apoio ao desenvolvimento das seguintes pesquisas:

SORGO: instalaram-se 53 campos experimentais distribuídos nos municípios de Mari, Mulungu, Campina Grande, Soledade, Patos, Itaporanga, Itabaiana e foram preparados 77 ensaios. Dessa experimentação foram já liberadas para ampla produção duas linhas (variedades) de sorgo;

ABACAXI: as pesquisas com a variedade smooth-cayenne foram desenvolvidas através da implantação de 42 experimentos, 13 campos demonstrativos, seleção clonal de 14.640 mudas e multiplicação de 5.500.000 mudas;

ALGODÃO: a pesquisa nas regiões de Cajazeiras, Seridó Paraibano, Cariris Velhos, Piemonte da Borborema e Agreste da Borborema, efetivou-se através da instalação de 14 campos experimentais com algodão herbáceo em Guarabira, Ingá, Gurinhém, Belém, Araçagi, Sapé, Mulungu, Pilar e Alagoinha, melhoramento do algodoeiro em diversos municípios. Ja o algodão arbóreo teve instalados 10 campos experimentais em São Mamede, Santa Luzia, Patos e Itaporanga, com melhoramento genético em 21 campos, produção de sementes básicas e manutenção de 76 ha com variedades em teste.

2.3) Produção e Distribuição de Sementes e Mudas

A evolução é evidente, tendo se destacado a distribuição de sementes de algodão e mudas de café e abacaxi, apresentando o seguinte resultado geral:

ESPECIFICAÇÃO	74/75	76/77
Sementes (kg)	765.812	1.717.147
Mudas (unidade)	2.550.000	2.623.822

2.4) Mecanização Agrícola

Nos anos recentes, a CIDAGRO experimentou uma significativa expansão, através da criação de novas agências e aumento da sua frota de máquinas leves e pesadas, conforme quadro a seguir:

ESPECIFICAÇÃO	1975	1978
Tratores de Pneus (unidade)	40	93
Tratores de esteira (unidade)	8	50
Perfuratrizes (unidade)	–	6
Tratores especiais (unidade)	–	3
Agência e postos de atendimento	40	60
Horas trabalhadas	16.861	93.724

2.5) Abastecimento de Insumos

Também realizado através da CIDAGRO evoluiu de Cr$ 12,7 milhões em 1975 para Cr$ 37,9 milhões em 1977. Havendo portanto grande incremento na oferta e venda de mais 600 produtos diferentes.

2.6) Promoção Pecuária

A partir de 1975 procurou-se intensificar um trabalho de melhoramento e desenvolvimento da pecuária, dando-se ênfase aos seguintes programas:

a) **Inseminação artificial:** em plena atividade na região do Agreste da Borborema e Brejo Paraibano, tendo sido selecionados diversos proprietários e inseminadas 1.000 matrizes, com treinamento de vários inseminadores;

b) **Melhoramento Genético:** foram introduzidos animais puros da raça Schwyz, na Fazenda Riacho dos Cavalos, com implantação de forrageiras exóticas e distribuição de sementes aos produtores da região;

c) **Revenda de Reprodutores:** tendo sido subsidiada pela SAA a aquisição de tourinhos zebuínos e taurinos, em exposições, num trabalho integrado com a EMATER;

d) **Desenvolvimento da Caprinocultura:** com desmatamento de 120 ha. na Fazenda Pendência, e implantação de 60 ha. de pastagens, introduzindo um plantel de animais das raças Bujh e Anglo-Nubiana;

e) **Implantação de Forrageiras:** incentivo aos produtores, implantando-se campos de demonstração com capim buffel, com alternativas para consórcio com a algaroba;

f) **Feiras e Exposições:** foram realizados 12 certames visando conferir novas oportunidades de comercialização e difusão de tecnologia entre os produtores.

3) – COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO

Na área do abastecimento e comercialização, procurou-se consolidar o sistema CEASA bem como desenvolver outros mecanismos que pudessem atender o produtor rural, com unidade em Campina Grande e João Pessoa.

3.1) Cooperativismo

Concedeu-se entre outras atividades, incentivo à formação e ampliação de uma rede de cooperativas observando a comercialização de produtos agrícolas, principalmente de algodão e sisal. Em 1975 comercializaram-se 5.600 t de algodão contra 30.000 t em 1977. Um grande esforço vem sendo desenvolvido para conscientizar o homem do campo, visando sua integração ao processo cooperativista.

3.2) Horti-Fruti-Granjeiros

Houve substancial incremento no volume comercializado desses produtos, de 33.000 t em 1975 para cerca de 100.000 t em 1977.

3.3) Compra Antecipada da Produção

Procurando amparar o pequeno produtor, o Estado implantou o programa de Compra Antecipada e Compra do Excedente da Produção de grãos de farinha de mandioca, com a garantia de comercialização da produção a preços de atacado das grandes cidades ou ainda, com base nos preços fixados pela CFP.

Em 1976, a CIDAGRO comercializou 2.138 t e, em 1977, esse número foi elevado para 14 550 t, devendo atingir em 1978 cerca de 60 municípios. Convém destacar nesse programa o apoio do INAN/POLONORDESTE e COBAL.

3.4 Deu-se apoio à constituição e instalação da Bolsa de Mercadorias da Paraíba transferindo-se a esta instituição as tarefas de classificação e padronização de produtos que haviam sido deliberados ao Estado pelo Ministério da Agricultura. Em decorrência disso, tem sido possível se atender satisfatoriamente a demanda por serviços de classificação dos principais produtos agrícolas do Estado, principalmente o sisal e o algodão.

4) – OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA

4.1) Estradas vicinais

Esse programa está incluído dentro do POLONORDESTE, tendo sido construídos 72,41 km de estradas.

4.2) Capacidade de Armazenamento

Em 1975 a capacidade era de 125.000 sacos, tendo evoluído para 910.000 sacos, com a construção de 18 unidades de armazenamento, abrangendo todo o Estado.

4.3) Construção de Açudes

Incrementou-se a construção de açudes, tendo sido construídos desde 1975, cerca de 202 açudes, distribuídos por todo o Estado, com capacidade média de 150.000 m^3, o que corresponde a um volume aproximado de 30 milhões de metros cúbicos de água armazenada.

4.4) Perfuração de Poços

Embora recentemente implantado, é de se destacar a grande receptividade dos proprietários e entidades públicas pela perfuração de poços, tornando a frota de máquinas adquiridas para esses serviços insuficiente para atender a demanda.

4.5) Construção de Parques de Exposições

Dentro do Programa de Promoção Pecuária, a SAA, preocupou-se em adotar as principais cidades do Estado de Parques de Exposições de Animais capazes de oferecer as condições necessárias para a realização de feiras e amostras, onde os criadores pudessem adquirir animais e equipamentos com vistas à melhoria da exploração pecuária.

Dentre essas obras, destacam-se os parques de Patos, Souza, Cajazeiras, Campina Grande (ampliação) e João Pessoa, este último com a sua conclusão prevista ainda na atual administração.

4.6) Eletrificação Rural

Com a implantação do Programa POLONORDESTE, tem sido fortalecida também a eletrificação rural, em que se destacam as ações levadas a efeito na área do PDRI do Piranhas, com a instalação de 69 km de rede de alta tensão, beneficiando centenas de produtores, num total de 90 propriedades. A exemplo do Vale do Piranhas, outras áreas do Estado serão também beneficiadas pelo mesmo Programa, tais como Vale do Rio do Peixe, Serra do Teixeira, Vale do Piancó e Seridó Paraibano.

5) – PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS ESPECIAIS

5.1) POLONORDESTE

Esse programa contempla uma área de 37.000 quilômetros quadrados, abrangendo 97 municípios, beneficiando 1.370.989 habitantes. Encontram-se em plena execução os projetos do Vale do Piranhas, do Seridó, da Serra do Teixeira, do Brejo Paraibano e Vale do Rio do Peixe. Em 1979 estará implantado o Vale do Piancó restando para 1980 o Projeto dos Tabuleiros Costeiros. Esses projetos estão voltados para as seguintes atividades: Assistência Técnica e Extensão Rural, Abastecimento de Insumos, Armazenamento e Comercialização da Produção, Crédito Rural, Pesquisa e Investigação Agrícola, Pequena e Média Açudagem, Estradas Básicas e Vicinais, Saúde e Educação, Eletrificação Rural, Mecanização Agrícola e Cooperativismo. Nos 5 Projetos instalados há 47 unidades operativas, atualmente, contra 6 em 197

5.2) Projeto Sertanejo

Cobrindo uma área de 8.252 km^2 e beneficiando 211.188 habitantes, já foram instalados 6 núcleos a saber: Picuí (9 municípios), Souza (12 municípios), Sumé (8 municípios), Conceição (7 municípios), Coremas (7 municípios) e Taperoá (-municípios). As ações do Projeto Sertanejo estão voltadas para o fortalecimento da empresa rural, tornando-a mais resistente aos efeitos das secas.

5.3) PRONASA

O Programa Nacional de Saúde Animal foi criado para melhorar a sanidade do rebanho, reduzindo a incidência de febre aftosa, brucelose e raiva. Até o final de 1977 haviam sido vacinados 233.476 animais, em 30 municípios, tendo no corrente ano sido expandida a sua atuação para outras áreas do Estado. São 12 unidades em funcionamento, a partir de 1976.

PARTE III

ZONEAMENTO AGRÍCOLA

(Cada exploração em sua região).

Paralelamente à implantação de uma nova mentalidade na orientação do destino da agropecuária paraibana, havia a necessidade, em 1975, de se efetivar um urgente zoneamento agrícola, para evitar a continuidade da situação, de empirismo e improvisação.

Hoje, o Estado conta com um aparelhamento oficial bastante evoluído, como ficou evidenciado na Parte II e já pode iniciar a implementação de uma política de zoneamento agropecuário, isto é, exigir dos agricultores o posicionamento do produto correto na região correta.

Esse zoneamento é o marco inicial de uma agropecuária racional que constituirá, sem dúvida, um dos pilares básicos da redenção da economia primária paraibana.

Resumimos, a seguir, as 20 principais explorações agropecuárias, salientando os aspectos sobre produção e produtividade atuais, deficiências mais comuns na cultura, regiões mais adequadas para o cultivo.

A partir de 1979, diversas Pesquisas serão desenvolvidas em todas as regiões, visando consolidar o zoneamento, proporcionando variedades diferentes de mudas e sementes e fornecendo subsídios para o bom desempenho de cada exploração.

PRINCIPAIS PRODUTOS PARAIBANOS

1) ALGODÃO ARBÓREO – Representa 28% da área de algodão do Estado e 64% da produção, embora a produtividade esteja em declínio, em geral. É um grande atrativo para o produtor, mesmo com o mercado instável. Em 1977 representou 16,7% do valor agrícola, seguindo à cana-de-açúcar com 21,7%. A maior produtividade encontrada é de 316 kg/ha em Santa Luzia. Há muitas deficiências, tais como: falta de uso de fertilizantes e inadequados tratos, deficiente presença de cooperativas, insuficiente produção de sementes melhoradas, baixo índice de mecanização, uso incorreto de espaçamento. A pluma fica, em pequena parte, no Estado, sendo exportada para São Paulo, Paraná e mercado exterior. A torta é consumida no próprio Estado e adjacências, enquanto o óleo é comercializado no Nordeste. A cultura adapta-se bem na parte ocidental, a partir de São Mamede, excluindo-se algumas áreas da Serra do Teixeira. Nos Cariris Velhos, a faixa favorável inicia-se em Livramento, englobando Sumé, Prata, Monteiro e São Sebastião do Umbuzeiro, tendo adaptação moderada e restrita em outras áreas do Cariri, do Seridó e Curimataú. Não há condições climáticas favoráveis no restante do Estado, quer por deficiência hídrica, quer por excesso de umidade ou período chuvoso concentrado em épocas desfavoráveis ao cultivo.

2) ALGODÃO HERBÁCEO – A Paraíba é o segundo produtor do Nordeste, desde 1976, respondendo por 36% da produção. A produtividade vem crescendo, embora ainda seja 2,34 vezes inferior à média nacional. As deficiências são as mesmas assinaladas para o algodão arbóreo. As áreas de moderada adaptação localizam-se na Serra do Teixeira, indo até Bonito de Santa Fé, Serra Grande, Monte Horebe e São José de Caiana, Aguiar e S. José de Piranhas. A melhor adaptação está no Curimataú (Araruna, Tacima, Dona Inês), região central e norte do Piemonte da Borborema e parte do Agro-Pastoril do Baixo Paraíba (Sapé, Marí, S. Miguel do Taipú, Juripiranga), no Brejo (exceto Areia, Serraria e Borborema, devido à umidade excessiva), no Litoral, principalmente em Jacaraú, Itapororoca, Mamanguape, Pedras de Fogo e Cruz do Espírito Santo.

4) ABACAXI – Em 1976, a Paraíba era o 1o. produtor nordestino e 2o. do País, e em 1977 voltou a ocupar o 1o. lugar, notando-se aumento na produção e produtividade, estando com um máximo de 27.309 kg/ha enquanto que a média nacional é de 12.460 kg/ha. A Argentina importa 7% da produção, sendo que as perdas chegam a atingir 8%, devido à perecibilidade e falta de armazenamento, provocando baixa dos preços. A abertura de outros mercados importadores trará um novo estímulo para o setor. Os principais fatores limitantes são: falta de mudas de variedades mais produtivas, deficiência no controle fitossanitário, combate empírico às pragas e moléstias, falta de um parque industrial visando exportação de produto beneficiado, ausência de cooperativas. A melhor região é a Agro Pastoril do Baixo Paraíba, principalmente Sapé e Marí que já respondem por 36% da produção do Estado. No Curimataú, adapta-se em Araruna, Tacima, enquanto no Agreste da Borborema, em Solânea, Remígio, Esperança, Lagoa Seca, Campina Grande e Massaranduba. Areia está excluída, devido à umidade elevada. Boas condições no Piemonte da Borborema, de Alagoinha para o norte. Há diversas áreas esparsas que aceitam o cultivo do produto, tais como Umbuzeiro, Ouro Velho, Prata, Teixeira e Princesa Isabel.

4) ANONÁCEAS E GOIABA – São exploradas a Pinha, Graviola e Goiaba, em pequena escala, embora contém com boas condições de adaptação, principalmente na micro-região do Agreste da Borborema, Curimataú, Seridó Paraibano e Cariris Velhos. Os municípios ideais para o cultivo são Taperoá, São José dos Cordeiros e Juazeirinho e, mais moderadamente, Santa Rosa, São João do Cariri, Cabaceiras e Boqueirão. Na Depressão do Alto Piranhas, com suplementação de água, podem ser conseguidas fora da época normal, devendo-se evitar regiões úmidas.

5) ARROZ – A produção não atende a 10% das necessidades do Estado, tendo uma produtividade de 688 kg/ha contra a média brasileira de 1.466 kg/ha. É pouco aceito nos centros urbanos maiores, que importam o produto do Maranhão. É precário o uso de adubação e controle fitossanitário, além de se utilizarem apenas na infra-estrutura de irrigação e fornecimento de sementes selecionadas para possibilitar uma [illegible]. O maior potencial está nos vales dos rios [illegible], rio do Peixe, Mamanguape, rio Paraíba e [illegible] nas várzeas. Nessas regiões, [illegible] pode-se obter uma produção para a [illegible] do Estado. Embora seja o [illegible] não apresenta problemas sérios como a [illegible].

6) BANANA – A maior produtividade é de [illegible] pelos dados de 1976, o Estado produziu [illegible] de suas necessidades. Grandes são as perdas, por deficiências de estradas vicinais e precário combate às pragas, doenças, baixa produtividade em algumas regiões e ausência de indústrias para aproveitamento na safra principalmente nas áreas irrigadas. É intenso o intercâmbio de variedades com o Ceará e Pernambuco. As melhores condições para o cultivo estão no Brejo, principalmente Areia, Alagoa Nova, Bananeiras e Solânea, além de todo o Litoral. Com boas condições estão os vales irrigados como o Vale do Piranhas, Vale do Rio do Peixe, Sertão de Cajazeiras e Cariris Velhos.

7) – BATATINHA – Nos últimos anos, a exploração tem representado pouca importância para o Produto Bruto da Lavoura, mas na região Agreste da Borborema é o principal produto, respondendo por 62% do total estadual. A maior parte é exportada para as regiões Norte e Nordeste, embora o Estado seja um grande importador nos períodos de entressafra, comprando até 80% de suas necessidades (1976). A produtividade vem melhorando, chegando a 3.766 kg/ha embora a média nacional seja de 8.563 kg/ha, sendo afetada por deficiente preparo do solo, adubação, tecnologia de nível inferior, utilização de batata-semente de má qualidade, capacidade armazenadora ainda irrisória. Há necessidade de se abrirem outras fronteiras de produção. Melhores regiões: Esperança, Areial, Montadas, Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Puxinanã, Pocinhos e Alagoa Nova, além de zonas potenciais como Serra do Teixeira e Monte Horebe.

8) CAFÉ – A plantação ainda é incipiente, com excelentes perspectivas, principalmente em Areia. Outras regiões com aptidão moderada e restrita são os municípios do Brejo, Cuité, Araruna, Natuba, áreas da Serra do Teixeira e de Monte Horebe. Há campos de observação instalados em Curimataú (3), Cariris Velhos (3), Serra do Teixeira (3), Região de Cajazeiras (5). O Estado tem programado o incentivo ao plantio de 1 milhão de mudas, e a conseqüente auto-suficiência do Estado.

9) CAJU – As melhores regiões estão no litoral, continuando pelo Agro-Pastoril do Baixo Paraíba (exceção de Mogeiro), Piemonte da Borborema (exceção para Gurinhém, Juarez Távora e Ingá). Boa produção no Brejo, com moderação em Areia e Bananeiras. Cultura favorável entre Cuité e Tacima. As regiões de Natuba, Umbuzeiro e Ouro Velho, Prata, Sumé, São José dos Cordeiros, Monteiro, S. Sebastião do Umbuzeiro e S. João do Tigre são favoráveis, continuando em boa faixa ao longo da divisa com Pernambuco e Ceará. Desaconselha-se a produção na Depressão do Alto Piranhas, Sertão de Cajazeiras e Catolé do Rocha.

10) CANA-DE-AÇÚCAR – Vem evoluindo positivamente a cultura, tendo uma produtividade superior à média nacional. É o principal produto na economia agrícola paraibana. O Estado exporta rapadura, álcool, aguardente, açúcar e melaço, importando açúcar cristal ou refinado para as famílias de classe A. Não há uniformização na tecnologia. Os usineiros utilizam mecanização, adubação e irrigação, escolha de mudas e variedades resistentes, enquanto os demais produtores fazem plantio semi-mecanizado de variedades sem definição. A capacidade industrial instalada é pequena, limitando a expansão da cultura e também a capacidade de investimento dos produtores é muito aquém das necessidades, principalmente no tocante à mecanização e uso sistemático de fertilizantes

Melhores condições estão em todo o litoral, Areia e Bananeiras. O resto do Brejo apresenta condições moderadas, enquanto que o Piemonte da Borborema exige irrigação.

11) CITROS – A área cultivada tem aumentado consideravelmente, embora a produtividade tenha decrescido até 39,9%. Apresenta pouca importância para a economia, enquanto o Estado importa 63% de suas necessidades. Há problemas de mudas, pragas, doenças, irrigação, comercialização, classificação e qualidade. O maior potencial está no Brejo e em Natuba, adaptando-se a algumas áreas da Serra do Teixeira e Monte Horebe, com suplementação hídrica. Os vales irrigados apresentam condições, devendo-se considerar que a alta temperatura chega a comprometer a qualidade do fruto.

12) FEIJÃO – A área cultivada vem aumentando, mas a produtividade vem decaindo, mostrando a inexistência de práticas de conservação e enriquecimento de solo. É o terceiro produto da economia agrícola estadual. O macassar representa 70% da produção, mas o Estado importa 75% de suas necessidades referentes ao feijão mulatinho. Excetuando Catolé do Rocha, Litoral e Brejo, todo o Estado pode produzir feijão, estando nos Cariris Velhos a maior concentração da colheita, principalmente, Taperoá. Potencialidade alta e moderada para o feijão macassar está no oeste do Estado, a partir de Patos, sendo que o mulatinho prefere as regiões do Litoral até Patos. A tecnologia empregada é rudimentar, com variedades mal definidas e de baixa produtividade, não se empregando adubação e calagem, sementes são de baixo teor germinativo e a comercialização é precária, com a presença constante de atravessadores. O deficit é importado da Bahia, Minas Gerais, Paraná e São Paulo.

13) MANDIOCA – A área cultivada vem crescendo aceleradamente, mas a produtividade tem decaído até 14,5%. A produção é industrializada através de processos rudimentares resultando num custo muito alto. Não são utilizados fertilizantes e defensivos, por falta de conhecimentos técnicos e altos preços. A comercialização é precária. Não há cooperativismo, as variedades são mal escolhidas e não há controle adequado fitossanitário, havendo um contínuo empobrecimento do solo. O cultivo é inadequado nas regiões mais úmidas, sendo favorável no litoral, Agro-Pastoril (exceção de Queimadas e Fagundes), Piemonte da Borborema, Brejo Paraibano, Tacima, Araruna, Cacimba de Dentro e Dona Inês, todos os municípios ao redor do Brejo, Umbuzeiro, Natuba, Aroeiras, Serra do Teixeira e algumas regiões do sertão de Cajazeiras até S. José de Piranhas.

14) MILHO – É um dos componentes básicos na alimentação da população rural. É plantado em consórcio com algodão e feijão, sendo secundário em termos de rendimento econômico. A produtividade é reduzida e as irregularidades climáticas prejudicam as lavouras esparsas. A estrutura de armazenamento ainda é deficiente, facilitando a ação dos atravessadores. É pouco utilizado para alimentação animal, e são poucas as indústrias instaladas. As especulações de preço atingem 200% do valor normal, na entressafra. Maiores produtores são Taperoá, Cajazeiras e Juazeirinho, embora esteja presente em todo o Estado.

15) PIMENTA-DO-REINO – Com boas condições de cultivo em todo o Brejo, principalmente Areia, Bananeiras e Alagoa Nova. Condições regulares em Dona Inês, Araruna e Tacima.

16) SISAL – A situação vem se recuperando, embora os preços baixos tenham forçado o abandono de muitas áreas, permitindo a queda da produtividade, justificando inclusive inumeráveis erradicações. Já foi o 2o. produto da economia do Estado e continua sendo muito importante, mesmo com a instabilidade do mercado, com a falta de cooperativas suficientes, com a deficiência no trato e práticas nocivas de corte, além de não se conhecerem variedades mais produtivas e ausência total de pesquisa sobre alternativas de utilização. O sisal é exportado para os EUA, Canadá, Polônia, Itália, Alemanha e Holanda.

17) SORGO – O Estado tem grande potencial para o produto, adaptando-se nas regiões do Sertão de Cajazeiras, Catolé do Rocha, Depressão do Alto Piranhas (exceto S. José do Sabugi, Santa Luzia, São Mamede, Cacimba de Dentro, Salgadinho de S. Félix e Junco, além das áreas fronteiriças ao Rio Grande do Norte). No Cariri, os municípios centrais apresentam boas condições, bem como Barra de Santa Rosa, no Curimataú. No Piemonte, apenas Itatuba, Ingá, Juarez Távora e Gurinhém apresentam condições. Na Agro Pastoril, apenas Mogeiro e Salgado de S. Félix.

18) TOMATE – Em 10 anos, a área cultivada passou de 19 para 620 ha. e a produção, de 215 para 29.150 toneladas, com rendimento de 11.315 para 47.000 kg/ha, ocupando um lugar bastante razoável quando comparado com outros Estados. Sempre em estabelecimentos isolados, ou nas bacias de irrigação, apresenta um nível tecnológico melhorado, incluindo preparo do solo mecanizado. Os entraves são: insuficiência de crédito para obras de irrigação, inexistência de unidades industriais, uso incorreto de fertilizantes e inseticidas, falta de organização em cooperativas para evitar atravessadores. A produção, além das necessidades, é exportada para o Ceará e Pernambuco.

19) BOVINOCULTURA – A Paraíba atende apenas 45% de suas necessidades de carne e apresenta um deficit de 38% em leite. A iniciativa privada tem realizado inúmeros esforços quanto à melhoria genética e o Estado ocupa um lugar privilegiado no cenário nacional, nesse campo. A produtividade é baixa, a alimentação é escassa e poucos se dedicam à exploração do leite, pois o maior consumo é de leite "in natura", embora as duas usinas de pasteurização apresentam 60% de capacidade ociosa. O manejo é fundamentado no empirismo e as doenças infecto-contagiosas e parasitárias juntam-se a carência nutricional, ocasionando um baixo desfrute. Importa-se carne da Bahia, Minas Gerais, Piauí e Sergipe. O setor sofre grande movimentação nos últimos anos, introduzindo-se diversos novos rebanhos de gado de raça, que têm respondido às aspirações dos proprietários. Região de Catolé do Rocha presta-se a criação de gado de corte. Seridó paraibano às raças mais rústicas, apresenta o menor rebanho do Estado. O Curimataú tem boas condições principalmente para gado de leite. O Piemonte da Borborema presta-se para cruzamentos industriais de taurinos com zebuínos. O Litoral apresenta tendência natural para exploração de mestiços leiteiros. O Sertão de Cajazeiras com boas condições para pecuária não extensiva e respaldo em pastagens artificiais. A Depressão do Alto Piranhas tem condições para todos os tipos, corte, leite e dupla aptidão, devido à complexidade de sua ecologia. Os Cariris Velhos detém o maior rebanho e presta-se otimamente para gado de leite, pois conta com fartura em Palma forrageira, no período da seca. O Agreste da Borborema tem condições em Campina Grande, Massaranduba, Queimadas e Fagundes. O Brejo pode explorar rebanho leiteiro (carne e leite) de mestiços ou puros. A região Agro-Pastoril do Baixo Paraíba tem bom potencial para pecuária de corte e leiteira. A região da Serra do Teixeira apresenta boas condições exceto a cidade de Teixeira, por não ter suporte hídrico.

20) CAPRINO-OVINOCULTURA – O regime de criação é super-extensivo, não existindo ainda melhoramento tecnológico e genético do rebanho. Não existe uma definição de raça para o rebanho caprino e os proprietários desconhecem qualquer tecnologia de manejo, alimentação e sanidade animal, explicando a baixíssima produtividade, não se conhecendo a média de leite. Mesmo assim, desempenha um papel de grande importância por fixar o homem em regiões áridas, desprovidas de condições para agricultura estável. Ocupa o 3o. lugar como fonte geradora de renda no setor pecuário, sendo que a pele é exportada e a carne vem se valorizando. Excetuando o Litoral, todo o Estado apresenta condições de exploração. O Seridó necessita de pastagens melhoradas, Curimataú apenas na região oeste, Cajazeiras não se presta a regime extensivo necessitando de pastagens artificiais. O maior rebanho está nos Cariris Velhos, principalmente caprinos leiteiros. O Agro Pastoril apresenta poucas condições, enquanto que na Serra do Teixeira, a cidade de Teixeira não tem condições hídricas, sendo boas as condições no restante da região.

PARTE IV
PROPOSIÇÕES PARA O FUTURO

Uma vez determinado o Zoneamento agrícola espera-se que os mecanismos de Crédito sejam disciplinados de acordo com o mesmo, isto é, que os financiamentos sejam liberados aos produtores rurais de acordo com as indicações constantes no Zoneamento. Essa medida é essencial para a racionalização do desenvolvimento agropecuário.

Cabe apresentar diversas proposições, sabendo-se que muitas delas já estão catalogadas para estudo pelos técnicos oficiais, visando unicamente abranger o maior número de alternativas válidas para a garantia do sucesso futuro.

1) DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

1.1) Concretização do SEAGRI, implantando diversos núcleos no interior, visando acelerar o desenvolvimento, garantindo uma orientação única.

1.2) CIDAGRO – Ampliação da rede de fornecimento de insumos, aumento da frota de mecanização pesada e perfuratrizes para abertura de poços. Implantar, decisivamente, um amplo programa de comercialização da produção, diversificando a linha de produtos.

1.3) CEASA – A organização, hoje, nada mais fez do que garantir a institucionalização do intermediário que se sedia no estabelecimento e, dali redistribui para a cidade, os produtos comprados. Há a necessidade premente de organizar a comercialização, a nível do camponês, quer através de cooperativas, ou outro mecanismo.

1.4) Pesquia Agropecuária – Empresa a ser criada pois, apesar da incorporação de novas fronteiras, o rendimento da agricultura vem caindo, por falta de pesquisa e experimentação. Ademais, a falta de sementes e mudas selecionadas tem constituído um grande entrave.

1.5) Sistema armazenador e controlador – empresa a ser criada, apoiando a Política de Preços Mínimos, com domínio sobre o armazenamento da produção agrícola, carne e sementes em geral, com ins-

talações adequadas para a formação e manutenção de estoques estratégicos.

1.6) **Reestruturação fundiária** – Geração de um organismo com amplos poderes para implantar uma racional divisão fundiária. Em 1960, apenas 1% dos estabelecimentos agrícolas possuia 36% da área agricultável, enquanto que 62% detinham apenas 6% dessa mesma área. Essa concentração vem se acentuando, ao invés de diminuir. Segundo o INCRA, 66% da mão-de-obra localiza-se nos imóveis inferiores a 50 ha. enquanto que as propriedades acima de 1.000 ha. utilizam apenas 5%, finalizando com o demonstrativo de que 44% dos trabalhadores corresponde a pessoal temporário, principalmente nas pequenas unidades agrícolas. Portanto, é muito grande, o nível de pobreza em que vive grande parte das famílias rurais. Muitos latifúndios não se interessam em investir e ocupar suas áreas, enquanto os minifúndios não encontram possibilidades de exploração racional.

Esse organismo, articulado com o INCRA, efetuaria uma recolonização, atuando via mercado livre, visando a implantação de módulos racionais padronizados para determinadas explorações adequadas às diversas regiões do Estado, diluindo a concentração perniciosa de renda e facilitando a fixação do homem à terra.

1.7) **Implantação de Agroindústria** – A distribuição rural nordestina é a que mais caracteriza a implantação de agroindústrias, no Brasil. Atualmente, o Polonordeste vem iniciando a implementação de um subprojeto PENA-Pequenas Empresas Não Agrícolas, apresentando os seguintes resultados surgiram 167 interessados, tendo sido cadastradas 114 empresas pelo NAI, com assistência fornecida a 62 empresas, e liberado financiamento para 31 unidades industriais.

Dada a importância da fixação do homem, nos períodos de carência de produção e considerando que a política do Governo do Estado no tocante à industrialização não ofereceu, até hoje, após mais de uma dezena de anos, qualquer perspectiva de melhora da condição de pobreza média do homem rural, cabe propor uma política mais agressiva no tocante ao aproveitamento industrial dos próprios produtos da terra.

Propõe-se, assim, direcionar a Cinep, devidamente articulada com a Secretaria da Agricultura e Nuppa, da Universidade Federal, visando a alocação de recursos, via abertura de linhas especiais de Crédito e/ou Incentivos, com conseqüente implantação de pequenas unidades industriais, disseminadas nas regiões produtoras, sem alterar a atual política de industrialização.

Esse programa deveria visar a industrialização, incorporando as cooperativas ao sistema e acelerando o treinamento de lideranças da iniciativa privada, para minimizar o tempo de implantação.

Num aspecto global, a agroindústria atua como fator de correção social e mantém o equilíbrio do mercado de produtos e mesmo de mão-de-obra.

No momento atual, considerando a feliz distribuição geográfica da população e da produção, a criação desse Programa é da maior importância.

1.8) **Capacitação de Recursos Humanos** – Especialização de elementos para atração de compradores e comercialização de produtos, a nível nacional e internacional, promovendo uma sistemática abertura para a exploração agropecuária.

Até o momento, tem se feito um grande esforço no sentido de se aumentar a produtividade do solo, mas é chegada a hora de se procurar aumentar a produtividade da pessoa humana, tanto na área técnica como na área de mão-de-obra rural.

Os diversos produtos de exportação estão perdendo peso na balança nos últimos anos, mas o potencial paraibano é altamente promissor, bastando agilizar o mercado comprador.

2) POLÍTICA DE PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

2.1) **Assistência Técnica e Extensão Rural** – O homem não é culpado pela situação nordestina e ele irá sempre refugar qualquer orientação técnica que não esteja alicerçada sobre uma tecnologia adequada ao semiárido. O instinto humano é sábio e o produtor rural, com sua formação humana, ainda é a maior resistência ao uso de tecnologia "modernizante".

Propõe-se efetivar um amplo trabalho criando maiores oportunidades de acesso ao Crédito Rural, disciplinando as liberações de acordo com as indicações no Zoneamento Agrícola. Sobre as demais áreas de atuação, cumpre lembrar a necessidade de concentrar esforços sobre o uso correto de fertilizantes, corretivos, sementes selecionadas, comercialização e manejo do rebanho.

2.2) **Pesquisa e Experimentação Agropecuária** – A criação de uma empresa de Pesquisa visa obter uma tecnologia adequada às peculiaridades do clima, propondo-se pesquisas sobre: consórcio algodão arbóreo x feijão macassar x milho, consórcio algodão herbáceo x milho x feijão, abacaxi, anonáceas, banana, batatinha, café, caju, citros, feijão mulatinho, mandioca, inhame, alho e tomate, pimenta do reino, sorgo granífero/forrageiro/sacarino, bovinos de corte, bovinos de leite, caprino-ovinocultura, forrageiras exóticas, plantas tóxicas, piscicultura, aproveitamento de várzeas e açudes, estudo das potencialidades hídricas dos Cariris Velhos, calibração de métodos e análise de solos, determinação de estirpes de bactérias fixadoras de nitrogênio em feijão macassar e mulatinho, tecnologia de produtos alimentícios, estudos de salinidade dos solos de áreas irrigadas e Cariris Velhos, com fins de prevenção, definição de máquinas e implementos agrícolas mais adaptados à região, indicação de novos equipamentos de irrigação visando a industrialização regional, implantação de Banco de Germoplasma, implantação de Centros de produção de mudas e sementes, implantação de um centro de quarentena, indicação de métodos de silagem e fenação.

2.3) **Sementes e Mudas** – Propõe-se uma concentração de esforços visando a produção e distribuição de sementes e mudas selecionadas, pois trata-se de um insumo de real importância para o aumento da produtividade.

2.4) **Mecanização Agrícola** – Sugere-se a criação de patrulhas mecanizadas através das cooperativas, capilarizando o atendimento que ora é monopolizado pela Cidagro. Assim, a transferência dos tratores de pneus para utilização através das cooperativas habilitadas, é uma boa medida.

2.5) **Promoção pecuária** – Incrementar o programa de Inseminação Artificial. Iniciar um intercâmbio internacional com países de características similares, visando um trabalho de Melhoramento Genético. Desenvolver, aceleradamente, a caprino-ovinocultura, dentro de técnicas modernas. Estudar a implantação de uma Exposição Nacional, principalmente no concernente à raça Guzerá, que tem na Paraíba o mais legítimo produtor atual. Determinar os padrões para exploração econômica da pecuária nas diversas regiões do Estado, distribuindo "raças" e quantidade de animais por hectares. Fomentar a produção suína e avícola, com incentivos especiais, principalmente em estabelecimentos na periferia de grandes cidades.

Evidenciar, em todo o Estado, que a carne pode se tornar um subproduto do leite, direcionando o Crédito nesse sentido.

3) COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO

Há muito que fazer nesse setor, pois o intermediário continua entravando o rendimento do produtor rural e, com a instalação das CEASAs, ele – o atravessador – conseguiu "institucionalizar-se", passando a agir dentro do recinto, comprando a produção no campo e redistribuindo-a, a preços superiores, dentro da CEASA.

3.1) **Cooperativismo** – Apenas 7 cooperativas (de um total de 50) conseguiram iniciar processos de comercialização. Elas se apresentam com atuação pouco definidas e, em certos aspectos, até distorcidas, no tocante às suas reais finalidades. A tendência é ampliar o campo de ação das cooperativas, visando a implantação de agroindústrias e apoio à política de armazenamento. Assim, as cooperativas tornar-se-ão mais fortes podendo-se formar um alicerce para a comercialização.

ITAPETINGA BAHIA

XV EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA

11 a 18 – fevereiro – 1979

O calendário nacional de promoções agropecuárias indica aos pecuaristas uma visita à cidade de Itapetinga, cognominada de a capital da pecuária baiana, e onde se realizam os melhores e mais concorridos certames do gênero em todo o norte e nordeste do país.
É que de 11 a 18 de fevereiro de 1979 alí estará sendo realizada a sua XV Exposição Agropecuária.

A cidade estará em festas e, mais uma vez, o Parque "Landulfo Alves", com suas baias e currais lotados, será o centro de fervilhante atividade comercial, enquanto os mais destacados espécimes desfilarão em sua pista central.

Itapetinga está chamando. Vamos lá. Vale a pena a visita.
Mas se você vai concorrer, comprar ou vender, faça logo a sua inscrição a partir de 04 de dezembro de 1978.

PROMOÇÃO
SINDICATO RURAL DE ITAPETINGA
SECRETARIA DA AGRICULTURA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPETINGA

terra firme
gado forte

3.2) Produtos Horti-Fruti-Grangeiros – Propõe-se um amplo trabalho junto ao produtor rural, para que ele não "entregue" sua produção nas mãos indevidas. Pode-se também gerar um mecanismo de redistribuição para outros municípios, passando a CEASA a ocupar um papel de maior amplitude, auxiliando os produtores, possibilitando uma racionalização no comércio.

3.3) Compra antecipada da produção – Um trabalho digno de elogios, que precisa, urgentemente, ser ampliado para outras áreas, devido ao profundo alcance social de que é impregnado.

3.4) Classificação da produção – Ampliação dos trabalhos de classificação e inspeção, referentes a sisal, feijão, milho, algodão, farinha de mandioca, abacaxi e, finalmente, café.

4) OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA

Muitas têm sido as obras executadas, como consta na Parte II, mas uma análise global mostra que é chegado o momento de se implantar um sistema integrado de infra-estrutura, ou seja:

- Adequar as obras a serem construídas aos traçados das estradas existentes ou projetadas. Assim, armazéns, eletrificação, maior quantidade de açudes epoços, e demais obras deveriam se sediar ao redor de vias de escoamento de fácil acesso. O maior exemplo da distorção, nesse sentido, é a total ausência de exploração da Bacia Leiteira paraibana, atualmente a segunda do Nordeste, mas com ampla possibilidade de ser a primeira, faltando-lhe apenas infra-estrutura.
- Outros Estados brasileiros já implantarem esse sistema, onde, o importante não é a prioridade política, mas sim a prioridade de se efetuar uma obra que possa ser útil ao desenvolvimento real do Estado.

Por esse motivo, não há proposições sobre a construção de Estradas vicinais, Armazenamento, Construção de Açudes, Construção de Poços, Parques de Exposições, Eletrificação Rural e demais obras de infra-estrutura, pois todas devem estar, obrigatoriamente, articuladas com as vias de escoamento, permitindo um fácil acesso aos produtores rurais e permitindo um desenvolvimento racional das atividades do campo.

A única iniciativa especial seria buscar junto ao Ministério da Agricultura e demais órgãos envolvidos, a devida autorização para providenciar um estudo e escolha de local para implantação de um Quarentenário, em qualquer ilha do Nordeste, pois a Paraíba, bem como outros Estados da região seca contam com possibilidade ampla de exportação de boi-em-pé, não devendo protelar a decisão de se construir um recinto de Quarentena.

5) PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS ESPECIAIS

5.1) POLONORDESTE – Esse grande programa, cujo destino tende a ganhar sombras brevemente, provocando atrasos no andamento das obras, está necessitando de um esforço junto à Presidência da República, visando liberar as verbas para os dois projetos: Vale do Piancó e Tabuleiros Costeiros que, mesmo aprovados, não contam com os recursos, ainda.

5.2) PROJETO SERTANEJO – Sem comentários.

5.3) PRONASA – Esse programa da maior importância para a região, precisa de mais apoio do Ministério da Agricultura, visando ampliar o campo de ação, pois é de alto teor didático, permitindo aos vaqueiros assumir as atividades de defesa sanitária, poupando os funcionários públicos, para um reescalonamento para outros setores de atividades.

5.4) PROMOÇÃO AOS PRODUTORES DE BAIXA RENDA – Esse valioso programa poderia vir a utilizar a rede de Cooperativas, atomizando os benefícios aos produtores rurais.

5.5) PISCICULTURA NO INTERIOR – Considerando que todo peixe pescado no litoral paraibano (exceção para a baleia) é, em quantidade, inferior àquela pescada apenas no açude de Coremas, cabe conferir prioridade a essa atividade, pois o peixe de água-doce é a principal base protéica da população rural. Sugere-se a instalação de toda infra-estrutura no açude de Coremas, para produção e comercialização.

5.6) PROJETOS REGIONAIS – Sugere-se implementar o PROVARZEAS que muito pode trazer para o Estado.

5.7) INDUSTRIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS – Programa a nível estadual, porque o setor industrial apresenta baixa capacidade de processamento de produtos paraibanos, tornando-os altamente vulneráveis as perdas e adoção de moderna tecnologia. Complementando os dados apresentados no item 1.7 dessa Parte IV, cabe propor uma orientação de recursos dos Projetos Especiais (Polonordeste, etc) para esse programa, cuja ausência vem provocando uma considerável perda de divisas para o Estado.

5.8) REFLORESTAMENTO – Propõe-se sugerir aos Programas Especiais (Polonordeste, etc) a implantação de áreas destinadas unicamente ao reflorestamento, além de ampliar o programa para outras áreas do Estado.

PARTE V

PRIORIDADES

1) Manutenção dos esforços de produção e difusão de tecnologia para a agropecuária.
   - Criação de empresa de pesquisa.
   - Capacitação de recursos humanos visando buscar tecnologia apropriada em países com condições similares à Paraíba. Exemplo: Instituto de Agricultura Tropical, Nigéria. Ou em países como Austrália, Índia, oeste dos Estados Unidos, Espanha e França.
   - Estudar a conjunção de esforços entre Emater, Cidagro e a "empresa de Pesquisas" a ser fundada, visando: a) expansão da fronteira agrícola para aumento da oferta de alimentos. b) adaptação de uma tecnologia especial para o semiárido.
   - Abertura de uma linha especial de Crédito Rural para consolidar a implantação de tecnologia adequada comprovada, calcada sobre uma solução técnica real. Exemplo: capim buffel, e outros produtos que estão sendo apontados como "solução real".

2) Mobilização política em torno dos problemas fundiários e da pobreza rural.
   - Gerar, o mecanismo para redistribuição de terras, articulado com o INCRA, através do mercado livre.
   - Incrementar o programa de compra da produção aos produtores de Baixa Renda.
   - Apoiar, maciçamente, os trabalhos de capacitação de mão-de-obra rural.

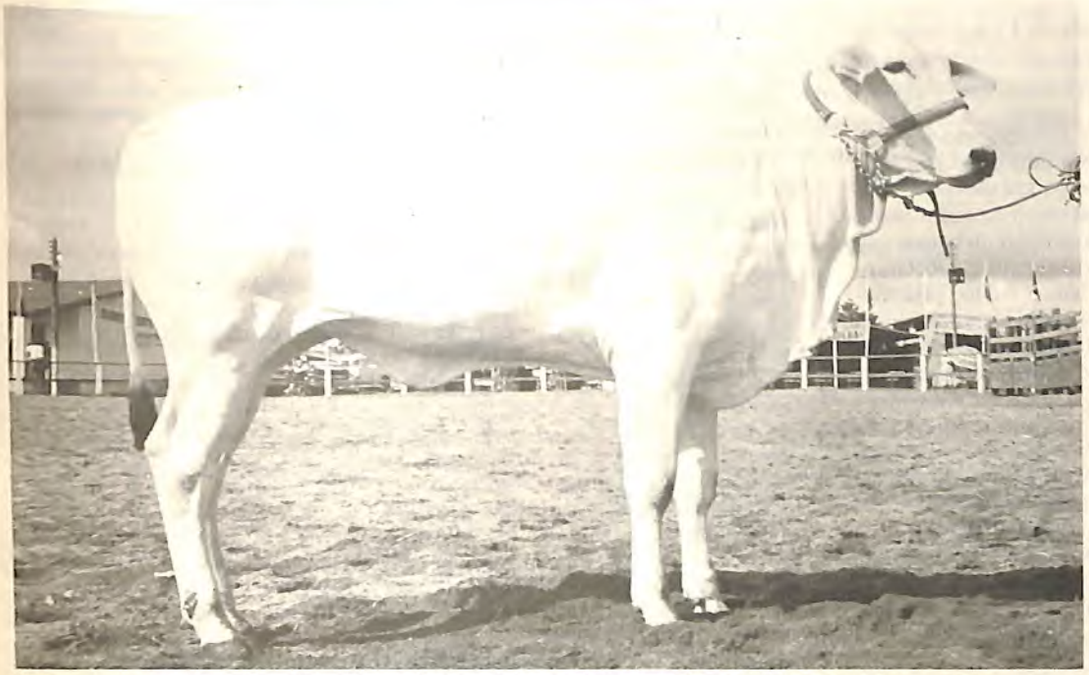
3) Substituição paulatina dos estímulos via crédito, pelos estímulos via mercado. Ampliação dos investimentos em infra-estrutura de comercialização
   - Corrigir as distorções verificadas na comercialização.
   - Direcionar os investimentos em infra-estrutura, voltando-os para a abertura total da bacia leiteira paraibana, cujo projeto está pronto há dezenas de anos. As demais obras devem ser posicionadas de acordo com objetivos táticos de abastecimento e não políticos, situando-se a margem das rodovias implantadas ou a implantar.

4) Agilização de programas baseado em peculiaridades regionais
   - Apoio ao Programa do Café, visando a auto-suficiência do Estado.
   - Aproveitamento dos vales úmidos.

Fazenda PLANALTO

BREJÕES – CEP 45.307 – BAHIA Rua Portugal, 3 – Sala 902

ANTONIO DO VALE ANGERAS



BARONEZA

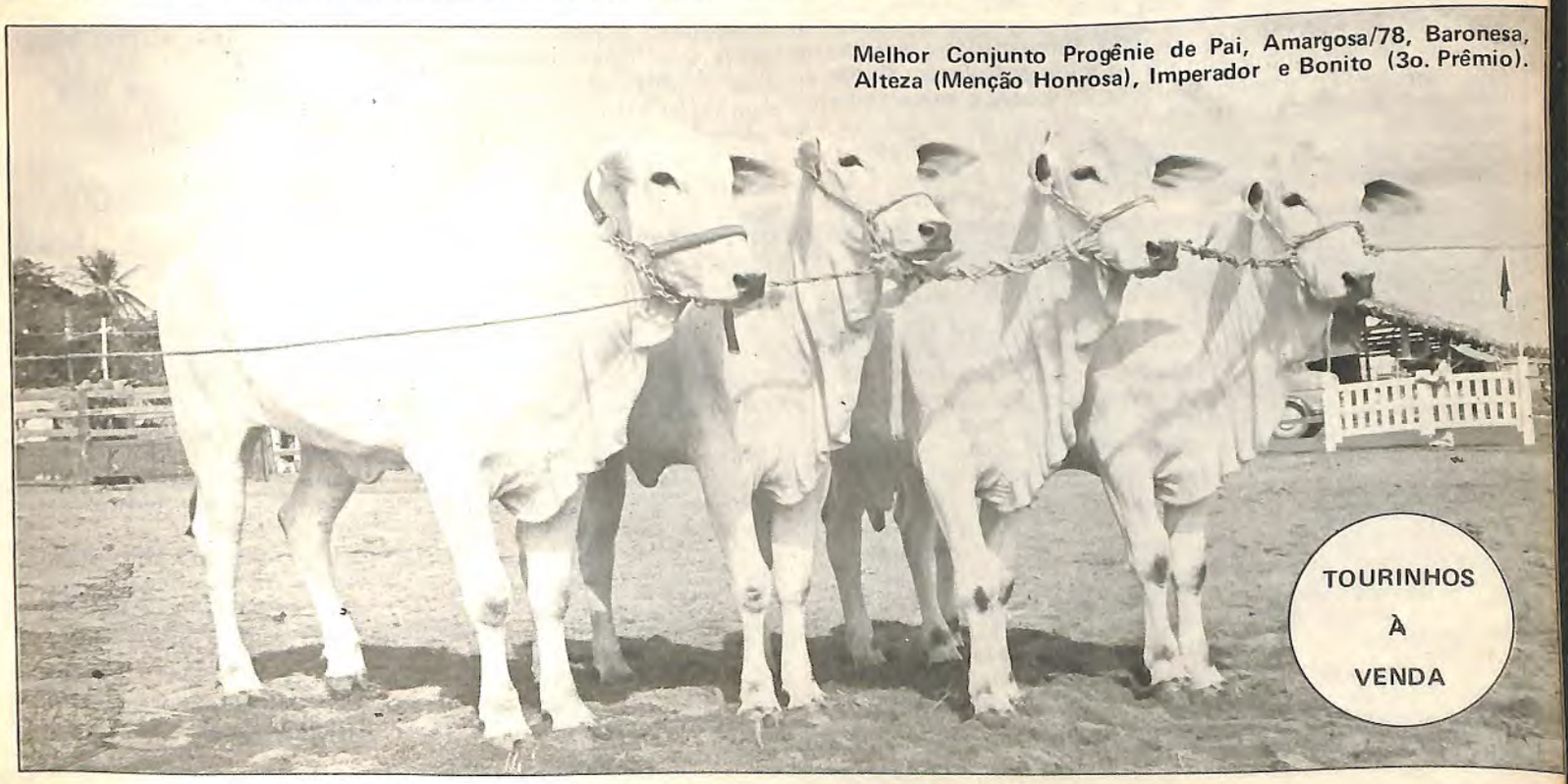
1o. Prêmio em Amargosa/78, ganhador de todos os títulos da Raça Nelore Variedade Mocha.

Nasc. 27.12.76

375 Kg.

Pai : Ás de Ouro, RG-2025

Mãe : Balada, RG-8505



Melhor Conjunto Progênie de Pai, Amargosa/78, Baronesa, Alteza (Menção Honrosa), Imperador e Bonito (3o. Prêmio).

TOURINHOS À VENDA

pequenos e médios açudes para irrigação sistemática.

- Implantação do Programa de agro-indústrias, visando fixar o homem ao próprio local e evitar o desvio de receita do Estado.
- Implantação do Programa de pesca interiorana, por se tratar de oferta de alimento da maior necessidade.

Dezenas de técnicos, autoridades e personalidades civis foram ouvidas, para a consecução dessa matéria, não podendo-se atribuir qualquer dado ou conclusão expressa a alguma única pessoa, que é da inteira responsabilidade do corpo editorial de Paraíba Pecuária.

Agradecemos ao Secretario de Agricultura Dr. Humberto Manoel de Freitas, Assessor Geral Douglas Cabral de Vasconcelos, Dr. João Barbosa da CFPA, Dr. Marcos Marinho Marsicano, presidente da Emater, Dr. Ronaldo Alencar Fernandes, presidente da Cidagro, Dr. José Carlos Simões Peixoto da DFA-PB, Dr. Valter de Carvalho da Universidade Federal da Paraíba, Dr. Zelson Tenório da Embrapa-PB, Dr. Carlos Pessoa Filho da Federação da Agricultura, Dr. Marcos Petruceno do Polonordeste, Sociedade Rural da Paraíba, Dr. Manuel Dantas Vilar Filho.

COMO ESTÁ NOSSA AGROPECUÁRIA?

O Diretor Executivo da CFP-Comissão de Financiamento da Produção, Paulo Roberto Vianna, diz que os principais resultados que o modelo econômico adotado produziu sobre a agricultura são:

1) O crescimento da oferta agrícola, considerando a abundância do fator terra, foi promovido mais pela incorporação de novas fronteiras que do aumento da produção por área. 2) A agricultura tem cumprido, com crescente dificuldade sua tarefa de supridora de recursos para o setor urbano, seja mediante o mecanismo de preços, garantindo uma subsistência barata que permite mão-de-obra de baixo custo, seja mediante o mecanismo tributário, explicito (ICM) ou implícito em diversas políticas, como a cambial (cruzeiro sobrevalorizado) e a de tabelamentos de preços de produtos agrícolas, que limitam os ganhos do setor rural. 3) Os subsídios concedidos ao setor por meio principalmente dos juros do crédito rural criaram fortes desníveis entre regiões e entre produtores, fazendo coexistir setores extremamente dinâmicos com outros estagnados ou mesmo em decadência. 4) A estrutura fundiária não foi reformada de acordo com as intenções do Estatuto da Terra e outros instrumentos legais que se seguiram e os problemas da pobreza rural continuam oferecendo obstáculos ao desenvolvimento econômico e social, particularmente na região Nordeste.

A SOLUÇÃO

O próprio Paulo Vianna, continua, apresentando a alternativa de um desenvolvimento para o setor agrícola, em sintonia com os novos objetivos políticos, de acordo com a seguinte linha geral: 1) Manutenção dos esforços de produção e difusão de tecnologia para a agricultura. 2) Mobilização política em torno dos problemas fundiários e da pobreza rural. 3) Desarmamento gradual dos mecanismos truculentos de intervenção governamental no domínio econômico, substituindo-os por outros mais afins com o respeito à livre iniciativa. 4) Substituição paulatina, mas não total, dos estímulos via crédito, pelos estímulos via mercado. 5) Ampliação dos investimentos em infra-estrutura de comercialização, particularmente transporte. 6) Aperfeiçoamento das ferramentas fiscais e creditícias para melhor convivência com eventuais necessidades de defesa contra pressões inflacionárias ou deflacionárias de preços externos, bem como para compatibilizar a política de fomento à produção com a política anti-inflacionária e de promoção das exportações agrícolas.

E por que não foi feito antes, já que tudo é tão simples? Por quatro razões, afirma Paulo Vianna: primeira, porque era inadiável reduzir a inflação e a linha geral proposta, embora promova a médio prazo melhores condições de combater a inflação, terá, a curto prazo, um forte impacto altista sobre os preços agrícolas. Segunda, porque o problema só se evidenciou, mais dramaticamente, a partir de 1976, quando o ritmo inflacionário se agravou, aumentando, de um lado, os subsídios (enquanto os juros de mercado subiam, os do crédito rural permaneciam baixos), e, de outro, os tributos implícitos, particularmente pelos tabelamentos e confiscos. Terceira, porque a necessária retaguarda a ser provida pela assistência técnica e pelo desenvolvimento de tecnologia agrícola, especialmente este último, não podiam ainda ser garantidos. Quarta, porque a máquina administrativa, em particular do Ministério da Agricultura, não estava ainda preparada, como agora está, para gerenciar essas mudanças.

IMPOSTO RURAL, UMA BOMBA-RELÓGIO

O presidente da Associação Brasileira de Reforma Agrária, José Gomes da Silva salientou, em Porto Alegre, que o sistema atual não tem demonstrado nenhuma preocupação com a reforma agrária, pretendendo deixar a seu sucessor um plano que é um embuste, uma bomba-relógio: o da tentativa de ressuscitar o Imposto Territorial Rural, como substituto da reforma agrária, o que nunca deu certo no Brasil.

"O ITR tinha como grande objetivo tornar proibitiva a manutenção de grandes áreas sem utilização, mas nesse país, do jeitinho que é o Brasil, aconteceu o contrário: os grandes fazendeiros pagavam um imposto inferior ao que pagavam os minifundiários, pois rebaixavam o valor básico, sem fiscalização do INCRA. Os dados oficiais comprovam que as pequenas propriedades são as responsáveis pela maior parte da produção rural, desmentindo a falácia de que a produção agrícola provém dos grandes estabelecimentos. As pequenas propriedades são responsáveis por 79% dos produtos básicos de alimentação, 64% dos produtos de transformação industrial, 69% dos produtos hortifrutícolas e 63% dos produtos de extração vegetal ou florestal."

Segundo o presidente José Gomes da Silva, a questão é óbvia pois "fazer a reforma agrária é estancar o ritmo de valorização artificial mantido pelas grandes empresas que ocuparam vastas áreas do território nacional. E elas não têm nenhum interesse em reforma agrária. Além do mais, a questão também é eleitoreira, pois a reforma agrária, se concedesse terra aos 20 milhões de pessoas que anseiam por elas, traria para as urnas mais 20 milhões de votos conscientes, o que seria desinteressante para muitos grupos econômicos atuais.", finalizou.

OS AZARES DO NORDESTE

Criou-se no Nordeste a mania de construir obras pomposas, majestosas, que acabam não trazendo nenhum proveito. "Por exemplo, o lago do São Francisco, um dos grandes desastres ecológicos, que – ao invés de ajudar – vai piorar a vida de 30.000 famílias que terão suas terras invadidas pelas águas e se mudarão para as cidades, onde passarão a formar uma classe proletária urbana" – frisou o Dr. José Rafael de Menezes, no V Encontro de Oficiais de Registro de Imóveis, no Hotel Tambaú.

"Muitos se orgulham da brasilidade nordestina, mas levando em conta apenas a tradição com base em grandes nomes", mas segundo ele havia em 1890, em Pernambuco, mais sulistas que pernambucanos. Todo o Nordeste começou a se exaurir, em 1930, salientou.

"Os azares do Nordeste partem do gigantismo das coisas enquanto as pequenas coisas não são realizadas", disse, evidenciando que foi implantado na região o hábito de cultivar gigantismos.

ZONEAR PARA MELHORAR

V. CORONADO, polêmico, batalhador, acostumado às lides do campo, acompanha de perto todos os problemas da pecuária nordestina, há dezenas de anos. Sua palavra é acatada, onde quer que haja um zebu, muito embora tal aceitaçao popular venha acarretando, ano após ano, uma série de entraves, junto aos técnicos modernos que orientam a evolução da pecuária nordestina. Mas, romântico por natureza e queimado pelo sol do sertão, não foge à luta e diz o que acha correto, para quem quiser ouvir, aguardando dias melhores.

Respondendo a Sinval Palmeira, o autor censura o Ministério da Agricultura que obriga os criadores a "mudarem de camisa", favorecendo os agiotas das multinacionais. Enquanto a Pesquisa dorme, vai acreditando que o PROZEBU poderá trazer bons resultados, caso consiga ir até o fim, para prejuízo da política escusa que tem por objetivo desarticular o rebanho nacional, para facilitar constantes importações, deixando claro que basta a raça holandesa pa para se chegar ao tão propalado PROCRUZA. RUZA.

Honra-nos dialogar com um Sinval Palmeira que tantos e inestimáveis serviços tem prestado à Pecuária Bahiana e brasileira. Honra-nos, porque acompanhamos o seu trabalho, um trabalho sério, institucional, dirigido com idealismo, cujo objetivo visado é, sem dúvida, mais carne e mais leite por unidade de área.

Essa é a meta não só da Cabana da Ponte, da SENOR-Sêmen Nordeste, mas de tantas outras centrais de inseminação implantadas por este Brasil afora que merecem, por parte do Ministério da Agricultura, através de seu DIFRIA, um apoio, incentivando-as, ajudando-as, afim de que possam cumprir o seu grande papel, o de levar a técnica, juntamente com as Associações de Registro Genealógico, aos centros de criação, os mais distantes.

Esclarecemos, inicialmente, que o presente artigo não intenciona nenhuma polêmica, pois — embora não concordemos com alguns dos pontos de vistas daquele articulista, respeitamos as suas idéias, na sua maioria por demais válidas, deixando, assim, uma abertura para que o leitor venha a participar do diálogo, ao tirar as suas conclusões.

A revista Paraíba Pecuária No. 5, sob o título de "NÃO EXAGEREMOS" mostra Sinval Palmeira fazendo uma confrontação entre o Zebu e as raças bovinas de origem européia, no que tange à rusticidade. Neste particular está, entre nós, o "pomo da discórdia". Não necessitamos entrar em considerações sobre o assunto, visto que as Estatísticas falam mais alto, ao apontar o montante de zebuínos importados da Índia e do Paquistão, ao redor de 6.800 animais, contra uma cifra de cerca de 1 milhão de Bos-Taurus- sem computar a avalanche de sêmen, continuamente entrando no País.

Temos chamado a atenção, especificamente, do Ministério da Agricultura quando permite "de braços cruzados" que outros órgãos estejam a "orientar" o melhoramento da Pecuária Nacional, como o Ministério da Fazenda, através dos bancos oficiais, Ministério da Educação, Mobral e outros organismos, forçando o criador — por ocasião dos financiamentos — a mudar de "camisa", numa luta inglória, prejudicando e emperrando, assim, o desfrute da pecuária brasileira, reeditando, maldosamente, a campanha radicalista de Pereira Barreto, cujos únicos a se beneficiarem são os "agiotas" e comerciantes e as multinacionais de importação.

Não achamos que o MA esteja trilhando o caminho certo ao estabelecer o PROCRUZA para todas as raças leiteiras de origem européia, na ânsia de encontrar um "true Type". É como se um laboratorista, ou melhor, um Químico viesse a entornar dentro de um cadinho, de uma só vez, vários elementos de composições e reações das mais diversas. Se é novidade o que desejam, poderemos fornecer uma sugestão, a de se "comprar" o Royalty à Anglo e seguir pelo mesmo caminho que aquela multinacional trilhou para obter o Pitangueira.

Entendemos que somente com o ativamento de uma empresa oficial de pesquisas poderemos alcançar os objetivos: o de levantar, de identificar as manchas ecológicas desse imenso País, através de uma pesquisa obstinada sem a qual estaremos perdulariamente jogando recursos financeiros fora, internamente, além de pulverizarmos as nossas "suadas" divisas.

O Brasil, País de dimensões continentais, com área em dois hemisférios, com climas e microclimas dos mais diversos, com vários anos agrícolas, não pode ser comparado a países de áreas mais limita-

BARBARA, filha de K. Damal e Baliza II, criação de Zeide Sab, uma boa demonstração de que o zebu é realmente de duplo propósito.

das, em que as superfícies compreende uma só ecologia, com um só ano agrícola, facilitando o desempenho dos seus governantes. Torna-se premente voltar as nossas atenções para o grande problema, em ritmo de "marcha batida".

Como exemplo, chamamos a atenção para o Programa Nacional de Melhoramento Zootécnico. preferentemente no que tange ao PROZEBU que, levado a efeito pela ABCZ, juntamente com as suas Delegadas, Filiadas e Escritórios Técnicos, está rumando – sem querer – em boa rota, qual seja, a de, pelas Provas Zootécnicas – inicialmente – com Controle de Desenvolvimento Ponderal, identificar o Zebu, quanto ao seu comportamento, tanto na linha do Equador, como nas caatingas do Nordeste brasileiro, sudoeste bahiano, chapadões do Centro-Oeste, nos pampas, no Pantanal do Mato Grosso.

Com a apuração da presente pesquisa, já se vislumbra uma triagem podendo-se daí verificar o que mais convém à Pecuária brasileira, em termos de rentabilidade: Bos Indicus ou Bos Taurus, e então fica encerrada a questão, pois – caso as condições brasileiras venham a mostrar que é mais vantajoso para a Nação em termos de Cr$ expandir a pecuária zebuína em toda a área da SUDAM, porque não faze-lo?

O povoamento das pastarias brasileiras está sendo efetuado nos moldes comparáveis (como se fôssemos a pesquisar o óbvio) a cultivar herva-mate nos Cariris Velhos da Paraíba, ou então algodão de fibra longa no cimo da Mantiqueira.

Para as multinacionais de importação de animais, esse estado de coisas, de indefinição, é o ideal, visto que o interesse é o de faturar, é que continuemos "pensando", sempre iniciando, sempre "mudando", sempre velhos e tradicionais compradores de reprodutores e de sêmen dos países do Velho Mundo, aumentando a desordem genética do nosso já desarticulado rebanho ainda mais, para continuarmos sempre atrelados à bem esquematizada máquina publicitária.

Indagaríamos: além da raça Frísia que, na Holanda de hoje, é considerada de duplo propósito, são necessárias as raças Romagnola, Chianina, Marchigiana. Jersey, Guernsey e o bi-mestiço Canchim e Limousin para participarem ativamente do melhoramento da pecuária brasileira tropical? Obviamente que não! Bastará a raça Frísia para se chegar ao tão propalado PROCRUZA. O mais, achamos nós, é puro modismo!

João Carlos Pedreira de Freitas, o saudoso João de Abreu Júnior e seu filho João Carlos Burgues de Abreu recentemente falecido, Gabriel Andrade, Rubens Resende Peres, José Maria do Couto Sampaio, Paulo Roberto Leite, Francisco Figueiredo Barreto, Epitácio Pessoa Sobrinho, Hugo Prata, Antônio Ernesto Werna de Salvo, Manuel Dantas Vilar Filho e os atuais responsáveis pelo guzerá-JA, José e Ana Rita Tavares de Melo, nos alentam a batalhar com todas nossas energias pelo Zebu, protegendo-o, à espera de que os "Doutores da Lei" dispensem ao mesmo, um tratamento justo. pelo menos... o de ser a raça Nacional, capaz de se transformar em mais um elemento gerador de divisas para esta Nação e para que, no limiar do novo século, tenha o Brasil condições de alimentar bem os seus 200 milhões de habitantes.

Quanto ao mais, não pretendemos nos especializar em geo-economia da Itália, da Grécia, Albânia ou da Finlândia. Da Itália, dentre muitas coisas, apreciamos as obras de Arte, e, como laticinista que somos, enaltecemos a sua linha tradicional de queijos duros e de massa filada como o Parmezão, Caccio Cavalo, Provolone e Muzzarela, além do que – cumpre-nos frisar que dissemos que as forças aliadas, durante a IIa. Guerra, saltaram na Sicília e Calábria, porque assim estava escrito no opúsculo "Em Guarda" que recebíamos regularmente. Questão de querer interpretar!

Novembro de 1978.

comag COM. DE MÁQ. AGRÍC. LTDA.

REVENDEDOR Massey Ferguson

• TRATORES E IMPLEMENTOS •

- Implementos agrícolas
- Batedeira de cereais
- Debulhadores de milho
- Carretas agrícolas
- Colhedeiras e Picadeiras de capim
- Semeadeira e Adubadora de Pastos
- Motores diesel Yanmar
- Moto-forrageiras, moto-bombas, grupos geradores Yanmar.
- Peças e Serviços

Matriz: R. Pres. João Pessoa, 287 - Teleg. "COMAG" - Fone: (083) 321.2821 Campina Grande-PB.

Filial: Praça João Pessoa, 40 - Fone: 421.3271 - Patos, PB

O NORDESTE DOS NORDESTINOS

(O que falta ao Nordeste)

EURIPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.

O homem que, no passado sabia lutar pela sua gente, não desapareceu, ainda borbulha nas veias da terra, embora não tenhamos tido forças para impedir o esmagamento de nossas lideranças. Hoje, temos um político profissional, parasita, gerado pelo aulicismo, especialista em recitar doutrinas inconscientes sobre agricultura e pecuária, tanto quanto mexericos palacianos. Foi o trabalho duro o maior produtor de cérebros pensantes no Nordeste, e não o processo artificial de busca a um diploma, como agora se vê. Estamos pagando por essa manietação inconsciente, pagando aos grupos econômicos que ficam ocultos, enquanto o Nordeste permanece como flagelado.

O economista Walfrido Salmito Filho, superintendente da SUDENE, falando no 1o. Congresso Nacional sobre o Nordeste, em São Paulo, a 26 de setembro de 1978, afirmou que somente a verba destinada à Siderurgia, para o próximo ano de 1979, no valor de 700 milhões de cruzeiros, equivalia a 140% de todos os recursos destinados ao Nordeste durante os últimos dezesseis anos.

Contasse o Nordeste, hoje, como já teve, com quem por ele lutasse, e uma afirmação dessa ordem não teria caído no vazio.

O sul do Brasil foi o preferido pelas correntes imigratórias vindas da Europa. Por lá é muito comum um nome de língua estrangeira em pessoas que se afirmam brasileiras, que juraram fidelidade à bandeira, embora o lar onde formaram o seu espírito tenha sido apenas um prolongamento da terra de seus avós. É muito comum o homem do sul pensar que o Nordeste é ainda uma terra de índios, de gente faminta, sempre flagelada pelas secas. Um médico alourado, do Paraná, olhou-me mostrando a sua dúvida quando eu afirmei, perante outras pessoas, ter encontrado naquele próspero Estado, gente tão pobre e talvez mais ignorante do que aqui, no Nordeste. Um gaúcho, certa vez, perguntou-me se era fácil ver rebanhos de gado selvagem, nos campos do Nordeste!

O esvaziamento do Nordeste é conseqüência da crença, predominante no sul, de que aqui resta apenas miséria e ignorância. Vem de longe esse preconceito. Um general brasileiro, herói nacional, como o nome perpetuado numa das nossas divisões territoriais, percorreu todo o Nordeste, em 1921, ou logo depois, à frente de um grupo de políticos e técnicos, procurando as provas para a sua afirmação de que o Presidente Epitácio Pessoa estava gastando inutilmente aqui o dinheiro da Nação, pois era preferível forçar a transferência de toda a população para as terras do Planalto Central. Essa afirmação predominou para a construção da Transamazônica, há bem poucos anos e, nem bem foi aberto o caminho, iniciado o êxodo com promessas de transporte e moradias gratuitas, logo pararam as obras.

No tempo do Império, homens do povo, isto é, sem responsabilidade pela causa pública, como o engenheiro F. Retumba e o bacharel Irineu Joffily, viajaram a cavalo, por todo o sertão paraibano, para conhecimento pessoal das realidades do Nordeste. Então a dignidade do homem não lhe permitiria a afirmação do que tivessem certeza, enquanto hoje diariamente encontramos notícias autorizadas por técnicos de responsabilidade oficial, afirmando a criação de polos de agricultura, antecipando grotescamente e ilusoriamente a produção de milhares de milhares de toneladas de cereais e os milhões de cachos de bananas com aproximação de décimos, além da construção de barragens que logo "produzirão" toneladas de peixe para a pesca. Asseguram a criação de frente de emergência abrigando centenas de milhares de famintos. Tudo isso, sem sequer mencionar dados possíveis de comprovação, escondendo a realidade final da notícia.

No começo deste século, o Nordeste contou com a corajosa defesa feita por Piquet Carneiro, Ayres de Sousa, Fellipe Guerra, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, João Lyra Tavares, Eloi de Sousa, além de muitos outros, políticos e escritores que por ele lutavam, apoiando cientistas da estirpe de um Arrojado Lisboa, Aarão Reis, Pimenta da Cunha, A. Veríssimo Rebouças, todos com a mesma determinação em prol do homem e da terra.

A SUDENE, criada pelo Presidente Juscelino, foi uma ampliação do Projeto que criou a Inspetoria de Obras Contra as Secas, em 1910, com o reforço dado pelo Presidente Epitácio Pessoa, em 1919.

Os planos originais precisam ser retomados, não devemos deixar no vazio a afirmação feita agora pelo economista Walfrido Salmito Filho. O Nordeste ocupa um terço da área territorial do Brasil, com maior parcela no número de habitantes. Toda porção abandonada, fatalmente caminha para o desligamento e não queremos legar essa fatalidade aos nossos netos.

O Nordeste não pode continuar à mercê de um grupo de funcionários que, ao seu bel prazer, resolve destruir áreas cultivadas como as que existiam em São Gonçalo e simplesmente transformar uma grande parte em campos de pastagens para engorda de boiadas que não são mencionadas nos relatórios. Várzeas como as do Jaguaribe foram sacrificadas para a produção de gêneros de rentabilidade assegurada, condicionadas às indústrias de alimentos, com o total abandono do homem da terra. Outros campos ubérrimos foram transformados em cenários para turismo e efeitos de propaganda.

A partir de 1965, a SUDENE começou a ser esvaziada e um dos primeiros efeitos foi a paralização das obras contra os efeitos das secas. A última represa em construção foi concluída em 1972, e nenhuma outra foi iniciada.

Há um esforço que deve ser levado em conta, na paralização dos trabalhos: o Departamento de Secas constituía a melhor Universidade que poderíamos desejar para a cultura do homem em todos os terrenos, topógrafos, projetistas, mestres

de obras, saíram dos roçados e casas de taipa e trouxeram as provas da capacidade e inteligência do nordestino. Veterinários, agrônomos, mecânicos, todos tiveram a sua oportunidade na prática dos trabalhos criados pelos pioneiros das obras. Somente no tempo do Presidente Epitácio Pessoa, quando ele previu que as obras seriam paralizadas pelo seu substituto mandou contratar as principais, com firmas estrangeiras que, após sua paralização, foram retomadas por técnicos aqui formados.

Sentimos orgulho em dizer que tudo que foi feito no Nordeste até 1965 foi pelo braço e inteligência do nordestino. Passavam meses e até anos sem receber os seus salários, mas em menos de trinta anos tinham rasgado estradas que alcançavam todos os rincões e criado centenas de represas formando oásis e fartura para o homem nos dias das longas estiagens.

A cultura brasileira nos começos deste século era influenciada pelos livros franceses e toda literatura traduzida revelava a amargura do povo frances pela derrota sofrida na guerra franco prussiana de 1870, quando apesar da desesperada resistência, os seus soldados foram forçados pela fome a se render.

A história continua a resgatar milhares de casos iguais. Desde então, aprendemos que nem uma filosofia ou uma muralha, não poderá subsistir sem o apoio da barriga. Que poder terá um tanque de guerra se o seu condutor estiver faminto? Onde está a resistência de um povo se ele estiver na dependência de comprar feijão, milho, cebola, alho, carne e tudo mais para sua alimentação?

Mesmo viajando no conforto de um METRÔ, ou na rapidez de um trem moderno, mesmo cruzando os mares sobre pontes monumentais, se o homem estiver faminto, tudo ele trocará por um mísero bocado de pão!

Perguntem ao moço porque deixou seus pais desamparados e, em vez de ir para uma Universidade, foi morar nas favelas do sul e ele responderá que para ali foi em busca de um trabalho para ganhar o seu sustento. Através das grades de uma prisão o desgraçado que perdeu a sua liberdade dirá que a fome o obrigou a assaltar uma mercearia.

Mais grave porém do que o abandono do Nordeste, ansilosando dessa forma uma parte do corpo da nação, é o tornar igualmente responsável pelos encargos resultantes dos gastos em obras faraônicas, feitas somente no sul. Somos igualmente responsáveis pelos encargos que encarecem os preços das enxadas, das foices e do bocado que comemos. Pagamos, nos preços da luz, do gás, dos tributos de toda ordem, os dinheiros gastos na construção de metrôs, estradas suntuosas, restauração de campos de irrigação, muitas hidroelétricas, todas beneficiando as regiões do sul, enquanto aqui esvaziam a SUDENE e paralizam todas as obras de estruturação contra os efeitos das secas.

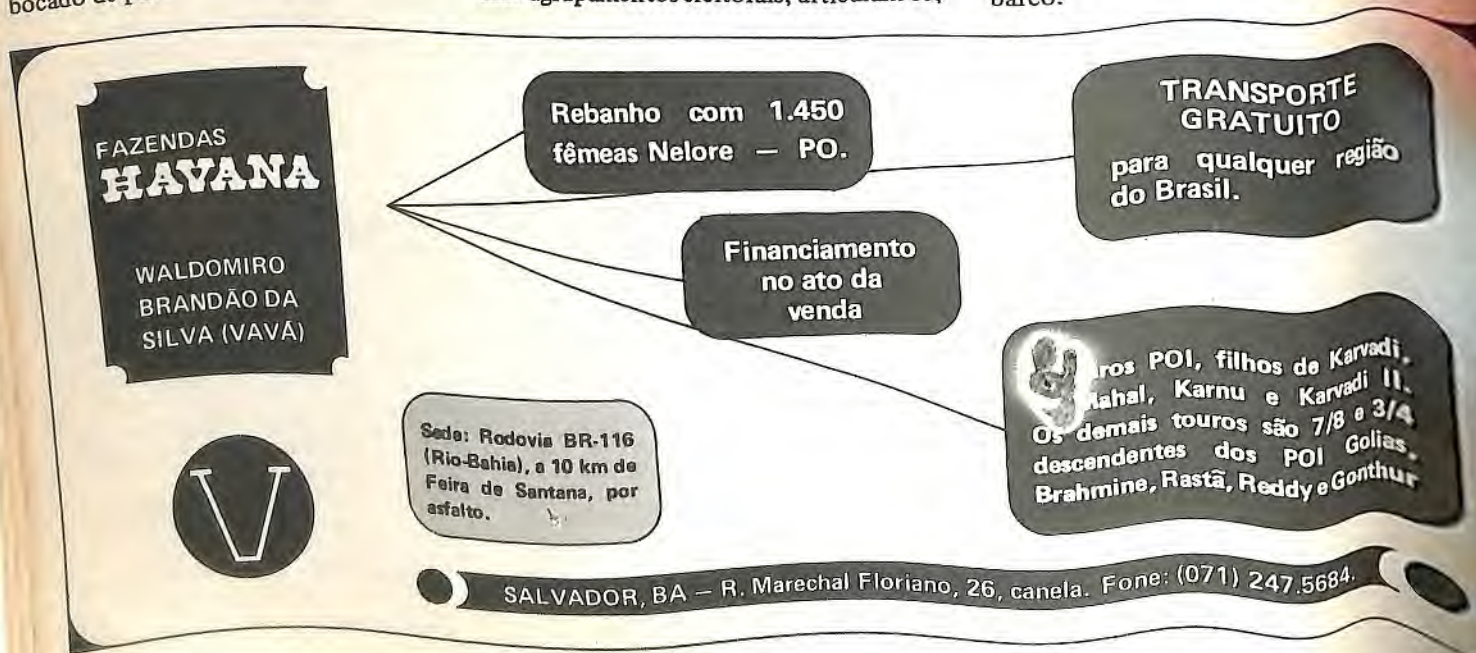
Jamais pensaríamos em separativismo, pois o sangue caboclo que corre em nossas veias é o mesmo que estava nas ocaras dos campos do sul. Queremos igualdade de tratamento, pois somos irmãos e temos afirmado esta verdade em todos os momentos decisivos da nossa formação.,

O que está nos faltando é uma voz que se levante em nossa defesa. Nos campos do sul, falam os donos das grandes empresas, dos vastos cafezais, das pastagens sem fim. São eles os representantes nas Câmaras para a defesa de seu povo, de suas empresas e seus interesses.

Os nossos representantes falam pelos seus agrupamentos eleitorais, articulam-se, separam-se, agindo sempre conforme os seus imediatos interesses pessoais. Aparentemente, além de uns poucos latifundiários do litoral, não temos aqui, uma força econômica sequer capaz de decidir os destinos da região. Nossos produtos como o algodão e o agave vivem permanentemente ameaçados pelos interesses de outros produtores. Nosso minério ainda jaz ignorado nas profundezas da terra. Não podemos competir com as forças econômicas do sul.

Temos elementos para a resistência, pois o homem que no passado sabia lutar pela sua gente, ainda não desapareceu, ele borbulha nas veias dos filhos da terra. Não tivemos força para a reação ao cerceamento das nossas lideranças, desde os dias de 1930. Estamos sem lideranças capazes. O que existe é o político profissional (aquele que quer apenas um emprego de político), parasita gerado pelo aulicismo ressuscitado nos últimos cinqüenta anos. Ele não sente o apelo da terra que diz representar, fala de agricultura e pecuária como falaria de direitos sociais e mexericos palacianos.

Precisamos pensar no Nordeste, na sua gente, nos seus recursos econômicos e culturais como uma parte da Nação e fazer com que ela deixe de ser uma simples extensão territorial. A grandeza do País está agora, mais do que antes, exigindo uma descentralização de governo. Ou voltamos a SUDENE com poderes mais ampliados ou seremos avassalados talvez por outros povos, ou por uma burocracia emperrada, enclausurada no sul que dificulta verba até para reparo de rodovia ou concessão de habeas corpus, enquanto muitos povos estão olhando nossas reservas minerais indispensáveis à economia mundial. Antes que eles venham tomar o que é nosso, devemos assumir o leme e guiar o nosso barco.



FAZENDA CARNAÚBA

MANUEL DANTAS VILAR FILHO

Taperoá, Paraíba — CEP 56.800 - Rua Álvaro Machado, 1 - Fones: 2213 e 2251.

UM GUZERÁ LEITEIRO
COM 40 ANOS A MAIS

Nossa orientação sempre foi a mesma: buscar maior produção de carne e leite...

...vacas precoces e resistentes, com aquela imponência que só GUZERÁ é que tem!

GUZERÁ LEITEIRO **D** MARCA

Em 1934, Manuel Dantas Vilar trouxe do Rio de Janeiro, o Guzerá JA, um gado enorme, imponente, com chifres em forma de lira, muito leiteiro e manteigueiro, que parecia ser ideal para o Nordeste, e até hoje nunca introduziu um touro de fora, mantendo a pureza original.

Os resultados surpreenderam: as crias vinham mais cedo, a produção de leite era fantástica, as novilhas podiam ser enxertadas muito antes e o rebanho adquiriu uma rusticidade inédita na história da pecuária brasileira.

Nos cruzamentos com gado Schwyz, Simental e Holandês, as mestiças davam mais leite, os bois ganhavam mais peso, mostrando que o Guzerá era, realmente, o mais indicado para o Nordeste.

Hoje, o GUZERÁ-D já faz parte da cálida paisagem nordestina e um rebanho de 300 fêmeas, em Taperoá, é o exato perfil de um verdadeiro guzerá... com 40 anos a mais.

O Guzerá-D é um Guzerá-JA...
com 40 anos de Nordeste.

JOTAMACHADO

FAZENDA DIAMANTE — FEIRA DE SANTANA - BA

RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

Padreando as nossas matrizes, expressivos exemplares da elite do trabalho de seleção desenvolvido há várias décadas:

CAFUNDÓ PREDILETO

HERDADE JUPIÁ R.G. 069	ABAIBA SEREIA R. G. 0385
o Campeão Nacional 74 o Campeão dos campeões Nacional e Campeão Nacional de Marcha 76	Irmã paterna e materna do Campeão Nacional de 77, Abaiba Remo
HERDADE OURO PRETO / HERDADE ALTEZA	PROVIDÊNCIA ITU / ABAIBA JUREMA

GENTIL DO DIAMANTE

Pai: GOOD BOY (FAVACHO)
R. G. 120

Mãe: CLAUDINA DO DIAMANTE
R. G. 0273

TETRA-CAMPEÃO
aos 30 meses

- **Jequié/76**
- **Vitória da Conquista/77**
- **Feira de Santana/77**
- **Itapetinga/78**

É o animal mais novo da categoria Cavalo (36 meses). Obteve Menção Honrosa na Nacional/78.

SALVADOR, BAHIA
CEP — 40.000

Contato: OCTÁVIO MACHADO NETO
Av. Manoel Dias da Silva, 2269 — Pituba
Telefones: (071) 248.0340/248.0097/248.0775

PARAÍBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO

UMA PUBLICAÇÃO

EDICAMP EDITORA CAMPESINA LTDA
Matriz: Rua Duque de Caxias, 591, 2o.
cj. 209 — Caixa Postal, 98
58.000 João Pessoa — PB
Fone: (083) 222.0950

Revista PARAÍBA PECUÁRIA

[illegible]

Centro de Ciências Agrárias Areia, PB — [illegible]
Instituto de Zootecnia Km. 47, Rio — [illegible]

[illegible]

Recife, PE — [illegible] — Fone (081) 222.2327/5010 — Telex (081) 1704 CEP 50.000
Salvador, BA — [illegible] — Av. Estados Unidos, Edif. Cervantes [illegible] Fone (071) 242.3486 — CEP 40.000
Rio de Janeiro, RJ — [illegible] — Av. Graça Aranha, 174, salas 609/12 Fone (021) 222.0242/221.4156 Telex (021) 22775 CEP 20.000
São Paulo, SP — [illegible] — Rua Araújo, 70, 7o., Fone (011) 259.6332/ 5111 Telex (011) 21656 CEP 01220
Porto Alegre, RS — [illegible] — Rua Vigário José Inácio, 30 cj. 72 Fone (051) 221.8580/224.8930 — CEP 90.000
Curitiba, PR — [illegible] — R. Dr. Goulin, 87 Fone (041) 252.3282 — CEP 80.000
Fortaleza, CE — Guilherme Filho — Av. Sargento Hermínio, 1080 — Fone (0852) 226.4421 — CEP 60.000
Belo Horizonte, MG — [illegible] — Fone (031) 222.9552 CEP 30.000
Brasília, DF — [illegible], Edif. São Paulo [illegible] Fone (0612) 223.5426 — CEP 70.000
Belém, PA — [illegible] Travessa da Piedade, 587 Fone (0912) 222.1736 CEP 66.000
Florianópolis, SC — [illegible] Fone (0482) 44.1000 CEP 03186

Gráfica e Fotolitos: [illegible] Ltda. Campina Grande, PB. [illegible]
ASSINATURAS: 1 ano Cr$ 200,00 No avulso Cr$ 30,00
PARAÍBA PECUÁRIA, [illegible] propriedade da Edicamp Editora Campesina Ltda. destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária [illegible] através de pronunciamentos dos próprios empresários rurais, técnicos oficiais e autoridades. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Sugerimos e autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados, desde que sejam citados nosso nome.

Sociedade Rural da Paraíba

Rua 13 de Maio, 338 — CEP 58.100
Campina Grande — Paraíba.
Fones: (083) 321.4400 e 321.3467

DIRETORIA

Presidente: Humberto [illegible] de Almeida; 1o. Vice-Pres. Arthur Freire de [illegible]; 2o. Vice-Pres. [illegible] Leite Filho; 1o. Secretário Edvan Pereira [illegible]; 2o. Secretário [illegible] Borges da Costa Santos; 1o. Tesoureiro [illegible]; 2o. Tesoureiro José Aderaldo de Medeiros Pereira

CONSELHO DELIBERATIVO

EFETIVOS — [illegible] de Oliveira Filho, Aluízio Afonso Campos, Antonio da [illegible], Manoel Dantas Vilar Filho, Raimundo Lira, Henrique Vieira de Albuquerque Melo, [illegible]

SUPLENTES — [illegible]

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS — [illegible]

SUPLENTES — [illegible]

conversa ao pé da porteira

A voz dos criadores é o termômetro que permite aquilatar o acerto das decisões oficiais e foi esse o motivo que nos levou a definir a orientação de Paraíba Pecuária como "um diálogo corajoso a favor da agropecuária nacional."

As instáveis decisões têm levado milhares de criadores à bancarrota e todos percebem que as flutuações são, a grosso modo, forjadas sobre a inocência ou conivência da cúpula que se permite ficar algemada pelos astutos mecanismos de manietação utilizados pelas multinacionais. Dessa maneira, foi gerada a crise da carne que, literalmente, arrasou a pecuária tornando difícil suprir o mercado, decentemente, nos próximos anos. Nem bem se consegue respirar mais tranqüilamente, devido à escassez mundial que permitia um vislumbre de melhoria e surge a crise do leite, que vem sendo atirado aos porcos, enquanto cerca de 400 mil pessoas morrem por subnutrição, anualmente, no Brasil. Esse pequeno genocídio não faz parte do espírito de brasilidade, pelo contrário, ele mostra que os mentores da decisão estão relegando o senso patriótico, exatamente num momento em que o mundo anseia por ver deslanchar a agropecuária brasileira. Todos querem o progresso em nossos campos, pois temos terra suficiente para abastecer muitos mercados além de nossa demanda interna.

Mas o mal corta-se pela raiz e, dentro dessa linha de raciocínio, os organismos de além-mar subsidiam seu leite em pó e o atiram ao Brasil, através de mecanismos legais para boicotar o sucesso da exploração interna, para o azar da classe agropecuarista e para descrédito total do Banco do Brasil que, nos últimos anos, vem liberando financiamento somente para gado leiteiro.

As vozes erguem-se e temos Sinval Palmeira, Resende Peres, Walter Henrique Zancaner falando sobre o assunto. Antônio de Oliveira Pereira traça uma síntese das "Sugestões para o próximo Governo". Já Eurípedes Oliveira conta como foi que o Nordeste foi alijado do processo desenvolvimentista, tornando-se pária nacional, há já dezenas de anos.

Nem tudo é negro, no entanto, pois — apesar dos pesares — o gado brasileiro é o melhor do mundo e, a despeito dos técnicos nacionais que ainda não conseguiram assimilar essa verdade, os outros países já pensam em realizar novas importações, tal como o diz o Editorial da revista Cebú, de agosto.78, do México:

— "Hoje, diante da queda de velhas barreiras e tabus, vemos que os Estados Unidos estão na iminência de uma importação de zebuínos brasileiros, o que faz renascer as esperanças dos criadores mexicanos. Tanto se tem lutado pela necessidade de se incorporar novo sangue ao nosso lastro e tão sistemáticas, sutis e confusas têm sido as negativas, que muitos de nós duvidamos que o vizinho país pudesse fazer tal importação. Nosso entusiasmo não deve ser mais frustrado, agora, pois não se trata de melhorar as características raciais do Zebu mexicano, mas sim de aproveitar a extraordinária possibilidade de aumentar a produção nacional, importando material genético de um país onde se registram 350.000 exemplares Zebu por ano e mais 70.000 reprodutores estão sujeitos a provas de desenvolvimento ponderal e rebanhos leiteiros estão submetidos há muito tempo a programas especiais de seleção produtiva. Precisamos importar, pois a alternativa seria perder 20 ou 30 anos, lapso que — no mais afortunado dos casos — nos levaria a implantar um sistema de seleção restritiva, tomando em conta nossas necessidades presentes de alimentos, o que podemos considerar como absurda e inoperante, e vale finalizar com as palavras de Keynes: a longo prazo todos estaremos mortos." (assina Lic. Lucas de la Garza, Presidente da Asociación Ganadera de Criadores de Cebú).

Eles acreditam em nós, e em nosso gado. E com esse Editorial, eles estão dando uma aula de brasilidade para nossos técnicos!

NOSSA CAPA

Itapetinga, jovem cidade com 26 anos, conta em todos os seus recantos, a história de uma pecuária batalhadora e progressista. A exposição anual é a festa máxima de um povo que, durante os 365 dias do ano, faz da pecuária o único sentido de viver.

INDICE
SUMMARY

	Página
Editorial	3
Reportagens	
– A Grande Exposição Paraibana 1978	6
– Cabana da Ponte, uma pecuária por exemplo	15
– Itapetinga, capital da pecuária	34
Artigos e Comentários	
– O Drama do Produtor de Leite - Sinval Palmeira	5
– Sugestões para o próximo governo - Antonio de Oliveira Pereira	9
– Novo ataque contra a produção do Leite - José Resende Peres	11
– Mangalarga Marchador, o cavalo sem fronteiras - Octávio Machado Neto	31
– Agricultura Brasileira: os sinais da contradição - W. H. Zancaner	37
– A verdade nordestina - Eurípedes Oliveira	39
– Ministério da Pecuária - 2 - Gugé Ferraz	21
Notícias	42
– Panorama	
– Ex-Ministro faz advertências	
– Hora das Vacas Magras	
– Venezuela e seus preços	
– 19 anos da SUDENE: pobreza agravou-se ainda mais	
– Questão agrária nordestina	
– Mesa Redonda	
– O Nordeste precisa mudar/O alcoolismo condenam compra de boi para abate/Gado leiteiro é a solução/O leite dos paraibanos/Irrigação e produtividade/800 mil toneladas importadas	
Especial	
– O GADO NELORE, tal como era no fim do século passado, na Índia	27
– Leitores	38

ÍNDICE DE ANUNCIANTES
ADVERTISER INDEX

	Página
• BANCO ECONÔMICO DA BAHIA	14
• CABANA DA PONTE AGROPECUÁRIA LTDA, exploração pecuária e Central de Inseminação (Bahia)	23
• COMAG, implementos agrícolas (Paraíba)	44
• CORIOLANO CARVALHO PACHECO, Fazenda Tanque Novo, mangalarga marchador (Bahia)	17
• ELIAS FERREIRA DE FREITAS, Fazenda San Francisco, mangalarga marchador (Bahia)	contracapa
• FREDERICO EDELWEISS, Fazenda Santo Antonio, mangalarga marchador (Bahia)	13
• HUMBERTO DE ALMEIDA, Faz. Muçambê, guzerá (Paraíba)	7
• ITAPETINGA, cidade capital da pecuária (Bahia)	capa
• KLEBER BEZERRA, Faz. Serra Calada, gado nelore, (Rio Grande do Norte)	19
• JOSÉ E ANA RITA TAVARES DE MELO, Faz. N. S. Aparecida, guzerá (Paraíba)	47
• MANUEL DANTAS VILAR FILHO, Faz. Carnaúba, guzerá (Paraíba)	41
• MÁRIO NOU, gado nelore (Bahia)	46
• MAURÍCIO PORTUGAL BAHIA, mangalarga marchador (Bahia)	20
• OCTÁVIO MACHADO NETO, Jota machado, nelore (Bahia)	2
• RODEIO DE CAPITÃO (Minas Gerais)	10
• SINDICATO DE ITAPETINGA (Bahia)	12
• WALDOMIRO BRANDÃO, Faz. Ilha, nelore (Bahia)	29

CORRESPONDÊNCIA

... cumprimentamos a Diretoria da Sociedade Rural da Paraíba, pelo esforço dispendido em contribuir na divulgação de conhecimentos que se fazem necessários se quisermos melhorar nossa pecuária. A bandeira agitada em defesa de nosso zebu, cada vez mais veemente e corajosa em "O CREPÚSCULO DOS MITOS", de autoria de Tito Victor, simboliza uma cartilha de nossa realidade zootécnica.

Essa brisa patriótica que sopra do Nordeste é um alento para quem vem navegando contra a maré. As duas frentes de batalha representadas pela "vaca biônica e a Santa Inquisição" tem um denominador comum que é o nosso subdesenvolvimento a ser erradicado. Só o debate, a discussão e a divulgação esclarecedora será capaz de motivar os moços nessa corrida de revesamento.

Por tudo isso, meus cumprimentos.

Santo Lunardelli, 26.12.78

(comunicamos o teor da correspondência ao Sr. Tito Victor e publicamos a resposta recebida, a seguir).

... sentimos grande prazer, pois jamais esperaríamos receber congratulações de um dos legítimos baluartes de nossa pecuária.

Nosso modesto esforço resume-se em aplicar um pouco de lógica e sensatez à exploração pecuária e, depois, conversar longamente com dezenas de criadores em dezenas de regiões nordestinas, visando formar uma opinião criteriosa, embora resulte estranha ou parecendo carismática, em alguns momentos.

Não podemos acreditar que milhares de brasileiros, recentemente massacrados pela crise da pecuária, estejam satisfeitos com a atual crise do leite e, se algo vai mal, alguém precisa abrir a boca e gritar bem alto, pois o Poder (O Governo) está muito longe para ouvir qualquer gritinho à toa (uma vez que a Santa Inquisição está amordaçada, há muito tempo!). Primeiro, importamos carne para exportar automóvel, depois abatemos bois na hora que não devíamos, depois o Banco do Brasil financia gado leiteiro e proclama que zebu não é gado bom para o País, depois as multinacionais empurram leite sobre a gente, enquanto todos estrebucham. Só está faltando alguém lançar algum vírus de alienígena "peste bovina"!

Um outro dia, um criador na Bahia, alertou: "pior que a cigarrinha nos pastos é essa politicalha que aí está, lustrando os bancos, abocanhando gordos salários, enforcando a gente devagarzinho."

Parabéns a essa revista que está levando essa mensagem renovadora para todo o Brasil. Saber que estamos contando com a leitura de um Dr. Santo Lunardelli já é um grande pagamento.

Tito Victor, 02.01.79

... pretendemos saber porque é que essa excelente revista não traz o Calendário de Exposições dos diversos Estados do Nordeste...

Eurico Resende
Imperatriz, Maranhão.

Estamos tratando do assunto, Sr. Eurico; e nas próximas edições começaremos a publicar um Calendário, de todo o Brasil. Convém lembrar, também, que muitos Estados ainda não têm definidas suas datas.

... estranho um fato singelo em Paraíba Pecuária: é ver que ninguém contesta artigos que opinam sobre determinados assuntos. Será que não há elementos discordantes da opinião dos articulistas da revista?

Manuel Borba de Sá
Rio Branco, AC.

À guisa de informação cabe dizer que os articulistas de PP são as maiores autoridades e personalidades brasileiras, gente que há muito tempo convive com os problemas da agropecuária nacional. Seus argumentos, portanto, são bastante profundos para serem rebatidos, como se fossem conversa de esquina. E, afinal de contas, essa é a intenção da revista: trazer a palavra de quem realmente conhece as falhas e pode propor soluções para o problema de nossa agropecuária. Este espírito construtivo gera dividendos para o futuro da Nação e as opiniões discordantes, quando o são por puro diletantismo, podem prejudicar a imagem de quem assume essa posição de contestação simples. E ninguém quer correr esse risco.

... como podemos enviar uma assinatura para o Exterior?

José Carlos Siqueira
São Paulo, SP

Durante o ano de 1978 e até meados de 1979, o preço de assinatura para o Exterior continuará sendo o mesmo que o nacional, a título de promoção. Temos centenas de Entidades e criadores que recebem nossa publicação em dezenas de países, afora Embaixadas e Banco do Brasil.

... e ficamos sem entender o porquê do casamento entre Revista dos Criadores e Paraíba Pecuária...

Ernesto de Brito
Curitiba, PR

Não há um casamento comercial, apenas um casamento ideológico. Nós acreditamos e divulgamos a Revista dos Criadores como a melhor publicação técnica para o Nordeste e, para tanto, somos credenciados pela Editora dos Criadores para efetuar assinaturas e pedidos de outras publicações ou impressos rurais.

Em contrapartida, Paraíba Pecuária consolida-se como a mais legítima publicação em defesa das potencialidades e realizações nordestinas, constituindo um diálogo corajoso a favor da agropecuária nacional.

Considerando o conteúdo da Revista dos Criadores, e considerando o atual estágio de desenvolvimento da pecuária nordestina, diversos orientadores da Paraíba Pecuária sugeriram o casamento entre ambas as publicações. Dessa maneira, passaremos a publicar matérias de RC e vice versa.

O DRAMA DO PRODUTOR DE LEITE

SINVAL PALMEIRA, Dir. Presid. da Cabana da Ponte Agropecuária condena o modismo e aprecia conversas incisivas sobre o panorama agropecuário. Sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e grande parte da culpa por não o ser, cabe aos próprios pecuaristas, que insistem em fechar os olhos, ao invés de buscar soluçoes práticas que melhorem a produtividade do rebanho. Uma potente voz, da Bahia, para o respeito de todo o criatório nacional.

Repete-se o escândalo brasileiro: o leite vai para os porcos ou ajuda a matar os peixes, enquanto 30 milhões passam fome e morrem 400.000 crianças por ano, causando revolta diante da total ausência de uma política justa. As multinacionais transformam a Nação em joguete rendendo dividendos para seus cofres, a despeito da saúde, da vergonha, e do patrimônio brasileiro. O modelo econômico precisa ser mudado, pois exportar não é importante, quando o País passa fome. O Governo produz leite, joga fora, importa, arrasa o produtor... teleguiado pelas forças que nada têm de brasileiro, até quando?

O assunto do dia, a escandalizar o país e ocupar o noticiário da imprensa é o chamado excesso de leite, lançado aos rios em Minas e São Paulo. Leite dado aos porcos, leite lançado aos rios, num país com trinta milhões passando fome, milhões de crianças desnutridas; consumo de leite per-capita irrisório.

Como explicar tamanho absurdo? O Governo dispõe do Poder integral, conduz a economia como lhe parece e conta com um prestigiado Ministério de Planejamento. Estamos diante do que se chama anarquia na produção. A cebola chegou a Cr$ 60,00 o quilo, para, logo em seguida, ser queimada por falta de mercado. O tomate se perde por excesso de produção e milhões de brasileiros, tão carentes de vitaminas, nunca tiveram tomate em sua dieta. O lavrador, face a essa anarquia, quando produz muito, perde pela superprodução, quando a safra é pequena, conseqüente aos azares das colheitas, não tem recursos para manter sua exploração agrícola e pagar seus compromissos bancários. O resultado é o empobrecimento crescente do pequeno produtor.

E o planejamento? E a estocagem? E a rede distribuidora dos produtos? Nada disto tem merecido a atenção devida ou, pelo menos, a solução adequada. A política econômica do Brasil continua voltada para as exportações, como desde os tempos coloniais. O modelo econômico é esse. Penso que chegou a hora de mudar. Exportar é muito importante, mas ainda mais importante é criar um mercado interno, elevar o poder aquisitivo dos brasileiros, desenvolver lavoura de subsistência, produção para o consumo, no que o leite é item da maior relevância.

No caso do leite, é sabido que o produto falta constantemente no mercado e o preço, no entanto, sempre foi tabelado pela Sunab, a título de proteger o consumidor. O Governo importa leite em pó, que é reidratado e distribuído ao consumo, quando oportuno para a indústria, determinando o excesso de que se fala hoje. Mas por que tal importação, sempre repetida? Porque as multinacionais instaladas no Brasil pressionam por todos os meios, inclusive políticos, para a aquisição de seus excedentes, a preços inferiores aos do mercado, justamente por se tratarem de excedentes. Com esse leite importado as companhias estrangeiras manipulam o mercado brasileiro, forçam a baixa, desestimulam o produtor; o que resultará em maiores dividendos para tais grupos internacionais. Em certos momentos, as multinacionais ou órgãos de Governo de países produtores oferecem leite em pó, gratuitamente. É a conhecida "generosidade" do capital estrangeiro ajudando a matar a fome dos subdesenvolvidos. Esse leite doado se torna caríssimo, porque é distribuído no mercado brasileiro, quando convém às multinacionais, concorrendo com a produção nacional e estabelecendo um **dumping**, que, no fim, se converterá em lucros vultuosos para essas multinacionais.

É preciso por fim a essa política suicida e antibrasileira. Não devemos importar leite nem aceitar doações estrangeiras desse produto. Devemos, sim, estimular a produção nacional, criando os incentivos necessários à crescente melhoria da produção e do produto. O Ministro Simonsen vem declarar que a indústria cresceu 7% este ano e agricultura caiu 3%. Essa é a triste realidade!

Fala-se sempre em bacias leiteiras, em desenvolver a pecuária de leite, mas o produtor, embalado nesses sonhos e esperanças, se surpreende um dia à porta da usina com a recusa do seu leite, que deve levar de volta e fazer o queijinho caseiro, como sugerido por um agente do Governo, pela televisão; ou dar aos porcos. Mas o próprio queijo caseiro a fiscalização oficial não permite, sob alegação de higiene. É o drama do pequeno fazendeiro.

O Governo deveria começar por um levantamento da produção anual do Brasil e das reais necessidades de sua população. Em seguida, planejar incentivos e ajuda técnica e creditícia para levar a produção ao nível das necessidades do mercado, com capacidade para estocagem do excesso da safra, para distribuição na entresafra. Não importar leite nem permitir que o façam os grupos estrangeiros ou "soit disant" nacionais, seja a que título for. Para aumentar a produção em curto prazo o caminho é financiar, a juros subsidiados, a aquisição de vacas leiteiras ou zebuínas de boa formação para leite, destinadas à cruza com touros de alta linhagem leiteira, através de inseminação artificial. De preferência sêmen de holandez, schwyz, simental ou normando, pela simples razão de que tais raças são de dupla aptidão, de modo que a fêmea F-1 será boa produtora de leite em regime de campo e o macho irá para o abate como novilho precoce. Não vejo solução no chamado zebu leiteiro, mas na cruza de matrizes zebuínas de regular produção de leite, com as raças indicadas, sempre com sêmen de touros excepcionais, de famílias reconhecidamente positivas em leite.

De São Paulo para o Norte não cremos ser solução o gado puro, por motivos climáticos e de umidade. A mestiçagem bem orientada e planificada levará o Brasil à autosuficiência em leite. Não podemos continuar com esse espetáculo de proteínas nobres lançadas aos rios, poluindo-se e trazendo a morte aos peixes, ao tempo em que faltará na dieta do povo, carente dessas proteínas. Povo de um país que se considera rico e próspero e realmente dispõe de tudo para ser, mas na verdade povo pobre e miserável como em Biafra ou na Índia. Mais de quatrocentas mil crianças morrem de fome por ano no Brasil, segundo oficialmente reconhecido, e o leite é lançado aos rios ou dado aos porcos! É difícil aceitar esse fato sem uma natural estupefação e mesmo revolta diante a total ausência de uma política justa, visando acabar com a fome no Brasil.

A GRANDE EXPOSIÇÃO PARAIBANA-1978

O Parque de Exposição Carlos Pessoa Filho, em Campina Grande, tornou-se pequeno para a quantidade de pessoas que afluiram dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Piauí, Paraíba e representantes de quase todo o País, para assistir o evento máximo da pecuária paraibana.

A exemplo do ano anterior, havia sido organizado previamente, pela Emater-PB, um roteiro de visitas, trazendo para o recinto, caravanas provenientes de todas as micro-regiões da Paraíba, num total de milhares de criadores interessados em adquirir tourinhos a preços subsidiados pelo Governo do Estado e mesmo para presenciar a grande festa.

O Nelore da Paraíba não deve nada a ninguém...

Promovida pelo Governo, através da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, pela Sociedade Rural da Paraíba e o Governo Municipal de Campina Grande, a 20a. Expo Paraibana obteve, mais uma vez, o sucesso completo, mostrando uma tendência a incrementar, nos próximos anos, as vendas de gado, indiscriminadamente, no recinto.

Estiveram presentes as personalidades máximas do Ministério da Agricultura, da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, do Governo do Estado, da Confederação Nacional da Agricultura e dezenas de Entidades de nível regional.

No final, os preparativos para o Desfile

O Secretário Dr. Humberto de Freitas, prevendo bons ventos para a pecuária paraibana

Há muito tempo, o Gir de Umbuzeiro não comparecia a uma Expo.

O Governador Dorgival Terceiro Neto, abrindo o certame, cientificou a todos o empenho que vem sendo dado no sentido de se obter, através do IBDF, o reconhecimento de que a algaroba é uma solução técnica e legítima para o reflorestamento do Nordeste semiárido, com grandes vantagens para a pecuária.

O Dr. Humberto Manoel de Freitas, Secretário da Agricultura agradeceu o apoio que a classe pecuarista dedicou, constantemente, à sua pasta.

Apesar da crise que se abateu sobre a pecuária, nos últimos anos e cujos reflexos continuam exercendo forte pressão no Nordeste, a Expo-Paraibana mostrou uma reação, apresentando um bom faturamento, trazendo um sinal de esperança para o próximo ano.

A opinião do Dr. Humberto César de Almeida, Presidente da Sociedade Rural da Paraíba é que "a Paraíba conta agora com dois modernos P... ques e que a tendência natural será ... concentração de fatores de comercia... zação em Campina Grande, enquanto João Pessoa ficará com uma concentração mais voltada para o aspecto qua... tativo do rebanho."

Manuel Dantas Vilar Filho, criador guzerá PO há 40 anos no interior paraib...

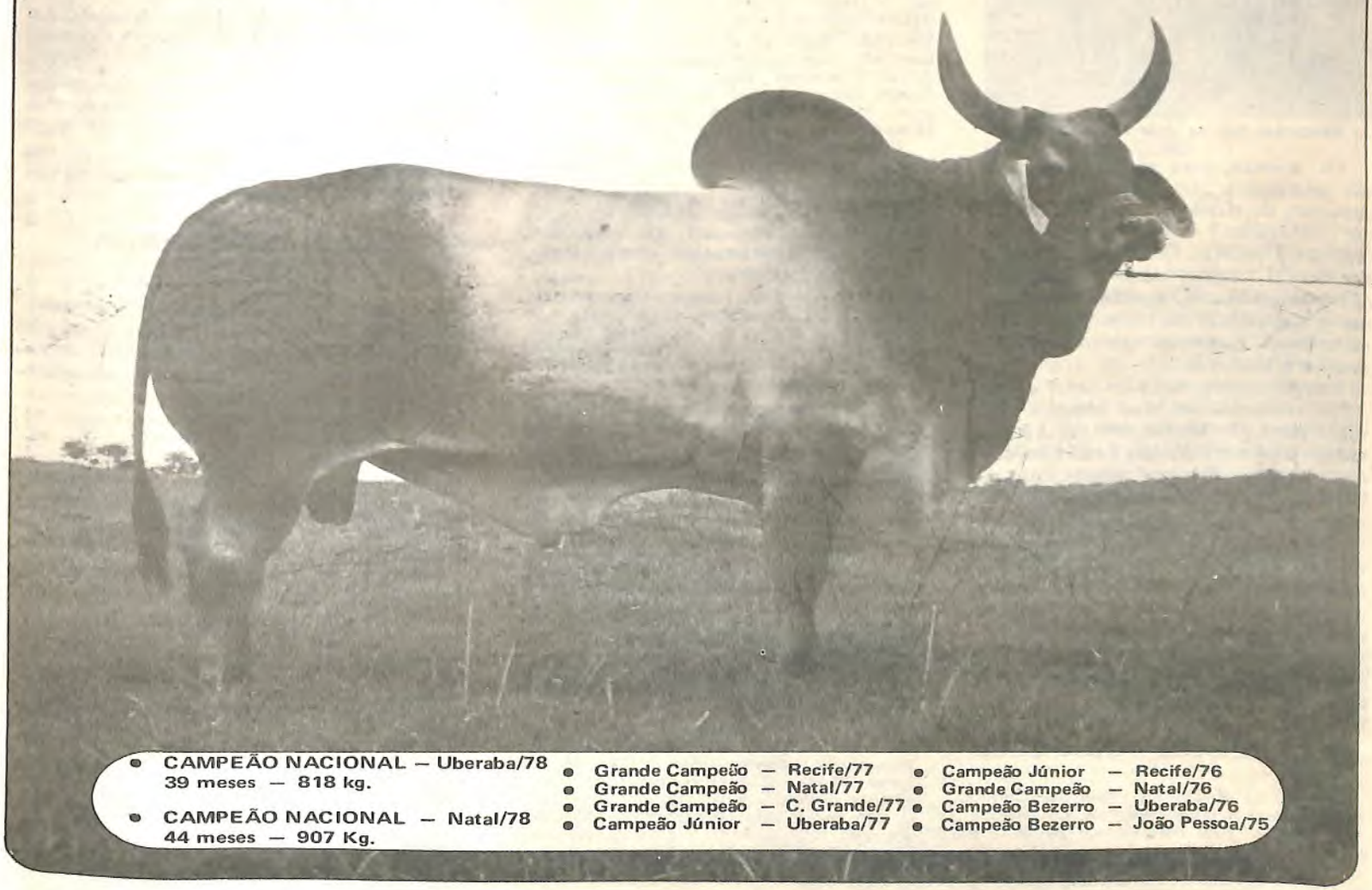
FAZENDA MUÇAMBÊ

DESTAQUE NA PECUÁRIA BRASILEIRA

Plantel formado por CAMPEÕES NACIONAIS:

DACAR — Uberaba/76
MAGNÉSIO — Uberaba/77
GENERAL-H — Uberaba/78 e Natal/78

GENERAL-H
Consagrado em 10 Exposições
PADRÃO DA RAÇA GUZERÁ



- **CAMPEÃO NACIONAL — Uberaba/78**
  39 meses — 818 kg.
- **CAMPEÃO NACIONAL — Natal/78**
  44 meses — 907 Kg.

- **Grande Campeão — Recife/77**
- **Grande Campeão — Natal/77**
- **Grande Campeão — C. Grande/77**
- **Campeão Júnior — Uberaba/77**
- **Campeão Júnior — Recife/76**
- **Grande Campeão — Natal/76**
- **Campeão Bezerro — Uberaba/76**
- **Campeão Bezerro — João Pessoa/75**

FAZENDA MUÇAMBÊ
proprietário:
DR. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal, 86
o CEP 58.100 o Telefones: (083) 321.5411 e 321.5812,
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

TOURINHOS SUBSIDIADOS e AS VENDAS

Dando continuidade à promoção inédita, o Governo subsidiou a aquisição de tourinhos melhoradores, distribuídos da seguinte maneira: 49 tourinhos holandeses, 5 tourinhos Gir, 16 Nelore, 29 Guzerá e 26 Indubrasil, num total de 115 animais que foram comercializados pelo valor final de Cr$ 1.671.750,00 incluindo o subsídio oficial de 25%.

Esse programa de grande alcance vem colocando em todas as regiões do Estado, tourinhos provenientes dos melhores plantéis e isso tem permitido uma grande aceleração no desenvolvimento da pecuária.

Os campeões Gir de José Farias Sobrinho

Os animais para venda subsidiada são analisados previamente por uma comissão de técnicos e somente depois de aprovados são liberados para venda no recinto. Antes da Expo, a Emater-PB realiza uma "sondagem" entre os interessados, visando determinar a quantidade de animais por raça necessários e, posteriormente, providenciar a aquisição.

Foram comercializados um total de 1.224 animais, tendo-se atingido um valor de Cr$ 14.166.450,00 não se computando o valor do Leilão de Animais da raça Schwyz proveniente da Fazenda Experimental Riacho dos Cavalos, de propriedade do Governo, que alcançou um valor de Cr$ 420 mil com apenas 8 animais PO e PC. Não estão computadas também as vendas de insumos e demais artigos comuns a qualquer Expo.

Estiveram presentes quase 600 animais nas baias e cerca de 2.300 animais nos currais.

JULGAMENTOS E CAMPEÕES

Os juízes foram Dr. Adir do Carmo Leonel para as raças zebuínas, Dr. Agostinho Caiado Fraga para a raça Simental e Dr. Manoel José de Alcântara para a raça holandesa. Convém salientar que o Dr. Agostinho Caiado Fraga é o Presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Simental que vem procurando difundir essa raça no sertão paraibano.

No final, os campeões foram os seguintes, por raças:

INDUBRASIL — NATAL (Grande Campeão da Raça) e SERTÂNIA (Grande Campeã da Raça), ambas de Octaviano Heráclio Duarte, de Pernambuco, que ainda foi ganhador dos seguintes títulos: Campeã Sênior (Sertânia), Campeã Júnior (Tangerina), Reserv. Campeã Júnior e Reserv. Grande Campeã (Formulina), Campeã Bezerra (Academia), Reserv. Campeã Bezerra (Lenha), Reserv. [illegible] Bezerro (Indostão), Campeão Bezerro [illegible]versal) Campeão Júnior (Formal), Campeão Touro Jovem (Natal), Campeão [illegible] Reserv. Grande Campeão [illegible] Melhor Conjunto Progênie de Pai (Forragem, Tangerina, Natal, Sertânia) e Melhor Conjunto Progênie de Mãe (Lenha, Ural).

O criador Antonio Vieira Lins conquistou o título de Campeã Vaca Jovem [illegible]ria), enquanto João Ferreira Braga [illegible] com o Reserv. Campeão Touro Jovem [illegible]de) e a Cia. Agro Industrial Irmãos Alexandrino ganhou o Reserv. Campeã Sênior (Fronteira).

NELORE — CARTUCHO DA REDENÇÃO (Grande Campeão da Raça) e FAÇANHA DA REDENÇÃO (Grande Campeã), ambas de Fazendas Reunidas Agro Pecuária Redenção Faresa, da Paraíba, que ainda conquistou os seguintes títulos: Reserv. Campeã Bezerra (Garoupa), Campeã Júnior (Façanha), Reserv. Campeã Júnior (Felicidade), Campeã Sênior (Dolmã), Campeã Vaca Jovem e Reserv. Grande Campeã (Epopéia), Reserv. Campeã Vaca Jovem (Enigma), Campeão Bezerro (Filadendro), Reserv. Campeão Bezerro (Figurante), Campeão Júnior (Flamengo), Reserv. Campeão Touro Jovem (Elegante), Campeão Sênior (Cartucho), Melhor Conjunto Progênie de Mãe (Elegante, Cartucho).

O criador Antônio Vieira Lins conquistou os seguintes títulos: Campeã Bezerra (Finlândia), Campeão Touro Jovem e Reserv. Grande Campeão da Raça (Oveiro) e Melhor Conjunto Progênie de Pai (Camaro, Duana, Estrema, Finlândia). O criador Kleber de Carvalho Bezerra ficou com o Reserv. Campeão Sênior (Emprego).

GUZERÁ — UTHA (Grande Campeão da Raça) de Dr. Humberto de Almeida que conquistou, ainda, os seguintes títulos: Campeã Sênior e Reserv. Grande Campeã (Paineira-S), Campeão Bezerro (Jumbo), Campeão Touro Jovem (Utha).

BRASA (Grande Campeão) do criador João Roberto Leite que teve os seguintes títulos: Campeão Júnior (Caravela), Reserv. Campeã Vaca Jovem (Colombina), Campeã Vaca Jovem (Brasa), Reserv. Campeão Bezerro (Dumbo), Campeão Júnior e Reserv. Grande Campeão (Conhaque), Reserv. Campeão Júnior (Danton).

O criador Manoel Dantas Vilar Filho foi o vencedor dos conjuntos Progênie de Pai (Evocação, Esquadria, Espoleta, Estremosa) e Conjunto Progênie de Mãe (Estremosa, Carolina), além dos prêmios individuais: Reserv. Campeão Bezerra (Espinhara), Reserv. Campeã Júnior (Daneca), Reserv. Campeã Sênior (Carolina), Reserv. Campeão Touro Jovem (Centurião), Campeã Bezerra (Evocação).

GIR — NADIR (Grande Campeão da Raça) de José Farias Sobrinho, Paraíba, que conquistou os seguintes prêmios: Campeão Bezerro (Nadir), Campeão Touro Jovem e Reserv. Grande Campeão (Jirau).

O criador José Aderaldo de Medeiros Ferreira ficou com o título de Campeão Júnior (Genitor).

HOLANDESA — O criador Manoel Alexandrino de Melo conquistou os títulos: Campeã Júnior (Bureta Kate do Velame), Campeã Bezerra (Celoma Kate do Velame), Reserv. Campeã Bezerra (Caggiana Bootmaker), Reserv. Campeão Bezerro (Comandante Bootmaker) e Reserv. Campeão Júnior (Buriti Kate do Velame).

O criador Edson de Sousa do Ó venceu [illegible] títulos: Campeão Bezerro (Sa[illegible] [illegible] do Serrotão), Campeão Jú[illegible] [illegible] Magnata Review R. Maple), Ca[illegible] Touro Jovem (33. Haiderabad E[illegible]), Campeão Júnior (Diva II. R. Maple [illegible]) Campeão novilha (Irene II [illegible] Serrotão).

A [illegible] Fattoril Voisin ficou com o Ca[illegible] Touro Jovem (Ilustre Burke M[illegible]) [illegible] Touro Jovem (S. S. R[illegible]). O criador Aldo Azevedo Mo[illegible] Pernambuco, ficou com o Campeão J[illegible] [illegible] Bom Fim), Campeã Novilha [illegible] (Bom Fim Cobra Citation) e Camp[illegible] [illegible] Maior (Bom Fim Carinhosa Cit[illegible]). A [illegible] Ana Paula Lima do Ó ficou com o Reserv. Novilha Maior (Gardenia [illegible] do Serrotão).

SIMENTAL — SABIÁ MAGADI (Gra[illegible] Campeã da Raça) e OGUM DOS PA[illegible] (Grande Campeão) ambos de Antonio V[illegible] Filho que conquistou, ainda os segui[illegible] títulos: Reserv. Campeã Jovem PC (Sa[illegible]), Campeã Sênior (Sabiá Ma[illegible]) Campeão Sênior PC (Ogum do Pa[illegible]).

O criador Suetônio Vilar Campos [illegible] com o Campeã Jovem PC e Reserv. Gr[illegible] Campeã (Sabiá Renda), Campeão Be[illegible] Reserv. Grande Campeão PO (Pelegri[illegible] Suíça Brasileira).

FLECKVIEH — POSEIDON (Grande Ca[illegible]peão da Raça) e OLYSA (Grande Ca[illegible]) ambos da Agropastoril Cariri que con[illegible]tou os títulos: Campeão Touro Jovem [illegible] da Caririsa), Reserv. Campeão Touro J[illegible] (Rajado da Caririsa), Campeão Sênior [illegible]seidon), Reserv. Grande Campeã (Ru[illegible] Caririsa).

O criador José Orlando Duarte, [illegible] Pernambuco, ficou com o Campeão J[illegible] (Rossano do Saltinho).

CONCLUSÕES PARA O AMANHÃ

A pecuária paraibana vem mere[illegible]do a atenção de todo o Brasil pelo [illegible]pulsivo desenvolvimento que vem a[illegible]sentando, nos últimos anos, con[illegible]tando grandes prêmios nacionais e [illegible]bindo rebanhos a nível internac[illegible]

Excelentes plantéis de zebuínos [illegible]palham-se pelo Estado e grande [illegible] sido o esforço do Governo do Est[illegible] através da Secretaria da Agricul[illegible] no sentido de acompanhar o im[illegible] desenvolvimentista paraibano.

Renova-se o espírito, há muito [illegible]quecido de que a solução para desenvolvimento integrado, deve [illegible]ciar com o progresso do campo [illegible] iniciativa privada, através dos cr[illegible]res, que está forjando essa nova [illegible]lidade, mesmo na época de crise. [illegible] a Paraíba já é considerada como [illegible] dos redutos de bons plantéis de N[illegible]re, Gir, Indubrasil e — sem dúvida [illegible] melhor em Guzerá brasileiro.

Com a inauguração do Parque [illegible] Exposição de João Pessoa, a pe[illegible] paraibana terá conquistado um [illegible] de relevância junto aos órgãos de [illegible]são estadual e o Estado terá cons[illegible]do sua posição como um dos ba[illegible] da Pecuária Brasileira, definitiva[illegible] através da Sociedade Rural da Pa[illegible] órgão de representação de todos [illegible] criadores.

SUGESTÕES PARA O PRÓXIMO GOVERNO

O autor faz uma rápida análise do desenvolvimento da pecuária de corte dentro de ciclos, e sai tecendo sugestões concretas para além da pecuária de corte, abrangendo o setor como um todo.

Antônio de Oliveira Pereira

O ciclo pecuário no Brasil tem uma amplitude horizontal de 7 anos, período esse que coincide de maneira geral com o tempo decorrido entre o nascimento de uma matriz e a engorda (para abate) da sua primeira cria.

O ano de 1977 representou o final de mais um ciclo (1970/77) que para a projeção de novo ciclo que ora se inicia precisa ser analisado. No período eufórico de 1970 a 73, início portanto do ciclo anterior, os pecuaristas influenciados pelos preços crescentes, assumiram vultuosos empréstimos para investimento em gado, pastagens e benfeitorias. Para o Governo, já que havia escassez de carne, parecia justo financiar o rápido crescimento do rebanho, já que essa medida seria uma reação positiva contra o aumento dos preços para os consumidores.

Daí o acionamento dos vários programas: Proterra, Polocentro, Prenap, Condepe, etc. Paralelamente, já que as perspectivas de exportação eram boas, o setor frigorífico, graças ao apoio governamental, expandiu-se consideravelmente.

O resultado claro da política de crédito aos pecuaristas e frigoríficos foi o aumento de liquidez do setor. Claro também que o aumento de liquidez e o estímulo à expansão do rebanho gera a curto prazo maior retenção de matrizes e crias. Portanto, diminui a oferta de carne e o seu preço aumenta.

MEDIDAS RESTRITIVAS

Por volta de 1972-73, sentindo as autoridades que perdiam o controle da situação, passaram a adotar medidas restritivas: tabelamento rígido da carne no varejo e forte confisco cambial nas exportações. Com a crise do petróleo, o Mercado Comum Europeu restringiu as suas importações e com isso o confisco foi abolido.

Os anos 1975, 1976 e 1977 (inversão do ciclo) representaram um período de prejuízos para os pecuaristas e frigoríficos, endividados pelos vencimentos dos financiamentos contratados na época da bonanza de 1970 a 73.

Esse período foi ainda agravado por causas supervenientes como a seca no norte de Minas Gerais e sul da Bahia, as enchentes do Pantanal Matogrossense, a diminuição das áreas de pastagens em favor da soja no Rio Grande do Sul e Paraná e da cana, café e laranja, em São Paulo.

Paralelamente, o consumidor foi altamente beneficiado pelo baixo preço da carne, tanto assim que o consumo per capita subiu nos últimos 4 anos, de 14 para 25 quilos. A melhor política anticíclica para o período 1974-76 teria sido o lançamento do Propec ainda em 1974.

INÍCIO DE CICLO

1978 representa o início de um novo ciclo. Dada a substancial diminuição do rebanho, o Governo fatalmente, acionará os mecanismos de financiamentos. O Propec seguramente será ativado. Com a sua ativação, as matrizes e suas crias serão retidas, diminuindo ainda mais a oferta de carne com maior agravamento para o consumidor.

A saída não está nem no tabelamento nem na requisição compulsória de bois, mas sim na aplicação de um plano de desenvolvimento pecuário realmente amplo e contínuo e que não esteja sujeito a marchas e contramarchas.

As aplicações do Propec devem ser devidamente dimensionadas, compatibilizando-se prazos com produção e juros com rentabilidade. Juros elevados, como apregoam alguns, comprometerão o programa por ocasião da liquidação das prestações.

O Propec, todavia, representa uma parte da estratégia a ser aplicada dentro de um plano realmente amplo de estímulo e desenvolvimento agropecuário.

O futuro presidente da República promete dar prioridade à agropecuária dada ser ela, dentro dos setores da economia, aquele em condições de contribuir de maneira eficaz para a redução da nossa dívida externa e equilíbrio do nosso balanço de pagamentos.

RECOMENDAÇÕES

Para a consecução desses objetivos e como estímulo à produção agropecuária, recomendaremos:

1) Consolidação de toda a legislação e normas referentes à agropecuária e igualmente em relação a todos os programas de amparo e estímulo à agricultura e à pecuária (Proterra, Polocentro, Propec), a exemplo do que já foi feito com relação à legislação do Imposto de Renda, à legislação trabalhista, à legislação previdenciária, constituindo exemplo recente a iniciativa do Conselho Monetário Nacional, organizando o Manual de Normas e Instruções do Banco Central-MNI (Diário Oficial da União, de 28 de julho de 1978).

Nada justifica a ausência de carne na mesa do brasileiro, principalmente, analisando-se o esforço dos criadores...

2) Reestruturação do Ministério da Agricultura, estabelecendo-se mecanismos de real, amplo e efetivo amparo às atividades agropecuárias, adotando-se normas que garantam eficiente entrosamento entre os órgãos de classe, como Federações, Confederação, Sindicatos Patronais Rurais e as assessorias técnicas do Ministério, com obrigatória divulgação de toda a matéria submetida a essas assessorias, para conhecimento de todos os interessados.

3) Desvinculação das decisões do Ministério da Agricultura de qualquer outro Ministério, para assegurar sua plena autonomia e maior eficiência.

4) Participação do Ministério da Agricultura no Conselho Monetário, Nacional, em igualdade de condições com outros ministérios.

5) Criação de mecanismos junto ao Banco Central e Banco do Brasil, no sentido dos tratores, veículos e implementos agrícolas, serem vendidos aos agropecuaristas pelos preços pagos pelos importadores, ou seja, com a isenção e crédito de ICM e IPI;

6) Redução da alíquota do Imposto de Renda incidente sobre a cédula "G", de 15 para 5%.

7) Reformulação da Nota Promissória Rural (NPR), cingindo-a às finalidades para as quais foi criada.

8) Eliminação do confisco cambial.

9) Manutenção permanente dos programas Proterra para as regiões Norte e Nordeste e Propec para a região Centro-Sul, adotando-se para os referidos programas, juros de 7% ao ano.

10) Financiamentos de 100% para as operações de custeio agrícola e pecuário.

11) Melhor aproveitamento das lideranças da agropecuária nos órgãos do governo a elas relacionadas.

12) Fomento à criação de cooperativas de produtores rurais, inclusive nas áreas de industrialização e comércio exterior.

13) Criação de cargos de adidos agrícolas, oriundos das entidades de classe, junto às embaixadas brasileiras nos países importadores de produtos agropecuários ou com potencial para importação.

14) Estabelecimento de um programa nacional de sanidade, destinado a erradicar a febre aftosa e a raiva.

15) Extensão aos produtos agropecuários de exportação os mesmos benefícios e incentivos concedidos às indústrias e empresas de serviços.

16) Estabelecimento de medidas em defesa do consumidor, e mesmo do produtor, com a eliminação dos intermediários desnecessários.

17) Ampliação da rede de armazéns gerais, mormente nas áreas de produção, com vistas à estocagem de excedentes, que serviria como regulador de preços.

(Também publicado no Informativo FAESP).

NOVO ATAQUE CONTRA A PRODUÇÃO DE *LEITE*

JOSÉ RESENDE PERES, um dos mais discutidos líderes do panorama agropecuário moderno, com voz ativa em todo território nacional, atual Secretário da Agricultura do Rio de Janeiro, é conhecido pela coragem com que divulga seus pontos de vista. Incontestavelmente, o Estado do Rio de Janeiro sofreu uma modificação radical, durante a atual administração, o que credencia, por si só, as iniciativas de J.R.Peres

Um país que deve Cr$ 40 bilhões não deveria proibir as importações de produtos que tem condições para produzir e exportar? Isso, no entanto, não ocorre com o leite! A produção de leite está acorrentada às multinacionais e o Governo não tem se preocupado em achar uma solução, mesmo sabendo que está havendo um constrangedor e nocivo aviltamento nos pagamentos aos produtores. Os pecuaristas estão cansados e alguma coisa precisa ser feita.

"Que país é este"? – perguntou uma vez, em Brasília, o Deputado Francelino Pereira, agora Governador eleito de Minas Gerais, o Estado líder na produção de leite no Brasil. Ao assumir o Governo, em março próximo, ele deverá repetir essa pergunta, quando analisar o cerco montado neste país contra a pecuária leiteira.

Realmente, não é o leite o melhor alimento conhecido? O brasileiro, que deveria beber, pelo menos, 400 gramas por dia, não tem disponível nem a metade dessa recomendação dos nutricionistas. Um país que deve Cr$ 40 bilhões não deveria proibir a importação de produtos que tem condições para produzir e exportar?

Pois a realidade é dramática. A Portaria que a SUNAB baixa a cada ano, sob orientação do CONAB, é feita para proteger os importadores de leite e as indústrias, com artigos odiosos em que obriga o produtor a reduzir preços na safra, ou dar descontos às multinacionais. Ora, por que não são punidos os produtores de café, trigo ou açúcar que também têm os seus períodos de safra? Na França, o que o Governo faz é proteger o produtor de leite com preço MAIORES na época difícil, ou seja, o "preço de inverno", e preço normal na época favorável. Mas aqui alguma cabeça imbecil criou o tal "excesso de quota", para punir a Natureza que, em certa época do ano faz as vacas produzirem mais leite!

Algumas Cooperativas Centrais, que são órgãos sustentados pelo produtor, fazem o jogo das multinacionais ou de atos demagógicos do governo, voltando-se contra os que pagam seus salários. Ainda agora o Jornal do Brasil, edição de 4 de dezembro, pág. 16, registra: "As grandes companhias leiteiras – CCPL, Nestlé e Vigor – adiaram em 15 dias o pagamento dos produtores de leite do Estado do Rio, MG e ES, através de uma lacônica circular..." O comportamento de um órgão de classe foi comparado ao das empresas. Aliás, não é surpresa para mim, pois há pouco o presidente da CCPL pediu ao Ministro da Agricultura e recebeu autorização para importar 8.000 toneladas de leite em pó e pagar com manteiga que, inacreditavelmente, foi subtraída do leite vendido ao povo e que deveria ter, no mínimo, 3% de matéria gorda, mas que está sendo vendida com 2,5%, apenas. Ora, nos países ricos, onde o povo dispõe de mais alimentos, o leite é vendido com 4% de matéria gorda, mas aqui, onde poucos comem o que precisam, e muitos apenas o que podem, resolver estocar manteiga retirada do leite das crianças para enriquecer intermediários é inacreditável! E, o que é pior, isso aniquila os pobres cooperados, que escolhem seus dirigentes de boa fé, com o "dumping" do leite altamente subsidiado dos países que protegem seus criadores, pagando caro para manter bom preço interno, e vendendo por qualquer preço, para reduzir as despesas de estocagem.

Sei da honestidade de propósitos do Ministro Paulinelli. Ele tem sempre lutado por preços justos e, via EMBRATER, tem financiado assistência técnica aos produtores de leite em todos os Estados, via empresas estaduais de extensão. Aqui mesmo, no Rio, a EMATER em combinação com o BANERJ, fez crescer muito a produção de leite no Estado (na Coop. de Resende a produção foi triplicada, na de Itaocara dobrou, na de Itaperuna aumentou 40%, etc), graças a projetos de aumentos da produtividade via silos, capineiras, melhoramento de pastagens e instalações, introdução de melhores touros ou inseminação artificial.

Por esta razão, este pecuarista fez um apelo a S. Exa. para que não permita mais este golpe contra o produtor de leite. Se já foram liberados recursos para estocagem de leite em pó, queijo ou manteiga, porque mais uma vez atirar um golpe contra o produtor, aumentando o prazo de pagamento de um produto que deveria ser pago à vista, porque é vendido à vista? O que deveria ser proibido é Centrais e Indústrias pagarem com Nota Promissória Rural onerando o custo da produção de leite, com juros fabulosos. Se as multinacionais não têm capital de giro, peçam remessas às suas matrizes, porque o dinheiro brasileiro é pouco para quem vem se instalar aqui. Não sou contra o capital estrangeiro, mas que ELE VENHA. Não interessa que cheguem com um milhão de dólares, e daí a algum tempo devam bilhões de cruzeiros ao Banco do Brasil, ou que retardem o pagamento ao produtor de leite brasileiro.

Se Centrais estão sem capital de giro, não raro por deficiência administrativa, que peçam crédito ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo ou ao Banco do Brasil, pois não deveriam atrasar, nem pagar com promissórias, nem investir em fábricas e instalações o dinheiro do produtor. Que fizessem projetos específicos para cada investimento, como é normal em empresas bem dirigidas. É preciso que as cooperativas regionais examinem melhor a administração das Centrais e procurem entender melhor seus caminhos. Descobrir para que time jogam. Se existem para trabalhar para o produtor de leite ou contra o pobre cooperado. O futuro Presidente da República vai ter que modificar muita coisa no cooperativismo e na política do leite. O pecuarista está cansado.

(dezembro – 1978)

de o
taipa
e int
agrôn
sua c
criad
te no
soa,
riam
man
firma
ção,
form
S
que
pelo
Passa
os se
anos
çavar
de re
o ho
A
sécul
ceses
a am
sofri
1870
tênc
pela
A
de c
que
não
ga.
se o
está
na d
cebo
alim
M
MET
dern
pont
fami
boca

ITAPETINGA BAHIA

11 A 18 DE FEVEREIRO DE 1979

XV EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA

TERRA FIRME

GADO FORTE

PROMOÇÃO

SINDICATO RURAL DE ITAPETINGA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPETINGA
SECRETARIA DA AGRICULTURA

FINANCIADORES

BANCO DO BRASIL
BANCO DO NORDESTE
BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA
BANCO ECONÔMICO
BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS
BANCO ITAÚ

VENDAS DE ARGOLAS, CURRAI

FREDERICO S. EDELWEISS

e Irmãos

Apresentam os principais garanhões da

FAZENDA SANTO ANTONIO

ITAGIBÁ – BA.

NOTURNO – JO

Pai: Chapéu – JO

Mãe: Penumbra – JO

Seleção

MANGALARGA

MARCHADOR

ARMISTÍCIO – JO

Pai: Turbante – JO

Mãe: Moratória – JO

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Floriano Peixoto, 165

ITABUNA – Bahia

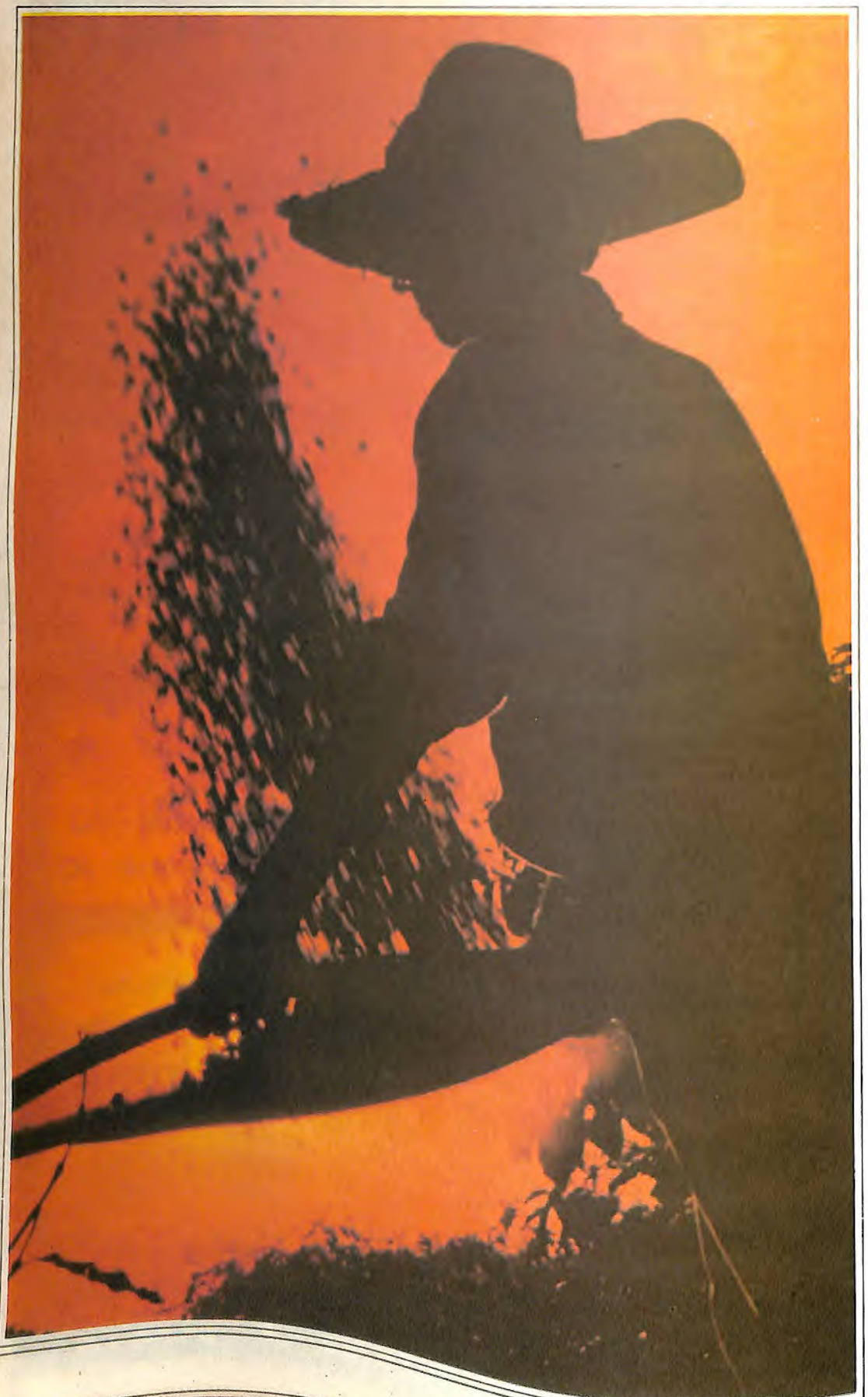
CEP: 45.600

Fones: (075) 211.2731

e (075) 211.5672

PONHA FÉ EM SUA TROPA

O Econômico conhece o nosso gado, o nosso trigo, o nosso feijão, a terra da gente.



Em 1834, quando ainda se chamava Caixa Econômica da Bahia, o Banco da gente já financiava os fazendeiros.

De lá para cá, todas as principais etapas do desenvolvimento brasileiro, inclusive o agropecuário, contaram com o seu apoio financeiro.

Essa experiência, acumulada ao longo de quase um século e meio, deu ao Econômico um profundo conhecimento da nossa Agricultura e Pecuária.

Por isso, ao necessitar de crédito para a sua fazenda, converse com quem fala do assunto com os pés no chão.

Quem conhece bem a terra da gente, compreende melhor os problemas da gente.

ECONÔMICO
O Banco da gente.

...com a gente

CABANA DA PONTE

UMA PECUÁRIA POR EXEMPLO

A sede domina um amplo cenário verde, com água perene e com um crescente número de construções.

A FAZENDA

Há mais de 60 anos, o Dr. João Borges da Rocha Neto adquiriu a primeira propriedade da Cabana da Ponte Agro-Pecuária Ltda., numa região onde imperavam os índios e transferiu, em lombo de montaria, os primeiros apetrechos para iniciar seu trabalho, em Itororó. Hoje, após centenas de obstáculos vencidos, vale a pena analisar, rapidamente, o complexo que é a Cabana da Ponte, com escritórios em mais de uma vintena de cidades brasileiras.

As atividades são: 1) cria e recria de gado em 3 fazendas, com um total de 8.600 hectares e 2) plantação de cacau em 12 fazendas e mais uma com seringueiras.

O gado é mestiço para produção de leite e carne, havendo um plantel de aproximadamente 1.000 búfalos das raças Jafarabad, Murrah e Mediterrâneo. A lotação máxima chegou a 14.000, mas o ideal é 8.500 cabeças. Hoje, a Fazenda está restringindo o rebanho para racionalizar a criação e aumentar a produtividade, dada a melhor possibilidade de comercialização do leite na região.

A lotação atual está em cerca de 7.000 cabeças, envolvendo um pequeno rebanho (cerca de 80) marchigiana pura importada e cerca de 10 fêmeas fleckvieh importadas. A intenção evidente é efetuar um descarte das fêmeas azebuadas com baixa produção leiteira, substituindo-as por outras com capacidade acima de 10 quilos, utilizando — para tanto — sêmen produzido na própria fazenda, de excelentes reprodutores. O desenvolvimento do gado comum tem sido satisfatório, praticando-se somente Inseminação Artificial e, para curto prazo, prevê-se uma aceleração na melhoria da precocidade, obtendo-se animais com 400 quilos aos 20 meses, matrizes leiteiras zebu cruzadas com holandês de nível internacional, criadas a regime de campo. A composição do rebanho é Nelore PC registrada, Indubrasil PC registrada, Mestiças Schwyz com Zebu, mestiças Holando-Zebu, Mestiças Chianino-Zebu, Mestiças Marchigiana-Zebu, Mestiças Holando-Schwyz sobre vacas zebu. Procura-se manter um grau de sangue entre 1/2 e 3/4.

O objetivo é manter a ordenha diária obtendo-se um máximo de 3 a 4.000 litros, por ordenha mecânica e manual, afora a produção para consumo próprio, estabilizando o rebanho em 3.000 vacas em serviço, descartando-se o excedente, dentro de critérios zootécnicos. Para tanto, a Fazenda está passando por uma remodelação geral, visando estabelecer um índice de Animal/Hectare de 1,8 ou seja, totalizar uma lotação de 8.280 cabeças, com grande margem de segurança, para garantir um bom desfrute.

O DIA-A-DIA

Mal amanhece o dia, os currais das diversas sedes iniciam os trabalhos de ordenha e, logo a seguir, os vaqueiros responsáveis pelas 10 sedes saem para detectar as vacas em cio. Na Cabana, não se verifica monta natural, apenas inseminação artificial e todos são obrigados a aprenderem técnicas modernas. São 19 vaqueiros residentes somente na fazenda sede.

Os piquetes contam com água à vontade, distribuída em bebedouros construídos há poucos anos e com mais de uma dezena de açudes, além de um rio perene. O terreno, a princípio, ofereceu obstáculos, obrigando um trator de esteira trabalhar diversos dias em marcha-ré, devido a um acentuado declive, na construção de um açude. A maternidade e bezerreiro são de perfeita higiene. Durante o dia os vaqueiros e colonos realizam seu trabalho, havendo 6 tratores de pneus e 3 de esteira realizando mata-burros, reforma de currais e cercas, plantio de árvores, retificação de estradas, demolição de murundus (montes de terra similares a um grande formigueiro, muito comum na região e recuperação de pastagens.

A Fazenda conta com serraria própria e oficinas para conserto de veículos e implementos. O trânsito pela propriedade é realizado, em sua maior parte, por cavalos, num total de mais de 250 montarias, sendo que a Cabana da Ponte utiliza um plantel de 70 éguas, entre Mangalarga Paulista, Campolina e Inglês, para auxiliar um jeep, camioneta, caminhão e automóveis que trabalham constantemente. Recentemente, o Presidente Dr. Sinval Palmeira adquiriu 10 éguas registradas Mangalarga Paulista, pretendendo iniciar uma seleção.

São 10 vaqueiros encarregados e mais 40 pessoas distribuídas entre vaqueiros de 1a., 2a. e 3a. classe, sendo que a Fazenda conta com 60 diaristas, 58 empreiteiros, 40 pessoas a nível de escritório e nível técnico, 45 para construções diversas, num total de 253 famílias, ou seja, uma população de cerca de 700 pessoas, sendo muito comum o parentesco dentro da Fazenda e mais comuns ainda a realização de casamentos. Todas as residências são

Máximo cuidado com os bezerros, todos produtos de Inseminação

gratuitas, com água e luz. A folha de pagamento para funcionários, mensalmente, situa-se na ordem de 450 a 500 mil cruzeiros. É muito comum utilizar-se toda mão-de-obra da família, na própria fazenda. A Cabana apresenta 5 veterinários, 2 agrônomos, 1 zootecnista e diversos técnicos de nível médio.

A movimentação é intensa, até o entardecer, quando todos se reúnem para o futebol gostoso, numa mistura de técnicos, vaqueiros, peões, funcionários, até o escurecer!

Marchigiana PO importada fazendo parte do rebanho normal.

Reprodutor fleckvieh importado, da Central. (Honduras)

A Central de Inseminação é modernissima, vendo-se à esquerda um sofisticado aparelho "contador de células" (microcell counter)

RENTABILIDADE DO REBANHO

A rentabilidade é dependente de um nível satisfatório de fertilidade. Portanto, qualquer trabalho visando rentabilidade máxima, enfatiza a importância de uma boa fertilidade através do alcance de objetivos, tais como: aumento da produção de leite, diminuição do intervalo entre partos, maturidade sexual com menor idade nas novilhas, refugo seletivo, etc. Estes objetivos estão sendo atingidos através de uma assistência veterinária adequada, figurando neste esquema a Inseminação Artificial, como um dos fatores mais importantes.

Após percorrer o mundo inteiro, por várias vezes, visitando as maiores Exposições e Leilões de Gado, o Dr. Sinval resolveu dinamizar a Central na própria Fazenda. Segundo ele, "vender o sêmen não é o mais importante. O ideal é poder mostrar ao criador os resultados que ele vai, seguramente, obter em sua propriedade, comprando este ou aquele sêmen. Para isso, nós também criamos nosso gado!"

Os touros são os seguintes: 1) Holandês Preto e Branco: Glenafton Royal Seilman (importado do Canadá), Provale Jewel Matt (importado do Canadá), Ann Mary Cassius Citation Chairman, Jatobá Cartucho Bonheur Supreme, São Nicolau Capsule Verbena, Vermeulen Dagan Alma 10, Jacuba Frank Downlane Bootmaker, Jacuba Ferdinando Sovereign Bootmaker. Além dos outros descritos no final dessa reportagem. 2) Holandês Vermelho e Branco: São Nicolau Sultão Reflection Signet. 3) Simental-Fleckvieh: Honduras (importado), Horch. 4) Schwyz: Held 5470 March, C. Charmirth Universe de Santa Madalena. Além dos indicados no final dessa reportagem. 5) Chianina: Ledônio (importado), Luppolo (importado). 6) Marchigiana: Orello (importado), Olandese (importado), Omar (importado), Posato (importado), Pompeo (importado). 7) Indubrasil: Natal (Grande Campeão Nacional), Paqui. 8) Nelore: Berloque (Grande Campeão Nacional), Nerval (Grande Campeão Nordestino), Príncipe (filho do Campeão Internacional da Raça), Milhão. 9) Mocho Tabapuã: Maranhense de Tabapuã. 10) Sêmen importado: Marchigiana (Nocello, Metello, Lesino, Lino), Normando (Colt, Valentim).

Os resultados com o próprio rebanho atendem a todas as pretensões de uma moderna exploração pecuária.

A Cabana é um dos maiores criadores de búfalos, em regime de campo

O SERVIÇO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

A I.A. é o único método de reprodução que é utilizada nas fêmeas do rebanho, divididas em 8 currais, com uma média de 400 cabeças. Na rotina do serviço de I.A., os passos seguidos são:

1) Exame ginecológico das novilhas que entrarão em reprodução.
2) Exame ginecológico após o parto. Todas as fêmeas paridas são rigorosamente examinadas após 20 a 30 dias para se detectar um provável problema pós parto. A vaca só será liberada para o curral de serviço se estiver apta.
3) Aplicação de apenas 3 serviços por vaca. Além desse número, ela é considerada "repeat breeder". Os passos 1 e 2 já eliminaram as principais condições de infertilidade que são: defeitos congênitos, anestro, ovários císticos, vaginite, cervicite, endometrite, metrite crônica, ovarite, salpingite, bursite, piometria, mumificação fetal, maceração do feto.
4) As vacas "repeat breeder" irão compor um lote de vacas para treinamento de inseminadores e veterinários na Fazenda, sendo, posteriormente, abatidas.

Com o esquema de serviço adotado tem se obtido um índice de gestação de 87% com uma relação de serviço vaca/gestante de 1,53.

Os alunos dos cursos de treinamento, abertos para todo o País, praticam com vacas na própria Fazenda e acompanham o serviço real, dia após dia.

TECNOLOGIA INTERNACIONAL

A Cabana da Ponte coleta e congela sêmen para uso em seu próprio rebanho e comercialização, de cerca de 40 touros. A tecnologia adotada é a alemã de envazamento: Minitube.

Um dos pontos fundamentais é a avaliação de qualidade após o congelamento, somente sendo liberado sêmen que estejam "provados" como fecundante. A avaliação é feita através do teste de termo-resistência, dentro de rígidos padrões internacionais, muito mais exigentes que os indicados pelo próprio Ministério da Agricultura, através do DIFRIA. Assim, o sêmen da Cabana da Ponte pode ser considerado melhor que o permissível pelos padrões brasileiros.

As vantagens da I.A. preconizadas pela Cabana são:

1) produção de bezerros de melhor qualidade.
2) produção de bezerros mais uniformes.
3) facilita a seleção pela não utilização de touros indesejáveis.
4) aumenta a velocidade da seleção.
5) possibilita a utilização de touros incapazes de cobrir (incapacidade por acidentes).
6) permite que fazendeiros de poucos recursos utilizem reprodutores excelentes.
7) permite a utilização de reprodutores por tempo sem limite.
8) ajuda a controlar as doenças de reprodução
9) é mais barato que a monta natural.

Todo sêmen que não é aprovado pelo teste de avaliação é jogado fora, mesmo que atenda aos padrões nacionais. Diversos técnicos do Ministério da Agricultura confirmaram que,

num futuro próximo, as medidas de avaliação empregadas pela Cabana da Ponte deverão ser estendidas, obrigatoriamente, a todas as Centrais do Brasil.

Os equipamentos da Cabana são modernísimos, permitindo envazamento de minitubos de 0.25 até 0.50 ou palheta de 0.8 até 1.00, ou ainda ampolas de 0.50 até 1.00, exibindo-se inclusive um sofisticado "contador de células", para quilatar a quantidade de espermatozóides.

A eficiência, a segurança, ou seja, a confiabilidade máxima é a regra principal a ser seguida no tocante à tecnologia aplicada.

A Cabana vem praticando I.A. em seu rebanho há mais de 10 anos, e conta com a Central há pouco mais de 3 anos. Como meta futura, espera-se desenvolver tecnologia para congelamento de sêmen de eqüinos.

A Fazenda conta com quarentenário próprio e 3 baias refrigeradas para animais que chegam do Exterior, com um consolidado serviço de assistência aos reprodutores.

Por se tratar de uma tecnologia recente, a I.A. ainda deixa muito a desejar no Brasil, por isso, a Cabana vem treinando, sistematicamente, profissionais, vindos de todas as partes do País. São diversos os serviços prestados pela empresa, a saber:

1) CURSO PARA INSEMINADORES – obedecendo ao programa e carga horária do Ministério da Agricultura, sendo realizado em 10 dias úteis, havendo a tendência de reduzir esse período para uma semana, em curso intensivo. Os cursos podem ser realizados, também, em outros locais, Estados ou cidades, dependendo apenas de combinar com os promotores. A Cabana fornece estadia, alimentação e hospedagem, estando em projeto um "hotel" na própria Fazenda para facilitar estágios, visitas periódicas, etc.

2) ESTÁGIOS PARA VETERINÁRIOS – tendo já passado pela Cabana profissionais vindos dos mais distantes rincões brasileiros. A rigor, não existe um estágio tão "real" como esse, pois a Fazenda dispõe de rebanho e uma rotina diária

Imponente reprodutor Mangalarga Paulista, padreador chefe.

Para touros vindos de outros países, há três baias refrigeradas, muito especiais.

Grande reprodutor Nelore Mocho, da Central.

Fazenda
TANQUE NOVO
CORIOLANO CARVALHO PACHECO CANDEAL – BAHIA
Lote de éguas pampa MANGALARGA MARCHADOR registradas

Seleção de
MANGALARGA
MARCHADOR
e Gado Schwyz

FEIRA DE SANTANA,
Bahia – Rua João
Alves da Costa, 72
CEP – 44100
Fone: (075) 221.2568

VENDA PERMANENTE DE POTRINHOS E GARROTES

TABATINGA TARUMÃ
FIGURINO-HB
Nasc: 15/11/76
HERDADE DOURADA

para apreciação, estudos e prática dos estagiários.

3) LABORATÓRIO DE DOENÇAS DE REPRODUÇÃO – construído e aparelhado para atender todos os requisitos necessários à realização de exames das seguintes doenças: brucelose, tuberculose, triconomose, leptospirose, vibriose.

4) PROGRAMA VACA CHEIA – um serviço que visa atender aos fazendeiros interessados em I.A. e que não querem ou não podem arcar com as despesas de implantação do Programa. A Cabana fornece, então, todo o material necessário, financiado pelos bancos oficiais, com prazos de dois anos a juros módicos, após a constatação da prenhez da vaca.

Periodicamente, a Cabana ministra cursos sobre Inseminação Artificial gratuitamente.

O envazamento de minitubes é realizado em baixa temperatura, em camaras isoladas.

O reprodutor que iniciará um plantel selecionado de Mangalarga Paulista

Dessa maneira, a Cabana da Ponte é um instrumento eficaz de evolução para toda a pecuária nacional, integrada à exploração agropecuária, como uma força viva de aperfeiçoamento, útil para qualquer fazenda.

UM SALTO NO FUTURO

O patrimônio imobilizado da Cabana da Ponte Agropecuária Ltda. é de 500 milhões de cruzeiros e a empresa vem sofrendo um enérgico processo de expansão, abrindo filiais e escritórios de representação em dezenas de cidades. O esforço de disseminar a prática de I.A. é evidente e, para conferir maior segurança aos novos usuários, a Cabana está trazendo do Canadá, touros holandeses e Schwyz. Os holandeses são da mais refinada estirpe mundial, disputadíssimos pelo Japão e outras potências internacionais. Esses animais, adquiridos no famoso "Leilão das Estrelas", abrirão uma nova era no Brasil, semelhante à chegada de Karvadi, que modificou o futuro da raça Nelore. Eis um resumo de algumas características desses animais:

1) ROMANDALE COUNT EBONI – Campeão All-Canadian 77, filho de Romandale Count Crystan (hoje no Japão), neto de Rosafé Citation, bisneto de Reflect Sovereign. Pelo lado materno, vê-se Neddak Marquis Josephine, reservada All-Canadian, filha de Romandale Reflection Marquis, Campeão All-Canadian 59 (com 21 filhos All Canadian e 14 Reservados All Canadian), neta de Neddak Senator Jaker e A.B.C. Reflect Sovereign, bisneta de Bonnie Lenelm Texal High, "Excelente 5 Estrelas".

2) ROMANDALE COUNT REVIEW – Reservado All-Canadian 77, de excelente linhagem até a 5a. geração.

3) GLENAFTON ROYAL SEILMAN – filho de um "Excelente e Classe Extra", irmão de Ingholm Rag que foi Record Mundial em produção.

4) PROVALE JEWEL MATT, produto de transplante de embrião, filho de Nona-Me Fond Matt, Reservado All-America 75. Seu avô é o patriarca da pecuária de leite canadense Lakefield Fond Hope, genearca da maior família de gado holstein no Canadá. Sua mãe, Lornabelle Tidy Supreme, Campeã All-Canadian "Excelente e Classe Extra", e sua avó materna Lakefield Fobes Deligh foi a recordista mundial, durante toda sua vida, com 136.829 kg de leite.

5) OAK RIDGES FLEETWOOD – O pai, Roybrook Telstar é um dos touros mais famosos do mundo, tendo produzido 25 filhas "Excelentes" e 14 filhos "Excelentes", 3 campeões All-Canadian e 3 Reservados. Foi campeão All-Canadian 73. O avô Roybrook Ace foi "Excelente e Classe Extra". O bisavô, o majestoso Lakefield Fond Hope. A mãe, Don-Augur Venies Pround Maggie, com 6 anos produziu 8.060 kg de leite, filha de Don-Augur Verena Memory, "Excelente 2 Estrelas USA".

6) QUALITY HI-CLASS – Filho de Puget Sound Higmark, neto de Romandale Reflection e bisneto de ABC Reflect Sovereign. Sua avó produziu 11.156 kg aos 10 anos, tendo batido 2 Records mundiais em teor de gordura. Sua bisavó, G.H.G. Reflection Honey, foi "Excelente USA" (importada pelo Japão).

7) AGRO ACRES KNIGHT – Tem a mesma linhagem paterna de Quality Hi-Class. Sua avó é "Excelente 4 Estrelas", tendo produzido em 9 lactações 110.212 kg, batendo 7 Records de produção superior. Sua bisavó é Palmyra Bond, "Excelente 4 Estrelas" que, mesmo aos 13 anos, produziu 12.412 kg.

Juntamente com os reprodutores holandeses chegam também 2 grandes animais da raça Schwyz: CONVENTRY LIMITED, All-American 77, cuja irmã produziu em lactação de 333 dias, 11.061 kg com 4,5% em 2 ordenhas. E também MAPLE SHADE SIR GALLANT, Campeão Jr. USA 77, cuja mãe, mesmo aos 16 anos é considerada a matriz de úberes mais perfeitos com produção em cerca de 7.000 kg.

Não existe nada similar a esses touros, no Brasil e a Cabana da Ponte está estruturando-se para manter seu nível de atendimento internacional, devendo retornar ao Leilão das Estrelas, buscando novas aquisições. Dessa maneira, já chegaram reprodutores marchigiana, Chianino, normando e não se tem poupado esforço para facilitar à pecuária nacional uma aceleração em seu desenvolvimento.

Com a introdução de sêmen desses touros no mercado, o Brasil conhecerá uma nova era em sua pecuária, obtendo mais leite e mais carne, seguramente. Essa é a contribuição da Cabana da Ponte, uma empresa que está com os olhos no futuro.

A EVOLUÇÃO

A Cabana da Ponte estende sua rede de comercialização para dezenas de cidades e em 1979 a meta é comercializar 100.000 doses de sêmen, de acordo com a evolução das vendas até agora. Também os cursos e estágios serão acelerados e intensificados. O índice de eficiência no atendimento e do próprio sêmen é o principal argumento que justifica utilizar os produtos da Cabana da Ponte.

Toda uma equipe, comandada por 3 agrônomos, dedica-se ao melhoramento das pastagens, pois busca o "ponto ótimo" de produtividade, introduzindo-se leguminosas perenes como soja,

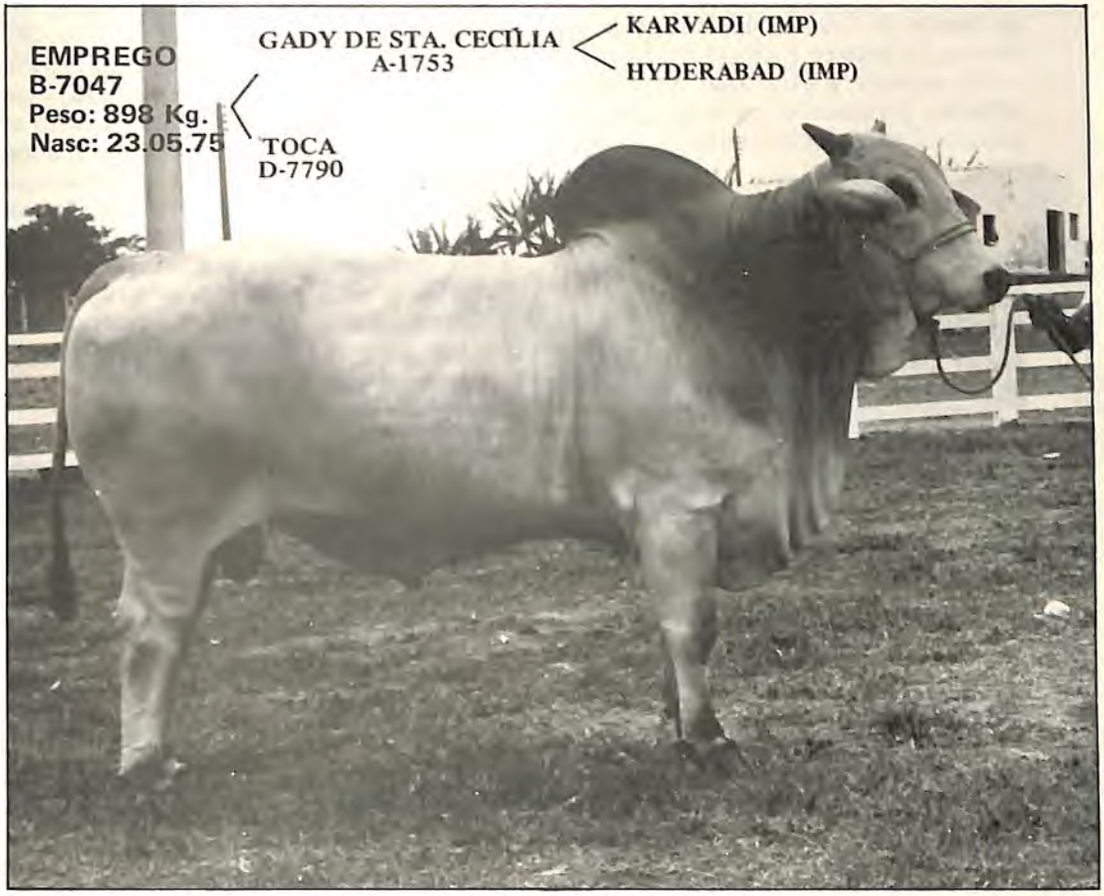
A sede conta com conforto para quem precisa estar presente, acompanhando o dia-a-dia.

Fazenda SERRA CAIADA

K

KLEBER DE CARVALHO BEZERRA

PRESIDENTE JUSCELINO — RIO GRANDE DO NORTE



EMPREGO
B-7047
Peso: 898 Kg.
Nasc: 23.05.75

GADY DE STA. CECÍLIA A-1753 — KARVADI (IMP) / HYDERABAD (IMP)

TOCA D-7790

ALTA SELEÇÃO NELORE

EMPREGO

- Grande Campeão e Campeão Touro Jovem/Mossoró 78
- *Reserv. Campeão Sênior/Expo Paraibana 78*
- *1o. Prêmio Touro Jovem/Caicó 78*
- *1o. Prêmio Jovem/Nova Cruz 78*

1o. Prêmio Júnior/ Mossoró 78

PALANQUIM 6177

SUISSA
AG-9834
Peso: 401 Kg.
Nasc: 01.02.76

AMAZONAS F-724

- *1o. Prêmio/Nova Cruz 78*
- *1o. Prêmio/Mossoró 78*

JAVA
AG-9832
Peso: 429 Kg.
Nasc: 24.04.76

FALENA
Peso: 355
Nasc: 19.01.77

HERCÚLEO DA STA. CECÍLIA 7836

IGARASSU B-9691

TOURINHOS REPRODUTORES À VENDA

Correspondência: NATAL, Rio Grande do Norte - Pça. Capitão José da Penha, 141 - CEP 40.000
Fone: (084) 222.1614 - 222.1624.

Os búfalos são mansos, embora muitos achem que não

siratro, centrosema, etc. além dos melhoramentos das forrageiras como napier e cana, empregando adubação orgânica e introduzindo outras variedades como sorgo forrageiro, milho, mandioca, guandu, etc. A área destinada para forrageiras é de 80 ha, restando 4.600 ha. para pastagens, não se incluindo a reserva florestal. A fazenda conta com uma bateria de silos-trincheira com capacidade para 324 toneladas, destinados principalmente para os touros da Central de Inseminação, o rebanho leiteiro e vacas em lactação.

No tocante à produção de cacau e seringais pretende-se triplicar a produção em 5 anos, melhorando a produtividade e aumentando a fronteira agrícola.

Isto é a Cabana da Ponte, uma empresa rural dinâmica, com as portas abertas para todos, onde o esforço é direcionado para a obtenção de mão-de-obra do mais alto nível, uma empresa que vem se alicerçando, seriamente para enfrentar o dia-de-amanhã, com segurança total.

A contribuição da Cabana da Ponte para o Nordeste é indiscutível, pois trata-se da única Central de Inseminação brasileira que mantém, na própria fazenda, um rebanho variado, com mais de 5.000 cabeças, permitindo aos usuários aquilatar as vantagens e acompanhar o processo de inseminação, na "prática". Os clientes que possam ter dúvidas a respeito dessas vantagens são convidados para acompanhar, pessoalmente, e aquilatar o grande salto melhorador que a I.A. proporciona.

A pesquisa é uma constante na fazenda e todos saem satisfeitos com a certeza de estarem participando de uma grande experiência, cujo único objetivo é melhorar o rebanho nordestino e brasileiro, dentro de padrões internacionais. Um empreendimento que tem muito de idealismo! Um orgulho para a Bahia!

(reportagem de Paraíba Pecuária após permanência de 3 dias na sede)

A Cabana acredita no futuro da Inseminação e, por isso, seus piquetes de touros multiplicam-se constantemente.

São 10 sedes na Fazenda, sendo que algumas contam com ordenha mecânica.

Fazenda

MB CAJUEIRO e PRIMAVERA MB

MAURÍCIO PORTUGAL BAHIA

Av. Marechal Castelo Branco, 1045 — Fone: (075) 221.0813 FEIRA DE SANTANA — CEP 44100 — BAHIA

ALI JURUÁ, excelente reprodutor, bisneto de Providência Itu.

SELEÇÃO DE MANGALARGA MARCHADOR

FAMOSA

Pai: Branca de Neve de São Francisco

Mãe: Frege de Passatempo

VENDA PERMANENTE DE MACHOS e FÊMEAS

O MINISTÉRIO DA PECUÁRIA - 2

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ batalhador de longa data, escreve para jornais e expõe sua opinião, agressivamente, chegando a acusar gregos e troianos responsáveis pela deficiência da agropecuária nacional. Considerado emérito defensor da pecuária bahiana, foi agraciado com a criação do "Troféu Dr. Gugé" que é concedido, anualmente, ao melhor expositor de Itapetinga. Acredita que os pecuaristas precisam deixar a posição de meros espectadores e passar para a contestação, para o ataque, antes que seja demasiado tarde.

O autor desafia os incrédulos, os opositores, todos aqueles que se satisfazem com críticas negativas, a contestar a idéia do Ministério da Pecuária, apresentando uma sugestão mais coerente com a realidade atual. Está disposto ao diálogo, pois afirma que a indiferença é como voto em branco: favorece o pior. O aniquilamento econômico da classe produtora, somado à anulação do senso popular de responsabilidade provocada pela fome, podem desencadear consequências irreversíveis de extrema malignidade. Nesse enfoque, o Ministério da Pecuária é uma solução real, embora pareça fantasiosa, a princípio.

Todo problema, à medida em que se agrava, mais urgência requer para sua solução.

Este é o caso da crise pecuária no Brasil.

Nossos governos, sentindo a necessidade de orientar as atividades do país, ou por elas solicitados a tomar tal atitude, enveredam-se por um dirigismo cada vez mais acentuado, o que, em tese, é atitude certa. Em tese, sim, porque, a depender do critério adotado, o dirigismo pode ter efeito completamente negativo. Nossa pecuária é um exemplo de política diretiva mal orientada e de resultados negativos.

É uma riqueza que se formou e se consolidou sob completo e total alheiamento do Estado. Este só a descobriu como um navegante à deriva lançado sobre tesouro inesperado. Quando abriu os olhos, estava nos subterrâneos da ilha de Monte Cristo. E, como "nouveau riche" despreparado, começou a bobear, embriagado pela idéia de tudo poder fazer sem prestar contas dos próprios erros.

O ruralista é tolerante em excesso, na placidez bucólica que o cerca. Daí ter suportado até agora as pressões injustas que o têm marginalizado.

Tão importante é a atividade pecuária, que sua queda faria ruir todo o conjunto econômico nacional, destruindo até o próprio agente predatório. Daí o cuidado que exige sua orientação.

Subestimar-se a importância da pecuária na composição do equilíbrio nacional é uma leviandade que está ficando muito cara para o Brasil, em termos econômicos, e tornando-se um risco muito grande sob o ponto de vista político-social.

O aniquilamento econômico de uma classe produtora (conceituem bem o que é *produtor*!) somado à anulação do senso popular de responsabilidade provocada pela fome, trazem conseqüências imprevisíveis, que, desencadeadas, tornam-se irreversíveis em sua malignidade.

Infelizmente, dos que reclamam, poucos se dispõem a sugerir alternativas, preferindo o "contra" sistemático, ao combate construtivo com respaldo mais na busca de soluções do que na simples contestação.

Nossa luta pelo Ministério da Pecuária, de início, supera esta falha.

Um ministério em si, efetivamente, não é fator transcendental na luta em que nos engajamos; poderá até ser inócuo, como já observou certo líder muito conceituado.

O fenômeno mais importante da humanidade é o próprio homem. De modo que ele é o ponto central, o núcleo vital, em todos os acontecimentos ou ações sociais. E, no caso em apreço, a função precípua do ministério é possibilitar a existência de um *ministro* para a pecuária, à altura de suas exigências, elemento de que tanto ela como o governo necessitam em grau máximo.

É inconcebível um país com as condições do Brasil, tanto internamente como na sua projeção internacional, relegar a plano tão inferior, em suas diretrizes governamentais, o valo mais significativo de sua potencialid de para realização da própria grandez representado pelas atividades rura Agricultura e Pecuária. São as mais fo tes pilastras em que se assenta nos estabilidade; entretanto a secretar que as vincula à Presidência da Rep blica é o mais frágil e carente dos el de ligação entre o governo e a realid de que lhe compete dirigir. Tão frág que certas atividades tipicamente agr colas, consideradas de maior importâ cia (café, cana de açúcar, etc.) fora transferidas para secretarias agraciad com maior dose de prestígio. O país eminentemente agrícola; mas seu Co selho Monetário, órgão que regula e todos os sentidos a economia naciona nem sequer permite ao ministro d agricultura ocupar uma de suas cade ras. Há coerência nisto?

A criação de um Ministério para Pecuária não pressupõe uma reduçã nas atividades do atual Ministério d Agricultura. Muito ao contrário, i põe amplo fortalecimento deste, pa que ambos possam cumprir plename te os destinos, até certo ponto int dependentes, que lhes são reservad O Ministério da Agricultura deve s recuperado de sua fraqueza, sen marginalização, e seu titular, ple mente entrosado nas atividades ag colas, deve obter autonomia tot perante as demais secretarias de gov no, sobre *todo* o setor agrícola país, tendo vinculação subordinat apenas à Presidência da Públi

Com estas mesmas caracterís

deverá surgir o Ministério da Pecuária, exercendo ação totalizante em tudo que se refira à atividade, constituindo-se veículo único no relacionamento entre o núcleo do governo e a pecuária.

A estruturação do novo ministério deverá resultar do entendimento entre as lideranças *autênticas* da classe, sobretudo do setor produtivo, e representantes do governo, com o objetivo de tornar perfeito seu funcionamento; incluindo-se nesta idéia de perfeição a existência de uma comissão permanente de representantes dos produtores na pecuária, tanto para opinar validamente na indicação dos titulares da pasta, como para assessorá-los nas deliberações portadoras de interesses maiores do setor.

Tentar predizer o que deve ser feito não é oportuno nem, muito menos, estratégico. Mas evidente e clara é a conclusão de que, sob tais condições, só poderão surgir medidas adequadas ao estágio e à carência de providências certas em que nos encontramos. Os objetivos, sim, podem ser predeterminados, compreendendo o revigoramento e permanente evolução da atividade, o que é francamente possível, na dependência tão só das diretrizes adotadas; desde quando tudo mais está ao nosso alcance.

O que realmente importa, para o cumprimento integral da missão, é a existência de um ministro capaz, senhor do setor que dirige, disposto a bem orientá-lo, e com a necessária autonomia entre seus pares. À Presidência da República, em superioridade hierárquica, compete estabelecer a harmonia do conjunto que preside. Neste, deve prevalecer a igualdade de direitos entre os órgãos que o compõem.

Aglutinados sob um só comando os vários segmentos que improvisam, sem coerência, a política pecuária, é possível o diagnóstico de suas falhas e a programação e execução das metas estabelecidas como objetivos prioritários. Para quem conheça o problema e disponha de liberdade de ação na busca dos elementos indispensáveis à sua solução, não há dificuldades insuperáveis para restabelecer-se o interesse pela produção pecuária, sem a menor reação colateral negativa sobre quaisquer aspecto da vida nacional.

Aos negativistas e pessimistas, aos opositores de todos os tipos, inclusive os do governo, responsáveis pelo que aí está; aos companheiros incrédulos; aos que se satisfazem apenas com a crítica negativa, desafiamos contestar a idéia, apresentando sugestão mais coerente com a realidade do que a nossa e mais apropriada ao momento em que vivemos.

Estamos dispostos tanto ao diálogo como à troca de bandeira, desde que outra surja com melhores credenciais como fórmula de solução global para o grave problema. O que não aceitamos, e pedimos que não apresentem, é a contestação pela metade; isto é: o *não* sem alternativa para o plano sugerido.

O desafio é, antes de tudo, dirigido às autoridades responsáveis pelos destinos do país, como forma válida para motivá-las a reconhecer os erros em que incidem e a necessidade da busca de um caminho efetivamente certo.

O inestimável significado da função rural brasileira exige mais atenção e desvelo maior da comunidade nacional, obrigando-nos, a todos, meditar e tomar atitude sobre o problema. A indiferença, neste caso, é como o voto em branco: favorece ao pior.

Dezembro de 1978.

EMATER-PARAÍBA ATENDERÁ 65 MIL PRODUTORES RURAIS EM 1979

O Presidente da Emater-PB, agrônomo Marcos Marinho Marsicano, anunciou no final do ano que a Empresa experimentará notável expansão em 1979, de acordo com a sua programação já devidamente elaborada e aprovada, pois ela foi baseada nas recomendações ditadas pela Embrater e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado.

Vale destacar que a Emater programou atender 65.000 produtores rurais paraibanos, através de 123 unidades operativas que estenderão suas atividades a todos os 167 municípios do Estado, tornando a Paraíba uma das poucas unidades da Federação a levar assistência técnica e extensão rural à totalidade de seu território.

Aos programas tradicionais será acrescido apenas o de Sementes e Mudas, mas o Convênio Embrater/BIRD contemplará Conservação de Solos e Juventude Rural, aprofundando ainda mais o seu trabalho com os chamados produtores de baixa renda.

O mesmo convênio, segundo ainda o presidente Marcos Marinho Marsicano, atenderá a uma série de necessidades materiais da empresa, inclusive a construção da sede própria da Emater, o que se concretiza na estrada que liga João Pessoa a Cabedelo.

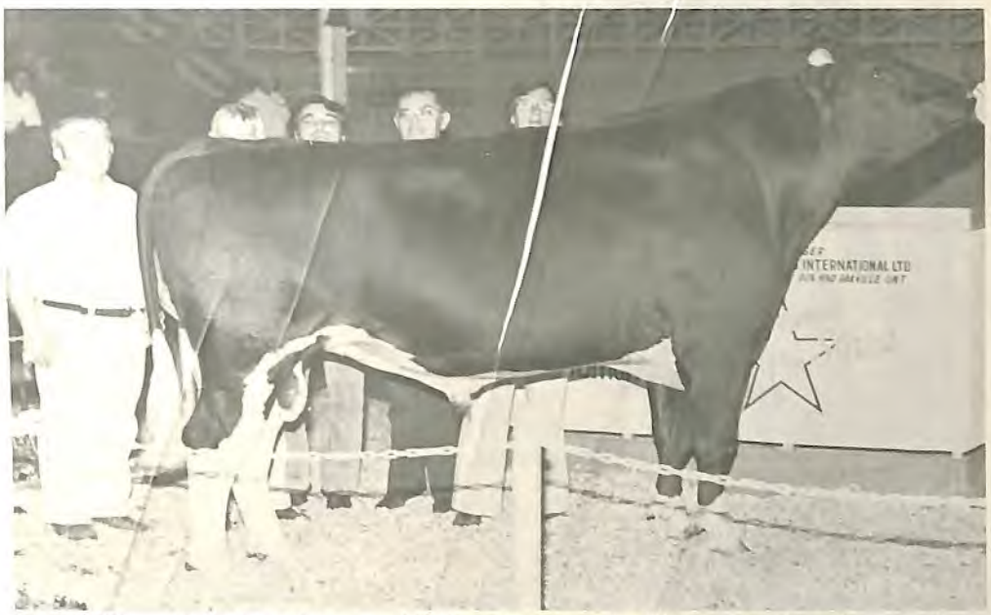
O Dr. Marcos Marinho Marsicano concluiu manifestando a sua satisfação quanto à posição destacada conquistada pela Emater, dizendo que a sua situação cada vez mais abrangente deve-se ao apoio recebido do Governo do Estado, através do Secretário Humberto Manuel de Freitas, e da Embrater, por intermédio do Dr. Renato Simplício Lopes.

A Emater-Paraíba está construindo a sua sede própria na estrada João Pessoa — Cabedelo.

CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ-BAHIA

APRESENTA OS MELHORES REPRODUTORES LEITEIROS
PARA VOCÊ USAR NO SEU REBANHO

ROMANDALE COUNT EBONY



EBONY — V.G. Nascido em 13 de novembro de 1975 — All Canadian Jr. 1977, adquirido na "Sale of Stars" em Toronto, Canadá. Na foto na ocasião da compra, vemos o Dr. Sinval Palmeira (4º à partir da esquerda) Diretor Presidente da Cabana.

ROSAFÉ CITATION R — EX. Extra — Avô paterno de Ebony.

GREY VIEW PET CRYSTA — EX. All. AM. 1966. Avó paterna de Ebony.

O SÊMEN DOS REPRODUTORES AQUI APRESENTADOS ESTARÃO À VENDA NA CABANA DA PONTE BREVEMENTE. FAÇA A SUA RESERVA.

CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ-BAHIA

...aqui está

OAK RIDGES FLEETWOOD

Nascido em 20/02/77 — foto aos 12 meses.

MÃE

A. DON AUGUR VENTES PROUD MAGGIE — EX.

PAI

ROYBROOK TELSTAR — EX. CLASS EXTRA.

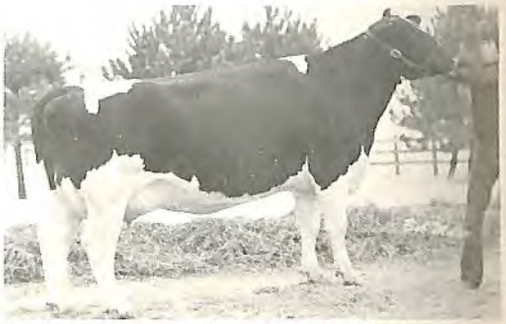
AVÓ MATERNA

DON AUGUR VERENA MEMORY EX. 2E.

BISAVÓ MATERNA

DON AUGUR MODELING VERENA — EX. 2E.

IRMÃ MATERNA



DON AUGUR EXTRA ESPECIAL.

E MAIS: QUALITY HI CLASS — AGRO ACRES KNIGHT ROMANDALE COUNT REVIEW — SAVAGEDAL E CITATION-RED

4 EXCEPCIONAIS REPRODUTORES AGUARDEM!...

CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ - BAHIA

BROWN SWISS

CONVENTRY LIMITED

— Nom. All American Jr. 1977, filho de Vine Valley Chips Paul-EX., e da "Superior Brood Cow" Vine Valley A. Sun Lois, que teve lactação superior a 8700 kgs. e produziu até os 12 anos 64.348 kgs. de leite.
Limited tem como irmãs completas, V.V. Paul Pansy que produziram aos 5 anos 9962 kgs. de leite em 2 ordenhas c/4,7% mg., e a famosa V.V. Paul Luann cuja produção atingiu aos 9 anos em 333 dias 11.061 kg. c/4.5% mg. em 2 ordenhas!

VINE VALLEY A. SUN LOIS

VINE VALLEY PAUL LUANN

4 FÊMEAS DA FAMÍLIA DE CONVENTRY LIMITED.

CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ-BAHIA

MAPLE SHADE SIR GALLANT

Campeão Jr. na Exposição Eastern State 1977, EE.UU., é filho de White Cloud Dorens Delegate, provado positivo para tipo e leite, e da extraordinária Maple Shade Laddies Gal, com produção acima de 6900 kgs., e que aos 16 anos apresenta perfeitas condições, valendo ressaltar a excelência de seu úbere como atestam as fotos abaixo.

Detalhe do úbere de MAPLES LADDIES GAL aos 16 anos.

MAPLE SHADE LADDIES GAL — Úbere aos 16 anos!

MAPLE SHADE LADDIES GAL (aos 16 anos).

O GADO NELORE

INÉDITO

Major W.D.Gunn, M.R.C.V.C.
Superintendente do Departamento Civil de Veterinários, Madras.

Ilustrações: Cópias executadas sobre originais da época.

Este trabalho de autoria do Major W. D. Gunn, foi editado pelo Inspetor Geral da Agricultura da Índia e endossado pelo Comitê Conselheiro dos Membros do Instituto de Pesquisa Agrícola, Pusa, Bengal, Índia e foi impresso – no ano de 1906 – por Thacker, Spink and Co. de Calcutá.

Como todos aqueles que, no passado, foram ao Oriente em busca do Zebu, como única opção para o soerguimento da Pecuária Nacional, bem como na ânsia de melhor conhecê-lo para melhor trabalhá-lo, solicitamos ao Zootécnico Paulo Roberto de Miranda Leite (MS em Melhoramento Animal, New Mexico University, Las Cruces (USA) para que efetuasse uma busca de literatura rara sobre o Bos Indicus e aí está O Gado Nelore, trabalho esclarecedor sobre a raça, de cunho histórico-folclórico-filosófico, com a colaboração do Engenheiro Agrônomo e Zootécnico Nilo Muller Sampaio.

Ao finalizar, homenageamos aqueles inolvidáveis criadores e técnicos que, no passado como no presente, deram tudo de si, em prol do melhoramento da Pecuária Zebuína.

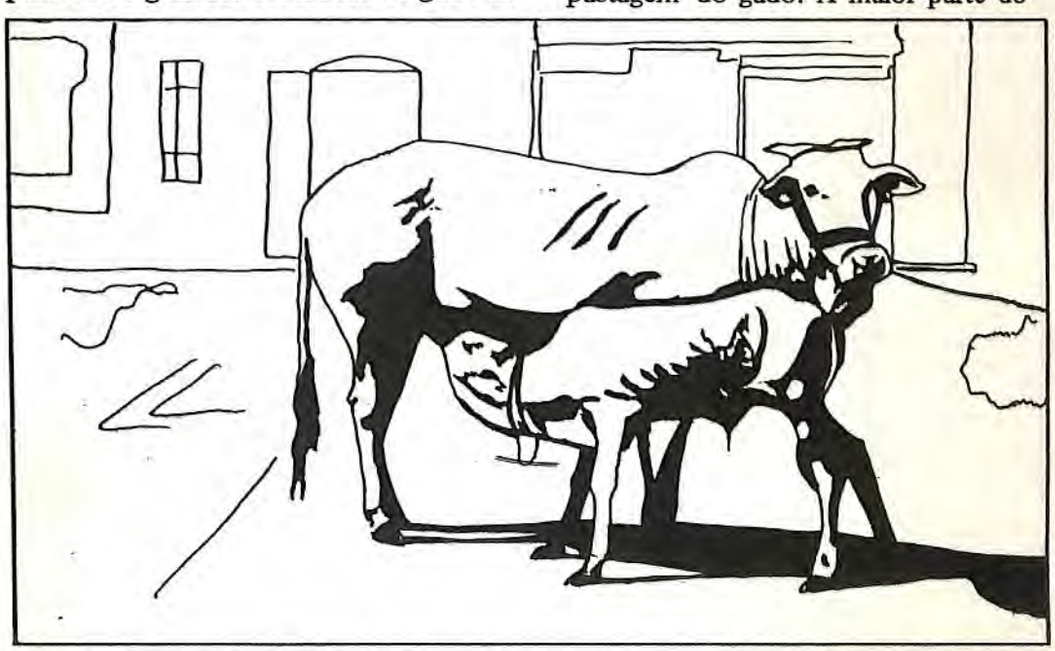
Campina Grande, 1o. de julho/1978.

Virgolino de Farias Leite Neto
Vice-Diretor de Registro Genealógico das Raças Zebuínas da Sociedade Rural da Paraíba.

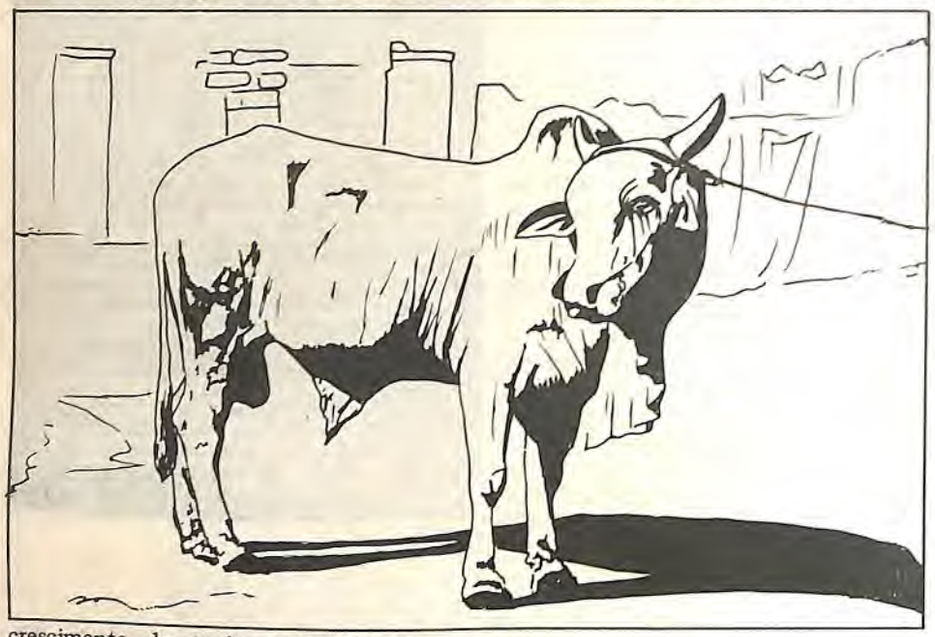
O Gado Nelore tem uma vasta reputação em toda a Índia e também além de suas fronteiras. Antigamente, as principais zonas de criação estavam situadas no Taluks Norte do Distrito de Nelore da Superintendência de Madras, mas recentemente, estes taluks estão incluídos no novo Distrito de Guntur, razão porque não deve ser, corretamente, dado o nome de Nelore ao gado mas, mais propriamente de Ongole, de cuja região os melhores espécimes da raça são obtidos.

Observou-se que antigamente a criação de gado recebeu maior atenção naquelas regiões do país, onde circunstâncias de várias naturezas eram desfavoráveis ao extenso prosseguimento da agricultura. Os agricultores eram freqüentemente privados do resultado de seu trabalho e eram conseqüentemente castigados: eles, por causa disso, em substituição, dedicaram seu tempo para criar grandes rebanhos de gado de um tipo superior que estava, então, muito em demanda, o qual foi preservado da posse das autoridades, transferindo-os de um lugar para outro. Sob um Governo mais seguro, os criadores desses rebanhos se estabeleceram e, sendo uma classe bastante abastada, mantiveram seu orgulho na posse de um gado bom com o resultado de ótimos espécimes que podem agora ser vistos nesta parte do país. As melhores mostras são encontradas nas cidades de Karumanchi, Nidamanur, Jayavaram, Tungutur e Karavadi, no Taluk de Ongole, e em Elapalapadan, Nenurpad e nas aldeias ao longo da margem do Musi, no Taluk de Kandakur. Gado bom desta raça pode também ser encontrado nos Taluks de Vinukonda e Narsaraopet no Distrito de Kistna. Na parte sul do Distrito de Nelore, onde o clima é úmido, o gado é muito inferior não sendo tão bem cuidado e alimentado como nas localidades acima mencionadas.

O sistema de alimentação seguido pelos camponenses das diferentes partes deste País, naturalmente, depende da extensão das pastagens. Nas partes baixas, onde o arroz é principalmente cultivado, uma certa área de terra firme é freqüentemente reservada para a pastagem do gado. A maior parte do gado, entretanto, deixa as vilas durante setembro e outubro – estação chuvosa do Sul – e é mandado para os Taluks ocidentais, onde há extensas áreas de agrestes e florestas. Parte do gado de trabalho irá ocasionalmente seguir o outro gado durante novembro e dezembro, se as pastagens da vila não são suficientes. Os criadores, freqüentemente, reúnem-se e mandam seu gado partir em grandes rebanhos. Para isto, antes da partida do gado das vilas, negociações são feitas para o aluguel das pastagens a preço fixo para a estação (outubro a fevereiro), ou contratos são firmados com os proprietários das pastagens, para a pastoreação dos rebanhos durante toda a estação, por uma pequena taxa por cabeça de animal adulto. Sendo a monção nordeste favorável e estendendo-se até o fim da estação, o gado somente é pastoreado até janeiro, quando o arroz é colhido, depois do que há uma ótima pastagem. A totalidade da pastagem vedada não é aberta para o gado durante todo o tempo, uma vez que, depois de uma pesada descarga de chuva, impreterivelmente em outubro, a melhor parte das pastagens é preservada e mantida afastada do gado por um ou dois meses, até que o capim cresça bem, ocasião em que o gado de trabalho retorna e permanece ali tanto quanto sejam as pastagens suficientes, sendo uma outra porção, da mesma forma, reservada para o outro gado. Aproximando-se o fim de janeiro, quando nas plantações de sorgo nas regiões mais altas começam a aparecer os brotos novos, chamados zadu, que ainda não estão provavelmente maduros, os mesmos são cortados e dados para os bovinos, que estão freqüentemente apascentados em piquetes.



Ocasionalmente, nos campos de cultivação são preparadas áreas para pastagem onde são plantados com variedades de Acácia branca e preta. Depois de ser dominado pelo capim durante 10 ou 12 anos, o terreno é roçado e preparado para o cultivo. A sombra das árvores protege o solo e favorece o



crescimento do capim, enquanto as vargens dão uma boa forragem. A pastagem mantida dessa forma é invariavelmente distinta a cada arrendatário e é geralmente reservada exclusivamente para o gado de trabalho, gado novo e vacas leiteiras.

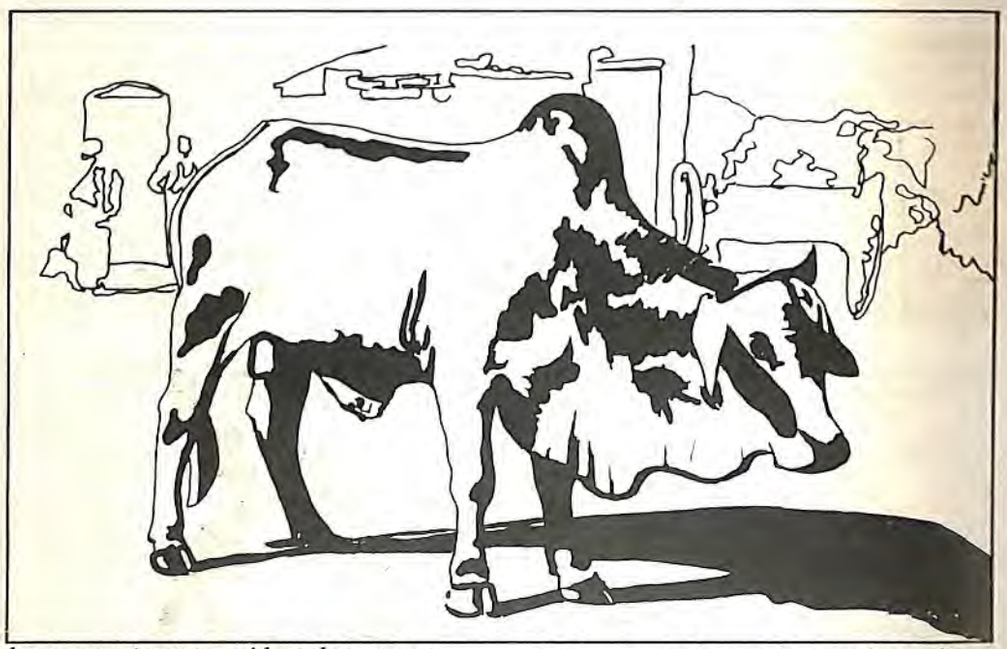
A região onde o melhor gado é produzido é mantanhosa, interceptada por pequenas colinas e é, a maior parte, composta de solo sedimentoso, aluvião, vermelho claro, ou escuro, onde o bom sorgo, outros painços ou milho miúdo e legumes são produzidos. Os camponeses abastados, nessas regiões encontram seu prazer e orgulho na produção de um excelente gado.

Não há maior truísmo que a que atribui à necessidade de alimentar gado jovem, e o maior cuidado que os melhores criadores prestam a seus animais jovens, machos e fêmeas é devido, seguramente, à bem merecida reputação do gado Ongole. Os bezerros novos mamam todo o leite da vaca e, quando estão com a idade de 3 meses, são lhes dados capim e um pouco de ração de sementes misturadas. De todo modo eles são tratados e zelados como animais de estimação bastando, para tanto, entrar nas casas das vilas onde os melhores bezerros podem ser vistos.

Há considerável lucro na comercialização do gado, o que é evidenciado pelos altos preços que os animais conseguem auferir.

Os garrotes são vendidos entre 80 a 250 rúpias. Vários animais de ótima qualidade têm sido exportados para a América do Sul. Uma vaca Nelore de ótima qualidade é avaliada entre 80 a 150 rúpias, de conformidade com a quantidade de leite que ela produz.

A manteiga pura ("Ghi") é feita em grande quantidade e é vendida a intermediários para a exportação, sendo raramente consumida pelos camponeses que preferem óleo para cozinhar, reservando a manteiga para vender. Uma boa vaca Nelore produz 11 a 14 libras de leite, diariamente.



A raça não é provavelmente tão rústica quanto à Mysore ou Alumbadi, mas para trabalho pesado e lento, ela é insuperável e seus animais são geralmente empregados para puxar cargas pesadas, na cidade de Madras. Chegam freqüentemente a suportar 5 toneladas.

As características da raça são: *Cabeça:* — face moderadamente alongada, focinho afinado, testa larga, olhos em forma elíptica, grandes e tenros, a pele ao redor dos olhos com cerca de meia polegada é preta, orelhas são longas e caídas, chifres curtos e tendentes a serem achatados, nas vacas os chifres são mais longos que nos touros, eles são dirigidos para fora e levemente curvados para trás.

Pescoço — curto e grosso.
Cupim — bem desenvolvido.
Corpo — Compacto, comprido e profundo, porém alguns tendem a ser achatados. Nos bons espécimes a cilha (circunferência atrás do cupim) mede cerca de 84 polegadas, e a altura atrás do cupim, 63 polegadas.
Dorso — Moderadamente comprido e mais alto na garupa.
Quartos — fortes com uma considerável inclinação.
Baínha — pendulosa, sendo que as vacas têm também uma dobra de pele na região do umbigo.
Cauda — comprida, fina e despontada.
Pernas — fortes e relativamente grossas.
Pés — grandes e de aparência lisa.
Cor — preta e branca e puramente branca, sendo que a última é atualmente mais apreciada, mas, outrora, a preta e branca foi a cor predominante.
Temperamento — é bastante manso e dócil.

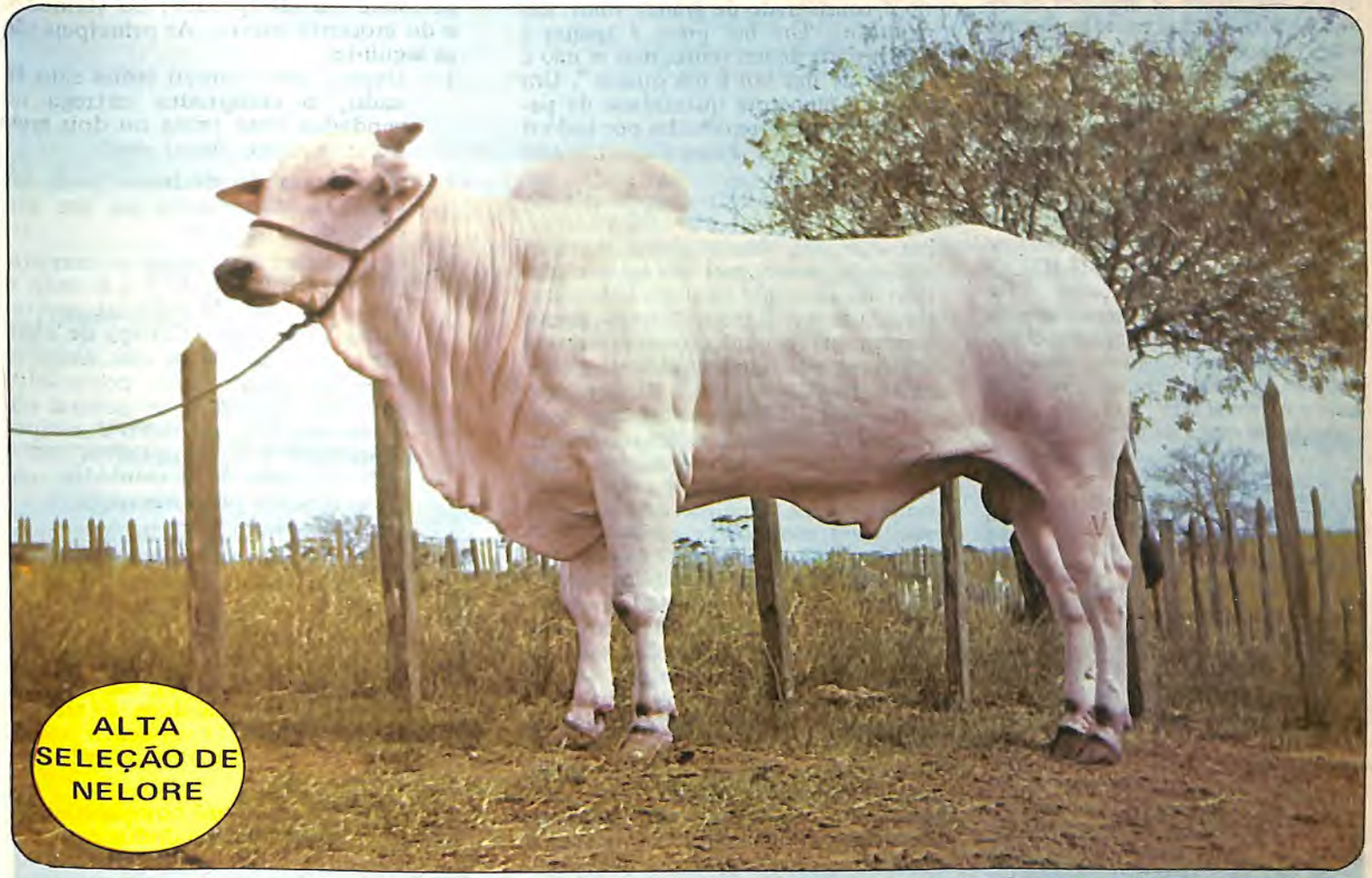
A extensiva pastagem obtida nesta parte do país é, sem dúvida, em grande parte responsável pela criação do gado,

FAZENDAS HAVANA

WALDOMIRO BRANDAO DA SILVA (VAVÁ)

Sede: Rodovia BR-116, Km 1461, a 10 Km de Feira de Santana.

Fazendas em MUNDO NOVO, FEIRA DE SANTANA, GUARATINGA, ANDARAI.



DHALI-733
5577

- KARVADI-II (POI) 4218
- TAMIR-II-NI (POI)

Nasc: 24 - 02 - 76
Peso: 807 Kg.

TRANSPORTE GRATUITO para qualquer parte do País.

8 touros POI, filhos de Karvadi, Taj-Mahal, Karnu e Karvadi II. Os demais touros são 7/8 e 3/4 descendentes dos POI Golias, Brahmine, Rastã, Reddy e Gonthur.

FINANCIAMENTO no ato da venda.

Rebanho com 1.450 fêmeas Nelore PO.

SALVADOR, BA — Rua Marechal Floriano, 26 - Canela - CEP 40.000 - Fone: (071) 247.5684.

a qual o Governo tem sempre se preocupado em fomentar. Antes de 1867 foi criada uma taxa, porém ela foi logo posta fora de cogitação e uma outra forma foi estabelecida. Qualquer que fosse a área desocupada de cada vila, uma área igual a 30% da área ocupada pelo cultivo deveria ser reservada para a criação, para ser aproveitada por todas as vilas, livres de impostos; as sobras se suficientes e em extensão que valha a pena para adotar o sistema, podem ser arrendadas por um ou dois anos, de uma só vez para o maior licitante.

Com a finalidade de desenvolver e fortalecer, ainda mais, a criação de bons animais, uma exposição anual foi estabelecida, desde 1858, e continuou ininterruptamente, até 1871. Durante esses 12 anos, um total de 18.000 rúpias foi distribuído em prêmios. A exposição de animais foi reestabelecida no ano passado (1905), com excelentes resultados e é duvidoso que, uma grande coleção de touros e vacas de uma raça tenha sido jamais apresentada junta até então, na Índia.

Foram expostos:

Touros Brahmini	45
Touros	120
Bezerros	83
Garrotes	22
Bois	31
Vacas	166
Novilhas	132
Búfalos, touros	1
Búfalos, bois	9
Búfalos, vacas	6
Carneiros	38
Ovelhas	3
Cabritos	11
Cabras	3
	670

As novilhas e garrotes formaram um lote extraordinariamente bom, e é de se esperar que, com o incentivo mantido pelo Governo de Madras, a exposição será realizada anual e igualmente bem representada.

Tem-se grande cuidado na seleção de touro da vila, como também no lote de touros Brahmini trazido para a exposição de Ongole, constituído de belos animais em esplêndidas condições. Quase toda vila tem um ou dois touros Brahmini, assim chamados, que são propriedade comum, tendo sido presenteados por parentes de um camponês falecido, *in memoriam* ou por algum camponês privilegiado ou adquiridos por subscrição pública. Tais animais são sempre marcados com uma marca sagrada.

Como todas as classes agrícolas, os camponeses da costa leste são muito supersticiosos. Eles são comumente relutantes em mostrar uma vaca favorita, temendo a influência de mau-olhado (Drishti). O boi, cuja vassoura da cauda, está situada acima do jarrete é dito ter Eru-val e trazer infortúnio. Isto não é questionável em vacas. Um boi tendo pelo, chifre, pele e cascos brancos é considerado de fraca constituição e não deve ser adquirido. Um boi preto é geralmente considerado animal velhado e perigoso, e o contrário é considerado de grande valor. Eis o ditado: "Um boi preto é apenas a quarta parte de um touro, mas se não é velhaco, é um boi e um quarto". Um boi com numerosa quantidade de pequenas manchas espalhadas por todo o corpo (como um veado) é considerado que traz sorte.

A forma dos chifres supõe-se indicar muitas coisas e recebe vários nomes. Por exemplo, Madakkambu, significa chifres inclinados para trás e é considerado um excelente sinal em uma vaca. Há um velho ditado: "Deixe algum homem que não saiba como fazer para selecionar uma vaca, adquirir uma com chifres virados para trás". Chifres retos são preferidos. Chifres dirigidos para a frente, Kopadim — indicam vigor, vivacidade. Chifres assimétricos e torcidos — Churutai — não são desclassificantes. Aqueles que parecem cavados, com leves manchas coloridas — Kalikumbu — são considerados muito desastrosos. Chifres com as pontas brancas — Punkumbu — são também ruins. Se uma vaca, no momento da compra, expele urina, isto é considerado um bom sinal, um bom presságio, mas se ela evacua é um mal sinal. Com o boi é o inverso. Um boi em que faltem os incisivos do canto é chamado Arukattu-Madu e é considerado venturoso. O provérbio é: "Aquele que adquire um boi com apenas seis (6) dentes permanentes (incisivos) enriquecerá o bastante para comprar um elefante". Um boi em que nasceram apenas 7 dentes incisivos permanentes é desventuroso para seu dono e é considerado pelo seguinte ditado: "Aquele que adquire um boi como este deve ter prontos os preparativos para seu funeral".

Um número indeterminado de observações é feito escrupulosamente tanto pelo comprador como pelo vendedor, nos leilões de gado e, para dizer a verdade, tem-se tomado verdadeiramente um princípio legal apoiado há muito pelas autoridades. A inobservância destes detalhes, acredita-se, colocará seriamente em perigo a prosperidade do comprador, do vendedor e do inocente animal. As principais são as seguintes:

1 — Depois que o preço tenha sido fixado, o comprador entrega ao vendedor uma prata ou dois anás ou uma rúpia, como sinal.

2 — O restante do dinheiro pode ser pago imediatamente ou em um prazo determinado.

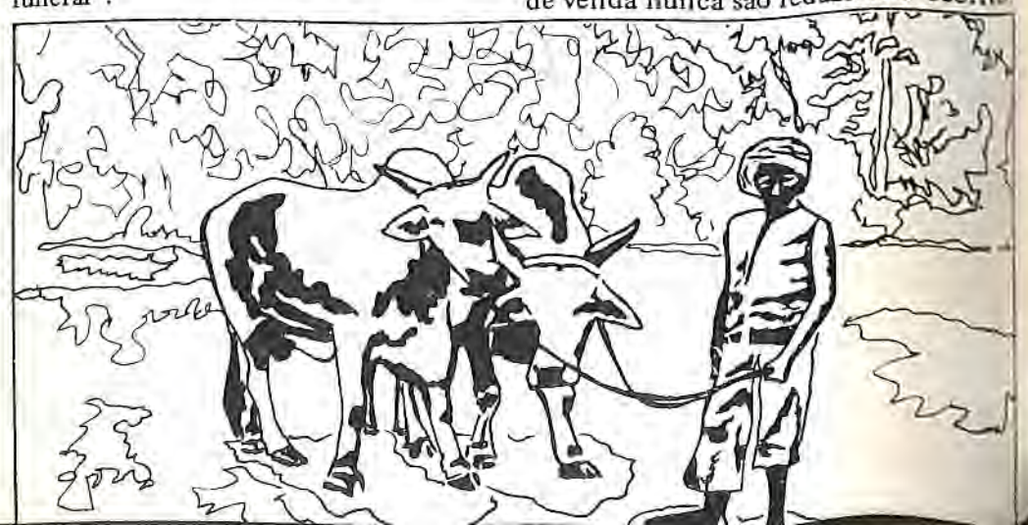
3 — O vendedor deve pagar ao comprador uma quantia de 4 a 8 anás, o que é chamado Marabu labham ou Pathi Vithamalu (Caroço de algodão). Entende-se que esse dinheiro deve ser usado pelo comprador para dar forragem ao animal naquele dia. O comprador é sempre cuidadoso para enquadrar os 4 anás no caso de o vendedor não tê-las trocado por uma rúpia.

4 — O comprador nunca deve amarrar o animal com sua própria corda, e por essa razão ele nunca traz uma consigo.

5 — O vendedor deve sempre fornecer uma corda nova ao comprador e, se isto não é possível, ele lhe dá a matéria prima que deve ser trançada ou torcida. O vendedor nunca deve dar a corda já usada pelo animal.

6 — O vendedor, em companhia do comprador, deve conduzir o animal por uma curta distância com uma corda nova e então transfere a corda para as mãos do comprador que, a seguir, conduz o animal para casa.

Isto estabelece o contrato de venda que nunca é contestado. As condições de venda nunca são reduzidas a escrito.



MANGALARGA MARCHADOR

O CAVALO SEM FRONTEIRAS

OCTÁVIO MACHADO NETO, Engenheiro Civil e Pecuarista, com cursos de Inseminação Artificial e Equinotecnia, Sócio-Gerente da firma JOTA-MACHADO, que representa, em relação ao Dr. Octávio Machado, grande baluarte da pecuária zebuína nacional, o seu filho mais velho Dr. Jayme Machado, também falecido. Integra o Conselho Diretivo da ABCZ para o Estado da Bahia e também a Diretoria da Associação Baiana dos Criadores de Cavalos.

Está em moda importar animais exóticos, relegando nosso patrimônio já formado, envolvendo cavalos adequados às nossas necessidades. Enquanto pecuaristas vão fortalecendo essa moda "fogo de artifício", o Mangalarga Marchador vai sendo exportado para os Estados Unidos e outros países. É hora de consolidar a posição dessa excelente raça, procurando legítimos representantes para melhoria zootécnica dos rebanhos e acabar com os mitos que já atrapalham os criadores que procuram, sensatamente, elevar ou manter o padrão da raça.

A ORIGEM DA RAÇA

Contam os historiadores que quando D. João VI veio para o Brasil no início do século passado, trouxe consigo animais da Coudelaria Real de Alter do Chão, considerados entre os melhores cavalos da Europa, na época. Tempos mais tarde, dois destes animais foram levados por Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, para a sua Fazenda do Campo Alegre, no então município de Baependi, sul do Estado de Minas Gerais, iniciando os cruzamentos com o lastro de fêmeas que já possuía, descendente dos cavalos Andaluzes, do Além Tejo e outros, trazidos pelos primeiros colonizadores portugueses e desembarcados em Pernambuco, Todos os Santos, São Vicente, e outros pontos do nosso território. Esta foi a origem de uma nova raça que, pela sua funcionalidade, foi sendo aprimorada no sul de Minas, região muito acidentada, onde, naqueles tempos, o cavalo era o principal meio de locomoção e exigiam-se animais resistentes, rústicos e ligeiros.

DUELO DO DIAMANTE, várias vezes campeão da Raça, inclusive na Semana do Cavalo-74. Equilíbrio, beleza e versatilidade (Jotamachado). Tratador: Minervino.

Por volta de 1824, alguns destes animais, em lote selecionado, foram levados para a Fazenda Mangalarga, em Pati do Alferes, na região de Pertrópolis no Rio de Janeiro como "os cavalos da Fazenda Mangalarga" e, assim a nova raça de cavalos brasileiros ganhou o seu nome, difundindo-se por todo o País.

DOIS TIPOS DIFERENTES

No sul de Minas permaneceu a família Junqueira, descendente do Barão de Alfenas, continuando a criação do tipo racial fixado. Novos núcleos de criatório do cavalo Mangalarga foram se formando na Zona da Mata, como o da Fazenda Abaíba, da Fazenda Tabatinga e outros, na região de Passatempo, etc.

Outros descendentes da família Junqueira foram para Orlândia, SP e do sul de Minas, onde a seleção já estava muito adiantada, levaram cavalos Mangalarga que, depois de sucessivos cruzamentos com animais de outras raças, fizeram surgir a variedade hoje conhecida como Mangalarga Paulista. Difere do Mangalarga Marchador, ou Mangalarga tradicional que é o mais difundido de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo, pois os animais pertencentes a esta variedade possuem andamento mais áspero, conhecido como marcha trotada ou trote marchado, bastante diverso das marchas batida e picada, andamentos tradicionais da raça, capazes de oferecer o máximo de comodidade ao cavaleiro.

DIPLOMATA, campeão nacional da Raça-72. Porte e nobreza aos 15 anos. (Carlos e Herbert Rodenburg).

GENTIL DO DIAMANTE - Tetracampeão aos 30 meses, com roupagem típica nordestina, insuperável e resistente para o trabalho com o gado e notável pela sua disposição e coragem (Proprietário: o articulista).

CONSIDERAÇÕES

Muitos criadores brasileiros, inclusive do Nordeste, vêm se preocupando em importar animais de raças exóticas, verdadeiros fogos de artifício de muito brilho por pouco tempo quando criados nas condições naturais que a maioria das regiões brasileiras pode oferecer e menos em aprimorar as raças que já existem em nosso país, principalmente a Mangalarga Marchador, o "Cavalo sem Fronteiras", que possui condições para atuar em qualquer atividade rural ou esportiva.

SANTA, excelente caracterização racial com forte estrutura (Carlos e Herbert Rodenburg).

IDOLO DO DIAMANTE, cabeça de tamanho médio e harmoniosa, perfil de subcôncavo ao retilíneo (Jotamachado).

GENTIL DO DIAMANTE, no lazer é também para salto e provas equestres, ágil, inteligente e versátil (Proprietário: o articulista).

HERDADE V-8, potro de 2 anos com estrutura forte e própria de um futuro reprodutor (Jotamachado).

O mais interessante é que enquanto se importam espécimes estrangeiros, os Estados Unidos e os países da América Latina onde existem Associações de Criadores de Passofino, cujos animais se assemelham aos nossos, estão de olho no Mangalarga Marchador brasileiro já tendo iniciado importações para melhoramento de seus plantéis.

Como em qualquer raça difundida em todo o território nacional, há indivíduos melhores e piores e cabe a nós que gostamos de cavalos saber aprimorar a nossa raça brasileira, procurando produzir animais de alta rusticidade capazes de suprir as necessidades dos campos, desde os que transportam viajantes e proprietários de terras em suas inspeções cotidianas aos serviços rurais, até aqueles que derrubam o boi ou entram encourados na caatinga para rebater alguma rês perdida.

É justamente aí que vamos descobrir porque o Mangalarga Marchador é o cavalo sem fronteiras! no andar é cômodo e de grande rendimento em suas marchas características, picada ou batida. No serviço com gado é insuperável e resistente, prestando-se à remonta dos vaqueiros e administradores. No lazer, ele é o cavalo para salto, para as corridas campestres e provas eqüestres diversas, ágil, inteligente e versátil. Por fim, ao se apresentar nas Exposições é incomparável em sua beleza de brasileiro autêntico, tendo servido inclusive como base para formação de quase todas as outras raças nacionais. Então, perguntamos porque não redescobrir este cavalo e colocá-lo no seu devido lugar, procurando legítimos representantes desta Raça brasileira para melhoria zootécnica dos nossos rebanhos? Cabe aos que gostam de cavalos a tarefa de estruturação do criatório nacional com base no Mangalarga Marchador e, — já que hoje em dia todo pecuarista está sentindo pesar no orçamento da Fazenda o custo da remonta de seus vaqueiros devido à elevação dos preços de animais de serviço cuja oferta no mercado reduziu-se em função do abate nos frigoríficos especializados. — torna-se economicamente interessante a manutenção de um plantel de eqüinos para os que precisam deles para cumprimento das tarefas rurais.

No processo de escolha dos nossos reprodutores, devemos ter esmero para conseguir garanhões e matrizes possuidores de qualidades reais, dignas de participarem do trabalho seletivo, em prol do melhoramento da raça, pelos seus próprios méritos individuais, genéticos, fenotípicos e dinâmicos. Devemos também estar atentos neste processo de preservação e divulgação de uma raça nacional como a Mangalarga Marchador, contra informações baseadas em interesses comerciais que não são fortes de andamento ou não se enquadram tanto no padrão racial, por restrições subjetivas a certas pelagens. Há ainda os que desejam limitar o "Cavalo sem Fronteiras", desenvolvendo a idéia de restringi-lo a apenas um tipo de marcha, a batida, que realmente é menos cansativa para o cavalo, mas apesar das vantagens da marcha diagonalizada para o equilíbrio do conjunto cavalo-cavaleiro, muitos preferem a boa marcha picada, popularizada em algumas regiões do Nordeste como "picada com legítimo" e acreditamos que tanto a picada ou batida, de boa qualidade, têm seus méritos e preferências por este Brasil afora, não se justificando é a presença de animais com andamento áspero, quase trotado, dentro dos padrões raciais do cavalo **Marchador** da Raça Mangalarga.

Quanto às pelagens, elas podem estar de acordo com o gostó pessoal de cada um, observando-se entretanto que é o cavalo quem faz a pelagem e não o inverso, como querem alguns, sendo extremamente benevolentes na análise de animais com uma pelagem preferida e extremamente intransigentes na análise dos que possuem outras, mesmo com qualidades superiores.

Pensando em nossas raças nacionais com carinho e respeito ao trabalho de nossos antepassados e trabalhando em benefício de sua preservação e evolução, estaremos zelando por um patrimônio capaz de gerar divisas para o País e para que não cheguemos a importar o que já temos aqui, no Brasil.

PADRÃO DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

Integrante do novo Regulamento do Registro Genealógico do Cavalo da Raça Mangalarga aprovado pela Portaria No. 14, de 20.09.78 do Sr. Presidente da CCCCN (Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional) e publicada no Diário Oficial da União em 26.09.78.

I– APARÊNCIA GERAL

1 - **Pelagem** - qualquer pelagem exceto a branca despigmentada.

2 - **Altura** - machos: mínima de 1,46 sendo ideal 1,50 m. fêmeas: mínima de 1,38m.

3 - **Peso** - de 250 a 400 kg para machos.

4 - **Forma** - porte médio, leve na sua aparência geral, de linhas definidas e musculatura bem proporcionada.

5 - **Constituição** - forte e condição sadia.

6 - **Qualidade** - ossos secos e fortes, tendões e articulações delicadas, pele e pelos finos.

7 - **Temperamento** - ativo e dócil.

II– CABEÇA E PESCOÇO

1 - **Cabeça** - de tamanho médio e harmoniosa, fronte larga e plana

2 - **Perfil** - perfil de subcôncavo ao retilíneo.

3 - **Olhos** - afastados, grandes, vivos e pálpebras finas.

4 - **Orelhas** - de tamanho médio,bem implantadas, móveis e atesouradas.

5 - **Boca** - medianamente rasgada, lábios finos, iguais, móveis e firmes.

6 - **Narinas** - abertas e flexíveis.

7 - **Pescoço** - leve, de comprimento médio, harmoniosamente ligado à cabeça e de inserção bem definida, oblíquo, tolerando-se o ligeiramente rodado.

III– TRONCO

1 - **Cernela** - alta, comprida, musculosa, implantada bem atrás.

2 - **Costelas** - arqueadas e longas.

3 - **Tórax** - profundo e amplo.

4 - **Dorso e lombo** - curtos, retos, bem sustentados; flancos profundos; cheios e arredondados.

5 - **Garupa** - longa, musculosa, tanto quanto possível horizontal e bem ligada ao lombo.

6 - **Cauda** - de inserção alta, bem implantada, sabugo curto e firme, ligeiramente curvada na ponta, para cima quando o animal se movimenta, cabelos ralos e sedosos.

7 - **Órgãos Genitais** - perfeitos.

IV – MEMBROS

1 - **Espádua** - musculosa, não demasiadamente cheia, oblíqua.

CAFUNDÓ PREDILETO, excelente marcha batida havida por herança genética de seu pai Herdade Jupiá, (campeão nacional de marcha), montado pelo tratador Minervino. (Jotamachado).

SANTA, fronte larga e plana, cabeça delicada, muito feminina e expressiva (Carlos e Herbert Rodenburg).

2 - **Braço** - longo, largo e musculoso. **Antebraço** - longo, largo e musculoso.

3 - **Joelhos** - retos, largos, chatos e bem suportados.

4 - **Coxas** - cheias e musculosas. **Pernas** - longas, fortes e bem aprumadas.

5 - **Jarretes** - secos, lisos e bem aprumados.

6 - **Canelas** - curtas, secas e limpas, com tendões fortes e delineados.

7 - **Boletos** - largos, definidos e bem suportados.

8 - **Quartelas** - médias, oblíquas e fortes.

9 - **Cascos** - arredondados, sólidos e escuros, sola côncava e ranilha elástica.

10 - **Membros em seu Conjunto** - fortes, com articulações salientes, bem aprumados.

V – ANDAMENTOS

Marcha avante, picada ou batida, tanto quanto possível regular, sendo esta última em linha reta e devendo deixar rastros nos quais no plano, os de trás cobrirão os da frente, podendo passar um pouco; na subida conservam-se atrás e na descida alcançam ou passam.

VI – DESCLASSIFICAÇÃO

A) de pelagem - "albino", despigmentação nos olhos.

B) de temperamento - vícios considerados graves e transmissíveis.

C) de conformação - cabeça acarneirada, lábios caídos.

D) de pescoço - cangado (de cervo), demasiadamente rodado.

E) de membros - defeitos graves de aprumos e taras consideradas prejudiciais.

CAFUNDÓ PREDILETO, a harmonia da delicadeza de linhas com uma constituição resistente, o fenótipo...

...perfeito aliado a uma ascendência genética das melhores na raça (Herdade x Abaíba), seguro pelo tratador Minervino (Jotamachado).

F) de andamentos - trote e marcha trotada, bem como animais exclusivos de andadura.

ITAPETINGA, Capital da Pecuária

O sul da Bahia era uma região desconhecida, mas a coragem de seus habitantes foi, pouco a pouco, produzindo cidades, e o verde dos campos retribuia o esforço, com cacau, seringueiras, café, excelentes pastagens e, hoje, Itapetinga merece o nome de Capital pois não só representa 25% do gado de abate da Bahia e a maior bacia leiteira do Nordeste, como também é a trovejante voz que se faz ouvir nos altos escalões políticos. Itapetinga é sinônimo de um povo que se fez, pelo esforço próprio.

A cidade respira o verde e canta a beleza dos campos.

Os murundus perdem-se no horizonte, dando um ar misterioso à região, única no mundo...

UM POUCO DE HISTÓRIA

No fim do século XIV, alguns intrépidos aventureiros desceram a Serra do Marçal, por uma trilha que se enroscava no verde da escarpada montanha. Lá embaixo, apenas um mundo inteiro para ser explorado, de solo fértil, abarrotado de estranhas protuberâncias que mais pareciam formigueiros pré-históricos! Mas a região era ainda inóspita e, além do acesso difícil, tanto pelo leste como pelo oeste, nada justificava fixar uma moradia naquele imenso verde, bordado com montanhas azuis e extensas nuvens que encapuzavam os morros.

A cidade, de linhas delicadas, esvazia-se no final de semana, para que todos possam desfrutar os campos.

No início de 1900, Bernardino Francisco de Souza resolveu descer pelo intrincado caminho da serra, para conhecer melhor a estranha terra dos murundus, nome que já designava os milhares e milhares de pequenos montes de terra que dava um ar misterioso a toda região. Perto do rio Catolé, abriu um roçado, gostou da colheita abundante, do clima ameno e propício. Em 1916, passou a vender sua propriedade ao Coronel Augusto Andrade de Carvalho, um grande desbravador que — munido de grande coragem — desceu o Catolé, abrindo clareiras nas matas e constituindo pequenos povoados.

Em 1923, o Coronel trouxe sua família, mesmo sem haver qualquer instalação adequada. Havia decidido que aquela seria sua terra, o berço de um povo intrépido e destemido! Importou de Vitória da Conquista um pedreiro e outros artífices, iniciando-se a construção da Fazenda Astrolina, onde iria residir até 1937. Ia surgindo o arraial de Itatinga, nome de um tipo de pedra branca muito comum na região. Em 1924, à margem esquerda do Catolé, Manoel dos Santos Sales inicia a derrubada de um pedaço de mata para dar nascimento a Itapetinga, cuja 1a. casa ocupou o local onde hoje se sedia a Cooperativa Mista do Médio Rio Pardo. Veio a capela, a 1a. Missa celebrada pelo padre Sena e, em 1926, chega o 1o. professor Manoel Gomes.

Os monumentos e painéis estão pela cidade inteira...

Durante a Expo-1979, Itapetinga estará inaugurando sua Escola Agrotécnica.

Moderna rodovia e aeroporto asfaltado ligam Itapetinga com o resto do País.

Obras modernas mesclam-se com o culto à pecuária.

A notícia corre, estava surgindo uma nova vila e, assim, começaram a chegar o 1o. vaqueiro, Belarmino Gonçalves de Azevedo, o 1o. tropeiro, Chiquinho Ferreira. Desde o princípio a vocação da cidade voltava-se para a pecuária. Logo o povoado contava com um delegado, um juiz de Paz, enquanto o gado começava a se espalhar entre os murundus.

Pelo Decreto Estadual No. 10.724, de 30.03.38, Itapetinga é elevada à categoria de vila, contando já com atuantes órgãos. A pecuária crescia vertiginosamente, a rodovia Ilhéus-Conquista veio acelerar o progresso e, em 12 de dezembro de 1952, pelo Decreto Estadual No. 508, Itapetinga torna-se um município autônomo.

Hoje a cidade domina o verde vale, com seus poéticos recantos, com seus rios murmurantes, com uma juventude intrépida e destemida, com uma audácia que vai além das fronteiras, merecendo e cultivando o nome de "Capital da Pecuária".

DAIRY VALLEY BRASILEIRA

Itapetinga conta com todas as facilidades da vida moderna, com hotéis de boa categoria e capacidade suficiente para atender a mais de mil visitantes, emissora de rádio, jornal semanal, museu de Artes, parques recreativos e de lazer, diversos pontos turísticos, dezenas de fazendas que são um convite à visita, tal o requinte de suas instalações, monumentos e obras urbanísticas modernas e – principalmente – um povo hospitaleiro, amigo de uma boa conversa sobre política agropecuária.

Ilustres personagens, visitando a cidade, conferiram-lhe o epíteto de "Dairy Valley" brasileira, pois nos Estados Unidos a cidade desse nome é absolutamente voltada para a produção de leite. Dairy Valley, no entanto, é uma cidade de escassas pastagens, recebendo diariamente, centenas de caminhões com forragens vindas de outras regiões. Assim, Itapetinga apresenta melhores condições, pois o verde domina todo o cenário natural. Todas as atividades, de uma maneira ou outra, estão voltadas para a ordenha ou exploração pecuária de corte. Itapetinga e sua irmã americana são cidades de grande coragem, que vêm construindo, dia a dia, um futuro melhor para seus filhos, com as próprias mãos.

Mesmo com a grande crise que nos últimos anos tem arrasado a pecuária brasileira, Itapetinga vem suportando e mantendo a fé no futuro. Sentiu no dorso a chicotada violenta e a pressão constante que aniquilou, sistematicamente, a pecuária em muitas cidades, mas seguiu avante, enfrentando, não só a crise, mas também a praga das cigarrinhas que tornou obrigatória a erradicação de muitas pastagens. Hoje, o verde volta a dominar os vales e serras, espalhando-se por entre os murundus, o gado volta a ganhar peso e a esperança de dias melhores paira sobre a cidade, abençoando o esforço incansável do povo batalhador, esforço esse que, muitas vezes, foi alvo das atenções do Governo Federal.

Itapetinga está a 334 km de Salvador por avião e 599 por asfalto, ou 1.265 do Rio de Janeiro, 975 de Belo Horizonte, 177 do porto de Ilhéus e 102 de Vitória da Conquista.

EXPOSIÇÕES E PECUÁRIA

Após consolidar os órgãos básicos de desenvolvimento de sua pecuária, como o Sindicato Rural, a Cooperativa do Médio Rio Pardo, Associação Cultural e outros, decidiu a cidade lançar-se, definitivamente, à comercialização de gado, promovendo uma grandiosa Exposição que pudesse se consolidar como a melhor da Bahia.

O Parque Landulfo Alves, com o passar dos anos, foi-se tornando pequeno e na Exposição de 1978 atingiu um faturamento de Cr$ 50 milhões, uma cifra fantástica, similar apenas a algumas exposições sulinas.

A princípio, a Exposição visava apenas mostrar um excelente plantel, de alto nível zootécnico, mas – com o passar do tempo – a tendência natural da região era buscar animais de alta produção leiteira e, assim, tornava-se obrigatória a presença de boas mestiças no recinto, para comercialização. Após muitas discussões, o Parque abriu suas portas e instalou, pioneiramente, gado para venda em currais, juntamente com uma Exposição de Elite. A evolução das cifras e o contentamento dos criadores mostrou o acerto da decisão, enquanto as vendas subiam e alegravam a cidade inteira. Hoje, o Parque, com dezenas de barracões e centenas de currais apropriados, abriga mais de 6.000 animais e é, indiscutivelmen-

O Parque Landulfo Alves: note-se o cuidado supremo.

O pássaro, uma mensagem moderna de liberdade.

A Prefeitura, exemplo de arquitetura atual.

te, a maior festa da pecuária nordestina e, talvez, brasileira.

A região apresenta seu maior contingente de gado azebuado, para produção de leite, que vive adaptado aos milhares de murundus e íngremes encostas montanhosas que se elevam nos horizontes. O clima temperado facilita a produção leiteira e a cidade conta com boa capacidade de industrialização.

Como vantagem subsidiária, Itapetinga conta com a maior Central de Inseminação, em regime de fazenda, a Cabana da Ponte, que fornece sêmen de raças leiteiras e de corte, o que tem provocado uma melhoria em centenas de fazendas da região.

Compra-se, troca-se e vende-se gado constantemente, em todas as esquinas da cidade, e não existe conversa sem o assunto "boi". Quando não se fala em negócios, comenta-se a Grande Exposição que passou, ou a que virá. Todos sabem, intimamente, que a festa será sempre a melhor do Brasil, pois cada um contribuirá um pouquinho para isso.

UMA CAPITAL DE PECUÁRIA

Itapetinga completa 26 anos e conta com 80 mil habitantes, sendo a oitava cidade da Bahia em importância sócio-econômica e a segunda do sudeste baiano, onde perde apenas para Vitória da Conquista. É uma das cidades melhor planejadas, urbanisticamente, no Estado, contando já com um Plano Diretor para acompanhar seu desenvolvimento. Em todos os pontos, sente-se o ímpeto, o arrojo, a audácia, a coragem, o desenvolvimento desenfreado, obras que se erguem frenéticas, escolas, museus, hospitais, empresas, promoções sociais, grandes exposições, com o povo sempre participando, emitindo opinião com plena consciência de ser também "proprietário do destino da cidade". Esse povo luta por sua terra, em todos os momentos.

O Parque de Exposições é um dos maiores do Nordeste, com capacidade para 6.000 animais.

Quando surgiu o problema das cigarrinhas, todos lançaram-se às ruas e o Sindicato Rural, a Cooperativa, a Prefeitura e grandes pecuaristas ergueram suas vozes, pedindo solução ... que não tardou. Sempre foi assim, de vitória em vitória, Itapetinga alicerça-se como cidade vencedora. Quem mais tem lucrado é a pecuária, sangue vital para o município, a maior bacia leiteira do Nordeste, que tem gerado uma notória lide de empresários rurais.

Itapetinga, hoje, respira pecuária, os monumentos cantam o verde, o boi, a vaca, o bezerro, o verde dos campos, o ar puro, a liberdade, o cavalo, os pássaros do campo. Os restaurantes são decorados com ferros de gado, cangas, arreios, selas e artefatos de couro. A maior festa é a Exposição Anual, o centro de todas as atenções.

Itapetinga tem escrito páginas decisivas na história da agropecuária nordestina, o que está transcrito em painéis, quadros e textos de artistas, poetas e escritores, em todos os locais e vozes da cidade.

A força centralizada em Itapetinga engloba, em sua bacia leiteira, outros municípios, a saber: Itororó, Itambém Itarantim, Ibicuí, Itaju da Colônia, Potiraguá, Firmino Alves, Santa Cruz da Vitória, Macarani, Maiquinique, envolvendo um rebanho de 1.058.000 cabeças de gado e concentração de 101,5 unidades por quilômetro quadrado. Dessa região saiu cerca de 25% do gado para abate, do Estado da Bahia, em 1976. Sem dúvida, uma legítima capital da pecuária!

Na fase atual, devido à quase impossibilidade de ampliação da fronteira para pastagens novas, surge a tendência de se aprimorar a tecnologia aplicada à exploração agropastoril, visando aumentar a produtividade e desfrute, preservando e recuperando as pastagens, introduzindo novas técnicas de manejo. Todos voltam-se para o futuro.

Itapetinga caminha para a frente, com os olhos abertos e o seu prefeito, Dr. José Vaz Espinheira, eleito pela 3a. vez, é o mentor da orientação e da abertura de caminhos para o desenvolvimento da cidade, voltando-a sempre para sua vocação natural, a pecuária.

A Exposição de Itapetinga será de 11 a 18 de fevereiro de 1979 e todo o Nordeste estará reunido para comemorar, discutir e rever amigos, aproveitando para conviver, alguns dias, com os melhores bovinos da Bahia, do Nordeste e diversos Estados do sul do País. Uma festa inolvidável!

(Nossos agradecimentos aos entrevistados: Dr. Felício Brito, Dr. José Vaz Espinheira, Dr. Thomaz Montes, Dr. Sinval Palmeira).

AGRICULTURA BRASILEIRA: OS SINAIS DA CONTRADIÇÃO

Walter Henrique Zancaner

O agricultor sente-se traído e frustrado, ao ver que os preços dos insumos sobem mais do que os de sua produção. A descontinuidade política tem provocado o descalabro atual, elevando nossa dívida para quase 40 bilhões. Apenas os produtos agropecuários poderão amenizar essa dívida, durante ainda muito tempo.

A cada dia se torna mais importante a montagem e implantação de uma política adequada para a agricultura brasileira. É necessário eliminar as distorções que vêm se arrastando há muitos anos, atuando o poder público com prioridade e exatidão. Mais aprimoramento nos rumos a serem tomados, maior participação do campo nas decisões de planejamento, melhor infra-estrutura pelo Estado e processamento tecnológico em todas as fases, são alguns dos pontos básicos a serem atingidos.

Deve ser levada em conta a importância enorme do desenvolvimento agrícola, e evitar que o setor rural no Brasil (como em toda América Latina) continui relegado a segundo plano. Essa foi uma das mais importantes conclusões da 1a. Conferência Latino Americana do Desenvolvimento Rural Integrado, realizada em Caracas, na qual o Brasil foi representado por dois conhecidos economistas, os professores Julian Chacel e Paulo Rabello de Castro, ambos da Fundação Getúlio Vargas. O país precisa se conscientizar que o setor agropecuário continua sendo o pivô de um plano de desenvolvimento acelerado para o Brasil. O próximo governo federal terá o apoio de todos os setores da economia se, aceitando e pondo em prática as inúmeras sugestões na próxima década, passe a dar à produção agrícola o mesmo tratamento que à produção industrial recebeu nos últimos vinte anos.

Oportunas as palavras do Secretário da Agricultura do Rio de Janeiro quando afirma que, "não se pode ajudar o consumidor sem promover a fartura. A agricultura deve ser tratada com racionalidade, justiça e objetividade. A política agrícola do governo e os homens que irão executá-la devem inspirar confiança". Das duas agriculturas, a de exploração e a de abastecimento, sendo dirigidas com acerto, eliminadas as deficiências notórias, e consideradas com primazia, atenderão tranquilamente o mercado interno, e também continuariam a liderar as exportações. Ao tempo, será um importante fator de melhor distribuição de renda. Quando falamos em agricultura, estamos pensando não só em lavoura, como também no setor pecuário, ambos merecedores de medidas que possam melhorá-los com rapidez.

A persistência da inflação, o aumento nos preços dos insumos e equipamentos utilizados na agricultura (sempre maior que o índice geral de preços) e as surpresas climáticas frustrantes são alguns dos fatores que impõem a necessidade de preços estimuladores para os produtos da terra. Com níveis de remuneração suficientes para atrair e estimular o produtor, diminuiria muito a tendência dos ruralistas em mudar amiúde de culturas anuais, com maus resultados para o abastecimento e as exportações. Ao mesmo tempo, nas culturas permanentes não haveria maus tratos e abandono de lavoura, em escala tão acentuada como nos últimos anos. A negativa dos sucessivos governos em favorecer preços adequados para a produção agrícola, sob a alegação de combate à inflação e de diminuição do custo de vida, vem ocasionando efeitos contrários. Provoca escassez dos produtos agropastoris, burla no tabelamento irreal e câmbio negro. O agricultor se sente traído e frustrado ao ver que os preços dos insumos sobem mais do que os de sua produção. Ao mesmo tempo, sabe que o atravessador quase sempre aufere lucros acima do razoável, principalmente nas épocas de safras negras, quando muito pouco das altas de preços reverte em seu próprio benefício.

É humilhante a atual posição do país, surgindo como grande importador de alimentos. A cada ano são mais freqüentes as compras no exterior de produtos como: feijão, leite em pó, milho, carne bovina, enlatados do mar e da terra, frutas, queijos, arroz, cebola, alho, café, etc ... Essas importações são inexplicáveis num país com a extensão territorial do Brasil, e tornar-se-ão desnecessárias, quando conseguirmos executar uma política acertada, conduzida com decisão e energia. A vastidão do país nos obriga perante um mundo sempre populoso e ávido de alimentos e matérias primas, a um crescimento substancial na produção agrícola, atendendo 114 milhões de consumidores internos e aumentando o volume de exportações. A agricultura tem sido mal situada na economia brasileira. Colocada como um setor secundário, cuja finalidade é ajudar o desenvolvimento industrial, ela tem apresentado uma taxa de aumento sofrível em relação à do Produto Interno Bruto. Os seus problemas não são enfrentados através de política de longo prazo, mas somente com medidas de curto prazo, todas elas casuísticas e insuficientes. Isso é mais estranho e inexplicável, quando o passado nos mostra, à saciedade, que os nossos agricultores sempre responderam bem e rapidamente aos estímulos e campanhas para o aumento da produção.

Aconteceu no café, soja, trigo, citrus, girassol, algodão, etc. Sabem produtores e estudiosos que se os índices de produção não foram mantidos, a culpa não foi dos ruralistas. Por outro lado é absolutamente certo que a nossa produção agropastoril será aumentada e muito, com o provimento adequado de políticas firmes de longo prazo, sem as usuais descontinuidades.

A dura realidade é que a nossa dívida já se aproxima de 40 bilhões. Como os produtos primários contribuem com quase 70% das exportações, é com eles, ainda por muitos anos, que iremos conseguir amenizar o deficit. Temos terra, população, clima, e agora, também estrutura industrial para montar uma agricultura bem organizada em todos os setores, para que atenda aos reclamos de uma população urbana, a cada dia mais numerosa e exigente em alimentos e roupas, fruto de um êxodo rural ocasionado inclusive por desalento dos homens do campo. Nunca é demais ressaltar que a população rural decresce celeremente dia após dia, e este fenômeno deve ser levado em alta conta no planejamento de longo prazo para a agricultura, na próxima década.

Apenas a título de ilustração, é necessário lembrar que não mais existe um importante segmento populacional na produção de cereais. Trata-se dos colonos de café. Esses trabalhadores dos cafezais eram autorizados pelos proprietários a plantar no meio das lavouras, no intervalo entre os pés. Geralmente arroz, feijão e milho. Essas colheitas pertenciam a esses colonos, que retiravam para o seu consumo aquilo que necessitavam e vendiam as sobras. Eram dezenas de milhares de famílias a produzir e vender alimentos em mais de seis Estados agrícolas importantes. Por motivos diversos, esses colonos saíram das fazendas e dos sítios de café onde moravam, e foram para as cidades. De produtores passaram a consumidores. O mesmo aconteceu também nas lavouras de cana, cujos trabalhadores, quando moravam nas propriedades, por legislação do IAA, tinham direito a plantar cereais em terras próximas às suas moradias, ao lado dos canaviais. Hoje as lavouras de café, cana, algodão, amendoim, entre outras, são cultivadas por trabalhadores levados todos os dias da cidade, os "bóias frias" (que só plantam e colhem para o proprietário) agora transformados em meros habitantes e consumidores das periferias

LEITURAS PARA A FAZENDA MODERNA

NOÇÕES DE AGRICULTURA

de Cantalício Preto de Oliveira

A idéia de publicar estas "noções" nasceu na década de 30, quando se cogitou criar uma nova mentalidade agrícola, no meio rural, ou seja, introduzir o ensino da agricultura em todas as escolas primárias da zona rural, por ser a agricultura a base do progresso econômico e social de qualquer povo. Para ser melhor compreendido, o livro apresenta noções fundamentais de botânica, do solo, etc. para então deter-se na cultura de cereais, hortaliças, uva e plantação de árvores frutíferas.

Livraria Sulina - Av. Borges de Medeiros, 1030 - Porto Alegre, RS.

ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO DO GADO BOVINO

W. R. Jardim

Versa sobre alimentação ideal para gado leiteiro e gado de corte, envolvendo técnicas de manejo de rebanho, medidas preventivas e andlise minuciosa dos alimentos básicos dos alimentos, além de um estudo sobre digestão e metabolismo.

Edit. Agronômica Ceres
R. Silveira Martins, 70, 3o., cj. 309
São Paulo, SP.

MANUAL DE OBSTETRÍCIA VETERINÁRIA

Grunert, Bove, Stopiglia

O principal objetivo dos autores foi proporcionar uma espécie de guia orientador para os estudantes de Medicina Veterinária e uma orientação prática para o Veterindrio Rural, afastado do centro de informações, que nele encontrard notáveis contribuições para o cumprimento de sua missão preventiva e curativa em benefício de um melhor rebanho. Concedeu-se especial atenção ao diagnóstico, prognóstico e tratamento dos animais desde o começo da gestação até o momento do parto, inclusive o pós-parto.

Livraria Sulina - Av. Borges de Medeiros, 1030 - Porto Alegre, RS.

MANEJO FISIOLÓGICO DO GADO DE CRIA

Dr. Livio Dutto

Andlise do manejo tradicional, desmama precoce de terneiros, monta hibernal, crise dentária, parto de novilhas, manejo de touros, administração de vitaminas, etc. Um livro com resumo de conhecimentos úteis para todas as fazendas.

L. E. A. L. - Caixa Postal, 607
Porto Alegre, RS.

O OVO DE COLOMBO

Soluções Práticas para Pecuária

Nereu Pozzer

Livro escrito em linguagem popular, contendo informações úteis sobre o mundo da pecuária, desde princípios zootécnicos até noções de economia internacional.

Livraria Edit. Agropecuária Ltda.
Cx. Postal 607 - Porto Alegre, RS.

JOÃO CARLOS GONZALES

O CONTROLE DO CARRAPATO DOS BOVINOS

João Carlos Gonzales

Principal ectoparasito dos bovinos, o carrapato incide em praticamente todo rebanho bovino brasileiro e o combate não tem sido feito de maneira adequada, devido ao desconhecimento de sua biologia e das forças componentes do seu sistema ecológico. Este livro pretende esclarecer estes dois aspectos, tratando-os de forma minuciosa e clara para que o aluno, o técnico e mesmo o criador possa utilizar as forças de combate da melhor forma possível.

Livraria Sulina - Av. Borges de Medeiros, 1030 - Porto Alegre, RS.

A VERDADE NORDESTINA

EURIPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.

O Nordeste foi massacrado pela falta de patriotismo e escrúpulo de empresários sulinos que se aproveitaram das secas para montarem impérios utilizando uma mão de obra quase semi-escravizada. A burocracia atual foi gerada a partir daí e por isso as verbas destinam-se, quase todas, ao sul e apenas esmolas chegam ao Nordeste. Chamar a região nordestina de "flagelada" é um erro que vem sendo cometido há várias gerações e foi iniciado pela má fé criminosa que tantos dissabores tem causado para o País.

A vitalidade do Nordeste está visível na resistência que apresenta ao desgaste a que foi relegado pelos setores responsáveis pela vida econômica do país. O conceito de povo sem energia e de menor renda per capita, teimando em viver em uma região árida, incapaz de assegurar a vida de seus habitantes é desmentido pela realidade. Estamos chegando a um tempo em que nosso sentimento deve falar mais alto, pois a brasilidade foi traída. Não devemos mais calar a realidade pois o desequilíbrio está ameaçando a própria união nacional e nada justificaria continuar a sacrificar toda a economia da nação para a *criação de usinas portentosas que irão movimentar monumentais indústrias estrangeiras no Centro Sul,* deixando abandonada a região mais forte e mais nacionalizada de seu povo.

Estamos entregues a uma tecnocracia que olha o Nordeste com comiseração e prevenção, alardeando que o homem nordestino não tem capacidade de reação. Os erros cometidos com esse espírito de prevenção acumularam-se de forma que o povo do sul tem o Nordeste como um peso morto, sobrecarregando os demais Estados.

O recenseamento realizado em 1870 constatou que o Nordeste detinha 65% da produção nacional, tinha uma renda per capita de 1,44 da renda nacional. Temos o direito de saber porque hoje somos apenas 14% do PIB e a renda do nordestino está abaixo de 39% da nacional. Isso ninguém ensina nas universidades do Nordeste!

A culpa não é do nordestino, vem de longe o nosso sacrifício, desde quando os homens ricos do sul tornaram-se áulicos da corte. *Logo na seca de 1825 não mandaram sequer um saco de farinha, mas encheram os cárceres por causa da luta pela Revolução do Equador, no ano anterior. Aproveitaram a seca de 1877 para conseguir escravos, de graça, para o desbravamento dos seus cafezais. E, depois, cada seca era uma nova safra de escravos para o corte de borracha do Amazonas ou desbravamento de terras no planalto. Ainda em 1915, os nordestinos foram transportados em porões de cargueiros para a lavoura do sul, despertada para o suprimento da Europa envolvida na Primeira Grande Guerra. Sou testemunha daqueles dias. Eu vi amontoados de seres humanos entre fardos de algodão e quartos sangrentos de carne de boi. Foi assim que o Nordeste fez a riqueza do resto do País.*

Com verbas escassas, atrasadas e sempre subordinadas a uma burocracia exigente, a partir de 1915, o Nordeste começou a ser revitalizado e represas e estradas começaram a surgir. As estatísticas não podem registrar o que os olhos viram e só eles podem comparar os campos viventes de agora com as terras secas onde as represas foram construídas.

Para o político do sul, todo o dinheiro que vinha para cá era tido como esmola. Quando o Presidente Epitácio Pessoa quis dar impulso às obras contra as secas, a reação foi violenta. O despeito dos sulistas acendeu o estopim dos canhões para depor o nordestino que estava malbaratando o dinheiro da Nação para sustentar os conterrâneos famintos e inúteis. O episódio dos Dezoito de Copacabana é uma página dessa história.

Não foi culpa dos nordestinos o empobrecimento da região, queremos repetir, embora entre os fatores possamos culpar a desvalorização do açúcar depois da Primeira Grande Guerra e a simultânea valorização do café, desarmando o equilíbrio anterior. Queremos assegurar que o preponderante fator foi a marginalização a que fomos relegados.

Ainda restam os troncos dos cafezais erradicados do Nordeste, com o pretexto da possibilidade de surgimento de pragas, tanto na Bahia, como no Ceará e muitos outros Estados, o mesmo tendo acontecido com outras culturas que aqui foram exterminadas para surgirem no sul. *A realidade era que não queriam que partilhássemos da riqueza que estava surgindo no sul!*

A imigração de pessoas e bens da Europa, a partir da Primeira Grande Guerra, criou uma nova classe na sociedade brasileira, formada de gente rica, experimentada que cuidava apenas de seus interesses imediatos. Essa gente queria viver, enriquecer, aproveitar a fartura que encontrara nas novas terras e lhe bastava a região onde estava vivendo. Assim, o Nordeste, devido à sua longa distância, foi relegado como desnecessário à Nação. O novo brasileiro encheu os campos de chaminés e as ruas de estabelecimentos onde não se falava a nossa língua. O filho da terra aceitou contente a fortuna que estava surgindo e se conformou em viver ao seu lado, sem pensar em seus irmãos do norte. Ficamos marginalizados.

Os novos brasileiros que nasceram aqui, aprenderam a falar e a pensar como seus pais, guardando a informação de que o Nordeste é uma terra onde vivem párias brasileiros flagela-

dos. Desses novos brasileiros surgiram, por força de seu poder econômico, os técnicos e economistas que se alçaram a assessores dos poderes executivos. Tudo quanto o Nordeste contava do que chamamos obras do Governo, até 1950, era o DNOCS, que foi extinto depois de 1965, transformando-se em obras assistenciais (nada mais que esmola para a região flagelada) as novas obras. Seus técnicos nas horas disponíveis ocupam-se em plantar tomates e outros produtos de rentabilidade assegurada, nas terras beneficiadas pelas construções anteriores àquele ano.

Todas as obras de irrigação do Nordeste foram paralisadas em 1967, entretanto, entre 1951 e 1955, o Departamento de Obras e Saneamento gastou nas obras de irrigação do rio Guaíba, no Rio Grande do Sul, o equivalente ao aplicado pelo DNOCS durante seus quarenta e três anos de vida, no Nordeste! Em um único vale do sul empregaram tanto quanto em oito Estados do Nordeste, conforme levantamentos feitos pelo Professor Sebastião Barreto Campelo. Sabemos que 65% da área irrigada do País encontra-se no sul onde as chuvas são regulares e as estações climáticas são quase uniformes. O Projeto Camaquã, também no Rio Grande do Sul, em andamento, vai beneficiar uma área maior do que a beneficiada e mais as projetadas para toda a região que vai da Bahia aos limites do Maranhão. Os gastos para essa obra única estão previstos em 466 milhões de cruzeiros, ou seja, o equivalente a dois anos de SUDENE para todo o Nordeste.

A União mantém em São Paulo e Rio cerca de 298 mil servidores públicos, enquanto que em todo o Nordeste, são apenas 127 mil. Entre aqueles estão os mais bem pagos como os da Petrobrás e grandes empresas e centros de pesquisa, sem contar os estabelecimentos militares e todo o pessoal considerado altamente qualificado. Todo ganho desse funcionalismo volta para a circulação fomentando o comércio e a indústria na região.

A monumental ponte Rio-Niterói e o Aeroporto supersônico do Rio, consumiram 2,98 bilhões de cruzeiros, divididos para apenas dois Estados do sul, enquanto que a frágil SUDENE recebia uns minguados 186 milhões para aplicar em oito Estados do Nordeste!

O BNDE, entre 1952 e 1957 aplicou no Nordeste 0,92% de suas disponibilidades, enquanto distinguiu o sul com 38,4% e o Centro-Sul com 45,9%. O Banco do Brasil emprestou, durante o ano de 1960 aos governos dos Estados de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul 83,3% de suas disponibilidades, deixando para Pernambuco apenas 0,63%. A Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil financiou 10,7% da produção desde o Maranhão até Alagoas e destinou 56,3% desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. Os investimentos estrangeiros, de 1955 a 1960 aplicados em Minas e São Paulo somaram 92,23% do total, restando desde o Amazonas até Pernambuco apenas 1,9%. *Poderá alguém acreditar na esperança de um milagre ou uma redenção nordestina?*

Os portos do Nordeste estão obsoletos, mas no sul foram construídos diversos deles para fomentar a siderurgia, modernamente aparelhados, incluindo as indispensáveis redes ferroviárias.

Nós temos a nossa própria vida para defender e o nosso passado que precisamos honrar. É um imperativo cívico acabarmos com esse posicionamento falso ou fatalmente iremos continuar nos desagregando. Não há razão que justifique a centralização total de todas as economias no sul e a nós somente reste o encargo de contribuir para o pagamento dos empréstimos tomados no Exterior, além das odiosas obrigações impostas pelas empresas sulinas impondo-nos o famigerado ICM.

Os mais velhos criadores ainda se recordam dos empréstimos do Banco do Brasil que ficaram com o nome de "Pecuária", na década de 40. O nosso gado então valorizou-se subitamente, enchendo de euforia os criadores nordestinos. Um dia, sem prévio aviso, o Banco fechou a gaveta e gerou-se uma crise nacional. Poucos souberam da trama inventada, pois veio o perdão das dívidas. Vários criadores do sul receberam um empréstimo equivalente ao total dos que foram feitos aos pecuaristas de Alagoas até o Ceará e suas dívidas também foram perdoadas. Os nordestinos, porém, ficaram com o crédito cortado!

No encerramento do 1o. Encontro de Empresários do Nordeste-EMNOR – realizado nos primeiros dias do mês de dezembro de 1978, em Salvador, mostrou que as medidas postas em prática a partir da década 60, apesar de não ter conseguido reduzir a distância entre as áreas econômicas do Norte e Sul serviram para demonstrar que aquela é uma região viável e salientou que, para superar o atraso do Nordeste, o crescimento deveria dar-se a taxas bem mais elevadas que as do Centro Sul.

Apesar dos argumentos ponderados do documento, o Ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, o condenou, frisando que as polêmicas sobre tais assuntos são provocadas por aqueles que querem sofismar em cima de uma ação política do Governo.

Antes da criação da hidroelétrica de Paulo Afonso, eu fiz um levantamento dos antigos engenhos de açúcar movidos a água, na várzea do Paraíba, e argumentei que ali estavam cerca de 15 fontes de energia barata que poderíamos restaurar e mandei o trabalho para a imprensa oficial. A censura devolveu o trabalho, alegando ser contra o pensamento do Governo! São segredos de Estado!

O problema é grave, ele está minando a própria unidade nacional, não devemos dormir embalados em utopias. Por todo o mundo, o direito de viver está despertando nos povos sacrificados. A poderosa Inglaterra de outrora está minada pelo Eire, os bascos lutam na Espanha e França. Fácil será a descentralização do Poder, trazendo para o Norte e Nordeste, mais solidariedade, mais apoio e mais direitos!

A SUDENE não fracassou, ela foi uma lição que devemos aproveitar!

(dezembro/78)

NINGUÉM PODE PERDER

As grandes exposições do Nordeste

- **JANEIRO** – **SALVADOR e JACOBINA (BA)**
- **FEVEREIRO** – **ITAPETINGA, BA e VITÓRIA DA CONQUISTA, BA.**
- **MARÇO** – **JOÃO PESSOA, PB.**

SEM SUA PRESENÇA, A FESTA SERÁ UM POUCO MENOR.

FAZENDA CARNAÚBA

MANUEL DANTAS VILAR FILHO

Taperoá, Paraíba — CEP 56.800 - Rua Álvaro Machado, 1 - Fones: 2213 e 2251.

UM GUZERÁ LEITEIRO
COM 40 ANOS A MAIS

Nossa orientação sempre foi a mesma: buscar maior produção de carne e leite...

...vacas precoces e resistentes, com aquela imponência que só GUZERÁ é que tem!

GUZERÁ LEITEIRO D MARCA

Em 1934, Manuel Dantas Vilar trouxe do Rio de Janeiro, o Guzerá JA, um gado enorme, imponente, com chifres em forma de lira, muito leiteiro e manteigueiro, que parecia ser ideal para o Nordeste, e até hoje nunca introduziu um touro de fora, mantendo a pureza original.

Os resultados surpreenderam: as crias vinham mais cedo, a produção de leite era fantástica, as novilhas podiam ser enxertadas muito antes e o rebanho adquiriu uma rusticidade inédita na história da pecuária brasileira.

Nos cruzamentos com gado Schwyz, Simental e Holandês, as mestiças davam mais leite, os bois ganhavam mais peso, mostrando que o Guzerá era, realmente, o mais indicado para o Nordeste.

Hoje, o GUZERÁ-D já faz parte da cálida paisagem nordestina e um rebanho de 300 fêmeas, em Taperoá, é o exato perfil de um verdadeiro guzerá... com 40 anos a mais.

O Guzerá-D é um Guzerá-JA...
com 40 anos de Nordeste.

EX-MINISTRO FAZ ADVERTÊNCIAS

O ex-Ministro da Agricultura e antigo Presidente do IBC, Renato da Costa Lima, afirmou em São Paulo: "Não será com manobras monetaristas que a inflação será detida, mas somente com medidas drásticas, que resultem em aumento substancial da oferta. A perspectiva imediata do País é buscar um novo modelo econômico, efetivamente baseado na agricultura, com a valorização do homem do campo e o fortalecimento do Brasil rural. Ainda somos um país eminentemente agrícola e são os produtos do campo que precipuamente sustentam a nossa economia."

Para combater a inflação é indispensável estimular por todos os meios a produtividade da terra, pois é aí que encontra-se a fonte inesgotável de nossa riqueza. Costa Lima acha que é chegado o momento de acabar com os artifícios usados para exportação de manufaturados que só pode ser feito à custa de subsídios.

"Se podemos subsidiar o preço do calçado para os ingleses e americanos, não será melhor subsidiá-lo internamente, para vermos o brasileiro calçado?. Temos a comprovação de que as providências monetárias a que costumam chamar de "enxugamento de mercado" não funcionam no Brasil e que tem acontecido é exatamente o contrário do que se espera, isto é, conduzem a uma inflação maior pelo aumento dos custos ou ainda pela paralisação, quando o País necessita de trabalho.

"Pensar que somos uma nação industrializada, que pode produzir e competir com qualquer produto e em qualquer mercado, é utopia e desperdício."

É preciso que a Nação tome consciência de que é humilhante um País como o Brasil comprar carne dos seus vizinhos, leite em pó, arroz, feijão, cebola e milho. Pior que isso é admitir que nossa subprodução é um sinal de inferioridade em nossa vocação para a agricultura.

Costa Lima acha que remunerando-se convenientemente a produção e transferindo os frutos do trabalho para o interior, onde vive a metade da população brasileira, "o grande beneficiado será a indústria que, em pouco tempo, terá incorporado um mercado adormecido de milhões de brasileiros, hoje marginalizados do processo econômico, vivendo uma economia de subsistência.

É esse o grande desafio para o futuro governo, pois se o aceitarmos iremos levar o País a uma economia de mercado menos centralizada, menos estatizada e muito mais cooperativa e criativa, usando apenas dos seus recursos e limitações.

Acha também que o Brasil é capaz de produzir álcool combustível não só para o mercado interno como ainda em quantidades excedentes, que nos permitirão exportar, podendo assim substituir o combustível fóssil, cujas reservas estão em vias de extinção.

HORA DAS "VACAS MAGRAS"

Acreditando que muito pouca gente teria coragem de enfrentar a política errônea do leite, o Dr. Naomar Alcântara, de Itapetinga, BA resolveu erguer a voz, abordando os abusos acintosos praticados na região:

— "O sul-sudoeste do Estado (Bahia) — já não bastassem suas mazelas tradicionais — está sendo vítima de um novo mal. Refiro-me à crise (artificialmente criada) que atinge os produtores de leite da região.

Já é fato inconteste que o preço pago por um litro de leite, sobre ser irrisório, não corresponde, em nenhuma hipótese, nem ao seu real valor, nem — muito menos — à soma dos investimentos com as despesas de custeio e manutenção, necessários à obtenção do leite "in natura". Basta compará-lo ao preço pago por um refrigerante (menos de meio litro) para nos envergonharmos do aviltamento do preço do leite, alimento de primeira ordem.

Pois bem, acharam os compradores do produto, que não era o bastante. E, agora, mais recentemente, acabaram por impor — aos produtores — uma nova humilhação: transformando-os, de miseráveis fornecedores, em financiadores compulsórios dos compradores de leite.

E não é mesmo assim? O pobre do fazendeiro vende, durante novembro, o leite produzido naquele mês, mas o valor desse leite somente lhe será pago no fim do mês de dezembro.

Até aí — acostumado a tantos arrochos, — ainda era para suportar mais este. Mas os compradores querem mais: vencido o mês subseqüente ao do fornecimento, ao invés de receber o dinheiro correspondente ao leite vendido, há 60 dias, o infeliz fazendeiro recebe uma *nota promissória rural* (que é obrigado a endossar) e que será descontada em banco, com 90dias de prazo. E, somente decorrido esse prazo (vale dizer: 150 dias após o fornecimento do leite) é que o vendedor saberá se recebeu, ou não, o valor do leite vendido. Porque, até lá, obrigado, cambiariamente, como fica, pela promissória rural, poderá ter que resgatá-la, se o emitente (comprador) não o fizer.

Assim, há que se perguntar:

1 — Será que o comprador do leite (que leva 180 dias para pagar o leite adquirido) ficará idêntico tempo sem vender e sem receber o produto comprado?

2 — De que recursos (especialmente agora com a retração do crédito rural) se valerá o fazendeiro para custear as despesas da fazenda (o salário dos trabalhadores encarregados do pastoreio e da ordenha, por exemplo?

3 — E sobre o capital do produtor — retido, tanto tempo, em mãos do comprador — não incidirá nenhuma taxa de juros moratórios? Quem os pagará?

Alguém haveria de denunciar este absurdo.

Agora, feita a denúncia, há que se adotarem providências enérgicas, urgentes e eficientes, para se coibir semelhante abuso, praga maior que a da "cigarrinha", pois esta pode determinar, apenas, a morte das pastagens, enquanto a do "leite" decretará, fatalmente, a morte das vacas e a falência dos fazendeiros.

E, desta sorte, voltamos à hora das "vacas magras", que pagam pelo leite que nos dão...

VENEZUELA E SEUS PREÇOS

A Venezuela que está vindo, constantemente, ao Brasil comprar reprodutores e fêmeas apresenta preços bastante superiores aos do Brasil, ou seja, o leite é comprado ao produtor por US$ 0.35 (quase Cr$ 7,00 por litro) e a carne sai, no final das contas, a US$ 1.00 ainda no boi em pé.

19 ANOS DE SUDENE: POBREZA AGRAVOU-SE AINDA MAIS

Para o economista Rômulo Almeida "as disparidades regionais permanecem e o setor agrário basicamente continua com as mesmas características anteriores, tudo isso resultado do modelo econômico nacional de concentração de renda". Já Fernando Costa D'Almeida, acha que houve esvaziamento da Sudene, mas seu programa é válido, embora ela necessite ser fortalecida.

Diz Rômulo Almeida: "São praticamente duas décadas e a realidade é que a pobreza agravou-se ainda mais, o esvaziamento dos recursos do sistema dos incentivos fiscais tanto em termos financeiros como político-administrativos é visível; as disparidades regionais permanecem e o setor agrário basicamente continua com as mesmas características anteriores. É o Nordeste de

hoje que, em 1959, passava a viver uma nova etapa com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), fundada como órgão de apoio para solucionar estes e outros problemas como o do desemprego.

Afirma, entretanto, que não se trata de um fracasso da autarquia, merecendo as deformações existentes serem vistas com muita visão e energia. "A pobreza não só permanece como agravou-se" apresentando como exemplo as áreas em que domina a pobreza absoluta, uma população de 6 milhões e 300 mil pessoas, maior contingente em todo o País.

— "A Sudene, dentro do atual modelo, não pode resolver o problema da concentração de renda, mas é certo que a situação do Nordeste poderia ser um pouco melhor no conjunto nacional, se a autarquia não houvesse sido enfraquecida, ou como se diz, esvaziada, tanto em termos financeiros como político-administrativos."

Gileno de Carli, o criador do sistema 34/18 diz que o desvio de verbas para outros setores da economia do país, em regiões mais desenvolvidas foi o principal motivo do esvaziamento. Cita como exemplo, Delfim Neto que, naquela época desviou recursos para a industrialização do Sul, sem contar as aplicações destinadas para outras áreas como pesca, turismo e reflorestamento. Essas ocorrências desvirtuavam a filosofia do 34/18.

Já Rômulo Almeida afirma que o esvaziamento "tem uma base política que corresponde a um regime autocrático e na perda real de prestígio do Nordeste, na medida em que não reivindica, nem questiona, ao contrário, constitui o próprio sustentáculo eleitoral do regime, como se viu. Ora, quando a SUDENE foi estabelecida havia governadores eleitos pelo povo, inclusive o de Pernambuco, o sr. Cid Sampaio, através de uma frente popular. E o povo estava na rua, mesmo os trabalhadores rurais".

QUESTÃO AGRÁRIA NORDESTINA

Analisando o problema agrário da região, em que na opinião dos técnicos, continua estagnado pela falta de uma tecnologia moderna adaptada às características do Nordeste, o economista Rômulo Almeida lembra que a SUDENE tratou de elaborar uma legislação para os recursos agrícolas, especialmente os resultados dos programas de irrigação. "Entretanto, essa legislação não passou". Também o Estatuto da Terra, promulgado pelo presidente Castelo Branco, ficou como letra morta. "Pelo contrário, a política real da chamada Revolução, foi voltada apenas para a agricultura de exportação e de preferência via grandes empresas, que de ordinário, não passam de pretexto para um novo tipo de latifúndio tentacular".

No Nordeste, onde predomina a pequena e média empresa e a agricultura destinada ao abastecimento e sem contar com um grande mercado urbano, foi a região que mais sofreu com esse aspecto agrícola do modelo brasileiro de desenvolvimento. Enfatizou que não pode conceber os projetos agrícolas fora do Finor, considerando um erro político.

MESA REDONDA

Os empresários Antônio Carlos Maciel, Túlio B. de Matos, Gileno de Carli e João Santos opinaram que o Polo Petroquímico de Camaçari foi feito com dinheiro sugado do Nordeste, enquanto que outros polos foram construídos com verbas da Nação. Para eles, isto foi um grande erro, pois a SUDENE não dispunha de recursos suficientes.

Os participantes chegaram à conclusão que após duas décadas permanecem muitos dos problemas apontados pelo grupo que criou a autarquia. A eliminação das disparidades regionais falhou, como a política de geração de

AGORA, JUNTOS

VOCÊ PODE GANHAR UMA ASSINATURA DE PARAÍBA PECUÁRIA GRÁTIS !

REVISTA DOS CRIADORES, a mais completa publicação brasileira sobre bovinocultura, criação de suinos, ovinos, eqüinos, e cães, trazendo artigos técnicos internacionais, colocando os últimos avanços da tecnologia e legislação rural em sua propriedade.

e

PARAÍBA PECUÁRIA — um diálogo corajoso a favor da agropecuária nacional, um legítimo órgão de defesa das potencialidades e realizações nordestinas.

Duas revistas que não podem faltar numa Fazenda moderna

FAÇA SUA ASSINATURA AGORA

Duas revistas, várias obras de grande utilidade com descontos especiais

empregos, por ter sido conduzida pelo governo e não pelos empresários. Não houve descapitalização na Sudene e sim falta de recursos, pois ela nunca chegou a ser capitalizada.

Na discussão sobre os problemas agrícolas da região, afirmaram que ainda não existiu um programa de reforma agrária compatível com o Nordeste. Insistiram que tanto a política de minifúndio como de latifúndio vai mal. Declararam que a lavoura de minifúndio é de quintal, sem produtividade e a solução mais viável seria o fortalecimento do sistema de cooperativas. Todas as experiências de reforma agrária, foram falhas, sobretudo, devido à falta de preparação do homem.

O NORDESTE PRECISA MUDAR

O Dr. Gervásio Inoue, presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, fazendo uma análise completa sobre as perspectivas para a próxima década, tanto referente ao mundo, como ao Brasil, frisou que estamos na hora de sistematizar o incremento da produtividade, combinando-o com a expansão da área.

"O Nordeste, por exemplo — disse — compreende uma superfície de 1,6 milhão de quilômetros quadrados e representa 14% da superfície do Brasil. Todavia, o balanço entre a demanda e a oferta de inúmeros produtos do nordeste apresentaria um deficit potencial, em 1980, caso a produção se mantivesse crescendo unicamente à maneira da tendência que se vem registrando nos últimos QUINZE ANOS. A um nível constante de produtividade, o atendimento de tal demanda exigiria um incremento da área cultivada, na década dos 80, de 10 milhões de hectares, que é o dobro da área utilizada em 1970. A realidade, porém, não é bem essa. As terras adequadas a uma agricultura rentável estão estão se tornando escassas, não só em face da qualidade dos solos, mas também pelo problema da combinação terra-água, marcante nas regiões secas. Sem falar nas dificuldades de acesso e na ausência da infra-estrutura necessária. À modernização da agricultura, pois, sob todos os seus aspectos tecnológicos, cabe a tarefa de minimizar as dificuldades da expansão de nossas fronteiras agrícolas.

GAÚCHOS CONDENAM COMPRA DE BOI PARA ABATE

O Presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul. sr. Iber Benvegnu, condenou a importação de 10 mil cabeças de boi em pé, da Argentina, que está sendo efetivada pelo frigorífico Swift-Armour, de Livramento, cujo peso de cada animal é de 250 quilos, ou seja, prontos para o abate.

"Isto significa que 10 mil reses deixarão de ser vendidas pelos produtores, no próximo ano", observou o presidente.

O presidente da Farsul divulgou que a Cacex autorizou a importação de 35 mil bovinos da Argentina, dos quais 25 mil serão destinados ao eixo São Paulo-Bahia e os 10 mil restantes permanecerão no Rio Grande do Sul.

Por outro lado, o presidente da Federação das Cooperativas de Carnes, coronel Jaime Bicca de Freitas disse que considera, pessoalmente, a importação de novilhos e matrizes, uma boa medida para o país, embora isso ainda não venha ocorrendo. Os seus argumentos foram contestados pela Farsul e pela própria Secretaria de Agricultura, que acabaram considerando desestimulante à pecuária gaúcha qualquer importação de bovinos.

Enquanto isso, o delegado regional do Ministério da Agricultura sr. Cleber Canabarro Lucas informou que várias cooperativas gaúchas estão pedindo autorização para importar bovinos, e o número de pedidos já totalizou 230.000 cabeças, somente para o Rio Grande do Sul.

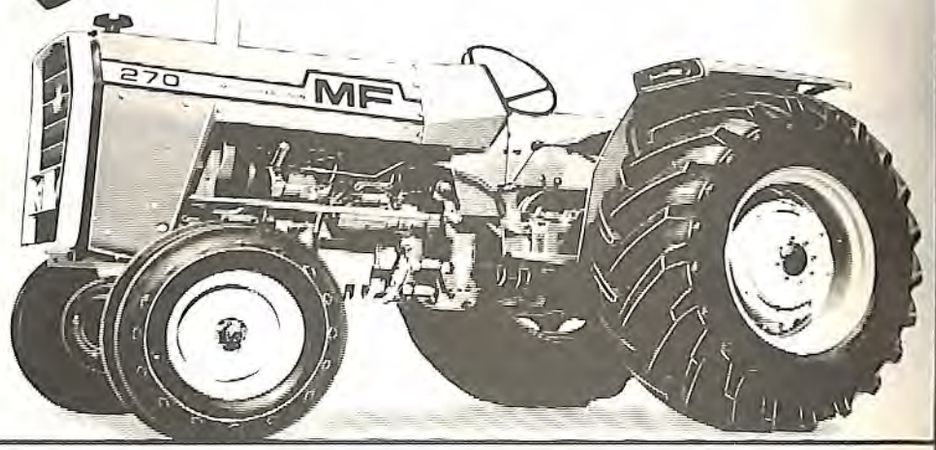
O Sr. Dirceu Tito Lopes, diretor da Farsul, representando Uruguaiana con-

comag

COM. DE MÁQ. AGRIC. LTDA.

REVENDEDOR Massey Ferguson
TRATOR AGRÍCOLA MF-270

A Massey-Ferguson lança agora o novo modelo de trator agrícola MF 270
Lataria de estilo avançado
Potente motor Perkins de 4 cilindros — 65 CV.
Baixo custo operacional.
Filtro de ar seco, para filtragem mais eficiente.
Embreagem dupla, de construção reforçada.
Freio a banho de óleo.
Sistema de engate em U.



- Implementos agrícolas
- Batedeira de cereais
- Debulhadores de milho
- Carretas agrícolas
- Colhedeiras e Picadeiras de capim
- Semeadeira e Adubadora de Pastos
- Motores diesel Yanmar
- Moto-forrageiras, moto-bombas, grupos geradores Yanmar
- Peças e serviços.

Matriz: R. Presid. João Pessoa, 287 - Teleg. "COMAG" - Fone: (083) 321.2821 CEP - 58.100 — Campina Grande — PB.
Filial: Praça João Pessoa, 40 - Fone: (083) 421.3271 — Patos - PB.

AGORA, sua revista PARAÍBA PECUÁRIA junta esforços com a Editora dos Criadores e traz, para todo o Nordeste, as publicações de maior seriedade e utilidade para todas as atividades do campo, orientando e informando durante o ano inteiro.

PARA CRIADORES E AGRICULTORES

REVISTA DOS CRIADORES

Revista mensal, versando sobre bovinocultura, criação de suínos, ovinos, eqüinos e caninos. Além de secção especializada em Direito Trabalhista Rural, fiscal e contábil. Mecanização agrícola e modernziação das atividades rurais Traz, em todas as edições, um resumo dos principais artigos técnicos publicados em todo o mundo, além das informações sobre a situação atual e perspectivas do mercado pecuário. Finalmente, o que vai pelo Serviço de Controle Leiteiro.

Assinatura anual: Cr$ 800,00
Dois anos: Cr$1.400,00
Exemplar avulso. Cr$ 70,00

AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

Proporciona as condições para o controle zootecnico e econômico financeiro da propriedade rural estabelecendo condições para saber se a fazenda está dando lucro ou não. Contém páginas próprias para anotar compras, vendas, produção e vendas de ovos, o que nasceu, o que morreu, machos, fêmeas, bezerros, etc. Páginas sobre arrendamento de terras, anotações sobre plantações, maquinarias, fechamento do Balanço anual e inventário. Calendário sobre as atividades semanais para o agricultor, pecuarista e horticultor. Uma verdadeira cartilha.

Cada volume: Cr$ 300,00

CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA

Preparado de acordo com as atuais exigências fiscais envolvendo análise das Despesas do ano, Receitas do ano, inventário, resultados financeiros e imposto de renda. O livro prevê o registro de anotações auxiliares de administração sobre diversas atividades da fazenda, sendo de máxima utilidade para os empresários rurais que apreciam eficiência em suas contas.

Cada volume: Cr$ 300,00

GUIA AGROPECUÁRIO

Mais de 400 páginas sobre direito do Trabalhador Rural, Direito Previdenciário, Direito Fiscal, Incentivos, Estatutos do Trabalhador, etc. Responde a todas as indagações do moderno agropecuarista sobre investimentos, rendimentos, lançamento de despesas, estímulos fiscais, cadastramento, impostos rurais, promissórias, Crédito Rural, Seguro, Eletrificação rural, comercialização, etc. Um livro que não pode faltar na estante da fazenda moderna.

Cada volume: Cr$ 200,00

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A melhor e mais útil publicação que foi produzido para a orientação do produtor de leite. Formação de melhores pastos, produção de culturas forrageiras, gramíneas e leguminosas, manutenção de pastagens, o animal, suplementaçao das pastagens, rotação pastagem-cultura e muitos outros itens de grande importância.

Cada volume: Cr$ 80,00

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Contém: matérias sobre construção rural e artigos de orientação técnico-prática, além do registro dos GRANDES CAMPEÕES do ano, com mais de 100 fotografias em cores. Traz, também, a relação dos 500 mais importantes criadores de gado de raça, encerrando com 150 páginas em cores, mostrando os criadores e seus reprodutores.

Cada volume: Cr$ 300,00

GRÁTIS ! ESCOLHA 3 OBRAS e ganhe uma Assinatura de PARAÍBA PECUÁRIA

Desejo receber no endereço abaixo indicado, pelo Correio, as obras assinaladas, sendo que estou efetuando o pagamento do valor indicado a favor de EDICAMP-EDITORA CAMPESINA LTDA – CAIXA POSTAL 98 – CEP 58.000 – João Pessoa, PB.

Nome: .....
Endereço: .....
Cidade: ..... Estado: .....

(Assinalando 3 obras receberei uma assinatura anual de Paraíba Pecuária)

☐ Vale Postal ☐ Cheque nº ..... Banco nº ..... ☐ Ordem de pagamento p/ o Banco nº .....

☐ Revista dos Criadores
☐ Anuário dos Criadores
☐ Agenda dos Criadores e Agricultores
☐ Guia Agropecuário
☐ Exploração Leiteira
☐ Livro para Contabilidade

denou a importação de boi-em-pé, lembrando que as cooperativas haviam pleiteado uma linha de financiamento para retenção de matrizes e não conseguiram, e agora, o Governo permite a evasão de dólares na importação de gado para abate, prejudicando a todos os brasileiros.

GADO LEITEIRO É A SOLUÇÃO

A agropecuária canadense não existiria se não fosse a pecuária leiteira. De acordo com o Censo de 1971 mais de 31% das fazendas canadenses declararam rendas provenientes do setor de laticínios, sendo que em 1977 esse setor foi responsável por 14% de toda a receita agrícola.

De posse desses dados, os canadenses têm procurado, insistentemente, o aumento da produtividade e, hoje, a eficiência está muito superior aos anos anteriores, embora o número de cabeças tenha sofrido um ligeiro decréscimo no início de 1978.

O LEITE DOS PARAIBANOS

A cidade de João Pessoa, mais, Bayeux, Cabedelo e Santa Rita soma 420.000 habitantes, Campina Grande chega aos 250.000. No conjunto, pelo menos 670.000 pessoas atendidas por duas usinas de pasteurização.

Segundo dados fornecidos pelo Serviço de Inspeção Federal, na Paraíba, de janeiro a julho de 78, as duas usinas processaram 8.953 litros de leite, dando uma média mensal menor que 1.200 litros, não chegando a 40 mil litros diários. O consumo per capita restringe-se a 65 gramas diárias, e mesmo considerando o consumo de leite em pó, não se atinge 80 gramas, enquanto o mínimo estipulado, mundialmente, é cerca de 1.000 gramas/dia. Paralelamente, muito pouco tem se falado em pecuária de leite, ou criação de uma infra-estrutura voltada unicamente para esse setor.

IRRIGAÇÃO E PRODUTIVIDADE

O presidente da ABID, ao abrir o IV Congresso Nacional de Irrigação e Drenagem, em Salvador, lamentou que persistem certas vacilações na ampliação dos avanços tecnológicos voltados para o incremento da produtividade agrícola, mesmo quando o país sofre prejuízos da ordem de 1,5 bilhões de dólares na sua balança comercial, devido à seca no sul e o pungente drama dos nordestinos. "Temos três convicções básicas — salientou — a primeira é a de que a crise mais profunda e crônica do mundo contemporâneo é a fome, ostensiva ou disfarçada. A segunda é a de que o Brasil está inserido nesse contexto abrigando muitas das vítimas, embora seja uma das poucas alternativas para a solução do aflitivo problema. Terceira, tenho certeza de que a irrigação e a drenagem incorporando novas áreas ao processo produtivo e fazendo-o mais racional, seguro e competitivo, tem um papel irrecusável a desempenhar."

Nos casos da região semiárida do Nordeste, de clima definido e grande potencial energético, e dos cerrados do Centro-Oeste, de excelente topografia e também elevada luminosidade, o sucesso depende da aplicação da irrigação, em caráter fundamental.

O rendimento agrícola tem se mantido estável nos últimos 30 anos enquanto que o Banco do Brasil informa que elevou-se em mais de 40% a relação entre o crédito agropecuário e o produto bruto agrícola, demonstrando a baixa resposta do setor aos incentivos financeiros

"Em função desses dados, comentou o Sr. Nilo Siqueira, se considerarmos que, apesar dessas deficiências, o Brasil é o segundo exportador mundial de produtos agrícolas e que esses ainda são responsáveis por mais de 60% de nossas exportações, é fácil ver o quanto pode ganhar nossa balança comercial com o simples aumento da produtividade, e — ainda mais — com a segurança da produção, qualquer que sejam as condições climáticas".

800 MIL TONELADAS IMPORTADAS

O Presidente da Associação Rural de Bagé, Mário Freitas da Silveira frisou que, se permanecer a atual política econômica para o setor pecuário e se não se criar um Plano especial para a recuperação do setor, "o Brasil forçosa e irreversivelmente, a curto prazo, será obrigado a importar 800 mil toneladas de carne para o consumo interno."

A conclusão foi obtida após minucioso estudo com base nos dados estatísticos do Banco do Brasil.

A Revista Nacional da Carne traz uma análise, onde evidencia que, em 1978, estamos exportando por US$ 250 enquanto pagamos, pelas importações, US$ 800, ou seja, o Governo está subsidiando as nossas exportações em US$ 500 dólares, mostrando ser falsa a pregação de otimismo quanto a um futuro risonho para a agropecuária. A revista finaliza, após citar que, no momento em que o País atingir 2.050 mil toneladas, terá atingido a auto-suficiência, o que é improvável, apesar de pronunciamentos a respeito.

Fazenda
REMANSO E CABOQUINHO
MUNDO NOVO — PIRITIBA — BAHIA
Proprietário: MÁRIO NOU
Seleção de NELORE
de fina procedência
NELORE
Bom de peso
Rusticidade
Grande fertilidade
Precocidade
VENDA PERMANENTE
de "NELORE" controlados pela A. B. C. Z.
SALVADOR, BA
CEP 40.000
Av. Miguel Calmon, 39, 3o. sala 301
Fones: (071) 242.4732/242.3789 e 247.1670 (à noite)

Fazenda N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

MELHORES MATRIZES, todas ainda vivas na Fazenda APARECIDA					
Matriz	Leite Lactação (Kg.)	Leite Diário Kg.	Matriz	Leite Lactação (Kg.)	Leite Diário (Kg.)
POTINGA-JA	5.672 (LM) Campeã Mundial	23.2	FAISCA-JA	[illegible]	[illegible]
INGLATERRA-JA	4.715 (LM)	20.4		Campeã Mundial em gordura - 14,6%	
ITUIUTABA-JA	4.690 (LM) (LE)	19.2	MARQUEZA-JA	[illegible]	[illegible]
INDIGENA-JA	4.517 (LM)	22.1	AGRICULTURA-JA	[illegible]	[illegible]
FRANCESA-JA(1)	4.450 (LM) (LE)	22.5	[illegible]	[illegible] (LM)	[illegible]
PRAIA-JA	4.414 (LM)	20.9	MADRUGADA-JA	[illegible] (LE)	[illegible]
FONTE NOVA-JA	4.209 (2)	18.9	[illegible]	[illegible] (LM) (LE)	[illegible]
COLATINA-JA	4.004 (LM) (LE)	17.0	[illegible]	[illegible]	[illegible]
MAGNÓLIA-JA	3.908 (LM) (LE)	16.3	[illegible]	[illegible]	[illegible]
NUDISTA-JA	3.805 (LM)	15.2	ALVORADA-JA	[illegible]	[illegible]
GEITOSA-JA	3.730 (LM)	12.7	BARCELONA-JA	[illegible]	[illegible]
JAZIDA-JA	3.694 (LM)	[illegible]	ARTEIRA-JA	[illegible]	[illegible]

(1) – Campeã Mundial em peso da raça Guzerá, 853 Kg.
(2) – 1a. Cria
(LM) – Inscrita no Livro de Mérito da Associação Brasileira dos Criadores
(LE) – Inscrita no Livro de Excel
Controle oficial pela ABC e parte pela APCB.
Nota: A produção Leite Diário é o máximo obtido em um dia, mesma lactação.

A ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GUZERÁ DO BRASIL, durante a IIIa. Exposição Nacional da Raça Guzerá, em 1978, divulgou as conquistas máximas até o presente, ou sejam: 1) Produção de leite 5.672 Kg. em uma lactação de 365 dias (nossa POTINGA-JA). 2) Teor de Gordura: 14,6% (nossa FAISCA-JA).

NOSSA TRADIÇÃO É MANTIDA PELAS CAMPEÃS MUNDIAIS "JA"

Carimbo "J"

PRODUÇÃO DE LEITE

PIONEIRA-JA
5.596 Kg. em uma lactação e 10,5% de gordura
Campeã Mundial

POTINGA-JA
5.672 Kg.
Bicampeã Mundial ainda viva na Aparecida

Até hoje, somente um Guzerá-JA conseguiu superar um outro JA. A evolução é constante, em nosso rebanho, desde 1895, quase um século de seleção rigorosa!

PRODUÇÃO DE GORDURA
O maior teor já verificado em QUALQUER RAÇA BOVINA DO MUNDO

TARTARUGA-JA
13,2%
1a. Campeã Mundial

DONZELA-JA
13,6%

BARCELONA-JA
13,8%

FAISCA-JA
14,6%
Atual Campeã Mundial ainda viva na Aparecida

Solicite e Receba GRATUITAMENTE nosso folheto, em português, inglês ou espanhol:

O Melhor Zebu Leiteiro do MUNDO

Fazenda SAN FRANCISCO

Dr. ELIAS FERREIRA DE FREITAS
SANTO ESTÊVÃO – BAHIA

Com apenas 3 animais, a FAZENDA SAN FRANCISCO obteve na XIV SEMANA NACIONAL DO CAVALO, realizada em Salvador, no período de 30.09.78 a 08.10.78, os prêmios apresentados nessa página:

CLEÓPATRA DA PREGUIÇA

- CAMPEÃ DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR
- Campeã Potranca
- 1o. Prêmio na Categoria

ÉRIKA DE SAN FRANCISCO
- RESERVADA CAMPEÃ DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR
- Reservada Campeã Potranca
- 2o. Prêmio na Categoria

Conjunto Campeão da Raça Mangalarga Marchador formado por Babalaô da Gironda, Érika de San Francisco e Cleópatra da Preguiça.

BABALAÔ DA GIRONDA
- 1a. Menção Honrosa na Categoria Sênior.

Venda permanente de Machos e Fêmeas

Fazenda: Rodovia Rio-Bahia, Km. 1427, à margem do asfalto, a 150 Km de Salvador.
Correspondência: Av. Euclides da Cunha, 44/46, apto. 801, Fones: (0-71) 247.2178/243.3415 - Salvador-BA